

K A H A N C O C K

Todo casamento é uma dança: complicada às
vezes, maravilhosa em outras.
Porém haverá momentos em que vocês
dançarão sobre cacos de vidro.

*Danzando
sobre
cacos de
vidro*





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Dançando
sobre
cacos de
vidro

O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

K A H A N C O C K

*Dançando
sobre
cacos de
vidro*



Título original: *Dancing on Broken Glass*
Copyright © 2012 por Ka Hancock
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.
Comercialização permitida exclusivamente no Brasil.

tradução: Regina Lyra

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Ana Lúcia Machado e Rafaella Lemos

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Mariusz Banachowicz / Prószyński Media

imagem de capa: MarkOwen / Trevillion Images

adaptação de capa: Rodrigo Rodrigues

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H175d

Hancock, Ka
Dançando
sobre cacos
de vidro
[recurso
eletrônico] /
Ka Hancock

[tradução de
Regina Lyra];
São Paulo:
Arqueiro,
2013.

recurso digital
Tradução de:
Dancing on broken
glass

Formato:
ePub

Requisitos
do sistema:
Adobe Digital
Editions

Modo de
acesso:

World Wide

world wide
Web

ISBN
978-85-8041-
208-6
(recurso
eletrônico)

1. Ficção
americana. 2.
Livros
eletrônicos. I.
Lyra, Regina.
II. Título.

CDD:
13- 813
03613 CDU: 821.111(73)-

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Mark, que soube acender a
minha chama com seu jeito
ímpar de ser. Amo você apaixonadamente!

Conheci a Morte numa festa. Era o 12^o aniversário da minha irmã Priscilla e eu tinha 5 anos. Ela não me pareceu especialmente assustadora, a Morte. Haviam me contado tudo a seu respeito, então vê-la não me causou uma impressão ruim. Até que me dei conta de que ela estava ali para levar o meu pai.

Quando eu era pequena, partilhava um ritual matinal com meu pai – que começava com o barulho de água correndo por canos ruidosos, um rangido choroso, logo que ele abria a torneira. Continuo a morar na casa onde cresci e até hoje é assim. Naquela época, porém, o barulho significava que meu pai tinha acordado.

Lembro-me de como eu subia a escada, trôpega, esfregando os olhos para espantar o sono, tateando o corredor escuro para encontrar o caminho até a porta fechada do banheiro. Eu batia e meu pai respondia:

– É a minha princesa Lulu?

Eu adorava o apelido, porque dava a Lucy, meu nome, um charme de conto de fadas – e essas coisas são muito marcantes para uma criança de 5 anos. Meu pai escancarava a porta e a luz fazia meus olhos doerem quando ele me deixava entrar no banheiro, nosso santuário particular – só meu e dele. Era um espaço pequeno. A banheira ocupava a parede toda e a pia tinha uma bancada minúscula, que mal comportava seus apetrechos de barbear e um sabonete. Mickey se queixa disso até hoje. Eu empoleirava meu corpo miúdo sobre a tampa da privada e abria o livro. Afinal, este era o objetivo de estar ali: praticar leitura em voz alta.

Enquanto isso, meu pai, em pé diante da pia, começava a se barbear. E todo dia, quando já estava com o rosto ensaboado, ele se inclinava na minha direção para me beijar e eu caía na gargalhada. Tenho 33 anos agora e ainda sinto o cheiro do creme de barbear, ainda ouço minha risada.

Meu pai era um homem grandalhão. Sua barriga praticamente encobria a pia cheia de espuma e, às vezes, depois de se aproximar do espelho para examinar uma coisa ou outra, ele descobria uma linha de espuma grudada no tronco nu e dizia:

– Olha só, Lu: ganhei um recheio cremoso, igualzinho a um biscoito.

E lá vinha outro beijo e mais risadas.

Quando dava por encerrada a sessão de barba, cabelo e gargarejo, ele passava loção Old Spice no rosto, enchendo o banheiro com aquele aroma inesquecível. Continuo fanática por Old Spice, mas não deixo Mickey usá-la.

Lembro-me perfeitamente daquelas manhãs. Das toalhas amarelas no chão à pia cheia de água e espuma, do Paul Harvey tocando baixinho no rádio ao uniforme bem passado pendurado atrás da porta.

Para Brinley, a cidade onde morávamos, meu pai era o Sargento James Houston. Para o restante do mundo era Jim e, para minha mãe e o parceiro dele, Deloy Rosenberg, era Jimmy. Eu adorava assistir à sua transformação de pai sonolento, barbado, despenteado e sem camisa em Sargento James Houston. Ao vê-lo sair daquele banheiro vestindo o uniforme que minha mãe passava todas as noites, eu o achava invencível. Para mim era inimaginável que alguma coisa pudesse feri-lo, muito menos duas balas minúsculas. Eu achava que ser o Sargento James Houston de Brinley Township equivalia a ser indestrutível.

Mas então a Sra. Delacruz, minha professora do jardim da infância, nos disse que todas as coisas vivas um dia morrerão.

– Tudo, sem exceção – falou ela, e eu fiquei preocupada.

Embora não me recorde, garanto que devo ter perguntado a meu pai sobre isso. Lembro-me apenas dele, certa noite, ajoelhado junto à minha cama, discutindo o assunto. Lily, que é quatro anos mais velha que eu, fingia dormir na outra cama, por isso meu pai sussurrou aquela declaração terrível: a Sra. Delacruz tinha razão, tudo que é vivo morre. Suponho que foi em reação ao meu horror que ele pegou minha mão, beijou-a e a passou pelo seu queixo barbado. Então falou:

– Lulu, você não precisa ter medo da morte. Na verdade, existem segredos sobre a morte que nem todo mundo conhece. – Lembro-me de que ele se aproximou mais e acrescentou: – Quer saber que segredos são esses?

– Segredos?

Aquilo soava absurdo, mas meu pai nunca mentia para mim, então continuei ouvindo.

– Lulu, tem três coisas sobre a morte que posso lhe garantir. Juro que a morte não é o fim. Parece que é, e é por isso que as pessoas choram, mas não é o fim. E não dói. Isso é uma coisa muito importante sobre a morte e dá medo se não entendemos. Ela não dói. Finalmente, quando não temos medo da morte, Lu, podemos esperar por ela e estar preparados. Você acredita em mim?

Seu rosto estava tão sério, sua expressão, tão confiável, que eu apenas assenti.

– Como é a cara dela?

– Não tenho certeza, mas aposto que é bonita.

– Bonita?

– Muito bonita e delicada.

Então ele explicou para o meu cérebro infantil, que absorvia tudo como uma esponja, que a morte e o modo como se morre não eram a mesma coisa. Que às vezes a maneira de morrer doía mesmo, mas a morte trazia uma certa magia, porque a gente acabava se esquecendo da dor como se nunca a tivesse sentido. Isso abriu uma enorme discussão sobre todas as formas horríveis como alguém podia morrer e como era maravilhoso que a gente fosse capaz de esquecer. Devo ter me mostrado cética, o que é estranho, porque eu não duvidava do que

ele estava me dizendo. Ainda assim, meu pai me perguntou:

– Lulu, você se lembra de nascer?

Recordo-me direitinho de ter ponderado a resposta.

– Não.

Ele assentiu.

– Viu? Com a morte acontece a mesma coisa. A gente esquece.

Fiquei impressionada. Meu pai estava certo. Ele sempre estava certo. Não me lembro de tudo que ele me disse, mas me lembro de como o mistério da morte se dissolveu em seus olhos sinceros naquela noite. Confiei cegamente nele e suas palavras ficaram comigo e se cristalizaram na minha alma adulta. Claro que me dou conta de que elas foram apenas uma dádiva concedida à minha inocência; segurança para tranquilizar uma garotinha que não conseguia dormir. Quem diria, porém, que a calma que ele me infundiu me ajudaria a superar muitas perdas e seria capaz de me confortar quando quase perdi a mim mesma?

Ele tinha razão, claro: todo mundo morre. Mas, se não é o fim e se não dói... Bem, o que há para se temer então?

Sem dúvida essa foi minha lógica aos 5 anos. Por isso, quando a Morte apareceu na festa de aniversário de Priscilla, fiquei curiosa, mas não assustada.

A festa era no nosso quintal. A churrasqueira chiava com hambúrgueres, as garrafas de cerveja e o ponche mal cabiam nos *coolers* e mamãe arrumava as velas no bolo de Priss. Além de metade da turma de Priscilla, também estavam presentes vários amigos dos meus pais. Jan e Harry Bates, nossos vizinhos de porta, tentavam impedir o filho desengonçado de perseguir minha irmã Lily por todo lado com seu porquinho-da-índia. (Eles tinham 9 anos, mas mesmo naquela época eu já sabia que Lily se casaria com Ron Bates. Todo mundo sabia.) A Dra. Barbee também estava lá, bem como os Whitereses, da funerária no fim da rua, além dos colegas de polícia do meu pai. Nem o prefeito faltou.

Eu estava pondo pratos de papel na mesa de piquenique quando notei a presença dela. Na mesma hora soube quem era e ela não me pareceu muito ameaçadora ou fora de lugar. Na verdade, dava a impressão de que seria gentil, embora eu hoje tenha dúvidas disso. Não acho que conseguiria descrevê-la se precisasse. Como é possível descrever uma sensação ligada a uma aparição? Acho agora que foi mais uma espécie de conhecimento nu e cru que tomou forma e dimensão que algo em mim reconheceu. Eu já a vi depois disso e a rotulei de feminina, mais por instinto e impressão do que por alguma evidência. Ainda assim, eu a reconheceria em qualquer lugar.

Não me assustei nem um pouco com sua presença. Lembro-me de ter ficado quase hipnotizada pelo som do seu sussurro, apesar do barulho, embora não tenha ouvido o que ela disse. Eu a observei flutuar entre os convidados, sua aparência tão consistente quanto o interior de uma nuvem. A certa altura, chegou a olhar para mim, direto nos olhos. Mesmo que meu pai não tivesse me falado a seu

respeito, acho que eu saberia quem ela era. Foi uma conexão irreprimível, inegável. Ela também me conhecia. Sorriu para mim – para a menininha que eu era –, mas viu minha alma adulta, e minha alma adulta entendeu. Ela viria me buscar também. Mas ainda não.

Não, ela estava ali por causa do meu pai. E ele também deve ter sentido isso, porque cruzou seu olhar com o meu do outro lado do quintal. Ainda posso ver o rosto dele, a compreensão em seus olhos, que me diziam para não ter medo – ele não tinha.

Eu ainda achava que meu pai era grande demais para morrer e forte demais para sofrer uma perfuração que o matasse. Mas duas balas minúsculas fizeram exatamente isso. Ele morreu no dia seguinte ao aniversário de 12 anos de Priscilla, enquanto tentava impedir um vagabundo de assaltar o posto de gasolina de Arnie.

A Morte veio buscar minha mãe doze anos mais tarde. Então ficamos só nós três: Lily, Priscilla e eu.

Consulta com a Dra. Barbee. Almoço com Lily. Pegar a roupa na lavanderia. Passar no hospital para dar um beijo em Mickey. Eu estava deitada na mesa de exames, congelando, contando meus compromissos do dia nos dedos enquanto aguardava. Charlotte Barbee dissera que voltaria logo para terminar o exame, mas vários minutos tinham se passado. Contei nos dedos de novo. Almoço. Lavanderia. Mickey. Havia alguma outra coisa, mas não consegui me lembrar o quê. Na verdade, não conseguia ir além de Mickey. Fazia seis dias que ele estava lá – mas, é claro, muitos dias antes ele já não era realmente o Mickey. Hoje de manhã, porém, ele me pareceu ótimo, quase o mesmo de sempre.

Charlotte entrou apressada, pedindo desculpas.

– Droga de plano de saúde! Eles acham que não tenho mais o que fazer... – Ela bufou e depois suspirou. – Onde estávamos, Lucy?

Num instante voltei à posição anterior, os pés descalços apoiados com firmeza nos estribos de metal da mesa ginecológica, congelados como o restante do meu corpo.

– Por que todo esse frio aqui dentro, Charlotte? Isso é maldade.

Ela não respondeu, então levantei a cabeça do travesseiro e vi seu rosto entre meus joelhos dobrados. Ela estava ajustando um par de afastadores para ter uma visão melhor daquilo que, na minha opinião, jamais deveria ser visto.

– Então, como vai Mickey esta semana? – indagou Charlotte, ignorando meu comentário sobre a temperatura.

– Melhor do que na semana passada – respondi, retesando-me em reação ao seu toque.

– Ele continua no hospital?

– Continua. Mas vai poder ir para casa na sexta, se estiver bem. E espero que esteja!

Charlotte Barbee abriu seu sorriso compreensivo.

– Há quanto tempo vocês estão casados?

– Quase onze anos.

– Não pode ser. Como o tempo passou tão depressa? Agora respire fundo.

Respirar fundo me fez tossir e então me lembrei: comprar pastilhas para a tosse.

Aquele era o meu checkup anual e Charlotte Barbee não podia ser mais meticulosa. Sabia o que procurar e, se encontrasse alguma coisa, eu veria em seu rosto – como vira antes. Para um observador desinformado, talvez parecesse apenas um exame de rotina comum, mas a verdade era mais complicada. Eu estava sendo virada do avesso em busca de uma recorrência do câncer. Tivera o primeiro episódio da doença sete anos antes, aos 26. A patologia me situava não na coluna das mulheres adultas saudáveis, mas na coluna mais delicada das

sobreviventes de câncer – quer dizer, pelo menos até eu ter completado cinco anos sem recidivas. Respiro com mais facilidade agora que estou na coluna saudável com minhas duas irmãs. O mesmo câncer que levou nossa mãe e nossa avó ameaça também Lily, Priscilla e a mim. Com esses genes instáveis correndo em nosso sangue, somos todas muito vigilantes, sobretudo a Dra. Barbee, em quem depositamos nossa confiança.

Lily se ofereceu para ir à consulta comigo, para me dar apoio moral, mas, honestamente, esses checkups são mais difíceis para minha irmã do que para mim, por isso dispensei sua generosidade. Lily é a mais preocupada de nós três, e seu maior medo é me ver adoecer de novo. Hoje em dia, quando se trata de exames médicos, ela se prepara para o pior, rezando o tempo todo para ouvir as palavras mágicas da boca de Charlotte: está tudo ótimo. Essa declaração equivale a ganhar na loteria e, até ouvi-la, Lily tem a convicção de que uma preocupação dedicada é a garantia de um bom resultado.

Quanto a mim, só espero ter mais tempo. Durante cinco anos me dei por feliz de receber a vida em porções semestrais, pelas quais eu agradecia e comemorava como se tivesse passado a perna no destino. Agora, se eu for considerada saudável nos checkups anuais, terei direito a nacos maiores de tempo. Hoje é o meu segundo checkup *anual*, e devo dizer que doze meses dão de dez em seis. Ainda assim, minha rotina é a mesma – recebo a boa notícia, agradeço a Deus e sigo em frente com a minha vida. Mas só até chegar a hora de me preparar para a consulta seguinte e pesar mais uma vez as estatísticas, que são desoladoras. Ao voltar, o câncer costuma se mostrar vingativo. Se sinto o medo me dominar, o que acontece de vez em quando, eu o espanto com as palavras que ouvi do meu pai há muito tempo.

Às vezes me pergunto se ele fazia ideia de que eu levaria sua sabedoria tão a sério. Mas, por causa dela, a morte, no fim das contas, não me apavora. De estar morrendo, porém, não posso dizer o mesmo. Já passei por isso antes e não me saí bem. Observar as pessoas que amo, o pavor nos olhos de Mickey... Agradeço a Deus todos os dias por termos superado isso, pois descobri que sou muito melhor em deixar partir do que em aceitar que me deixem partir.

– Preciso só de uma amostra de urina e você está liberada – disse Charlotte, trazendo-me de volta ao presente.

– Então, está tudo bem comigo?

Pousando as duas mãos fortes e habilidosas em meus ombros, ela cravou os olhos nos meus:

– Vamos mandar todas as suas amostras para o laboratório e eles me ligarão dizendo que você está ótima.

– Eu sabia. Quer dizer que não devo me preocupar com o cansaço?

– Lucy, eu estou cansada. Cansaço não é privilégio seu – queixou-se ela.

– E essa coceira na garganta?

- Abra a boca. – Ela me examinou com o auxílio de um abaixador de língua.
- Não vejo nada que me preocupe aqui. Há quanto tempo você está tossindo?
- Não sei. Alguns dias, acho.
- Vou colher uma amostra para ver se não há estreptococos, só para garantir.
- Você é uma médica maravilhosa – comentei, depois de quase me engasgar enquanto ela colhia a amostra para o exame.
- Tento ser. – Ela pôs a amostra num pequeno frasco de plástico e sorriu para mim. – Tudo certo. Agora vista essa camisola e vá fazer a mamografia.
- Maravilha – falei, com sarcasmo.

Ter meus pequenos seios imprensados no mamógrafo e examinados em busca de mudanças microscópicas era a pior parte dessa provação. O câncer começa numa única célula, que recruta as células à sua volta para a rebelião e depois sai vandalizando a vizinhança. Uma vez detectados pontinhos numa mamografia, o dano já teve início. Charlotte ergueu meu queixo com o dedo e me olhou como se lesse meus pensamentos.

– Lucy, eu ligarei se precisarmos conversar, mas não estou preocupada. Então não se assuste se eu telefonar só para bater papo.

Assenti.

– Certo. Ótimo. Vamos jantar na semana que vem.

Do outro lado do corredor, forcei-me a conversar com Aretha enquanto ela manipulava meus seios como se fossem massa de pão. Ela é a única técnica em mamografia de Brinley, por isso deve conhecer os peitos da nossa pequena comunidade melhor do que suas donas. É uma mulher alta, atlética e totalmente profissional. Fico imaginando o que ela deve pensar quando nos vê fora da clínica, tocando nossas vidinhas cotidianas. Será que reconhece nossos peitos antes de registrar nosso rosto?

Gosto de Aretha. Seu filho, Bennion, foi meu aluno de história e eu sabia que ela monitorava seus deveres de casa. Pensei em lhe agradecer por isso, mas, como já falei, ela é o profissionalismo em pessoa. Desde que comecei a fazer esses exames, Aretha nunca me disse nada até terminar seu trabalho, e hoje não era uma exceção.

– Prontinho, Lucy. É sempre um prazer ver você. Benny adorava suas aulas.

– Ele é um bom aluno. Você deve ficar orgulhosa.

– Fico, sim.

Vesti-me e comecei a escovar meu cabelo comprido. Perdi um pouco a noção do que fazia, olhando pelo espelho à procura *dela*. Preciso fazer isso em todos os checkups – é parte do ritual. Procuro sinais de que a Morte esteja à espreita num canto, no espelho, de pé atrás de mim, ou flutuando em torno do meu campo de visão. Mas não há nada, o que é muito reconfortante – ainda mais com as palavras mágicas da Dra. Barbee.

Depois de pronta, fui a pé até o Damian's, onde combinei de me encontrar

com Lily para almoçar. A caminhada, com o sol e a brisa morna no meu rosto, foi uma delícia. Adoro morar aqui. Brinley, Connecticut, é uma cidadezinha onde se pode chegar a praticamente qualquer lugar em menos de quinze minutos a pé. Do ancoradouro até “o centrinho” – a versão local de uma praça municipal – são pouco mais de três quilômetros, e as ruas paralelas que formam nossos bairros se estendem apenas por mais um quilômetro e meio de cada lado. Connecticut é cheio de história e charme, mas, para mim, Brinley é o melhor de tudo: bairros antigos e respeitáveis, ruas arborizadas, aquela política que é exclusividade de cidades pequenas, com reuniões de emergência no centrinho para discutir o problema do cocô dos cachorros ou a necessidade de regulamentar a forma como são enroladas as mangueiras.

Havia um monte de gente na rua e ninguém parecia muito apressado para chegar a algum lugar. Mas talvez isso fosse apenas porque eu não tinha que ir a lugar nenhum, depois do início das férias escolares e de ter corrigido 170 provas finais.

Vi minha vizinha Diana Dunleavy levando a neta, Millicent, para a aula de balé. A garotinha rechonchuda fazia piruetas ao passar pelo mercadinho Mosely's em seu tutu rosa-shocking. Diana acenou para mim.

– Millie herdou todo esse talento de mim, sabia? – gritou ela do outro lado da rua.

Caí na gargalhada ao ver a menina dar uma trombada em Deloy Rosenberg, que vinha saindo da Sandwich Shoppe com uma refeição para viagem. Ele deixou cair a bandeja de papel, virando um dos sacos, mas aparentemente sem grandes danos. Ainda assim, Millie escondeu o rosto enrubescido nas dobras da saia de Diana até que o chefe de polícia de Brinley desistiu de acalmá-la e se afastou com seu almoço. Toda vez que encontro Deloy de uniforme lembro-me do meu pai.

Avistei Lily e Jan do outro lado da rua, então atravessei em zigue-zague para alcançá-las. Jan Bates, nossa vizinha de porta, acabou virando sogra de Lily, exatamente como eu previra na infância. O que eu não sabia na época era que Jan se tornaria uma verdadeira mãe para mim também.

Oscar Levine martelava uma placa no portão do nosso pequeno parque quando me viu. O homenzinho ossudo largou o martelo e gritou:

– Lucy, você vem à Festa da Savelha no sábado, certo?

– Claro que ela vem, Oscar – respondeu Lily por mim.

Jan me deu um rápido abraço e sussurrou em meu ouvido:

– Diga que sim e pronto.

– Eu não perderia a festa por nada – respondi a Oscar. – Mickey já vai estar em casa até lá e também vem comigo.

– Beleza!

A Festa da Savelha é um ritual de primavera que acontece em todo o vale do

rio Connecticut, mas nós, moradores de Brinley, seguimos a tradição à risca. Prestamos homenagem aos peixes supostamente ameaçados pregando-os em pranchas de carvalho em volta de uma fogueira e depois nos empanturrando com eles. Essa é apenas uma das muitas coisas que me fazem adorar morar em Brinley.

– Bem, preciso ir ensinar garotinhos a plantar pinheiros – disse Jan, rindo. – Não se metam em encrenca, meninas – recomendou, dando um beijinho em cada uma de nós antes de seguir seu caminho.

Minha irmã então se virou para mim com um sorriso grande demais que não conseguia esconder sua ansiedade.

– E aí, como foi? – perguntou, enlaçando meu braço no dela.

– Estou ótima. Charlotte não viu nada de preocupante. E Aretha disse que meus peitos estão fantásticos.

– É, posso ouvi-la dizendo isso.

– Na verdade, falou que estão mais bonitos que os seus.

Lily riu.

– Bom, agora sei que você está mentindo. – Minha irmã é linda, tem cabelo louro e curto, pele clara como a de nossa mãe e, ao sol, é quase translúcida. – Então está tudo bem? – perguntou, ficando séria.

– Tudo bem – garanti, com uma leve tossida.

Ela se inclinou, encostando a cabeça na minha, e senti um tremor de alívio em seu corpo.

– Mentirosa.

– O quê?

– Sei que é cedo demais para ter certeza.

– Talvez, mas Charlotte não me pareceu nem um pouco preocupada. Por isso também não estou.

Lily me fitou nos olhos como se buscasse uma verdade escondida. Sempre fez isso.

– Estou ótima, Lil. Sinto que estou.

Ela assentiu, mas não desviou os olhos de mim.

– Ainda bem, porque... Você sabe, Lucy, que eu me recuso a enterrá-la.

– Sei – falei, apertando sua mão.

Na esquina, George Thompson, o único florista da cidade, carregava o portamalas de um Cadillac com mudas de flores primaveris. Ele resmungou um cumprimento indefinido para nós enquanto arrumava os botões, contorcendo o rosto numa careta.

– Como vai Trilby, George? – perguntou minha irmã ao nos aproximarmos. – Ela melhorou?

– Não. E anda muito ranzinza. Sabe-se lá por quê, a culpa é minha por ela ter quebrado o pé. Não fui eu que cismeiei de fazer “jazznástica”, caramba. Pare de

rir, Lucy! Não tem a menor graça!

Lily me cutucou com o ombro e disse a George:

– Olhe só, diga a Trilby que o espelho antigo que ela encomendou já chegou. Ela pode passar para pegar quando estiver melhor.

George parou o que estava fazendo e se empertigou. Aparentemente não sabia nada sobre um espelho antigo. A situação parecia que ia azedar, mas Muriel Piper nos poupou do constrangimento.

– Oi, meus amores! – cacarejou. – Que dia lindo, não? Estou enlouquecendo com essas flores.

Ela deu uma gargalhada gostosa e rouca. Muriel é uma matriarca de Brinley, à beira dos 90 anos, embora jamais admita a idade. Estava de calça jeans, um moletom com capuz e brincos de brilhantes tão pesados que puxavam os lóbulos de suas orelhas para baixo – um modelito informal de jardinagem, com certeza.

Muriel me apertou num abraço cuja força contradizia sua idade.

– Lucy, você está magra demais. Quero que vá lá em casa, que vou cozinhar para você. Nunca se cuida direito quando Mickey não está bem.

– Ele vai voltar para casa na sexta-feira. E estou me alimentando muito bem.

– Só na sexta? Ele vai perder a cerimônia fúnebre de Celia amanhã.

Concordei.

– Bem, apareça com Mickey no fim de semana para eu dar um abraço nele. Adoro aquele menino. – Então se virou para Lily. – E o seu também! Será que é possível ser mais bonito? Minha nossa!

– Vou contar a ele que você disse isso, Muriel.

– Não se atreva! Eu ficaria com vergonha! É melhor eu ir. Essas flores não vão se plantar sozinhas.

Muriel acenou para nós e arrancou com o carro, o porta-malas abarrotado de petúnias e gérberras.

Meu celular tocou no bolso e o atendi.

– Oi, Priss.

– Está tudo bem? – perguntou minha irmã mais velha, sem rodeios.

– Charlotte falou que pareço estar ótima, mas que vai ligar se os exames mostrarem algum problema.

– Ok. Vou entrar numa reunião. Me ligue mais tarde. Quero saber de todos os detalhes. – E então desligou.

Guardei o celular e olhei para Lily.

– Não é de espantar que ela seja uma grande advogada.

– Ela só queria saber se você está bem – disse Lily, fazendo pouco caso. – E aí? – emendou, enquanto entrávamos no restaurante. – Mickey vai voltar para casa na sexta. Ele sabia da sua consulta de hoje?

Balancei a cabeça, negando.

– Ele está se recuperando. Não quis falar nada até ter todas as notícias boas

para dar junto.

– Você é uma boa esposa, Lu. Mic tem sorte de ter você.

Dei de ombros, dispensando o elogio e pensando que na verdade era o contrário. Depois de tudo o que passamos, sei que hoje amo Mickey Chandler mais do que no dia em que nos casamos.

REGISTRAR = PROCESSAR = ENTENDER
7 DE JUNHO DE 2011 – PARA A SESSÃO COM GLEASON

Levei quase uma semana para sair do buraco desta vez, mas ao menos não me deixei afundar totalmente. Sabia que estava encrocado, equilibrando-me na beira do abismo e mais uma vez achando que seria capaz de dar um salto e voar – ganhar altitude e pairar sobre o precipício que eu tinha consciência de que iria me engolir. Isso já aconteceu antes, mas felizmente não agora.

Esta é a minha vida: o tempo todo me aproximando e me afastando da beira de um buraco que ora me fascina, ora me apavora – um buraco cheio de qualquer coisa que a minha imaginação dite no momento. É imperativo que eu me mantenha distante, mas quanto mais perto chego, melhor me sinto. Ou pior. E essa é a ironia ridícula, porque sou compulsivamente atraído para esse perigo e, quanto mais perto chego, mais perto quero chegar. Essas profundezas representam uma fuga inimaginável – às vezes pura euforia, outras vezes, uma dor tão intensa que não consigo nem começar a descrever. Seja como for, a beira do abismo me chama com suas mentiras que soam como promessas. Mentiras doces, sedutoras, às quais nem sempre consigo resistir.

Os remédios ajudam. Assim como a terapia. Minha força de vontade também ajuda, quando consigo encontrá-la. Assim como meu intelecto, que, por incrível que pareça, não está amarrado às outras funções do meu cérebro deficiente. Tenho o conhecimento mais profundo que a experiência pessoal é capaz de proporcionar. Em meio a tudo isso, quase sempre sei o que está acontecendo comigo, mesmo que às vezes me sinta distante, como um espectador. Ainda assim, tento pôr em prática uma das muitas estratégias destinadas a evitar que eu seja engolido. Nem sempre funciona.

Minha maior influência é minha esposa. Graças a ela estou decidido a manter uma boa distância do precipício, mesmo que nem sempre eu consiga. Às vezes, como quando ela ficou doente, o precipício vem até mim. Às vezes, isso acontece sem motivo algum. O abismo cresce de forma inexplicável, mesmo que eu corra dele para salvar a vida, até ficar sem chão sob meus pés e me ver perdido outra vez. Por mais que eu me esforce, é em vão.

Para muita gente, esse abismo não existe, mas ele é uma ameaça real para quem sofre de transtorno bipolar. Sei que pareço um dependente químico, mas nenhuma droga causa a mesma sensação que a loucura

quando está prestes a nos dominar, nem o desespero que vem imediatamente após você ter cedido a ela.

7 DE JUNHO – MAIS TARDE

Reli a última coisa que escrevi no diário procurando identificar alguma merda reveladora capaz de levar meu psiquiatra, Gleason Webb, a torcer o nariz e me mandar refazer tudo. Mas não vi nenhum trecho em que eu possa ter extrapolado. Aquele ali sou eu, sim, e acho que descrevi a situação bastante bem para um pirado.

Eu estava esperando Lucy na escadaria da frente desta clínica que às vezes parecia ser o meu lar longe de casa. Estava tendo um bom dia, interna e externamente. Podia sentir meu eu estável emergindo aos poucos, porém com confiança. Eu tinha que admitir que sentira falta desse cara. Ele me deixa satisfeito. Não é lá muito excitante, mas é cômodo e seguro, e posso contar com ele para pensar com clareza.

Consultei o relógio e me perguntei onde estaria Lucy – a essa altura já deveria ter chegado. Levantei-me e comecei a andar de um lado para outro, mas logo tornei a me sentar. Ela chegaria quando chegasse, não havia motivo para ficar nervoso. Sorri porque de repente me dei conta de que os remédios tinham funcionado. Eu era capaz de argumentar comigo mesmo e isso me alegrou... O milagre dos psicotrópicos. Lucy ficaria feliz – ela gostava mais do Cara Estável do que de mim, o que não era propriamente verdade. Lucy me amava – mesmo com parafusos soltos, peças sobressalentes e partes danificadas. Ela amava o pacote todo – dizia que devia ser assim ou não faria sentido me amar. Jurou, faz uma eternidade, que isso era verdade e fez jus a esse juramento. Quem teria acreditado nisso? Essa mulher ainda me fascina, sobretudo em momentos como este, quando saio do buraco com o cérebro embotado e a primeira coisa que consigo enxergar com nitidez é o seu amor. Todo ser humano que não bate bem deveria ter a mesma sorte.

Mickey estava esperando por mim sentado na escada do Edgemont Hospital. De calça jeans e camiseta cinza, não lembrava em nada um paciente. Assim que atravessasse a rua e ele me viu, seu rosto se iluminou e tive vontade de rir. Ele parecia tão bem, tão saudável. Os ombros largos e as pernas compridas são sua marca registrada. Mas o sorriso é o que mede sua sanidade e, daquela distância,

ele parecia perfeitamente bem. Mickey ficou de pé e empurrou os óculos escuros para o alto da cabeça, onde o cabelo escuro continuava farto, a mecha prateada caindo sobre a testa do mesmo modo como quando o conheci. Caminhou ao meu encontro com um sorriso tímido e, ao chegar perto, me envolveu num longo abraço apertado – mas não apertado demais, o que era um bom sinal. Cheguei a pensar que dava para ver o meu Mickey ali dentro, naqueles olhos escuros que poucos dias antes tinham uma expressão insana e desfocada.

– Como você está? – perguntei.

Mickey se afastou e passou a mão no meu cabelo.

– Melhor, Lu. Estive com Gleason hoje de manhã. Ele confirmou que posso ir para casa na sexta.

Dei um beijo nele.

– Bom para você. Bom para mim.

– É. – Ele me puxou de novo para seus braços. Aquele era o meu Mickey.

– O que você estava fazendo aqui fora?

– Esperando você. Peony disse que ficaria de vigia.

Ele olhou para cima e seguiu seu olhar. De fato, a enfermeira de Mickey, Peony Litman, me acenou da janela do terceiro andar. Tinha no mínimo 70 anos e, fiel à sua formação conservadora, vestia-se toda de branco e usava touca.

– Ela falou que podemos dar uma volta, se você se responsabilizar por mim.

Olhei para cima e acenei. A enfermeira sorriu e acenou em resposta.

Edgemont é um velho hospital colonial que passou por algumas reformas. Na aparência, continua feioso e antiquado, mas essa instituição é eficiente o bastante para atender Brinley e New Brinley. O hospital fica no meio de um terreno impecavelmente cuidado e, nessa tarde amena, havia vários pacientes ali fora. Fiz Mickey passar o braço em volta do meu ombro e inspirei a suave fragrância de lilases e lavandas.

– Senti saudade de você, meu bem – disse ele.

– E eu de você.

– Pelo menos não peguei um avião nem roubei nada. Não saí cavucando o jardim...

– Graças a Deus.

Na semana anterior, o humor e a energia de Mickey haviam alçado voo aos poucos, à medida que ele ajustava a medicação. Este é o problema de Mickey: aliviar os sintomas depressivos com remédios, Prozac por exemplo, às vezes o leva à hipomania – ele gosta disso, razão pela qual ele não se dispõe a reverter o quadro, sempre achando que pode controlar essa energia. Dessa vez, porém, apesar da tentativa de seu médico de tratá-lo como paciente ambulatorial, Mickey não conseguia dormir. Se não houvesse intervenção, em seguida viria a psicose. Graças a um ajuste na medicação e alguns dias de internação em

Edgemont, ele agora estava próximo do que se considera normal para o restante do mundo, mas que, para o meu Mickey, está longe disso. Ainda assim, é mais fácil recuperar-se disso que dos surtos depressivos.

– O que você tem feito? – perguntei.

– Nada de mais. Um bocado de estabilização. Quando fica chato, conto as papadas de Peony.

– Não implique com ela. É um trabalho duro cuidar de você. Jared apareceu por aqui?

– Duas vezes. Ele teve notícias do arquiteto e quis me mostrar alguns projetos. São bons. Acho que vamos derrubar aquela parede do fundo para abrir espaço para mais mesas.

Mickey e o sócio vinham falando sobre essa expansão da casa noturna desde o ano anterior. Seria ótimo ver algo finalmente acontecer.

Ele olhou para mim.

– Preciso lhe contar uma coisa, Lu.

Parei. Essas palavras costumavam ser um prelúdio à catástrofe, por isso me preparei. Será que ele havia comprado outro ônibus no eBay, contratado mais imigrantes para pintar a nossa casa ou pegado emprestada uma cabra para comer nossa grama?

– Estou ouvindo – falei.

– Não é nada ruim. É só que há uns quatro meses, Lucy, eu... Eu estava bem, então comprei uma passagem para nós num cruzeiro.

Fitei-o com uma expressão séria.

– Num cruzeiro?

– Queria lhe fazer uma surpresa.

– Ok, estou surpresa. Quando viajamos?

– Bom, devíamos ter viajado na quinta-feira, seu último dia de aulas.

– Ah... – suspirei. – Seria divertido. Por que não me contou?

– Eu ia contar, mas queria que fosse surpresa.

– Que amor.

– Estou pedindo reembolso. Talvez consiga metade do dinheiro, porque foi uma internação de emergência. Sinto muito, meu bem.

– Eu também! Dá para imaginar? Sexo na praia à meia-noite. Nós dois nadando nus no mar... Acho que preferia que você não tivesse me contado.

– Sexo na praia?

– Sexo na praia, Michael. E muito.

Mickey abriu um sorriso – meu marido estava deslumbrante e com uma expressão espantosamente normal.

– Que tal irmos para o Havaí no seu aniversário, em setembro?

– Hummm.

– Sério. Vamos. Isso vai me manter bem.

Não posso dizer quantas vezes esse mesmo plano não deu certo – talvez nem sejam tantas quanto eu imagino, já que aprendemos a não planejar demais. Mesmo assim a ideia do Havai me pareceu fabulosa. Beije o queixo dele.

– Lucy, juro que vou fazer dar certo.

– Tenho uma sugestão – falei. – Juntamos o dinheiro, fazemos as reservas, eu compro o biquíni. Daqui a três meses, no meu aniversário, com ou sem você, eu vou para o Havai.

– Ah, eu irei também. Você não vai sem mim.

– Sei disso, mas só por garantia... Você vai ter que cumprir a promessa.

Ele passou o braço em volta de mim e continuamos a passear, sonhando e fazendo planos, até os remédios deixarem a boca de Mickey seca demais para falar. Quando voltamos à Unidade Psiquiátrica no terceiro andar, Peony estava de prontidão para nos deixar entrar.

– Lucy! Que bom ver você, meu bem. Como vai?

– Nada mal.

– Já começaram as férias de verão na escola?

– Sim. Como isso é bom!

A velha enfermeira estalou a língua.

– Todo mundo acha que meu trabalho é difícil, mas eu não trabalharia com adolescentes nem pelo dobro do que ganho.

Sorri. Eu sentia a mesma coisa com relação ao trabalho dela. Peony entregou a Mickey os comprimidos e um copinho descartável com água e o observou tomá-los. Depois que ele engoliu, ela examinou sua boca e debaixo da língua. Esse pequeno gesto invasivo sempre me surpreendia. Na nossa vida normal, Mickey era um empresário brilhante, divertido, bem-sucedido. Um bom amigo e ótimo de papo. O cara que preparava o jantar se chegasse em casa antes de mim e que resmungava quando eu lhe pedia que desse um pulo no Mosely para comprar absorventes. Que fazia rodízio nos meus pneus e pagava a conta de luz. O cara ao qual eu ainda não conseguia resistir quando saía do banho. E que também era esse cara aí, que de vez em quando se desviava do rumo cuidadosamente mantido, a ponto de Peony precisar checar se não havia escondido o remédio debaixo da língua. Apertei sua mão e ele respondeu apertando a minha.

Depois de anos de paciência, perseverança e competência, Gleason – o Dr. Gleason Webb – enfim chegara a um coquetel eficaz para tratar o transtorno bipolar de Mickey. Medicamentos que meu marido às vezes abandonava por motivos que tinham sentido apenas para ele, mas que sempre conduziam a uma reintrodução gradual do coquetel, situação em que nos encontrávamos nesse momento. É necessário um pequeno punhado de comprimidos diários para manter o equilíbrio do meu marido: um estabilizador de humor, em geral lítio, às vezes Depakote, com frequência ambos; vez por outra Risperdal, para impedi-

lo de ouvir vozes; Neurontin, para que não tenha convulsões – efeito colateral do Risperdal; Mantidan, para os sintomas semelhantes aos do Parkinson que podem ser provocados pelo uso do Depakote; Propranolol para os tremores e Benadryl para a rigidez muscular causada por eles; Rivotril para a ansiedade e Stilnox para ajudá-lo a dormir. Sem contar os antidepressivos acrescentados quando necessário. Tudo isso funciona como mágica para normalizar o comportamento, o humor e as reações de Mickey, mas depende de ele tomar o que lhe é prescrito e nas horas certas, o que costuma ser uma loteria.

Esta é a música de fundo da nossa vida: Mickey está tomando os remédios? Se eu fosse outro tipo de esposa, daquelas que contam os comprimidos, e observasse Mickey engoli-los, como faz sua enfermeira, a resposta seria um sim retumbante. Mas nunca consegui me imaginar tirando dele essa responsabilidade, essa dignidade, por isso nunca o encorajei a depender de mim. Na saúde ou na doença, eu gostava dele com autonomia, não dependente. Isso não significa que eu não fique de olho nele nem que deixe de cuidar da situação durante os surtos. É isso que se faz quando se ama alguém como Mickey. Não estou reclamando. Fui informada de como seria esse tipo de vida. Tive dezenas de oportunidades de mudar de ideia. A verdade é que acho que amei Mickey desde o momento em que o vi. Graças a Deus, porque agora não consigo me imaginar amando – ou sendo amada por – outra pessoa. Apesar dos reveses (e de um cruzeiro cancelado), sei que escolheria Mickey de novo.

8 DE SETEMBRO DE 1998

Ela me deu o número do telefone e, embora eu soubesse que jamais ligaria, decorei-o mesmo assim. Não pude evitar. Ninguém me via como ela. Tenho certeza de que isso soa estranho, mas olhar para mim e me ver são duas coisas muito diferentes. E eu conheço a diferença, já que fui olhado por mulheres – e não poucos homens – durante a maior parte da minha vida adulta. Lucy, porém, parecia me ver não sob o prisma da atração de uma mocinha, mas sob uma luz muito mais generosa, crua e reveladora. Para começar, ela me desarmou por completo quando eu flertava com sua irmã, que, devo confessar, era muito bonita – loura, inteligente e muito interessante, apesar de definitivamente não fazer o meu tipo. Mas eu estava me divertindo e aproveitando sua companhia enquanto as pessoas chegavam à minha casa noturna para uma festa de aniversário. Então, essa garota – ela era apenas uma garota – entrou, e o clima mudou na mesma hora. Para melhor. Todo mundo a conhecia e sem dúvida a adorava. Sei que é clichê, mas não consegui tirar os olhos dela enquanto ela circulava pelo salão. Abraçava todo mundo e ria com todos. Vestia um suéter preto justo, uma saia curta e botas – e, em matéria de beleza, era exatamente o meu tipo. Achei que talvez ela tivesse me flagrado olhando-a, porque quando enfim se aproximou de nós, fiquei meio ansioso. Porém não era comigo que ela queria falar, mas com a moça que eu estava paquerando, e quase desmoronei ao descobrir que as duas eram irmãs. Ela sorriu para mim de um jeito ostensivamente aprovador e disse que se chamava Lucy Houston. O nome lhe caía como uma luva. Mais baixa que a irmã, ela tinha um incrível cabelo castanho que logo desejei tocar. Priscilla parecia uma autêntica modelo – muito bem tratada. Lucy, por sua vez, era mais natural e, acreditem, não precisava de coisa alguma para embelezá-la: tinha a pele clara, grandes olhos verdes, o nariz pequeno e arrebitado, lábios carnudos e beijáveis. Acrescente a tudo isso o fato de ela dar a impressão de ser muito legal e Lucy Houston se torna praticamente irresistível.

Descobri, afinal, que estávamos comemorando seu 21^o aniversário – jovem demais para os meus 29 anos. Porém algo aconteceu quando ela subiu no palco comigo. Eu só estava tentando fazer meu número, contar algumas piadas, arrancar umas gargalhadas, aquela coisa de sempre. Chamei-a para fazer uma rápida figuração e ela não hesitou. Então o restante do mundo desapareceu e só ficou ela. Não sei o que Lucy fez, mas

de alguma forma conseguiu que eu sáísse de trás do personagem que mostrava ao mundo e olhou para quem sou de verdade. E não titubeou. Quando a beijei, por pura diversão, e ela retribuiu, acho que a reconheci de um jeito cósmico, como uma parte perdida de mim mesmo que eu não sabia que tinha perdido. Não sei se esse tipo de coisa acontece com pessoas normais, mas para mim foi irrefutável. E para alguém situado bem aquém da bendita linha da normalidade, foi chocante a ponto de apavorar. Fiquei apavorado a ponto de me tornar um imbecil. Aquela garota deslumbrante me deu seu número de telefone e deixei que ela fosse embora.

Conheci Mickey Chandler em 1998, quando eu estudava na Universidade Northeastern, em Boston. Lily me convenceu a passar meu aniversário de 21 anos em Brinley, onde organizou uma festa e convidou todos que conhecíamos. A desculpa para o evento foi o meu aniversário, mas eu sabia que minha irmã precisava de uma distração. Ela e o marido, Ron, tinham acabado de passar pela experiência terrível de uma adoção que dera errado.

Achei que a pobrezinha jamais se recuperaria da longa espera por aquele filho precioso, que chamou de James Harrison Bates, em homenagem ao nosso pai e ao sogro. Todos nos apaixonamos pelo menino, um garotão saudável e encantador. Então nós o perdemos. A mãe, que tinha 15 anos, mudou de ideia. A menina – com a mãe, que era uma idiota, e o advogado – simplesmente bateu à porta de Lily e pediu o filho de volta. O termo jurídico é *revogação de adoção* e em Nova York, seu local de origem, a mãe tem 45 dias para ir à justiça cancelar seu consentimento. Ela fizera isso no último dia do prazo, o que abriu uma ferida profunda no coração de Lily que achei que nunca iria cicatrizar.

Minha irmã jurou que jamais tentaria de novo. Não dava para culpá-la. Não depois de dois abortos espontâneos e procedimentos exaustivos para resolver o problema – incompetência istmo-cervical. E mais uma adoção fracassada. Da primeira vez, a mãe mudara de ideia antes de o bebê nascer e, apesar de ter sido um golpe para Lily, não doeu tanto quanto a perda de Jamie. Depois dele, o assunto “bebê” virou tabu. Mais tarde, tornou-se desnecessário – eu jurei jamais ter filhos e Priscilla se casou com sua carreira, insistindo que não estava interessada em constituir família. Mas na época em que Lily perdeu esse filho, Ron ficou tão desesperado para curar sua dor que comprou para ela uma mansão vitoriana dilapidada no centrinho histórico de Brinley, e a loja de antiguidades que os dois batizaram de Fantasma no Sótão tornou-se seu filho. O contrato foi assinado na véspera do meu aniversário de 21 anos, o que fez com que a minha grande festa também fosse uma comemoração para eles.

Lily fez de tudo para que o meu aniversário fosse fabuloso. Encontrou um

lugar para a festa e contatou o proprietário para transformar a ocasião num grande evento. Convidou todos os meus amigos e até algumas das minhas mães postiças. Foram várias ao longo dos anos, já que eu tinha apenas 17 anos quando nossa mãe morreu – e aos olhos das mulheres de Brinley ainda não era adulta. Três mulheres em especial haviam representado esse papel, e todas estavam no Colby's na noite da minha festa – Jan Bates, Lainy Withers e Charlotte Barbee. Das três, era de Jan que eu me sentia mais próxima. Artista talentosa, certa vez ela pintara um retrato de Lily, Priss e eu com nosso pai e o deu de surpresa a mamãe sem motivo algum. Jan chegara à imagem do quadro a partir de fotos tiradas quando éramos muito novas, mas ninguém seria capaz de dizer que nunca havíamos posado para ele. O quadro ficou pendurado no quarto de minha mãe até ela morrer e agora está em cima da lareira de Lily. Jan e Harrison Bates eram os amigos mais íntimos dos meus pais e não poderiam ter nos dado mais carinho e apoio, mesmo se fossem parentes.

Lily me arrancou do abraço de Jan e me envolveu no seu, que retribuí. Minha irmã tinha emagrecido muito e havia uma tênue linha de sofrimento em torno de seus olhos, mas ela conseguiu esconder tudo isso, sobretudo ao ouvir Ron cantar “Parabéns para você”, desafinando a ponto de machucar nossos ouvidos. Priscilla – nossa joia reluzente – se retirara para um canto, onde flertava com um cara bonito, que dava a impressão de que precisava ser resgatado. Eu me aproximei dos dois e ela abriu seu sorriso alvo e brilhante. Minha irmã mais velha estava deslumbrante numa calça jeans justa e uma camiseta mais justa ainda. Flertava como uma cortesã, mas era a rainha dos contrastes. Quem a visse nesse momento, não diria que vinha obstinadamente galgando os degraus do direito empresarial e poderia fazer um oponente perder a capacidade de formar frases completas. Priss era casca-grossa e uma ameaça tripla: bonita, brilhante e determinada. Só que tinha um ponto vulnerável de cuja existência pouca gente, além de Lily e de mim, sequer suspeitava.

– Oi – falei.

– Oi – respondeu ela, tirando a mão do braço bem torneado do amigo por tempo suficiente para me dar um abraço. – Feliz aniversário, Lu – sussurrou depressa no meu ouvido.

Em seguida voltou a seu lugar junto ao cara bonito, que agora me encarava.

Sorri.

– Meu nome é Lucy.

Ele se levantou. Era alto, com ombros muito largos e cintura delgada. Eu, ao contrário, sou bem baixinha, meio moleca e precisei erguer os olhos para encontrar os dele. Ele estendeu a mão, que apertei.

– Este é... Bom, para ser honesta – disse Priss com um sorriso –, nem sei o seu nome.

– É Mickey.

Ele abriu um sorriso bonito que deixava entrever um encanto extra por mim. Virei-me para Priss e seu olhar me avisou de que ela o vira primeiro. Uma pena, já que ele era muito interessante. Tinha um cabelo maravilhoso, escuro e anelado, com uma mecha grisalha que lhe caía na testa e tornava difícil calcular sua idade. Trinta anos, eu diria. A boca era fantástica e seus belos olhos escuros não se desviaram de mim um vez sequer enquanto eu o avaliava. *Eu bem que podia me acostumar com isso*, pensei. Só que eu jamais disputava homens com Priscilla e não estava disposta a começar agora. Por isso recolhi minha mão e disse apenas:

– Muito prazer.

Os olhos dele continuaram presos aos meus por tempo suficiente para eu saber que, se *estivesse* competindo com Priss, ela teria problemas. Minha irmã, porém, estava nitidamente à vontade e deixei-a assim enquanto circulava pelo salão e reencontrava meus amigos.

Naquela noite, o Colby's – uma casa noturna na cidade vizinha mais próxima a Brinley – fervilhava com música, cerveja e muita conversa. Eu estava botando o assunto em dia com Chad Withers, meu amigo desde o jardim de infância, que agora dirigia com o pai a única funerária de Brinley. Chad me contava sobre sua anêmica vida amorosa, quando alguém deu umas batidinhas num microfone estridente e falou:

– Esse negócio está funcionando?

Todos pararam e voltaram a atenção para o pequeno palco no canto do salão. Achei que Ron tivesse contado à gerência sobre o meu aniversário e que a certa altura isso seria lembrado. Porém, fiquei surpresa ao ver o amigo bonitão de Priscilla assumir o posto de mestre de cerimônias com um grande sorriso no rosto.

– Sejam bem-vindos ao Colby's! É um grande prazer tê-los aqui. Estão se divertindo? Vocês todos são de Brinley, certo? – perguntou ele.

Chad assoviou por entre os dedos.

– Ótimo, ótimo. Dizem que Brinley tem fama de ser divertida. Sei que isto aqui deve ser o equivalente ao bingo no auditório da prefeitura, mas... – Mickey riu e depois pôs a mão no coração fingindo pedir desculpas. – Brincadeirinha. Adoro Brinley. O pessoal de lá é muito legal. E rico, pelo que ouvi dizer, o que é ainda melhor, então... bem, fiquem à vontade para gastar muito dinheiro. O Howie, ali no bar, faz drinks especiais e esta noite está criando um chamado “A maioridade de Lucy”, em homenagem à nossa convidada especial.

As gargalhadas ecoaram pela boate e senti meu rosto corar.

– É. A dose custa 21 pratas, então bebam. Estou atrasado com o pagamento da hipoteca. – Ele estalou a língua e depois enfiou a mão no bolso e a tirou de lá. – Muuuuito bem, meu nome é Mickey Chandler e adoramos comemorações especiais aqui no Colby's, principalmente aniversários. Esta noite estamos

festejando Lucy Houston. – Ele deu um tapinha no bolso e pegou um pedaço de papel dentro dele. – Quero agradecer à irmã da aniversariante, Lily, por me fornecer todos os detalhes sórdidos sobre Lucy, se é que me entendem. Aliás, onde ela está? Alguém viu a aniversariante?

No ambiente pouco iluminado, um holofote me encontrou e eu fiz uma reverência exagerada enquanto meus amigos me saudavam com gritos e aplausos.

Mickey aplaudiu duas ou três vezes.

– Ali está ela. Lucy tem agora 21 anos, tomem cuidado. Vejamos... Você estuda, certo?

Assenti.

– Faz faculdade em Boston, aproveitando a vida com as colegas de quarto, suponho. Vou lhe fazer uma pergunta: a geladeira tem cantinhos individuais para você e suas amigas? Acertei, não foi? E aposto que botou seu nome no queijo e em cada um dos ovos, certo? Admita, Lucy. – Mickey deu uma risada. – Com os homens não é assim. É tudo propriedade coletiva, certo, pessoal? Comida, cerveja, garotas. É de quem chegar primeiro. Não é verdade?

Chad assoviou, como se soubesse bem do que Mickey estava falando, e eu ri, só porque ele era muito lindo! O mais importante foi que Lily riu, e ela precisava desesperadamente disso, o que me transformou em uma fã instantânea de Mickey.

– Lucy, suba aqui – disse ele. – Me dê uma ajuda antes que eu estrague tudo e todo mundo volte correndo para o bingo.

Nunca fui tímida e, antes mesmo que ele terminasse o convite, eu já estava passando por Priscilla a caminho do palco. Ela pareceu um pouco aborrecida, mas não havia nada que eu pudesse fazer. No palco, o lindo sorriso de Mickey voltou – aquele de quando nos vimos pela primeira vez – e, sem minha irmã para impedir, eu me deixei aquecer pelo calor dele. Minhas irmãs são louras bonitas, mas o cabelo bom mesmo é o meu – grosso e castanho-acobreado –, herdado de nosso pai. Naquela noite eu o deixara solto e Mickey estendeu o braço e correu as mãos por entre os fios, aproximando-se para examiná-lo. Que cheiro bom ele tinha!

– Por que você não é loura como suas irmãs? – indagou ele longe do microfone, esfregando uma mecha entre os dedos. Então, se deu conta do gesto e a soltou. – E aí, Lucy? Vinte e um anos. O que vocês, as garotas de 21, fazem para se divertir?

– Bom, Sr. Chandler, garanto que deve ser a mesma coisa que os velhos pervertidos fazem para se divertir.

– Por acaso essa é uma piada de *velho*? – retorquiu Mickey, fingindo-se ofendido. – Está querendo acabar comigo? Mas vou lhe dar um pouco de corda, já que você é uma aniversariante tão sexy.

– Puxa, obrigada. Você também não é de se jogar fora – retruquei, estendendo a mão para dar um tapinha em seu peito. Foi aí que ele me olhou de um jeito que eu não trocaria por dinheiro algum.

Ele logo se recompôs.

– Vocês adoram universitárias, não é? Mulheres jovens e deslumbrantes? Mas temos que agir na hora certa, quando estão em pleno desabrochar mas ainda são bobinhas a ponto de nos darem uma chance. Depois que começam a levar a vida a sério, acabou. Caras como nós não têm mais a menor chance, certo, Lucy?

– Você está falando especificamente de mim?

Mickey olhou em torno com uma expressão teatral.

– Não estou vendo mais ninguém aqui no palco. – Então pegou mais um punhado do meu cabelo. – Acho melhor checar se não é louro. Sim, estou falando de você – respondeu, bem perto de mim.

– Bom, eu garanto que *you* teria uma chance comigo.

Mais uma vez, ele ficou desconcertado e meus amigos passaram a provocá-lo. Abri um sorriso largo.

– É por pena. Acertei? – perguntou ele. – Você é uma aluna exemplar que sente pena de um cara que se formou *magna-cum-nada* e acabou como comediante de uma pequena casa noturna.

– Está brincando? – entoei. – Um comediante *formado*? Gamei!

Seus olhos risonhos não largaram os meus enquanto ele decidia o que dizer em seguida.

– Então, está ótimo! – falou. – Vamos lá!

Mickey Chandler me puxou para perto dele e, com um grande floreio, se inclinou para dar um beijo de aniversário na universitária. Acho que a ideia era que fosse um selinho inofensivo, mas eu mergulhei fundo – afinal, era meu aniversário –, e para ser honesta, ele também. Alguma coisa no jeito como nossas línguas dançaram e nossos dentes se chocaram pareceu quase familiar. Foi delicioso e não seria eu que daria um fim àquilo.

Quando enfim nos afastamos, eu estava sem fôlego e meio envergonhada. A máscara de Mickey caíra de novo e ele deu a impressão de não acreditar no que acabara de acontecer. Ri e saí do palco aos tropeços, sob a execução de “Parabéns para você”. Para os presentes, a coisa toda não passou de uma grande diversão. Exceto para Priss, que parecia meio chateada. Mas não me arrependi. Era a minha noite e o número de Mickey. Ele continuava a me olhar, tentando demonstrar indiferença. Isso me deixou feliz. Ao voltar para junto do bar, Priss me deteve:

– O que foi aquilo?

– Nada. Só brincadeira.

– Tive a impressão de que foi mais que isso – disse ela, mordida.

Eu ri, olhando para o palco, onde Mickey Chandler continuava com os olhos

fixos em mim enquanto contava uma história engraçada sobre dois cachorros e um caixa eletrônico. Tentei imaginar o que ele via. Priscilla, alta, loura e deslumbrante, com toda aquela volúpia siliconada vazando do bustiê, repreendendo a irmã caçula, mais baixa e bem menos voluptuosa – porém bastante atraente de saia e botas –, que não aceitava o puxão de orelha.

Mickey se preparava para descer do palco e falei:

– Esta é a sua chance, Priss.

Minha irmã levou um segundo para ponderar a sugestão, mas depois olhou por cima do meu ombro:

– Tenho uns assuntos para resolver. Considere o cara divertido meu presente de aniversário.

Virei-me e vi Trent Rosenberg olhando minha irmã como se ela fosse um ídolo e como se ele não comesse havia mais de um ano. Trent tinha sido seu namorado no ensino médio, e ele e Priss eram o boato mais antigo que circulava em Brinley. Eu queria acreditar que minha irmã estivesse acima dos padrões dele. Sobretudo porque Trent tinha mulher e filhos.

– Não seja burra, Priss.

– O quê? Não é nada.

Eu teria dito algo mais, porém justo nesse momento Lily se intrometeu entre nós e pediu a Ron que tirasse uma foto. Ela me pôs no meio e nós três sorrimos; as irmãs Houston em sua pose tradicional: a caçula ladeada pelas mais velhas, todas abraçadas.

Depois disso, Chad pegou minha mão.

– Vamos, Lu, estão tocando a nossa música.

De fato, Wang Chung cantava no jukebox, levando-me de volta ao baile de formatura do ensino médio.

Quando quase todo mundo já tinha ido embora, resolvi procurar Mickey Chandler. O barman apontou para o fim do corredor, onde encontrei um escritório com a porta entreaberta. Pigarreei e bati. Mickey ergueu os olhos do computador.

– Oi.

– Oi. Eu só queria agradecer pela diversão.

– O prazer foi meu – respondeu ele com um sorriso largo.

Anotei meu telefone em um guardanapo, que entreguei a ele com meu melhor sorriso.

– A noite foi ótima.

Ele pegou o guardanapo, surpreso com a minha atitude.

– Você estava muito à vontade no palco – comentou, com um sorriso meio sem graça.

Depois se calou. Nem mais uma palavra. Por isso, antes que o constrangimento fosse grande demais, acrescentei:

– Bom, obrigada mais uma vez.

Sai confusa e um pouco decepcionada, mas me recusei a acreditar que havia interpretado mal as atitudes dele.

Mickey Chandler me intrigou. Ao provocá-lo no palco, vislumbrei algo muito real por trás daquela máscara de palhaço. Ele sabia que eu tinha visto isso e dava para dizer que não estava seguro sobre como se sentia a respeito. Porém, foi esse vislumbre do homem escondido atrás do bufão que tanto mexeu comigo. Tentei não pensar muito no assunto, mas preciso admitir que voltei a ele algumas vezes ao longo dos oito meses seguintes.

Foi no final de maio de 1999 que Priscilla apareceu no meu apartamento próximo ao campus às quatro da manhã. Abri a porta zonzinha de sono, mas ao ver minha irmã ali tremendo, despertei por completo. Seu cabelo estava molhado.

– Priss? O que houve?

– Preciso que você me leve para casa – disse ela, entrando apressada. Estava descalça. – Cadê a chave do seu carro?

– Priscilla, o que está havendo?

– Você pode me levar? – perguntou, remexendo nos travesseiros e andando pelo quarto. – Cadê a sua bolsa, droga?!

Agarrei a mão dela e minha irmã tentou se desvencilhar, mas não deixei.

– Pare, Priscilla! O que está havendo?

– Encontrei um carço! – gritou ela. Então repetiu, mais baixo, apavorada: – Encontrei um carço.

Olhei para ela, sem respirar.

– Por favor, Lucy. Podemos ir?

Fomos de carro para Brinley, de pijamas, Priss silenciosamente em pânico e eu me perguntando se tinha deixado escapar alguma coisa. Encontrava minha irmã com frequência quando estava em Boston, mas nunca vira a Morte rondá-la. Agora, sentia medo de olhar. Já tínhamos passado da metade do caminho em silêncio quando estendi o braço para pegar sua mão.

– Priss, fale comigo.

Ela apertou minha mão e soltou.

– Apenas dirija, Lu.

Charlotte prescreveu uma biópsia ainda naquela manhã. Então esperamos. Estávamos todas no consultório na hora que o resultado chegou. Lily e eu segurávamos, cada qual, uma das mãos de Priss. Graças a Deus a notícia não foi terrível. O carço era maligno, mas estava encapsulado e seria removido por completo – quase um motivo de comemoração, mas não exatamente. A área em torno precisaria ser examinada com todo cuidado em busca de células anormais. Se alguma fosse encontrada, aí sim haveria motivo para preocupação. Por isso, Priss foi operada e mais uma vez aguardamos. Foi um longo dia de espera para Lily e para mim.

– Acho que não consigo vê-la passar por isso – disse Lily mais de uma vez.

– Ela é durona demais para ser derrubada por essa coisa – retruquei.

Tarde da noite finalmente recebemos a notícia de que as células em volta do tumor estavam saudáveis. Quase derretemos de alívio, sobretudo Lily. Ron a levou para casa por volta das onze horas, mas eu fiquei porque Priscilla estava inquieta.

Ela adormeceu quase meia-noite – graças a uma dose generosa de Demerol. Eu precisava de distração, então fui até a lanchonete beber alguma coisa. O lugar estava pouco iluminado e silencioso. A maioria das cadeiras havia sido empilhada sobre as mesas para que o chão pudesse ser limpo. Apenas um homem atendia no balcão. Pedi uma porção de batatas fritas e uma Coca-Cola, e ele disse que levaria até a mesa. Procurei um lugar para me sentar e percebi que estavam ali apenas um casal de médicos, sentado a uma mesa no canto, e um sujeito desacompanhado.

Reconheci na mesma hora a mecha de cabelo grisalho, e meu olhar encontrou o de Mickey Chandler. Como ele não desviou os olhos, fui até sua mesa e falei:

– Oi, comediante. Lembra-se de mim?

Ele me olhou como se visse um fantasma.

– A aniversariante.

– Isso mesmo.

– Tudo bem?

– Foi um dia longo, mas tudo bem. E você?

– Joia.

– Joia? Ninguém mais usa essa palavra. Você é velho mesmo, não é?

Nessa noite, Mickey não revidou com uma observação espirituosa. Não mostrou seu sorriso, e os olhos pareciam meio assombrados.

Pigarreei.

– Bom, foi legal ver você – falei.

O funcionário da lanchonete se aproximou com minhas batatas. Mickey puxou uma das cadeiras com o pé.

– Quer se sentar?

– Tem certeza? Não quero perturbar a sua meditação.

Dessa vez, ele estalou a língua com aprovação.

– Eu me lembro de você. Sempre com uma gracinha na ponta da língua.

Sentei e o garçom botou uma grande travessa de batatas fritas entre nós dois.

– Que fome, hein? – provocou Mickey.

– Pedi para você.

Passamos um tempo batendo papo. Falamos sobre a minha universidade, o clima de Boston e meus estudos.

Então ele perguntou:

– O que você faz aqui no meio da noite?

– Minha irmã Priscilla está lá em cima se recuperando de uma cirurgia. Lembra-se dela? A que queria comer você no jantar.

– Ah, aquela irmã. Ela está bem?

– Está, graças a Deus. Foi um alívio para todos nós. Era câncer, mas eles tiraram.

– Então as notícias são boas.

Assenti.

– São ótimas. E você, Sr. Chandler, o que faz aqui no meio da noite?

Ele olhou em torno e depois tornou a me encarar.

– Parece que estou apenas sentado aqui com uma linda universitária.

– Ora, ora. Isso é enrolação. Qual é a história real?

– É engraçado, na verdade. Eu estava passando e pensei: “Aposto que consigo uma boa mesa na lanchonete do hospital sem fazer reserva.”

Aquilo não era engraçado, e ele sabia disso. Esperei pela resposta, mas ela não veio.

– Você mora por aqui? – indaguei, depois de pigarrear.

– Pertinho, em East Haddam. Tenho uma casa no lago. E você?

– Moro em Brinley. Quer dizer, não no momento. Ainda vou ficar em Boston mais um ano, mas voltarei para lá assim que me formar. Você tem uma esposa nessa casa no lago?

– Não.

– Não?

– Não.

Sorri, e isso me fez bem depois daquele dia difícil.

– Me fale da sua casa.

– É antiga. Na verdade é um buraco negro de consumir dinheiro que está na minha família há anos. Tem uma grande quantidade de madeira e vidro ainda originais e a estou reformando. Depois, vou vendê-la. Gosto disso. É bom para mim. Exercício físico. Posso trabalhar a noite toda se quiser.

Assenti.

Ele sorriu. Não foi um sorriso pleno, e sim algo mais vulnerável, mais revelador e sem fingimento, um incentivo à minha coragem.

– Por que você nunca me ligou?

Ele me olhou de soslaio.

– Não sei.

– Não sabe?

Ele balançou a cabeça.

– Lembro muito bem que me diverti com você naquela noite, Lucy. – Então seu olhar se fixou em algum ponto acima do meu ombro. – Mas aquilo não foi real. Aquele cara não sou eu.

– Como assim?

Seus olhos voltaram a me fitar.

– Estou dizendo que você não gostaria da pessoa que eu sou de verdade.

– É? Tem certeza de que não é algo mais simples? Tipo você já tem outra? Ou será que é gay? Você é gay?

– Não. Não é isso.

– Que ótimo. Você se achou muito velho para mim? Foi isso?

– Não pensei no assunto, mas já que você mencionou, sou velho demais para você, sim.

– Quantos anos você tem, 40?

– Ei, não deixe meu cabelo enganar você. Só faço 30 no mês que vem.

– Trinta não é ruim. Você é um assassino em série?

– Ainda não. – Mickey sorriu.

Observei aquele homem incrivelmente bonito ali sentado, vestindo uma camiseta branca e uma camisola de hospital que ele usava como se fosse um paletó. *Camisola de hospital?* Observei seu rosto, ouvi sua voz e sua profunda tristeza me chamou a atenção.

– Está falando sério? Achou que eu não gostaria de você?

– Seriíssimo.

– Por quê? O que há em você para não gostar? – Como não tive resposta, fui direta: – Só estou perguntando porque continuo interessada.

Ele tentou parecer envergonhado, mas deu a impressão de que não tinha energia para isso. Entrelaçou os dedos e me encarou fixamente. Não desviei o olhar, e levou um bom tempo até que ele dissesse alguma coisa.

– Tenho muitos problemas, Lucy – falou, depois de pigarrear.

– Não temos todos? – indaguei, tomando um gole da minha Coca. Ele não respondeu, então pousei o copo na mesa. – Afinal, do que estamos falando? Ex-mulher? Dívidas? Um passado criminoso? O quê?

– Nada com que não se possa conviver.

– Você está absolutamente certo. O que é, então?

– Um longo histórico de doença mental, para começo de conversa.

Engoli em seco. Dureza. *Doença mental?*

– Só isso? – falei com voz trêmula. – É só isso que você tem?

– Acredite, é suficiente. Você devia se levantar agora mesmo e fugir. Recostei-me na cadeira e cruzei os braços.

– Você vai se arrepender – disse ele, rindo. – Sou um homem doente.

Como não reagi, seu sorriso sumiu e ele baixou o olhar para as mãos.

– O que foi? – insisti baixinho.

Ele balançou a cabeça e não ergueu os olhos.

– Sou paciente aqui. Lá em cima, na ala psiquiátrica.

Fiz uma pausa, mais que ligeiramente surpresa. Tentando disfarçar, disparei:

– Você tentou se matar?

Ele me encarou e negou com a cabeça:

– Não dessa vez. Não fui racional a esse ponto.

Precisei de um instante para digerir essa resposta e ao mesmo tempo fazer um breve levantamento do lugar: luzes fracas, mobiliário industrial, médicos conversando assuntos sérios no canto. Mas isso era tudo. Não vi nenhuma aparição conhecida à espreita. Encarei seu olhar tristonho.

– Quer falar sobre isso?

Ele balançou a cabeça.

– Na verdade, não há nada que falar. As substâncias ficam descompensadas e eu surto. Fim da história.

– Por quê?

– É complicado.

– Sou muito inteligente, garanto que posso entender.

Ele estalou a língua.

– Espertinha.

– Desculpe. Sou bastante intrometida, não sou?

– É, sim.

Fez-se um silêncio constrangedor e pensei que talvez esse fosse um bom momento para eu ir embora, mas então Mickey Chandler prendeu meu olhar no dele.

– Você quer mesmo saber?

Assenti.

– Muito bem. A questão é que nunca sei como vou acordar de manhã, e odeio isso. Odeio não ser capaz de confiar no cara que vejo no espelho.

– Não o culpo. Por que você é assim?

– Existe algum problema com as substâncias do meu sangue, ou com a falta delas, por isso preciso tomar um monte de remédios para compensar. Se não tomo, começa a confusão. Só sou considerado estável quando estou quimicamente ajustado, e às vezes nem os comprimidos resolvem. – Ele contemplou as mãos. – Por isso fico frustrado e paro de tomá-los, aí tudo sai de controle e acabo voltando para o hospital.

– Que horror. Essa sua doença tem nome?

– Transtorno bipolar.

– Já faz tempo que você tem isso?

– Faz.

Olhei para ele:

– Para todos os efeitos, você parece normal. Qual é o seu tratamento?

– Terapia e medicação. Depende dos sintomas. Lítio. Às vezes antipsicóticos, mas quase sempre estabilizadores de humor e, de vez em quando, antidepressivos, mas eles são perigosos porque podem desencadear hipomania. Às vezes preciso de tudo isso junto. E mais os comprimidos para os efeitos

colaterais. Os médicos me usam um pouco como cobaia porque meu ciclo é rápido, ou seja, alterno entre altos e baixos depressa, e a ideia é me manter no meio-termo.

– Essa é a sua zona de segurança?

– Isso mesmo. Segura, mas chata. – Ele deu de ombros. – É difícil explicar, mas quando a gente sabe que pode se sentir invencível, tão repleto de energia que se acha capaz de conquistar o mundo, seguro e estável não parece algo bom. Eu costumo me automedicar para ver se fico no limite.

Assenti.

– Posso entender por quê.

– Sério? Consegue mesmo entender?

– Por que não? Quem não quer se sentir bem?

– Bom, o meu “bem” escapa ao controle bem depressa. Aí paro de raciocinar direito, não tomo os remédios e começo a passar dos limites. Não como. Não durmo. Trabalho como um maníaco. Fico hiperativo e irracional, fazendo coisas bizarras porque tenho ideias bizarras. E aí surto. – Ele bateu com os nós dos dedos algumas vezes na mesa. – Por fim me dou conta do que fiz e entro em depressão. Então fico mais hiperativo e irracional e às vezes, se a situação fica muito feia, a única coisa que eu quero é... acabar com tudo. – Mickey Chandler respirou fundo e balançou a cabeça. – Não acredito que estou sentado aqui lhe contando tudo isso.

Senti vontade de chorar por ele, tão exposto, tão desprotegido.

– Quem cuida de você? Quem o ajuda com os remédios e diz se... Sei lá, se está pirando? Quem junta os pedaços quando você desmonta?

– Bom... – começou ele, dando de ombros. – O meu médico, Gleason, está sempre lá depois da crise. E quase sempre também quando deixo de fazer o que deveria. Mas, basicamente, sou só eu mesmo.

– Você não tem família? Não tem namorada? Ninguém para ajudar?

– Não. Já tive um monte de gente, mas em geral ninguém está disposto a bancar essa parte. – Mickey suspirou. – Antes de ficar esperto e comprar o Colby’s, na época em que apenas fazia *stand-up* em outros bares, cansei de ouvir observações muito valiosas dos meus empregadores, porque, quando surtava, eu não era muito engraçado, o que é importante no meu trabalho. Aí eu acabava sendo demitido. – Ele passou as mãos pelo cabelo. – Mas na fase da hipomania, sou um sujeito bastante divertido, e isso sobe à cabeça. Quero ser mais produtivo, mais engraçado, melhor, e posso fazer tudo isso no período ascendente. Só não consigo manter. Preciso passar pela crise. E sei quando a hora está chegando. Posso sentir, mas não consigo evitar. Aliás, até conseguiria, mas sempre acho que ainda tenho tempo para isso, até que não tenho mais. E então desabo, rápida e totalmente, e decepciono todo mundo – disse ele, balançando a cabeça. – Por isso a maioria dos meus relacionamentos é de curta duração. É um jeito muito

instável, doentio e idiota de viver.

Assenti.

– Não sei o que lhe dizer – falei.

– Assustei você, não foi?

– Não. Quero dizer, talvez um pouco. Não posso acreditar que você precise viver assim. Você tem parentes, certo?

– Um irmão em Denver, mas não somos próximos. Falo com meu pai de vez em quando, mas ele mora em Nova Orleans há anos e não vou até lá com frequência – explicou Mickey, dando de ombros.

– Você tem mãe?

– Não, ela morreu quando eu era criança.

– Entendo um pouquinho disso – falei –, mas pelo menos tenho minhas irmãs.

– Arrumei um sócio fenomenal, que é mais que compreensivo, e tenho Gleason... o Dr. Webb, meu psiquiatra.

– Então você vem lutando contra o transtorno bipolar praticamente sozinho durante a maior parte da vida?

– Basicamente.

– Acho isso incrível. Você é incrível.

Ele negou com a cabeça.

– Não, não sou. Não passo de um cara tentando jogar com as cartas que recebeu. Você talvez não acredite, mas sou um monte de outras coisas além de doente mental.

Sorri.

– Não duvido.

Mickey Chandler estava partindo meu coração. Tentei me manter distante, porque não fazia muito sentido estar profundamente atraída por um *doente mental*.

– Aliás, você tem permissão para estar aqui no meio da noite ou será que fugiu?

Ele deu um sorriso.

– Na verdade estou ótimo hoje, por isso ganhei o direito de vir à lanchonete.

– Então, parabéns pelo bom comportamento.

Ele riu e me lembrei de como o seu sorriso me ganhara na noite do meu aniversário. Peguei-me procurando indícios da doença naquele sorriso, mas não vi nada. Havia algo em seus olhos, mas não no sorriso.

– Me fale de *você*, Lucy Houston.

– Ah, já está tarde, talvez numa outra hora. – Comecei a me levantar da cadeira, mas Mickey segurou meu pulso.

– Acho que não, mocinha. Eu botei tudo para fora, agora é a sua vez.

Voltei a me sentar, profundamente concentrada em sua mão. Não queria que ele me soltasse, mas me desvencilhei mesmo assim.

– Está bem – concordei, penteando o cabelo com os dedos. – Estudo na Northeastern, mas disso você já sabe. Vou me formar na primavera. Depois vou dar aulas de história geral. Tenho duas irmãs que você já conheceu, Lily e Priscilla. Nasci aqui em Brinley e vou voltar para cá para ser professora.

– Seus pais?

– Eles eram maravilhosos. Infelizmente, meu pai foi morto quando eu era pequena. Era policial. E minha mãe morreu quando eu tinha 17 anos. De câncer. O câncer também levou minha avó e minha tia, acabando com minha ascendência materna. – Isso soou bem mais íntimo do que eu pretendia e me esforcei para corrigir o tom: – Por isso Priscilla está aqui. Descobriram logo, graças a Deus, mas nós, as irmãs Houston, estamos sempre preparadas para o pior. – Eu continuava a mexer no cabelo, o que costumo fazer em momentos de ansiedade. Parei, meio constrangida. – Este é o *meu* demônio. A incógnita que me aguarda toda manhã ao despertar. Estou saudável hoje? Será que aconteceu alguma rebelião celular enquanto eu dormia? Alguma revolta citoplasmática da qual eu devesse estar ciente? É um inferno. E, se quer saber, meu inferno é pior que o seu, porque não só preciso me preocupar comigo e com as minhas células, como também vivo ansiosa por causa de minhas irmãs. É exaustivo se preocupar tanto assim. É um jeito muito instável, doentio e idiota de viver.

Mickey Chandler riu ao me ouvir repetir as palavras dele. Também ri, sem me dar conta de quanto precisava disso. O acesso de riso foi tão delicioso depois de um dia inteiro de aflição por conta de Priscilla que perdi o fôlego.

Mickey se inclinou para a frente:

– Ao menos agora sabe por que não liguei para você.

– Pois devia ter ligado.

Ele me avaliou e sorriu.

– Eu me lembro de tudo daquela noite. Não dava para acreditar que você tinha me beijado. Não dava para acreditar que você tivesse me dado seu telefone.

– Por que não? Gostei de você.

Mickey Chandler balançou a cabeça e ficou sério de repente.

– Você gostou *dele*.

– Gostei de *você*. Ainda gosto.

Ele me olhou com intensidade, e pensei que nunca havia conhecido alguém como Mickey Chandler. Ele era real e tinha um defeito grave. Não fingia perfeição. O pacote estava aberto, danificado e sentado ali, me encarando, e eu achei tudo incrivelmente reconfortante, ainda que um pouco assustador.

Desviei o olhar primeiro para consultar o relógio de parede.

– Tenho mesmo que voltar para ficar com a minha irmã – falei, empurrando a travessa de batatas fritas para perto dele. – Ela vai cuspir fogo se acordar e não me encontrar. – Fiquei de pé e o presenteei com meu sorriso mais sincero. – Mas

só para deixar registrado, Sr. Chandler, foi *você* que *me* beijou.

De repente me deu uma vontade enorme de revisitar aquele momento, apesar do que descobrira essa noite.

Mickey abriu um sorriso.

– Você não me apavorou – garanti. – Eu só quero que saiba disso. Posso ver que, apesar do seu diagnóstico, você é um cara bom. E, na minha opinião, nós dois temos problemas, coisas que fogem ao nosso controle, embora você possa tomar seus remédios e controlar parte dos seus.

Ele continuava a sorrir.

– Não vejo nenhum grande mal – insisti – em duas pessoas, com problemas que basicamente se resumem a questões de saúde, dividirem uma pizza um dia desses. Se eu lhe der meu telefone de novo...

– Eu sei seu telefone, Lucy. De cor.

O olhar que ele me lançou me fez estremecer, e torci para que não tivesse dado para notar. Depois torci pelo contrário.

– Então trate de usá-lo – falei. – Prometo que vou dizer que sim.

4 DE JUNHO DE 2011 – PARA A TERAPIA DE GRUPO

O transtorno bipolar é genético. Minha mãe tinha e eu tenho. Não sei dizer ao certo quanto ao meu irmão. Descobri que algumas pessoas acham que saber isso a respeito de alguém explica, justifica ou condena tudo. Não é justo. Um indivíduo é infinitamente mais complexo que isso. Gosto de pensar na minha doença mental como um complemento para o resto de mim, como um tipo de diabetes emocional. O Depakote é a minha insulina, os humores são o açúcar no meu sangue. Como qualquer bom diabético, me esforço bastante para manter os níveis equilibrados. Se não fizer isso, adoço.

É preciso talento para lidar com esse transtorno. É preciso coragem para controlá-lo a fim de que ele não me controle. Às vezes é preciso encontrar um bom guia. No meu caso, precisei de um destino. Lucy é meu destino. Não importa se estou encurralado num canto escuro ou debruçado sobre um precipício estonteantemente brilhante, meu objetivo é sempre voltar para ela. Gleason me diz que é nisso que sou diferente de minha mãe; ela não tinha um destino, nada era mais importante do que a própria doença. Ela não confiava em nada além disso. Nem no meu pai, nem em mim ou no meu irmão. Seu mundo girava em torno da dor – sombria, densa, abrangendo todo o sofrimento emocional. E isso acabou por defini-la. Recuso-me a permitir que a doença me defina.

Mas conheço a dor de minha mãe; por isso trapaceio com os remédios.

Depois de dar os comprimidos a Mickey, Peony Litman nos dispensou e seguimos para a área comum de mãos dadas.

– O que você vai fazer amanhã? – indagou Mickey, passando o braço pelos meus ombros. – Poderá vir para a minha sessão com Gleason?

– Eu gostaria, mas amanhã é a cerimônia fúnebre de Celia, lembra?

– É mesmo. Como pude esquecer? Você tem visto Nathan?

Balancei a cabeça.

– Liguei para ele no início da semana, mas ele não atendeu.

Mickey e eu nos calamos, perdidos na crueldade de uma vida encerrada prematuramente. Celia Nash assistia ao jogo de futebol do filho no último outono quando foi picada por uma abelha e morreu em consequência disso. Na época, eles moravam em Phoenix, onde Nathan era bem-sucedido trabalhando como

ortopedista. Depois da morte da esposa, porém, ele decidiu trazer os filhos de volta para Brinley, a fim de ficar perto dos pais e dos sogros. Agora, passados seis meses, a família ia fazer uma cerimônia fúnebre para Celia e enterrar suas cinzas no Cemitério de River's Peace. Apertei com carinho o braço de Mickey, recordando quanto Celia e Nathan haviam sido felizes.

Estávamos prestes a nos sentar, mas um técnico de laboratório veio atrás de Mickey para colher uma amostra de sangue com o intuito de testar o nível de Depakote. Enquanto eu o esperava, ouvi o toque de um celular e levei um minuto para me dar conta de que era o meu. Não consegui atender, mas a tela mostrava o número de Charlotte Barbee. Meu coração pulou. Eu saíra do seu consultório havia apenas três horas. Não era tempo suficiente para descobrir algo errado, certo? Eu pensava no que Charlotte poderia querer comigo, quando Peony veio me dizer que havia um recado para mim no posto de enfermagem.

Era da Dra. Barbee, e ela queria me ver.

Charlotte estava atendendo sua última paciente, e a recepcionista, Bev Lancaster, me informou de que ela não demoraria muito. Bev percebeu minha ansiedade e fez o que pôde para me tranquilizar com um sorriso solidário.

– Quer um bombom, Lucy? – ofereceu, apontando para o pote de cristal ao lado do telefone.

Balancei a cabeça, mas peguei um assim mesmo. Bev conhecia meu histórico médico, claro, por isso era capaz de imaginar o motivo da minha angústia.

– Ela já deve estar acabando – disse, juntando suas coisas. Eram cinco horas e seu expediente havia terminado.

Eu ficara o máximo possível no hospital, assentindo enquanto Mickey falava, mas sem de fato prestar atenção no que ele dizia. Devia ser algo sobre o Havai. Por fim, falei que estava com dor de cabeça e que precisava voltar para casa. Prometi ligar mais tarde. Agora estava ali, presa na sala de espera chique de Charlotte, tentando me livrar da sensação de tontura causada por seu telefonema. Ao sair, Bev apertou meu ombro com carinho:

– Vai dar tudo certo, meu bem, você vai ver.

– Ah, sei disso – respondi, sem demonstrar a menor convicção.

Então fiquei sozinha. Examinei a sala de espera de Charlotte, intencionalmente tranquilizadora: painéis de madeira escura, estofados macios demais, iluminação suave. Não dava a impressão de ser o último lugar na face da Terra em que uma pessoa gostaria de estar – o que de fato era para mim naquele momento. Sentei-me numa cadeira forrada em toile de Jouy preto e marfim retratando senhoras francesas que tomavam chá e deviam falar mal de

seus amantes.

A porta do consultório se abriu e Charlotte seguiu Elaine Withers até a sala de espera.

– Lembre-se do que recomendei – disse Charlotte com voz grave. – Repouso. Repouso.

Lainy olhou para mim e revirou os olhos azul-claros.

– Como Charlotte é mandona, Lucy. Não sei como a aguento.

Fiquei de pé e sorri para minha vizinha.

– Sabe, sim, Lainy.

– Só espero que ela seja mais boazinha com você do que foi comigo, meu bem – falou Lainy antes de sair.

Observei a porta se fechar e esperei que Charlotte dissesse alguma coisa. Como isso não aconteceu, respirei fundo e me virei a tempo de vê-la me olhando como minha mãe teria feito. Ela sorriu.

– Vamos nos sentar aqui, querida. Todo mundo já foi e está tranquilo. É menos clínico.

– Tenho motivos para me preocupar?

– Depende.

Tornei a me sentar entre as senhoras bebedoras de chá, e ao ver Charlotte se acomodar na cadeira em frente, senti meu coração bater forte. A conversa que eu tinha imaginado ficou pairando silenciosamente entre nós enquanto eu fitava a amiga de mamãe nos olhos. Cada ruga em seu rosto era, para mim, bonita, maternal e terna. E não vi pena em seus olhos escuros, o que achei muito tranquilizador.

– O que foi, Charlotte? Por que estou aqui?

Charlotte levou uma das mãos ao rosto e me observou.

– Lucy, não é o que você está pensando. Os resultados oncológicos ainda não chegaram.

– Então o que está havendo?

– Bem, achei que você devia ser informada do resultado de um exame que fiz.

– É algo sério?

Charlotte olhou para mim e sorriu.

– Lucy, você está grávida.

Minutos, horas talvez, se passaram. O que ela dissera? Eu vira sua boca mexer. Ouvira algo sair dela, mas o impacto congelou as palavras e elas não chegaram a ser registradas, portanto não podiam ser verdadeiras.

Charlotte estava assentindo.

– Você está bem, querida?

– Acho que não ouvi direito.

– Ouviu, sim. Eu disse que você está grávida. Grávida.

Aquela única palavra causou em mim um efeito visceral, como fogo se espalhando no meu sangue. *Grávida*.

– Não.

Enquanto Charlotte fazia que sim com a cabeça, todos os motivos por que isso era impossível brotaram em meu íntimo. A doença mental de Mickey, o câncer que a minha linhagem parecia atrair como imã. Todas as mulheres da minha vida que haviam sido levadas por essa doença cruel. Inclusive eu mesma, quase. Embora Mickey e eu fôssemos adorar constituir uma família, tínhamos aceitado a realidade desses fatores inquestionáveis e tomado a decisão mais difícil de nossas vidas havia muito tempo.

– Como pode, Charlotte? – Minha visão estava embaçada, não por lágrimas, mas porque eu parecia incapaz de piscar. – Verifique de novo, porque simplesmente não é possível. – Mesmo ao balbuciar, eu tentava me lembrar de quando tinha sido minha última menstruação.

Charlotte estendeu o braço e pegou minha mão.

– Não entendo. Minhas trompas...

– Acontece – disse ela, baixinho. – Às vezes. Com certeza é raro, mas às vezes um nadadorzinho corajoso consegue ultrapassar o nó.

– Depois de todos esses anos, tenho um nó que pode deixar passar um espermatozoide?

– Ou trompas que se religaram. É difícil dizer, mas acontece.

– Charlotte...

Minha cabeça girava. Aquilo era sério demais. Quanto tempo fazia que eu não menstruava? Meu ciclo não era regular e eu não prestava muita atenção a isso, mas, santo Deus, *havia quanto tempo que ela não vinha?* Charlotte sorriu para me tranquilizar, enquanto eu continuava ali sentada balançando a cabeça por não saber mais o que mais fazer.

– Não consigo sequer me lembrar de quando foi minha última menstruação.

– Não faz diferença, Lucy. Isso não muda nada.

– Para mim faz, Charlotte. O que vou fazer?

– Que tal esquecer esse assunto por hoje? Deixe estar. Você é uma mulher fazendo o que as mulheres fazem. Você está grávida. É normal, bonito, natural...

– Inacreditável. Insano.

– Hoje não, Lucy – falou Charlotte com calma. – Não pense mais nisso hoje. Vamos pensar nas coisas difíceis amanhã. Não é o fim do mundo.

– Sério?

Charlotte pegou minha mão:

– Sério.

– Por que agora, depois de todo esse tempo? O que houve? – Uma dezena de sentimentos gritava dentro de mim.

Conforme foi passando o entorpecimento, percebi que me sentia muito

aliviada por não terem dito que eu estava doente de novo, mas *essa* notícia me encheu de medo. A ansiedade era tanta que eu mal conseguia respirar. E, para ser honesta, senti também uma felicidade repentina e incompreensível. Eu estava grávida? Eu estava grávida!

Quando enfim sai do consultório de Charlotte, fiquei dando voltas de carro durante algum tempo e tentei seguir seu conselho: simplesmente aceitar. Não me preocupar. Não me apavorar. Não funcionou. Atravessei a estrada que liga Brinley ao condado vizinho. O sol estava se pondo, de um jeito sereno e familiar, e acabei chorando tanto que precisei parar o carro no acostamento.

Grávida.

Eu devia ter ido jantar com Charlotte como ela sugerira, porém senti necessidade de me afastar. Mas então me arrependi por estar sozinha. Grávida?

Apesar de tudo, comecei a imaginar coisas que não devia. Eu, mãe. Com um bebê. Ah, como adoro o cheiro dos bebês, aqueles olhões numa pessoinha tão pequena. De cabelo cacheado. Imaginei uma criancinha despertando de um pesadelo e me chamando no meio da noite: “Mamãe!” Dei partida no carro, liguei o rádio e fui para casa.

Cresci na casa onde moro com Mickey. É um velho chalé vitoriano com árvores frondosas plantadas por meu pai antes de eu nascer. Às vezes, quando paro diante dela, sinto como se tivesse 15 anos de novo e minha mãe me esperasse, saudável, na sala de estar triangular. Eu daria qualquer coisa para que ela estivesse ali agora. Pego a correspondência e dou uma olhada nas contas. Se alguém estiver me observando, dou a impressão de não pensar em nada além dos envelopes que tenho nas mãos. Apanho o jornal e destranco a porta da frente. Um assalto no Nicklecade é a manchete da primeira página. Imagino ler ali: **LUCY CHANDLER GRÁVIDA! ONDE ELA ESTÁ COM A CABEÇA?**

Então ouço de novo, em minha cabeça, uma vozinha me chamar, chorando: “Mamãe, mamãe.” Ela teve um pesadelo. Ela? Mal consigo entrar em casa antes de ficar apavorada outra vez.

Os mesmos pensamentos me seguem escada acima e para dentro do chuveiro. Estão comigo ao abrir uma lata de sopa de tomate e ao despejá-la, intocada, pelo ralo da pia. Um bebê. Eu poderia instalá-la – por algum motivo estou convencida de que é *uma menina*, o que só aumenta a minha angústia – no antigo quarto de Priscilla. No momento não passa de um quarto de entulho, com uma esteira, um computador e montes de roupa para passar que nunca chegam a ver o ferro. Toda essa parafernália pode ser trazida aqui para baixo. Priscilla tinha o melhor quarto da casa, ao lado do de nossos pais, com um confortável banco sob a ampla janela e uma luminosidade maravilhosa. Perfeito para um bebê.

Fiquei com ele depois que sobramos apenas eu e minha mãe, quando ela estava morrendo. Era próximo o bastante para que eu a ouvisse me chamar no

meio da noite quando precisava de um analgésico ou queria ir ao banheiro. Sem dúvida daria para ouvir uma criança com pesadelos. Não. No que eu estava pensando? Isso não podia estar acontecendo.

O telefone tocou e o identificador de chamadas mostrava que era do Hospital Edgemont. Mickey. Eu não podia falar com ele naquele momento. Ainda não. Não imediatamente. Mickey talvez fique eufórico com essa guinada nos acontecimentos, esquecendo-se do nosso acordo, do nosso juramento, dos nossos motivos. Ah, como ele adoraria ser pai. Apesar das suas inúmeras dificuldades, Mickey adoraria essa notícia. O que não me ajudaria em nada.

O telefone parou de tocar, então fui até o antigo guarda-roupa no nosso quarto e abri a porta, que rangia. De um lado, o espelho refletia minha aparência lamentável: o cabelo molhado e embaraçado, a velha camiseta de torcida de Mickey – aquela que sempre usava para dormir quando ele não estava – e meus olhos inchados, em choque. Do outro lado estava pendurado o contrato que meu marido e eu assinamos. Redigido em várias cores de caneta – uma vez que, ao longo dos anos, fomos acrescentando cláusulas conforme ditavam as circunstâncias – e numa moldura de metal barato, ele continha as condições que estabelecemos para a nossa relação. Era um compromisso inviolável. Depois que adoecei, redigimos o triste adendo: *sem filhos*.

Tomamos essa difícil decisão após um colapso nervoso bastante grave que obrigou Mickey a ficar internado durante sete semanas no Hospital Estadual de Connecticut. Foi no auge da minha luta infernal contra o câncer. Depois que ele teve alta, adicionamos essa cláusula. Sem filhos. Redigida em tinta azul-escura, sublinhada e selada com nossas lágrimas. Nunca contei a Mickey que mais tarde, depois do ano terrível em que quase morri – quando ambos já estávamos bem –, eu me arrependi... Mas apenas por alguns instantes.

Soltei o contrato do prego em que estava pendurado. O simples fato de esta criança ter pais que precisaram de um documento para manter seu casamento provavelmente já era motivo suficiente para não deixá-la nascer. O que ela pensaria se um dia deparasse com as cláusulas do nosso contrato?

Mickey Chandler se compromete a jamais bater na esposa ou praticar contra ela qualquer tipo de abuso.

Mickey jamais terá relações sexuais com qualquer outro ser humano.

Lucy tampouco.

Mickey não usará drogas ilícitas. E tentará não consumir álcool.

Às vezes o álcool é um desafio durante seus períodos de instabilidade. Depois de um episódio bastante ruim, ele redigiu esta promessa: *Certo, vou me esforçar mais para não beber. Sobretudo se estiver louco e não conseguir o que quero. Principalmente quando estiver surtando!*

Mickey fará um esforço constante e deliberado para tomar seus remédios... seguindo estritamente a prescrição médica. Tentar. Tentar. Tentar com mais

afinco!!! (Ele acrescentara todos esses tentar em três ocasiões sucessivas.)

Lucy não pressionará Mickey para que tome a medicação.

Os dois se comprometem a fazer uma sessão semanal de terapia com o psiquiatra de Mickey, mesmo que ele esteja bem.

Lucy falará com Gleason, ou com outro profissional, antes de ter uma briga séria com Mickey.

Lucy promete ser paciente e não esperar que Mickey seja perfeito.

Lucy não terá reações exageradas.

Lucy não vai se cansar da relação e começar a fazer amizade com homens atraentes.

Mickey acrescentou esse item depois de uma briga louca que tivemos quando comentei que Bruce Willis estava lindo na série Duro de matar.

Lucy vai se afastar um pouco quando Mickey ficar insuportável. E Mickey não levará para o lado pessoal o fato de ela precisar desabafar ou chorar com Lily, Jan ou Charlotte.

Lucy usará a regra dos 10 segundos ao se irritar com Mickey.

Mau humor é tolerável. Canalhice, não.

Lucy não hesitará.

Lucy não culpará Mickey por aquilo que ele não pode controlar.

Mickey não fingirá ter perdido o controle.

Lucy jamais será cruel em relação à doença de Mickey.

Meu olhar pousou na última frase tenebrosa do nosso contrato, acrescentada depois que escapei da morte: Sem FILHOS!!!

Por conta de circunstâncias que escapam ao nosso controle, concordamos, para o bem de todas as partes envolvidas – especialmente da criança –, que não teremos filhos. Não porque não os amemos, mas porque nosso amor jamais seria suficiente. (Ligadura de trompas no dia em que completei 27 anos. Mer... de aniversário!)

Nada havia mudado. As lágrimas embotaram as palavras enquanto eu relia o adendo. Nada mudara, salvo um corajoso espermatozoide que conseguira passar pelo nó. Fui para a cama me perguntando quão corajoso teria sido ele e por que eu estava grávida depois de tanto tempo.

10 DE JULHO DE 1999

Quinzenalmente, às quintas-feiras, Gleason Webb faz sessões abertas de terapia de grupo para os pacientes bipolares do vale do rio Connecticut. Há anos vou quando posso. Como somos todos homens diferentes (Gleason recebe as mulheres nas quintas-feiras alternadas) e com abordagens variadas, constituímos um grupo bem interessante. Coletivamente somos um punhado de homens doentes mentais, alguns dos quais destruíram casamentos – e não apenas os seus –, outros magoaram e traumatizaram os filhos, outros perderam o direito de vê-los, alguns envergonharam os pais, maltrataram amigos, traíram empregadores, roubaram, mentiram e manipularam. Há os que culpam Deus por todos os problemas. Para outros, tudo é culpa dela. Alguns arruinaram suas carreiras; dilapidaram a fortuna de toda uma vida. Existem os bêbados, os viciados, os miseráveis e os sem-teto. Há os que romperam todos os laços com seus entes queridos. Alguns estão seguros e inocentes numa semana e, na seguinte, viram suicidas cheios de culpa. Também já passei por isso. Somos todos homens feridos, mas ainda assim um bocado interessantes.

Nesse contexto, Gleason é nosso instrutor. É um interlocutor brutal e sempre disse que, se pretendemos sobreviver ao nosso diagnóstico, precisamos entendê-lo – essa é a nossa maior responsabilidade. Temos que respeitar a doença e tratá-la. Ele também recomenda que haja alguém em nossa vida em quem possamos confiar para nos avisar quando estamos perdendo o controle.

Não posso falar pelos meus pares, mas sempre achei que isso diz muito a respeito de uma pessoa, e as chances de encontrar alguém realmente disposto a enxergar o homem que se esconde por trás de todos esses sintomas são quase nulas.

Então, dizer que Lucy Houston me deixou perplexo seria um grande eufemismo.

Na noite em que encontrei Mickey Chandler na lanchonete, eu lhe fiz um convite no qual não tinha pensado muito... Só pensei mais tarde. Talvez fosse melhor se ele não telefonasse. Mickey era um homem doente – *mentalmente doente*, pelo que me contara. Eu não percebera nada, mas também não sabia que aparência a doença teria. Interessei-me mais pela expressão em seus lindos olhos quando ele

disse: “Você talvez não acredite, mas sou um monte de outras coisas além de doente mental.” Por causa dessas palavras, a cada dia eu pensava mais nele.

Algumas semanas depois, enquanto preparava um trabalho para a aula de ética, meu telefone tocou. Não reconheci o número, mas logo soube que era ele.

– Oi, aniversariante.

– Você ligou – falei, segura de que minha voz denotava meu sorriso.

– É, liguei.

– Como vai?

– Estou ótimo agora. E você?

– Também estou ótima – respondi, com sinceridade.

– Então, deixando de lado o juízo, eu estava pensando se você não gostaria de sair comigo.

– Hum... Acho que nunca me convidaram para sair de um jeito tão lisonjeiro. Ele riu.

– Depois do nosso último encontro, você deve saber do que estou falando.

– O que você sugere?

– Bem, já estamos no lucro com tudo o que sabemos a respeito um do outro, mas não sei se você gosta de surpresas ou se prefere ter certeza do que deve esperar...

– Adoro surpresas.

– Ótimo! Que tal na quinta-feira?

Eu tinha aula, mas não importava.

– Quinta está ótimo.

– Pego você às seis. Vamos ficar ao ar livre e, embora vá estar quente no início, é provável que esfrie depois, então leve um casaco. E não curto salto agulha.

– Casaco. Nada de salto agulha. Entendido.

Disse a ele como chegar ao meu apartamento e desliguei, satisfeita e ignorando meus receios anteriores. Três dias depois, ele apareceu pontualmente e à vontade, de jeans, camisa de malha com zíper e óculos escuros na cabeça, sobre aquele cabelo maravilhoso. Olhou-me de alto a baixo, parecendo aprovar meu visual, de jeans, camiseta branca e rabo de cavalo.

– Oi – falei.

– Oi.

– Você está ótimo. Parece que se sente melhor.

– Obrigado. Você também está ótima.

– Foi fácil chegar? – perguntei.

– Não errei o caminho nenhuma vez – respondeu ele.

– Que bom.

– As instruções foram boas.

– Que bom – repeti.

Mickey balançou a cabeça:

– É por isso que não gosto de primeiros encontros.

– Nem eu. Vamos sair daqui. – Peguei meu casaco e a chave de casa. – Preciso de mais alguma coisa?

– Acho que não – respondeu Mickey, com um risinho enquanto eu trancava a porta. – Você é fácil de agradar. Quem diria?...

Apesar de a conversa não ter fluído bem no começo, o desconforto não durou muito. No carro, Mickey me falou de seus negócios. Ele e o sócio, Jared Timmons, eram donos, além do Colby's, de duas outras casas noturnas, e estavam considerando comprar mais uma.

– Tenho muita sorte – disse Mickey. – Jared me ajuda a contornar meu transtorno e eu o ajudo a dar conta de seu compromisso de superpovoar o mundo. Ele tem três filhos e a esposa está grávida.

– Parece um acordo fantástico – falei, rindo.

Mickey estacionou e olhou para mim.

– Pronta?

– Com certeza.

Háviamos chegado ao píer de Pemberton Point, de onde saía a barca para as ilhas de Boston Harbor. Fiquei animada porque, embora morasse em Boston havia três anos, nunca tinha visitado nenhuma das ilhas. Fui convidada para uma festa em Spectacle no primeiro ano da faculdade, mas não pude ir, pois coincidiu com o casamento de Lily e eu a levaria ao altar. Olhei para Mickey:

– Até agora estou adorando a surpresa!

Ele sorriu e pegou minha mão ao nos dirigirmos até a barca. O clima estava ameno nesse fim de tarde de junho. Eu me senti segura, protegida, com os ombros largos de Mickey bloqueando o vento. Peguei-o me encarando com aqueles mesmos olhos escuros em que eu mergulhara no dia em que o conhecera... Sem disfarces. Ele gostava de mim, mas não tinha certeza se deveria gostar. Desviei o olhar para o ancoradouro.

– Adoro água.

– Você veleja?

– Não tanto quanto gostaria. Minhas irmãs e eu herdamos um velho barco à vela. Um Catalina. Lembro-me de sair nele com meu pai quando era pequena. Sempre ameiei esses passeios.

– Vai ter que me mostrar uma dia desses.

Arqueei uma sobrancelha. *Um dia desses* sugeria um segundo encontro.

– Você veleja no rio Connecticut? – perguntei.

– Já velejei algumas vezes, mas passo mais tempo no lago Bashan, pescando. Sorri.

– Adoro pescar.

– Eu jamais imaginaria uma coisa dessas – disse Mickey com um sorriso

largo.

– Talvez eu ainda o surpreenda bastante.

A barca atracou na ilha Georges, onde saltamos para esperar a lancha. Éramos os únicos na fila e, quando olhei para Mickey, ele estava sorrindo.

– Você já esteve na ilha Bumpkin?

– Não. Você já?

Ele balançou a cabeça, negando.

– Parece que vamos conhecê-la juntos.

– Dizem que de lá dá para ver o contorno dos prédios de Boston. Talvez tenhamos a sorte de ver pôr do sol.

– Talvez.

Depois que a lancha nos deixou na ilha, Mickey e eu pegamos uma trilha margeada de arbustos de frutos silvestres.

– É melhor colhermos alguns para o jantar – disse ele.

Eu não soube dizer se ele estava brincando, mas mesmo assim botei uma grande amora preta na boca. A distância, as luzes de Boston começavam a se acender.

– Como é bonito aqui – falei.

– É mesmo. Parece que há uma velha casa de fazenda por aqui... Ou as ruínas dela. Vamos descobrir – sugeriu Mickey, pegando minha mão.

– Tem também um velho hospital – acrescenteí, botando alguns frutinhas na palma da mão dele.

– Está com fome? – perguntou Mickey.

– Um pouco. Você trouxe um sanduíche de manteiga de amendoim?

Ele riu.

– Será que eu conquistaria você com um sanduíche de manteiga de amendoim?

Eu não quis confessar que seria provável, por isso apenas sorri.

– Sou fácil de agradar, lembra?

Encontramos as ruínas ao pôr do sol e a luminosidade fez com que elas parecessem bastante góticas. Eu me deixei levar pelo momento, imaginando quem teria morado ali. Virei-me para dizer alguma coisa a Mickey, mas ele havia se afastado e me observava. Quando meu olhar encontrou o seu, ele me pareceu pouco à vontade. Fui até ele, reparando que as primeiras estrelas começavam a brilhar sobre o ancoradouro.

– É tão tranquilo aqui – comentei.

– Vai ver somos as únicas pessoas na ilha toda, Lucy. Isso a deixa nervosa? – perguntou Mickey, encarando-me.

Parei na frente dele.

– Pareço nervosa?

Mickey sorriu e balançou a cabeça. Em seguida pegou minha mão.

– Venha, precisamos ir a um lugar.

– Aonde?

Nos últimos minutos do crepúsculo, pouco antes que a noite se impusesse, descobri a verdadeira surpresa que Mickey havia preparado. Ele me ajudou a descer um barranco e chegamos a uma clareira. Debaixo de uma árvore, à luz de velas, vi uma mesa posta para dois, coberta por uma toalha de linho branco e com pratos de porcelana, flores e cristais. Fiquei pasma. A melhor parte era o garçom de smoking, segurando um guardanapo, que, com um floreio, pôs no meu colo. Olhei para Mickey e meneei a cabeça:

– Nossa, você é bom nisso.

Ele se sentou à minha frente e abriu um grande sorriso.

O garçom não passava de um garoto, mas esbanjou profissionalismo enquanto me apresentava o cardápio: costeletas de cordeiro, batatas baby, salada de espinafre e frutas frescas. Retirando as tampas de prata das travessas, ele pôs uma cesta de pães entre nós dois.

– E de sobremesa, doces fresquinhos da Maria's – anunciou o rapaz, antes de olhar para Mickey. – Mais alguma coisa, Sr. Chandler?

– Não. Está tudo perfeito, Ryan. Você fez um ótimo trabalho.

Quando o garoto sumiu nas sombras, observei Mickey, que, de repente, me pareceu um pouco tímido.

– Esta é a melhor surpresa da minha vida – falei.

– Melhor que manteiga de amendoim?

– Muito melhor. Na verdade, você deve ser vidente, porque esses são meus pratos favoritos.

– Ou talvez eu tivesse o telefone da sua irmã.

– Você falou com Lily?

– Somos velhos amigos, desde que ela reservou o Colby's para a sua festa. Quando contei o que estava pensando em fazer, ela me garantiu que eu poderia ganhar você pelo estômago. Segui a dica.

Encarei Mickey por cima da mesa.

– Não sei o que dizer. Que coisa linda.

Comemos devagar e tudo estava delicioso. Enquanto apreciávamos o pôr do sol, falamos de arte, assunto que levou aos livros que amávamos e odiávamos e aos filmes que já tínhamos visto. A certa altura, Mickey perguntou se Priscilla era mesmo advogada.

– É, sim.

– Ela é boa ou fantástica?

– Sei lá. Qual é a diferença?

– Um bom advogado conhece a lei. Um advogado fantástico conhece o juiz. Eu ri.

– Nossa, ela iria adorar essa.

Mickey pousou os cotovelos na mesa.

– Vocês são muito diferentes. É difícil acreditar que sejam irmãs.

– Às vezes nós mesmas não acreditamos – falei, sorrindo. – Mas Priscilla sempre nos bancou, a mim e a Lily. Ela é meio pai e mãe combinados numa irmã mandona. É muito centrada na carreira, no sucesso. Brilhante, linda e, na medida do necessário, gentil.

– Provavelmente vai conseguir tudo o que quiser – disse ele.

– Espero que sim.

– E Lily? Ela parece ser muito legal.

Concordei.

– Lily é a minha pedra de toque. Somos muito próximas, quase como extensões uma da outra. Ela se preocupa o tempo todo, mas eu seria capaz de lhe entregar a minha vida. Casou com nosso vizinho, Ron, que você conheceu naquela noite. Ele é um cunhado incrível. Os dois moram em Brinley e são donos de um antiquário. – Inclinei-me sobre a mesa e baixei a voz: – Lily conhece todos os meus segredos.

Mickey sorriu:

– E eu tenho o telefone dela...

Era tão fácil estar com ele, não precisar buscar palavras nem ficar avaliando se estava ou não prendendo sua atenção.

– Agora, você. Me conte alguma coisa que eu não saiba a seu respeito.

– Estou me divertindo muito olhando para você à luz de velas – disse ele, piscando.

Engoli em seco.

– Idem – respondi, falando sério.

A luz que dançava em seus olhos escuros e aquele sorriso fácil podiam prender minha atenção a noite toda. Pigarreei.

– Como você era quando criança? – perguntei.

– Alto. Desengonçado. Tímido. Gostava de livros de piadas.

– Isso explica muito coisa.

– Provavelmente. Rir me salvou, já que minha vida não tinha a menor graça.

– Por quê?

– Minha mãe sofria de depressão e meu pai lidava com isso enchendo a cara. Eu não desejava isso para criança nenhuma – disse Mickey de forma objetiva, sem qualquer resquício de autopiedade.

– Sinto muito.

Ele deu de ombros.

– Sorte sua ter irmãs.

– Sei disso. Nós nos agarramos umas às outras depois que nossos pais se foram.

Mickey assentiu.

– A gente compensa as perdas como pode, não importa quando elas ocorram. Algumas semanas atrás trabalhei numa festa de aniversário de uma senhora de 85 anos. As amigas dela, a mais jovem tinha 75, me encontraram na internet e me contrataram para fazê-la rir porque tinha acabado de ficar viúva. O casamento durou 67 anos. O marido era juiz.

– Você conseguiu que ela risse?

– Claro. contei um monte de piadas de advogado. Eu me diverti tanto com aquelas senhoras que nem cobreí.

Balancei a cabeça.

– Minha primeira impressão sobre você ainda persiste, Mickey Chandler. Você é um bom sujeito.

Ficamos calados um instante, e então que Mickey se levantou e se aproximou de mim, do outro lado da mesa. Ele se sentou de lado no banco, encarando-me. Meu coração disparou quando fitei seus olhos.

– Obrigada por uma noite fabulosa – agradecei.

Beijei de leve o rosto dele. Depois que me afastei, Mickey ia dizer alguma coisa, mas desistiu. Ele me pareceu inseguro e fiquei satisfeita ao ver o jovem garçom vir tirar a mesa, consultando ostensivamente o relógio.

– O senhor me pediu que o avisasse da hora, Sr. Chandler. A lancha chega em vinte minutos.

Mickey balançou a cabeça.

– Obrigada, Ryan.

– É, obrigada – falei. – Estava tudo perfeito.

O rosto do garoto se iluminou. Mickey ficou de pé e lhe entregou algumas notas de cem, a confiar na luz das velas. Então pegou minha mão e uma lanterna que Ryan lhe ofereceu e nos dirigimos para o ancoradouro.

De volta ao meu apartamento, tive vontade de convidar Mickey para entrar, o que, provavelmente, era um bom motivo para não fazê-lo. Por isso apenas o encarei e agradecei de novo.

– Eu me diverti bastante, Lucy.

– Eu também. Espero que possamos nos ver de novo.

Ele olhou para o chão e comecei a ter a mesma impressão da primeira vez, quando achara que estávamos em sintonia mas me enganara. Levou um minuto para que ele fitasse meus olhos e, ao fazer isso, vi que havia dor nos dele.

– O que foi? – indaguei.

Ele balançou a cabeça.

– Não tenho certeza.

– De quê?

– Disso. De nos vermos de novo.

Engoli em seco.

– Ah, sério? Achei que foi maravilhoso. Interpretei mal alguma coisa?

- Não, não. Sou eu. Acho que eu que interpretei mal.
- Como assim? – perguntei, começando a sentir um aperto no peito.
- Lucy, não devo fazer isso.
- Do que você está falando?

Mais uma vez as palavras estavam na ponta da sua língua, mas não foram ditas.

– Mickey, sei que você gosta de mim. E precisa saber que gosto de você. Qual é o problema?

Ele meneou a cabeça.

– Não sei como lidar com isso.

– Lidar com o quê?

– Sou um cara superficial, Lucy. Sobrevivi até hoje porque aprendi a aproveitar os momentos sem esperar muita coisa a longo prazo. Não acho que você seja assim.

– Tem razão. Sou mais do tipo que mergulha de cabeça. Meu mundo está cheio de caras que vivem o momento e, sinceramente, já tive a minha cota deles. É divertido durante um tempo, mas no fim fica um vazio. Não quero isso.

– O que você *quer*?

– Quero alguém interessante e real na minha vida. Alguém que não finja.

Mickey estava muito perto de mim e eu já ia me perdendo em seus olhos, quando ele sussurrou:

– Não sou esse cara, Lucy.

– Não? Porque me pareceu ser exatamente ele.

Ele fez um gesto negativo com a cabeça, e havia uma tristeza inimaginável em sua expressão.

Eu media 1,63 metro, e ele, 1,90. Eu pesava 46 quilos, e ele, 97. Mesmo assim pude sentir Mickey Chandler estremecer na palma da minha mão. Cheguei mais perto e toquei seu rosto. Como ele não se mexeu, eu o beijei, de um lado do queixo e depois do outro. Depois beijei de leve seus lábios.

– Se quiser se arriscar comigo – falei baixinho –, estou aqui.

Ele engoliu em seco.

– Acho que você está sendo um pouco ingênua, Lucy.

– É possível – respondi, zangada.

– Eu não quis dizer...

– Tudo bem. Sou jovem e você provavelmente tem razão. No que lhe diz respeito, talvez eu seja ingênua, mas vou lhe dizer uma coisa: talvez você também seja. Não tenho respostas, nem você, por mais que pense o contrário. Não sei se quero ficar ao seu lado, Mickey, mas acho que vale a pena descobrir. Por isso... Acho que você precisa decidir se vale a pena tentar. – Enfie a chave na fechadura. – Se achar que sim, me encontre lá em cima no terraço amanhã à noite. Traga sua resposta. Deixe o pôr do sol por minha conta. – Abri a porta e

entrei em casa. Virei de novo para ele e vi tanta angústia em seu olhar que fiquei sem saber o que dizer. – Pense nisso, Mickey.

Ao fechar a porta, senti meu coração disparado e soube que não o veria outra vez. Tivera um encontro fabuloso e, por causa disso, a menina dentro de mim queria abrir a porta e correr atrás dele. Outra parte de mim, porém, madura demais para minha idade, sabia que Mickey era um homem ferido, assustado. Por mais que isso fosse verdade, não dava para negar o vínculo entre nós. Talvez eu fosse jovem, mas havia nele tanta vulnerabilidade... Recostei na porta, frustrada porque nada disso tinha importância. Afinal, eu não o veria de novo.

No dia seguinte fiz tudo o que precisava fazer de modo automático, o tempo todo concentrada no relógio. Aquele dia precisava terminar para que eu pudesse tocar minha vida. Até que ele chegasse ao fim, havia uma chance. No dia seguinte, essa chance estaria morta. Eu ligaria para Lily e almoçaríamos juntas. Eu lhe falaria sobre o encontro maravilhoso (para o qual ela dera uma mãozinha), contando-lhe todos os detalhes. Depois esqueceria cada um deles.

Antes, porém, eu precisava chegar ao dia seguinte.

Finalmente, às 19h20, de short e descalça, fui para o terraço do prédio. De lá tinha-se uma vista incrível de Boston e Cambridge na outra margem do rio. Um grande armazém de equipamentos ficava no centro, e chaminés brotavam por todo lado. Uma mesa e algumas cadeiras de jardim ficavam presas ao chão no canto mais privilegiado, mas me dirigi ao extremo oposto, onde me sentei.

Eu estava sozinha, mas talvez não por muito tempo, já que o terraço era um local concorrido na hora do pôr do sol. Sentei no parapeito e deixei minhas pernas balançarem enquanto observava a noite engolfar o azul do céu. Umas duas vezes pensei ter ouvido a porta de metal se abrir atrás de mim, mas com todo o barulho de tráfego não dava para ter certeza. Eu só sabia que Mickey não havia aparecido. Por fim, quando me dei conta de que já passava das nove, desisti e dei boas-vindas ao dia seguinte. Provavelmente era melhor assim. Levantei-me e atravessei o terraço.

Estava quase na porta quando vi alguém sentado à mesa. Ele se levantou e por um instante não o reconheci. Quando ele veio em minha direção, porém, a lua saiu de trás de uma nuvem e dissipou qualquer dúvida. Seus olhos mergulharam nos meus e em três longas passadas ele estava à minha frente. Seu rosto mostrava toda a sua esperança e todo o seu medo, de forma urgente e silenciosa, mas inquestionável. Durante um segundo apenas nos encaramos.

Então Mickey me puxou com força, seus lábios encontraram os meus e ele me beijou como se tivesse acabado de inventar o beijo.

8 DE JUNHO DE 2011

Hoje meu amigo Nathan Nash vai enterrar a esposa. Não sei como ele não desmoronou. Conheço o inferno, mas a ideia de perder minha mulher foi um tormento sem precedentes. Descobri que a realidade é muito mais cruel que a loucura. A loucura pode ser medicada, reduzida, sedada. Assistir a Lucy se dissolver; ser devastada de dentro para fora, era um muro que eu não conseguia atravessar. Não havia nada que eu pudesse fazer além de abraçá-la e respirar com ela. Apenas respirar, enquanto seu lindo cabelo caía em minhas mãos. Apenas respirar, segurando-a em meus braços e a ouvindo gemer, com o veneno destinado a salvá-la correndo em seu corpo. Tudo que pude fazer foi assistir e respirar até o câncer desistir e decidir deixá-la. Mas ele enfim a largou: uma prece foi ouvida, um milagre, operado. Lucy melhorou. E então piorei. Meu alívio virou hipomania, depois delírio. Ironia insana. Eu havia me agarrado tanto a uma esperança ansiosa que, quando ela deixou de ser necessária, aparentemente não me restou saída. O timing foi implacável. Minha esposa recuperava-se devagar, sem mim, numa ala oncológica, ao mesmo tempo que eu me recuperava aos poucos, sem ela, a milhas de distância, no hospital estadual. Quando tudo acabou, éramos quase dois estranhos, mudados, agradecidos, hesitantes em nossa confiança na vida e em segundas chances. Acho que passamos uma semana inteira abraçados.

Acordei sobressaltada, percebendo que adormecera com o contrato junto ao peito, como se fosse o retrato de um amor perdido. Deitada ali, dei-me conta de que passara a maior parte da noite recordando nossa história e imaginando nosso futuro, e agora entendia perfeitamente o que Mickey queria dizer quando falava em ser incapaz de desligar o cérebro.

Pela manhã eu não conseguia parar de nos ver como pais. Via-me correndo atrás de uma garotinha nua, escorregadia, que fugira do banho. Imaginei-me empurrando-a num carrinho de compras pelos corredores do Mosely's Market, suas perninhas balançando para fora do assento de bebê, um tênis vermelho desamarrado. Vi-me tentando não rir por ela ter cortado a própria franja. Vi Mickey lendo para ela no banco sob a janela de seu quarto. Nossa filha, vestindo um pijama de Cinderela, aninhada nos braços do pai, ambos escondidos atrás de um livro ilustrado.

Eu simplesmente não estava preparada para isso.

Eu descartara a ideia de ser mãe anos antes, por pura necessidade. Quando Mickey e eu oficializamos nossa decisão e enfim liguei as trompas, aceitei minha vida e enterrei qualquer autopiedade tão fundo que ela acabou ficando ali. Eu me conformei em ser uma mãe postiça cinco dias por semana na escola municipal e deixei de lado o que nunca aconteceria. Nunca imaginei, nem uma vez sequer, que um nadador teimoso fosse capaz de vencer o nó.

Mas toda vez que pensava nesse bebê – o que não era para ser –, ele se tornava mais real e toda a minha vida parecia diferente.

O telefone ao lado da cama tocou e eu soube que era Mickey. Atendi meio gogue:

– Oi, você está zangado?

– Estou. Você não ligou.

– Eu sei, desculpe. – Bocajei e depois tossi. – Acho que estou pegando uma gripe. Voltei para casa e caí na cama.

– Ligue para Charlotte.

– Não é nada – falei, levantando-me. – Mas vou estar com ela hoje na cerimônia fúnebre e tocarei no assunto. E você, o que está fazendo?

– Lucy, qual é o problema? Estou percebendo alguma coisa estranha na sua voz. Me conte.

– Mickey – insisti, surpresa como sempre com sua capacidade de me ler tão bem. – Acho que é por causa da Celia – menti. – Não consigo parar de pensar nela. Gostaria que você estivesse comigo hoje, só isso.

– Sinto muito, meu amor. Eu estaria aí se pudesse, você sabe disso.

– Sei... Mas, olhe, só faltam três dias para sexta-feira.

– E Lily e Ron vão com você, certo?

– Sim, eles estarão lá.

– Lu, vou pensar em você o tempo todo enquanto estiver fazendo minha casa de passarinho de papel machê no grupo de artesanato.

Apesar de tudo, fui obrigada a rir.

Ele também deu aquela sua risada sonora, ruidosa, maravilhosamente normal.

– Sei que estou melhor quando tudo aqui começa a parecer *material*.

– Você está muito melhor. E logo vai voltar para casa. Vamos ter um fim de semana maravilhoso. – *Temos muito o que conversar.*

Tomei banho, sequei o cabelo e botei meu único vestido preto, um modelo solto, meio esvoaçante, de mangas três-quartos. Ao me olhar no espelho, pensei que ficava bem de preto. A cor combinava com meu cabelo acobreado, a pele alva e os olhos verdes. Das três irmãs Houston, a mais parecida com nosso pai sou eu. Embora tenha convivido com ele pouco mais de cinco anos, sempre imagino que, se ele fosse vivo, seríamos próximos. Sei que idealizo um pai que

não tive, mas... Nossa, como eu adoraria conversar com *aquele* homem hoje. Como eu adoraria ser como ele para meu filho, do jeito que me lembro dele, respondendo às perguntas difíceis do mesmo modo mágico que me acompanhou todos esses anos.

Então fiz uma coisa tola. Não sei no que estava pensando, mas peguei um travesseiro e o enfiei sob o vestido. Lá estava eu, talvez com a proporção um pouco exagerada – uns quinze meses de gravidez, mais ou menos. Ainda assim, quando me olhei no espelho, perdi o fôlego. Tudo ia dar certo, não ia? Eu sabia que não havíamos planejado isso, tínhamos feito o possível para evitar. Mas aconteceu. Daria certo. Eu tomaria cuidado. Faria acompanhamento mensal com Charlotte, de modo que, se alguma coisa na meu corpo se alterasse, veríamos logo.

E quem sabe? Talvez um bebê livrasse Mickey da sua bipolaridade. Tudo é possível, não é? E ele quase sempre se mostrava à altura da situação. Mickey, meu fantástico Mickey, era o mesmo homem de sempre. Mas isso não significava necessariamente que não podia ser um bom pai, certo?

Afaguei minha barriga falsa até ouvir o apito do trem, que, em Brinley, é mais confiável do que o relógio da cozinha. Eram dez e meia. Dando uma última olhada para minha imagem grávida, me liberei do travesseiro e me arrastei de volta à realidade. O que Charlotte tinha dito mesmo? “Deixe estar. Esteja grávida.” Passei mais uma vez o pente no cabelo e inclinei para encarar meu reflexo. De alguma forma, tudo daria certo, não é?

Eu estava fechando a porta da frente quando Ron e Lily pararam em frente à minha casa.

Ron acenou.

– Suburbanos preguiçosos – gritei. – Vocês moram logo ali na esquina.

Ron abriu a porta do carona e saltou, resignado.

– Ron vai se encontrar conosco no cemitério – explicou Lily. – Preciso pegar um sapato emprestado. – Minha irmã estava usando uma blusa branca, uma saia preta e, de fato, viera descalça. – Posso pegar aquele vermelho de bico fino?

– É difícil andar com ele.

– Não é, não. Já o usei.

Voltamos lá para cima e esperei sentada na cama desfeita enquanto Lily remexia no meu closet, saindo de lá não apenas com meu sapato, mas com meu colar preferido e os brincos que me dera de presente no Natal. Pegou o contrato emoldurado ao qual eu dormira agarrada e olhou para mim:

– Que regra você estava querendo quebrar, Lucy?

Perguntei a mim mesma quando contaria a Lily – ou se deveria contar. Claro que eu tinha que dizer a ela – somos tão próximas que fiquei surpresa por ela ainda não saber –, mas é claro que eu não podia. Não até contar a Mickey. Por isso, mesmo explodindo de vontade de falar a verdade, apenas a encarei e dei de

ombros.

O cemitério River Peace fica entre Brinley e Ivoryton, a menos de 1,5 quilômetro da minha casa. O dia estava bonito e Lily e eu fomos a pé. Passamos pela grande mansão Tudor, que abriga a Funerária Withers, e vimos Lainy Withers sair da garagem. Ela baixou a janela e nos ofereceu uma carona.

– Vamos a pé, Lainy – disse Lily, sem querer dar o braço a torcer quanto aos sapatos. – Mesmo assim, obrigada.

– Segundo a Dra. Barbee eu também devia caminhar – respondeu Lainy –, mas não tenho a menor vontade.

Rimos e ela seguiu seu caminho, de carro. Earl Withers e o filho, Chad, já deviam estar no cemitério, pois eram os responsáveis pelo culto à beira do túmulo. Os Withers organizam a maioria dos preparativos fúnebres em nossa cidade. Coube a eles providenciar os enterros de meu pai e minha mãe.

No cemitério, os carros ocupavam ambos os lados da trilha estreita que levava à sepultura de Celia, onde um grupo de amigos rodeava Nathan Nash. Celia e Nathan cresceram nas redondezas, casaram-se e criaram os filhos ali até o ano anterior, quando se mudaram para o Arizona. Eram adorados na nossa comunidade e ninguém esperava vê-los de volta tão rápido, ainda mais naquelas circunstâncias. Celia Nash, vibrante e bem-sucedida por seus próprios méritos, pusera Brinley no mapa ao se tornar uma famosa autora de livros infantis.

Vi Muriel Piper saltando de seu Cadillac. Parecia a personificação da elegância conservadora em seu terno de linho marfim e suas joias de bom gosto. Estava acompanhada pelo divertido Oscar Levine, seu namorado havia 25 anos. Oscar também se vestira com esmero, sem esquecer a gravata plastrão, sua marca registrada. O casal acenou ao nos ver.

– Como anda seu jardim? – perguntei a ela ao me aproximar.

Muriel riu.

– Meus joelhos não dão conta. Contratei os gêmeos Story para terminarem o trabalho.

Assenti enquanto ela me observava com atenção.

– Lucy, você está uma graça com esse vestido. É raro uma mulher ficar bem de preto, mas em você cai lindamente. – Muriel se virou para Lily: – E você está fantástica. Adorei o sapato!

– Ora, Muriel, muito obrigada – disse Lily, cutucando-me com o cotovelo.

Seguimos o casal pela trilha, no fim da qual encontramos Ron e Nathan conversando com Earl Withers junto ao púlpito improvisado. O viúvo de Celia, reservado e meio abatido, estava de pé a alguns metros de uma urna de bronze que continha as cinzas da esposa. Quando o abracei, ele estremeceu.

– Obrigado por ter vindo, Lucy.
– Eu não poderia deixar de vir – sussurrei, triste.
– Mic veio com você?
– Infelizmente, não. Ele ainda está em Edgemont.
– Ah, eu soube – disse Nathan. – Vamos nos encontrar quando ele estiver melhor.

Beijei seu rosto.

– Está combinado.

Logo atrás de Nathan, segurando uma cesta grande de margaridas africanas, estavam George e Trilby Thompson. Sempre que alguém na comunidade morria, o velho e rabugento George encomendava as mais belas flores e garantia que todos ganhassem uma. Havia anos que o casal fazia isso. Abracei Trilby.

– Eu soube que você quebrou o pé. Como vai?

– Foi só uma torção, mas isso vai me ensinar a andar numa sala cheia de tralhas.

– Tome, Lucy – interveio George, entregando-me uma flor, que aceitei antes de beijar seu rosto.

Quando me virei, minha vizinha Wanda Murphy me puxou contra o peito, macio como um travesseiro.

– Ouvi dizer que Mickey está melhorando.

Pensei em meu marido trabalhando em sua casa de passarinho de papel machê.

– É verdade, Wanda. Superamos mais uma.

– Isso mesmo, meu bem.

Apertei sua mão enquanto Lily me empurrava na direção de Jan, que ela acabara de ver. Jan Bates estava elegante de terninho preto, com seu cabelo branco arrepiado. Acariciou nosso rosto e notei que ela tinha chorado. Lily e eu a envolvemos num abraço.

– Estou arrasada – disse Jan. – Eu sabia que ela não estava mais entre nós, mas isto torna tudo tão...

– Ah, Jan, claro que é duro para você – falou Lily para a sogra.

Concordei, incapaz de acrescentar qualquer coisa. Jan ilustrou todos os livros de Celia, e as duas eram amigas íntimas.

Jan nos puxou para perto dela.

– E não consigo vir aqui sem pensar nos pais de vocês.

Eu tinha pensado o mesmo ao passar com Lily pelos túmulos deles e instintivamente nos darmos as mãos.

Por cima do ombro de Jan, vi Jessica Nash sozinha. A filha de Celia tinha o cabelo louro-avermelhado da mãe e os mesmos olhos grandes e apartados, agora inchados de tristeza. Pedi licença a Jan e Lily, fui até ela e a abracei.

– Ah, menina. Não há nada pior neste mundo do que perder a nossa mãe.

Aposto que você sente falta dela todos os dias.

Jessica assentiu. Quando tive certeza de que não iria chorar, acrescentei:

– Eu era um pouquinho mais velha que você quando a minha morreu.

– Foi de repente também, Lucy?

– Não. Ela ficou doente e levou um bom tempo para morrer.

Jessica engoliu a emoção.

– O que você acha que é pior?

– Acho que as duas situações são horríveis e que nós duas ainda devíamos ter nossas mães.

Choramos um pouco juntas, até que a avó de Jessica fez sinal para que ela ocupasse uma cadeira junto ao túmulo. Voltei até onde Lily estava, meio perdida em minha própria dor, lembrando coisas a respeito da morte de minha mãe nas quais não pensava havia algum tempo. O trem me despertando na cadeira ao lado da cama dela; seus olhos encovados me olhando de um jeito fixo e destemido ao me perguntar se eu estava preparada; suas mãos muito, muito quentes.

Dei a mão a Lily e deixei que o suave ruído de vozes da nossa pequena comunidade temperasse minha velha tristeza enquanto nos reuníamos para nos despedir de mais um morador da cidade. Foi reconfortante e me lembrei da paz que me envolveu quando estive ali para o funeral de minha própria família. No verão em que enterramos meu pai, eu não passava de uma garotinha estranhamente desligada. Eu já era adolescente e reagi de forma muito mais emotiva no dia que nos reunimos para sepultar minha mãe. Lembro-me, porém, de cada detalhe de ambas as ocasiões e da força que extraí-me daquelas pessoas.

– Ah, ela conseguiu – disse Lily, trazendo-me de volta à realidade.

Segui seu olhar até um BMW conhecido, estacionado ao pé do morro. Um instante depois, as pernas compridas da nossa irmã surgiram à porta do carro. Priscilla vestia um terno preto bem-cortado e usava saltos ridículos de tão altos, que a obrigavam a tomar muito cuidado para atravessar a trilha de cascalho. Chegando à parte plana, acenou para nós e foi até Nathan, que ficou emocionado com sua presença. Ele abraçou Priss e seus ombros grandes estremeceram ao afundar o queixo no cabelo louro dela. Nathan, Priss e Celia tinham estudado juntos e haviam sido grandes amigos. Priss murmurou algo no ouvido dele e tornou a abraçá-lo, antes de se aproximar de nós secando algumas lágrimas que escorriam por trás dos óculos escuros. Lily e eu seguramos, cada qual, uma de suas mãos, e Priss nos beijou, sussurrando para mim:

– Você não me ligou.

– Desculpe – falei, agradecida ao ver que Nathan começava a se dirigir ao grupo.

De um jeito doce, ele contou o que havia acontecido à esposa e como havia sido doloroso estar tão longe dos entes queridos nessa ocasião.

– Sem ela – prosseguiu Nathan – qualquer lugar é solitário demais. No entanto, ela era parte da comunidade de Brinley, e é aqui que gostaria que ficássemos. – Ele deu de ombros. – Estaremos bem graças a vocês, queridos amigos. Obrigado por tudo.

A cerimônia fúnebre foi linda, mas totalmente destituída do clima que senti quando meus pais morreram. Não éramos religiosos, mas o pastor foi enfático ao afirmar a existência de Deus e dizer que Ele estava no comando. Só ouvir aquilo de alguma forma já amenizara a perda, ao menos para mim. Isso e as promessas do meu pai.

Quando Nathan terminou, Jan e Harry se aproximaram para falar com Priscilla e depois Trent Rosenberg se apossou de minha irmã. Anos atrás, minha mãe e Priss tiveram uma briga séria por causa de Trent e sei que, se estivesse aqui hoje, minha mãe não ficaria nem um pouco feliz em ver aquilo. Deixei de lado minhas especulações sobre o relacionamento deles e segui a trilha até o grande carvalho que projeta sua sombra sobre os túmulos dos meus pais.

No ano em que meu pai foi sepultado, a polícia de Brinley – quatro oficiais – doou o banco de mármore em que mandaram gravar seu nome. O banco vive protegido do calor pela sombra das árvores, provavelmente com séculos de idade. Sentei e inspirei o ar fresco da clareira. O dia estava bonito, o céu era de um azul estival, como o do rio Connecticut, que marulhava a menos de três metros dali. Como lugar para o descanso eterno, não era nada mau. Numa pequena elevação, no extremo do cemitério de River's Peace, logo acima das margens do plácido Connecticut, meus pais jaziam separados dos demais moradores por uma trilha de cascalho.

Um instante depois, Charlotte apareceu. Vestia um terno de seda cor de café, que ondulava ao sabor da brisa. O longo cabelo grisalho lhe descia pelo pescoço em ondas grandes. Ela suspirou ao olhar para a grande lápide com o nome da minha mãe.

– Sinto falta dela todos os dias – falou, sentando-se ao meu lado.

Assenti. As duas haviam sido amigas desde antes de inventarem a amizade, como dizia minha mãe. Com certeza desde antes de eu nascer.

– E aí, como você está? – indagou Charlotte.

– Tudo bem. Obrigada por ontem. Fiz o que você recomendou e funcionou, só que agora ando com umas ideias que provavelmente não deveria ter.

– Tipo?

– Não consigo acreditar que esse bebê, que acabei de saber que existe, já se apossou do meu coração. Como isso é possível?

Charlotte sorriu.

– Você contou ao Mickey?

– Ainda não. Vou contar no fim de semana, quando ele voltar para casa. Por enquanto é meu segredinho. – Balancei a cabeça. – Eu não tinha ideia de que me

sentiria assim. Não sei o que fazer.

Charlotte tirou os óculos escuros.

– Sei da decisão que você e Mickey tomaram e a entendo. Você fez a sua parte, Lucy. Não sei o que pode ter acontecido depois de todo esse tempo, mas parece que você tem um embriãozinho muito decidido aí dentro.

Suspirei.

– Charlotte, o que a minha mãe me aconselharia a fazer?

– Ora, por favor! Ela já teria escolhido um nome e estaria tricotando uma manta.

As lágrimas chegaram sem aviso.

– Tem certeza? Não sei. Não se ela soubesse de tudo que Mickey e eu podemos passar para este bebê.

– Talvez não passem. – Charlotte acariciou minha mão. – Lucy, apesar de todas as previsões e pesadelos de vocês, não dá para saber o que o futuro reserva.

– Sei o bastante. Olhe para mim. Talvez eu nunca adoeça de novo. Sei disso. Mas e ela? E não se esqueça de Mickey, trancado na ala psiquiátrica de um hospital.

– É um dilema, Lucy, não nego.

– Mas?

– Mas o que, minha querida? Você acha mesmo que sua mãe faria algo diferente do que fez? Acha que, se ela soubesse que iria perder o marido como perdeu ou que iria morrer tão jovem, teria feito as coisas de outro modo?

– Não é a mesma coisa, Charlotte. Ela *não* sabia. Eu sei.

– Se é o que você acha...

Tossi para desfazer o nó na garganta.

– Isso não deveria ter acontecido. E agora, eu...

Olhei a lápide de mamãe e pensei na estranha situação em que me encontrava: entre pais falecidos e um filho que não deveria permitir que nascesse. A brisa fez os brincos de Charlotte tilintarem e, ao me virar, peguei-a me observando. Ela tinha uma beleza serena, o rosto levemente bronzeado ostentando rugas de sabedoria e compreensão.

– Então é uma *menina*, hein?

Balancei a cabeça.

– Essa é outra coisa terrível! Não sei dizer como, mas tenho certeza de que é uma menina. E com esses meus genes, um menino seria muito melhor. Mas é uma menina, eu sei. – Baixei a cabeça e pus a mão na testa. – Charlotte, o que estou fazendo?

– Preocupando-se com coisas que não pode controlar.

– Eu tenho *algum* controle.

– Tem? Se estamos falando de aborto, não consigo nem imaginar.

– Nem eu. – Suspirei. – Mas nada mudou. Todos os motivos pelos quais

jamais teríamos um bebê continuam valendo.

Charlotte pegou minha mão e a afagou.

– Eu sei. Como você acha que Mickey vai se sentir com relação a uma filha?

– Ah, Charlotte! Nada o faria mais feliz.

Contemplei o rio e deixei que a provável reação de Mickey ocupasse minha cabeça.

Foi assim que Priscilla nos encontrou e, ao se aproximar, notei que parecia meio assustada.

– O que está havendo?

Balancei a cabeça, grata por ela não ter ouvido a nossa conversa.

– Nada.

Priss veio até nós – claramente não estava convencida – e me dei conta do que ela vira: a irmã, com uma expressão sombria, segurando a mão da médica no dia seguinte ao checkup.

Charlotte ficou de pé e abraçou minha irmã.

– Estávamos apenas conversando sobre seus pais.

– Sério? – Priss olhou para mim e assenti.

– Muito bem, vou indo – disse Charlotte. – É sempre um prazer ver vocês, meninas. Espero que da próxima vez seja em circunstâncias mais alegres.

Priss e eu observamos Charlotte partir. Então minha irmã se sentou e pegou minha mão.

– Não me assuste desse jeito.

– Não tive a intenção.

– Não podia ter me ligado?

– Desculpe. Eu me esqueci. Quando lembrei, me dei conta de que nos encontraríamos hoje e resolvi falar com você pessoalmente.

– Nada disso. Até hoje de manhã nem eu sabia se conseguiria vir. Tenho andado atolada de trabalho.

– Bom, fico feliz que tenha conseguido. Estou ótima. Está tudo ótimo. E sei que Nathan ficou feliz de ver você.

Priscilla balançou a cabeça, com uma ruga profunda formando um vinco no meio da testa.

– Eu gostaria que tivéssemos menos oportunidades para nos reunirmos aqui.

– Sei disso.

Ficamos caladas alguns minutos, perdidas em nossas lembranças. Por fim, Priss deu um suspiro.

– Então, como ele está?

– Melhorando. Vai para casa na sexta-feira.

Ela aquiesceu.

– Não sei como você consegue.

– Sabe, sim – respondi, apertando a mão dela.

Minha irmã me deu um beijo no rosto.

– Me ligue quando receber o resultado do exame de sangue.

Ela se levantou e se afastou para ir embora. Priscilla é uma boa pessoa, mas é preciso transpor as barreiras impostas por sua personalidade. Poucas coisas a deixam vulnerável, mas minha saúde é uma delas. A dela é outra. No passado era sua saúde e um homem.

Aconteceu na noite em que Mickey e eu conversamos um tempão na lanchonete do hospital. Depois de me despedir dele, voltei ao quarto de Priscilla, onde a encontrei aos prantos.

– O que foi, Priss? – perguntei. – Está com dor?

– Não.

– Quer que eu saia?

– Não! Eu estava esperando você.

– Por quê? Precisa de alguma coisa?

– Só não quero ficar sozinha, está bem? – retrucou ela.

Sentei e a ouvi conter a emoção, ciente de que, se acendesse a luz, veria suas lágrimas.

– Não é por causa do câncer, é, Priss? Charlotte disse que as notícias são as melhores possíveis.

– Não é o câncer. Mas as notícias são um alívio.

Ela não falou mais nada durante um bom tempo, mas continuou chorando. Finalmente, me aventurei:

– Fale comigo, Priss. O que houve?

Ela demorou um minuto, mas conseguiu se abrir:

– Ele é casado.

– Quem? – Durante um segundo egoísta pensei que ela estivesse falando de Mickey, que tivesse se arrastado até a lanchonete para me espionar e soubesse alguma coisa sobre ele que eu desconhecia. – Quem é casado?

– Faz mesmo diferença saber o nome? É um cliente, é casado e eu sou uma idiota. Sou um clichê ambulante – rosnou. – Como posso ter sido tão burra?

– Priss, querida, do que você está falando?

– Quebrei minha regra de ouro e me apaixonei por um cliente.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo?

– Há quase um ano.

– Um ano? Você o ama?

– Ah, Lucy – gemeu Priss. – Eu o amo a ponto de não existir sem ele e não sei o que fazer agora.

Eu nunca ouvira minha irmã falar desse jeito. Ela era a última pessoa que eu imaginaria que se deixaria magoar por um homem. O mundo a considerava autossuficiente, obstinada e ambiciosa. Ela era a sócia mulher mais jovem que o escritório já tivera. Os amigos sabiam que ela gostava de música neoclássica e

acreditava que a alimentação macrobiótica a manteria jovem. Lily e eu sabíamos que ela odiava o elíptico, mas mesmo assim passava 45 minutos se exercitando nele todo dia. Sabíamos que ela fazia biscoitos só para comer a massa e que tinha um estoque de caxemira com o qual um dia tricotaria echarpes usando agulhas caras de bambu. Mas, para Priss, os homens eram como sobremesa (luxo ao qual raramente cedia): a que se comeu uma semana ou um mês antes não costuma justificar um relatório. Então por que esse se tornara tão especial? Um cliente casado, ainda por cima! Onde ela estava com a cabeça?

Deitei na cama ao lado dela e passei o braço em volta dos seus ombros, surpresa por ela não me afastar. Minha irmã choramingou encostada em mim até eu achar que meu coração ia se partir de dor por ouvi-la. Depois que parou de chorar, falei:

– Comece pelo início. E fale devagar.

O cliente casado era Kenneth Boatwright, na época com 41 anos, enquanto Priss tinha 28. Tinham se conhecido quando ele escolheu o escritório dela para representar sua empresa. Minha irmã liderava a equipe responsável pela conta. Boatwright sofria em meio a um divórcio difícil. *Claro*, pensei, embora não tenha dito nada. Seria suicídio. Ela o descreveu como alguém de dar água na boca, mas não para se exibir, fosse lá o que isso quisesse dizer. Segundo Priss, bastaram cinco noites quase inteiras conversando ao telefone – basicamente sobre ele, sinal irrefutável de que Priss havia sido fígada –, para começarem a sair juntos. Daí em diante, não conseguiram mais se separar.

A empresa dele tinha escritórios em vários lugares e continuava a abrir mais, o que significava, claro, que eles tinham que viajar juntos. O caso foi inevitável. Assim como o seu fim, porque, como tantos outros homens de destaque, Kenneth Boatwright vivia *passando* por um divórcio, sem jamais chegar ao outro lado, onde Priss o aguardava para iniciar sua vida com ele.

Minha irmã foi atingida em cheio pela realidade nas 24 horas após ser diagnosticada com câncer. Assustada e vulnerável – dois estados de espírito totalmente estranhos a Priss –, ela contatou Kenneth em sua casa de veraneio em Maui para lhe contar o que estava acontecendo e lhe implorar que ficasse a seu lado. O charmoso Sr. Boatwright respondeu que sentia muito que ela estivesse passando por isso, mas que não podia ajudá-la. Acrescentou que aquele era um momento péssimo para Priss ligar, embora, ao que parece, fosse bom o bastante para lhe dizer que ele a esposa iam se dar mais uma chance... Pelo bem das crianças. Os filhos tinham 15 e 12 anos.

Eu jamais diria isso, mas minha irmã tinha razão. Ela era um clichê – magoada, enganada, usada e trocada pelos filhos.

– Sinto muito, Priss.

– Ele me ama – choramingou. – Como pôde fazer isso comigo?

– Eu sei. – Assenti, passando os dedos em seus cabelos.

Tive vontade de matar Kenneth Boatwright naquela noite. Ele partira o coração da minha irmã durona e esperta. Que eu soubesse, ninguém jamais fizera isso.

Agora observei-a se despedir de Nathan Nash no pé do morro. Ela tocou o rosto dele e lhe deu um beijo. Nathan a viu se afastar, provavelmente enxergando o mesmo que todos nós: uma mulher bonita, que parecia invulnerável. Só Lily e eu conhecíamos a cicatriz que ela tinha no coração.

Nunca voltamos a falar de Kenneth Boatwright. Pelo menos não a sério. Tentei uma vez, mas Priss apenas me lançou um olhar que não deixava margem a dúvidas. Acho que mudou de assunto com um comentário desagradável sobre meu cabelo.

10 DE OUTUBRO DE 1999

Lucy era um pacote completo. Acho que eu soube disso na noite em que a conheci. Ela fazia parte de um trio de irmãs que cuidavam umas das outras – às vezes como leões – e percebi que precisava de aprovação se quisesse fazer parte de sua vida. Lily foi a primeira a me testar. Fazia uns dois meses desde que Lucy e eu ficáramos juntos e já estava apaixonado por ela. Certa noite, Lily bateu à minha porta e fiquei surpreso ao vê-la. Ela entrou e nem sequer se sentou. “Lucy está se apaixonando por você, Mickey”, disparou. Eu assenti. Então ela despejou tudo: queria saber o que eu (o louco) pretendia fazer a respeito. Seu lábio inferior estremeceu e me dei conta de que minha resposta seria decisiva. Eu precisava de Lily. Poderia me virar sem Priss se fosse necessário, mas Lily era imprescindível. Respondi que ela tinha todo o direito de se preocupar; teoricamente, sou um pesadelo. Ela disse que sabia disso. Não consegui imaginar nada mais a fazer para tranquilizá-la além de afirmar que o fato de sofrer de transtorno bipolar não significava que eu fosse incapaz de amar sua irmã. Os olhos de Lily se encheram de lágrimas e temi ter dito algo errado. Falei que, apesar da doença, eu daria a Lucy tudo que tinha para dar e garanti que jamais a magoaria de propósito. Fiz isso prendendo a respiração e guardando para mim mesmo os detalhes. Não contei a Lily, por exemplo, que enterrara meus sonhos dentro de mim; não falei da lista de coisas que eu sempre quis, mas que alguém como eu jamais conseguiria ter. Não contei que, no dia em que minha mãe morreu, comecei a arquivar desejos, esperanças e todas as coisas inatingíveis. Mas já havia contado tudo isso a Lucy.

Tínhamos passado metade de uma noite conversando, sentados no balanço da minha varanda. Poderíamos ter passado a outra metade do mesmo jeito. Os pés descalços de Lucy descansavam em meu colo e eu acariciava seu tornozelo macio enquanto lhe falava da existência dessa lista, como e por que a criara. Quando terminei, ela sorriu para mim, os olhos cintilando sob a luz do luar, e disse: “Você percebe agora que não tem alternativa senão me amar, Michael Chandler?”

“Por quê?”, perguntei.

Ela me beijou e sussurrou no meu ouvido: “Porque posso lhe dar todos os itens dessa lista.”

Pensando no momento em que ela me levou a acreditar nisso, senti um nó na garganta. Lily estava me perguntando como eu pretendia amar essa

mulher. O que eu podia dizer? Será que dava para acreditar que eu não estragaria tudo? Não... e eu sentia muitíssimo por isso. Mas prometi a Lily que ela podia confiar no meu amor por Lucy, porque essa era a razão de tudo que eu havia enfrentado para chegar até ali, a razão de tudo que eu enfrentaria para continuar ali – na vida de Lucy. Olhei para Lily e tentei não chorar, quase fracassando. Ela se aproximou de mim com lágrimas nos olhos e apenas me encarou, como se procurasse um sinal de mentira.

Por fim, me abraçou e falou: “Não me admira que Lucy ame você, Mickey. Por favor, só me prometa que será bom para ela.”

Eu a abracei mais forte: “Se eu tiver a sorte de conquistar sua irmã, prometo que darei o melhor de mim.”

Ter Lily como irmã é meio como viver diante de um espelho que reflete apenas o que há de melhor em mim. Eu teria muita sorte se fosse realmente a garota que minha irmã enxerga. Mas esse é o jeito de Lily. Ela me contou que, quando nasci, achou que eu fosse um presente da mamãe para ela, uma boneca nova sobre a qual derramar seu amor infinito. E eu, ao que parece, fui obediente e receptiva. Segundo a lenda familiar, minha irmã costumava reunir seus bichos de pelúcia e suas bonecas num círculo e me botar no centro. Depois, ela ensinava a essa “turma” esdrúxula o alfabeto, contas simples, músicas, números e poemas. Cheguei ao primeiro ano já sabendo ler e mamãe disse que eu devia agradecer a Lily, que havia entoadado, com enorme entusiasmo, palavras e frases que insistira em que eu repetisse. Lembro-me muito bem disso, embora também precise dar crédito a meu pai pelas práticas de leitura de manhã cedo.

Sempre achei que Lily e eu éramos um pouco gêmeas em nossa sincronia de almas. Ela me conhece de um jeito inexplicável. É capaz de sentir se estou alegre ou angustiada. Torce pelas minhas expectativas, chora minhas lágrimas, ri meu riso. E eu a conheço do mesmo modo. Vejo a força de Lily mesmo quando ela insiste que tal força não existe.

Como irmãs, partilhamos a morte de nosso pai, repentina e trágica, e a de nossa mãe, lenta e dolorosa. Depois Lily perdeu o bebê que era o centro da sua vida. E quase me perdeu também, quando o câncer chegou perto de vencer a batalha. Lily odeia falar dessas coisas, e sei que às vezes o medo quase a sufoca. Porém, há mais coisas em Lily do que medo e luto. Por baixo de tudo o que há de errado sempre existe algo certo também. Ela tem Ron, que faz parte das nossas vidas desde sempre.

Lembro-me do Dia de Ação de Graças, três meses após a morte de mamãe. Estávamos todas no quarto de nossos pais. Lily tinha acabado de chegar e se aboletara na cama, onde eu lia anúncios na vasta seção de liquidações do jornal.

Priss, sentada na cadeira de nosso pai, pintava as unhas dos pés e Leno acabava de engatar seu monólogo na TV.

– Como foi o passeio? – perguntei, circulando o anúncio de uma panela Crock que achei que Jan gostaria de ganhar de Natal.

– Sei lá – respondeu Lily, preocupada. – Ron anda tão estranho. Nervoso. Acho que está tentando terminar comigo.

– Ron terminar com você? Não me faça rir – retruquei.

– Não seria o fim do mundo – interveio Priss. – Existem outros caras, sabia?

– Já saí com outros caras, Priscilla – rebateu Lily.

– Ah, é. Eu me esqueci do seu ano de encontros experimentais.

– Graças a Deus acabou – murmurou Lily. – Mas agora Ron está tão...

Ela me pareceu agoniada e fiquei surpresa.

– Lily...

– Talvez haja alguém na escola para quem ele queira voltar – disse ela, balançando a cabeça e dando um grande suspiro. – Não quero mais pensar em Ron. Do que vocês duas estavam falando?

– Da véspera de Natal – respondi.

– Ainda dá tempo de desistir da festa. – Priss voltou a defender seu argumento com relação à discussão que estávamos tendo. – Há coisas que têm que acabar.

– Nem pensar – insisti. – Já perdemos coisas demais, não podemos abrir mão disso também. Precisamos fazer a festa... Pela mamãe.

– Eu concordo com a Lu, Priss – falou Lily, distraída. – É uma tradição.

– Que novidade! – falou Priss, embora soubesse que tínhamos razão.

Quando se mudaram para Brinley, nossa mãe estava grávida de Priscilla e nosso pai tinha acabado de ser contratado como o segundo da força policial de apenas dois homens. Não conheciam ninguém, por isso resolveram abrir a casa para se apresentarem, e aproveitaram o Natal para isso. Daí em diante, a festa passou a acontecer todos os anos, na véspera de Natal, e eu não conseguia imaginar o feriado sem ela. No fim, Priscilla não chegou a bater de frente conosco, porque, mesmo que não admitisse, era em Brinley que estava seu passado. Independentemente dos lugares aonde a vida a levasse, tudo havia começado ali, no coração daquela comunidade.

Priss cedeu com um suspiro profundo e, uma hora depois, já tínhamos acertado todos os detalhes. Eu me enfiei na cama de mamãe e Lily, vestida em seu pijama, deitou-se ao meu lado. Priss era a única que prestava atenção ao *Perry Mason* na TV. Mas nós todas ouvimos quando, lá embaixo, a porta da frente abriu e fechou. Alguns segundos depois escutamos passos na escada. Estendi o braço e peguei a mão de Lily, enquanto meu olhar encontrava o de Priscilla, que, tensa, tinha se levantado e estava se esgueirando até a porta. Depois de olhar para o corredor, ela relaxou:

– O que você está fazendo aqui?

Ron Bates entrou no quarto, pálido como um fantasma. Lily sentou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos.

– O que você está fazendo? – indagou.

– Lil... Podemos... Podemos conversar a sós?

– Não. Não! Isto não está acontecendo.

– Lily, por favor.

– Não vou a lugar nenhum com você, Ronald Bates! – gritou minha irmã. – Você vai ter que terminar comigo bem aqui, na frente das minhas irmãs.

Priscilla cruzou os braços, ergueu o queixo e encarou Ron, que parecia em choque.

– Não vamos a lugar algum, seu cara de pau. Termine logo o namoro e vá embora. Estamos tentando assistir ao *Perry Mason*.

Ron abriu a boca, estupefato.

– Não vou terminar com você, sua boba! Lily, eu quero me casar com você!

Foi como se ele tivesse feito o pedido a mim, porque minha reação não poderia ter sido mais parecida com a de uma noiva. Dei um salto e comecei a gritar e a pular na cama, enquanto Ron beijava Lily e Priss aumentava o volume da TV.

Ron Bates amava minha irmã desde criança, e um amor tão puro assim devia ser o sonho secreto de toda mulher. Lily o realizara, e eu queria o mesmo para mim. Por isso, à medida que me envolvia mais e mais com Mickey, ligava para minha irmã para contar tudo. Ela se mostrava devidamente curiosa e paciente com as descrições detalhadas dos nossos encontros. Como não podíamos nos ver com frequência – eu ainda morava em Boston, e Mickey, em Connecticut –, ele sempre tornava especiais as ocasiões em que nos encontrávamos, o que deixava Lily empolgada. Fosse um dia passado no lago Bashan, que eu chamava de lago do Mickey, porque sua casa ficava bem na margem, ou quando me surpreendia com ingressos para assistirmos aos Boston Pops na Concha Hatch, ou na vez que me mandou encontrá-lo no aeroporto e viajamos para Nova York porque ele conseguira entradas para o *David Letterman*, Mickey se dedicava ao máximo. Certa vez reservou um cinema inteiro em Colchester para que só nós dois assistíssemos a *Melhor é impossível*. Na cena em que o personagem de Jack Nicholson está no auge da obsessão e Helen Hunt ergue os braços em desespero, Mickey se inclinou e sussurrou em meu ouvido: “Essa é a nossa vida.” No fim do filme, quando os dois ficam juntos, falei a mesma coisa para ele.

Lily costumava dizer que éramos melosos de tão românticos, e acho que ela tinha razão. Eu adorava estar com Mickey. Adorava suas grandes produções tanto quanto seus momentos de serenidade. Ficava feliz de acompanhar seu ritmo – andávamos de bicicleta, fazíamos caminhadas, pescávamos e jogávamos boliche. Ele não era capaz de rebater uma bola de tênis, e eu não sabia jogar golfe, mas, fora isso, tínhamos muitas afinidades. Eu adorava observá-lo olhando

para mim. Adorava vê-lo fascinado por meus sentimentos por ele. Adorava as coisas ternas que ele fazia. Quando não conseguia encontrá-lo porque precisava passar o fim de semana todo com meu grupo de estudos, ele sempre mandava comida – pizzas, doces, sanduíches especiais – e às vezes até flores. Sempre amei suas muitas facetas, que, segundo ele, eram parte de seu transtorno. Só que eu não encarava isso como transtorno, mas como uma bela tapeçaria se revelando aos meus olhos.

“Tome cuidado, Lu”, dizia minha irmã. O conselho era bom, e ela o repetia toda vez que nos falávamos, ou seja, quase todos os dias.

Com Priscilla, era raro eu partilhar essas coisas. Por pior que isso soe, não chegava a ser incomum. Priscilla era um tipo diferente de irmã. Deixou Brinley – e eu e Lily – aos 17 anos, gritando que já ia tarde para minha mãe chorosa, com quem brigara durante todo aquele ano. Eu tinha 10 anos na época, e Lily, quase 14. Ficamos aliviadas quando Priss se foi. Mesmo naquela época, nós duas sabíamos que jamais sairíamos de Brinley. Priscilla mergulhou de cabeça numa vida de competitividade corporativa feroz, na qual quem não tem sucesso morre. Estava decidida a fugir tão rápido e se manter o mais distante possível de Brinley. Lily ficou, se casou com o vizinho e acabou com sua vida, pelo menos na opinião de Priss. O júri ainda não tinha chegado a um veredicto a meu respeito, já que Priscilla se recusava a acreditar que eu de fato voltaria a Brinley para morar na casa em que havíamos crescido e lecionar na escola onde tínhamos estudado. Mas na verdade esses eram exatamente os meus planos. Ela nos amava, mas não facilitávamos as coisas. Priscilla optou pela sofisticação, à qual Lily e eu éramos indiferentes. E, com tão pouca coisa em comum, era difícil imaginar que Priscilla fosse se interessar pela minha vida amorosa. Só que minha vida amorosa era Mickey Chandler.

Acho que foi porque Priss o vira primeiro que jamais consegui contar a ela sobre o nosso relacionamento. Embora eles nunca houvessem tido nada, eu tinha quase certeza de que a ideia de *ele ficar comigo* jamais lhe passaria pela cabeça. Ainda assim, eu imaginava que, em dado momento, convidaria Priss para almoçar, passaria uma hora botando o assunto em dia e depois, como quem não quer nada, mencionaria estar saindo com Mickey. Eu poria tudo em pratos limpos, defenderia minha posição e não diria nada além de que estava me apaixonando por ele.

Mas nunca cheguei a lhe contar e, quando ela descobriu, não foi agradável.

Foi num evento de gala em Cambridge, destinado a angariar recursos para a Sociedade de Auxílio às Crianças de Massachusetts. Mickey foi um dos artistas contratados. Modéstia à parte, formávamos um casal deslumbrante – Mickey de smoking e eu num vestido tomara que caia longo de chiffon vinho, com brincos pendentes que refletiam a luz. Mickey estava no palco, falando de uma invenção em que andava trabalhando – uma parede de velcro na qual atirar as crianças se

os pais quisessem um descanso.

Eu sorria para ele quando Priscilla se aproximou da minha mesa num vestido cinza metalizado tão colante que dava a impressão de estar grudado em suas curvas. O cabelo estava mais claro que da última vez que eu a vi e ela parecia uma modelo de capa de revista – uma bem ousada. Surpresa por me ver numa festa tão exclusiva, ela se inclinou para dar um beijinho afetado no meu rosto e perguntar o que eu fazia ali. Antes mesmo que eu pudesse responder, Priss se acomodou, à vontade, na cadeira de Mickey, de olhos fixos no palco.

– Dá para acreditar, Lucy? Você sabe quem é esse cara, não sabe? Será que estava escrito nas estrelas? Kenny Boatwright já era. E desta vez, Lucille – disse ela, encarando-me com afetação –, não se meta em meu caminho.

– Priss, tenho que lhe contar uma coisa.

Mickey tinha acabado de terminar sua apresentação e a plateia o aplaudia de pé. Priscilla se levantou, puxou a barra do vestido e tornou a ajustar o corpete. Depois, saiu atrás de sua presa. Meu namorado.

– Priscilla, tenho mesmo que lhe contar... – gritei, mas ela me dispensou com um gesto.

Mickey vinha se encaminhando para a nossa mesa, mas um fã empolgado o deteve. Prendi a respiração, sabendo que aquela era uma tragédia anunciada e que eu nada podia fazer a respeito. Mickey não parou ao ver Priscilla. Apenas passou por ela, se aproximou de mim e me deu um beijo na boca. Os convidados ainda aplaudiam e Mickey acenou para agradecer.

Pude ver pelo rosto de Priscilla que ela ficou sem graça. Seus olhos transbordavam humilhação, mágoa e aborrecimento, mas se isso era por ele estar comigo ou resultado da afronta de Mickey, eu não soube dizer. Larguei a mão de Mickey e me aproximei dela depressa. Sei que Priss teria preferido ir embora e esquecer que nos vira, mas segurei seu braço antes que ela fizesse isso.

– Priscilla...

Mickey surgiu de repente ao meu lado:

– Oi...

– Mickey, você se lembra da minha irmã – falei, apertando a mão dele como um torno para tentar lhe transmitir a importância de sua resposta.

Seu olhar indiferente, porém, desferiu o golpe derradeiro no ego de porcelana de Priss. Minha irmã assentiu, indignada.

– É um prazer vê-lo de novo, Mickey – disse ela, com um sorriso forçado. – Nós nos conhecemos na festa de aniversário de Lucy no ano passado.

Se o lembrete produziu algo além do que ele já demonstrara, sua expressão não denunciou, mas Mickey disfarçou:

– Claro. Como vai?

– Estou ótima. E você continua muito engraçado. – Em seguida ela se foi, sem me dizer uma única palavra.

- É a sua irmã?
- É! Lógico que você se lembra de Priscilla.
- Priscilla? Ela sempre foi louca assim?
- O quê?

– Desculpe, Lu. Ela não parece a garota da sua festa. Sinto muito. Sou tão burro. Eu a magoei, não foi? Como posso consertar?

Olhei para Mickey, e toda a minha angústia se dissipou diante de sua expressão preocupada. Ele ficara chateado por ter magoado minha irmã. Não zombara dela, o que poderia ter feito de diversas maneiras, e não quis tentar justificar a grosseria involuntária. Apenas a assumiu com uma integridade que Priscilla jamais demonstraria caso os papéis fossem inversos. Sorri para ele.

- É por isso que gosto de você, sabia?

Eu o beijei e ele pareceu confuso, pois não fazia a menor ideia do que eu estava falando.

No dia seguinte, finalmente pus em ação meu plano do almoço, apesar de saber que era um pouco tarde para que as coisas saíssem como eu esperava. Priss se atrasou 45 minutos, deixando-me sentada no Maggiano's. Comi os pãezinhos do couvert e estava tomando meu terceiro ice tea, embora soubesse que ela acabaria aparecendo. Priss me avisara que talvez fosse se atrasar, o que era a sua maneira de dizer *vou chegar a hora que eu quiser*.

Eu já estava quase acabando de comer minha salada Caesar com frango, quando ela enfim apareceu. Olhou para o meu prato enquanto tirava o blazer e alisava a saia.

- Muito bonito, Lucy.
- Consultei o relógio.
- Você também, Priss.

Ela pediu uma salada verde, com molho à parte, e água. Assim que o garçom se afastou, Priss se recostou na cadeira, cruzou os braços e retesou o queixo, olhando para mim.

Suspirei.

- Dá para descer do pedestal?
- Não sei do que você está falando.
- Sabe, sim.
- Ando muito ocupada, Lucy. Por que quis falar comigo?
- Empurrei meu prato e me inclinei sobre a mesa.
- Eu devia ter feito isso antes. Sinto muito, Priss. Quanto a ontem...
- O que que tem?

– Bem, estou namorando Mickey Chandler. Já faz alguns meses. Acho que estou apaixonada e, se ele me pedisse em casamento hoje, eu provavelmente aceitaria. – Como sua expressão não se alterou, não tive alternativa senão ser mais incisiva: – Sei que andou de olho nele... E foi meio constrangedor ontem à

noite, sinto muito. Enfim, é isso que está acontecendo, e eu tenho coisas importantes para lhe contar. Vamos esclarecer tudo logo?

Priscilla me fuzilava com os olhos.

– Em primeiro lugar, Lucille... o que faz você achar que eu me importo?

Voltei a me recostar na cadeira e suspirei.

– Em segundo lugar... Parabéns.

– Obrigada, Priss – falei, com cautela.

A salada de Priscilla chegou. Ela pegou o garfo e prosseguiu:

– Só para constar, depois que dei uma boa olhada nele ontem, percebi que não estou nem um pouco interessada.

– Que ótimo. Isso facilita as coisas, não é?

– Suponho que sim. – Ela deu de ombros e pôs um tomate na boca. – Então, que coisas importantes tem a me dizer a respeito de vocês dois?

Essa era a parte que eu temia, mas não havia como escapar. Pigarreei.

– Já ouviu falar de transtorno bipolar?

– Já. É uma doença mental. Por quê?

– Bem... Achei que você devia saber que Mickey tem essa doença.

Priss parou de mastigar e pousou o garfo no prato, mas não disse nada durante tanto tempo que me senti obrigada a preencher o silêncio. Contei a ela da terapia regular de Mickey e expliquei o efeito dos remédios sobre o humor dele. Falei de como a hipomania o tornava produtivo. Só não contei nada sobre as depressões ou os pensamentos suicidas que ele tivera no passado. Priscilla me ouviu sem interromper, mas, quando terminei, me encarou durante um minuto antes de falar. Eu devia saber o que me esperava.

– Você está mesmo tão desesperada assim?

– O quê?

– Estou falando sério, Lucy. Seu desespero é tão grande assim? Porque tenho certeza de que, se tentasse, você conseguiria atrair um homem adequado, saudável. Por que perder tempo com esse?

Eu a encarei.

– Pode parar, Priscilla. Estou falando sério. A escolha é minha e o relacionamento também.

– Bem, querida, você terá que encontrar outro. Não precisa desse aí. – Seu tom não era especialmente desagradável, mas suas palavras me magoaram.

Balancei a cabeça.

– Pense no que está fazendo, Lucy. E descubra um jeito de terminar esse namoro. Você pode conseguir coisa melhor. Merece mais que isso.

Lancei um olhar duro para minha irmã.

– Acho que não temos mais o que conversar – falei, jogando meu guardanapo na mesa. – Não devo satisfações a você nem permito que me critique.

– Como é que é? – disse minha irmã, parecendo surpresa de verdade.

– Estou falando sério, Priss. Isto pode significar um rompimento entre nós duas. Você tem que aceitar isso e ser legal, ou ficamos por aqui. Você tem sua carreira, nunca está presente. Por isso não vai fazer muita diferença, se essa for a sua escolha. Mas, se quiser continuar a se relacionar comigo, vai ter que aceitar a minha vida, e isso inclui Mickey.

Pus uma nota de 20 dólares na mesa e me levantei.

– Aonde você pensa que vai? Não terminamos esta conversa.

– Eu já disse tudo o que tinha para dizer. Estou indo embora para que você pense bem no que vai fazer.

Então saí, sentindo mais raiva do que queria.

No final daquela noite, Priscilla apareceu no meu apartamento. Eu já estava deitada e, apesar de sua maquiagem, pude perceber seu cansaço. Usava o mesmo terninho da hora do almoço, ainda parecendo bastante composta, exceto pela blusa que estava para fora da calça.

– Você estava trabalhando? São duas horas da manhã.

– Sim, eu estava trabalhando – rosnou ela. – É o que eu faço, lembra?

– Quer entrar?

Ela me encarou com um olhar duro e as lágrimas a traíram.

– Droga – sibilou.

– Quer se sentar?

– Não, não quero me sentar.

– Priss, o que você veio fazer aqui?

Minha irmã levou uma das mãos à testa e deu um suspiro.

– Vim aqui porque... quero fazer as pazes.

– O quê?

– Você ouviu. Quero que a gente fique bem e, se eu precisar pedir desculpas, tudo bem, eu peço. E, se tiver que ficar calada a respeito de Mickey, tudo bem, farei todo o possível.

– Sério?

– Não fique tão chocada – atalhou Priss. – Não sou a vaca desalmada que você pensa.

Fui até ela e a abracei.

– É, sim, Priss, mas amo você mesmo assim.

Ela deu uma gargalhada entrecortada e depois nós duas começamos a chorar. Quando finalmente nos afastamos, o rosto de Priscilla estava um desastre.

– Quer tomar alguma coisa? – ofereci. – Você jantou?

– Estou ótima. Vou para casa tomar um banho. Preciso voltar para o escritório às cinco.

– Está brincando?

Ela deu de ombros.

– Esqueça. De todo modo, eu só queria dizer que ele parece legal.

- Quem?
- Seu namorado. Ele me mandou duas dúzias de rosas. Brancas com as bordas vermelhas.
- Mickey mandou flores para você?
- Você não sabia mesmo? Não pediu que ele as mandasse?
- Não, mas só porque não pensei nisso.
- Certo. Então gosto mais dele do que achei que gostaria. – Priss estendeu um cartãozinho para mim, mas logo desistiu. – Só para constar, Lucy: sempre vou me preocupar por você estar com um louco. E não acho que preocupação seja motivo para um rompimento.
- Não comece, Priscilla. Estávamos indo tão bem!
- Ela me entregou o cartão.
- Seja como for, é difícil acreditar que ele seja *tão doido*.
- Abri o bilhete e reconheci a caligrafia de Mickey.

Querida Priscilla,

Gostaria de me desculpar por não ter reconhecido você ontem. Estou muito envergonhado, mas, honestamente, o motivo para isso é que você está ainda mais bonita do que no ano passado, quando nos conhecemos. Seu rosto me pareceu familiar, mas achei que Lucy tinha me apresentado outra irmã, não aquela que eu já conhecia.

Amo sua irmã, portanto é provável que nossos caminhos voltem a se cruzar e quero me desculpar por quaisquer mágoas que eu possa lhe ter causado.

*Mais uma vez, minhas sinceras desculpas,
Michael Chandler.*

Priscilla pegou o cartão da minha mão e beijou meu rosto.

– Por favor, tome cuidado – disse ela, antes de sair.

10 DE JUNHO DE 2011

Eu me despedi das garotas no posto de enfermagem e Peony abriu as portas de segurança para me deixar sair. “Seja bonzinho, Michael”, falou. Fui internado cinco vezes durante meu casamento e quatro antes disso. Peony sabe que farei o melhor que puder.

Gosto de ir a pé de Edgemont para casa. A distância não é grande e me agrada dar as costas ao hospital. É simbólico. Já vim para cá em vários estágios de perturbação mental. Já cheguei apavorado e transtornado demais para sentir pavor: Houve ocasiões em que estava tão letárgico que não conseguia nem ficar de pé e outras em que, de tão elétrico, não conseguia permanecer sentado. Eles sempre cuidam bem de mim, mas ainda fico um pouco assustado com a ideia de estar aqui.

Uma vez, quando era pequeno, minha mãe ficou internada várias semanas – pareceram semanas – e fomos com o nosso pai buscá-la no dia da alta. Ele não nos deixou entrar, então esperamos no carro. David estava lendo um gibi e eu vigiava a entrada para ver meus pais saírem.

– Você sabe que eles fritaram o cérebro dela, não sabe? – perguntou David.

– Como assim?

– Choque elétrico. Cozinharam a mamãe. Ela provavelmente não vai se lembrar dos nossos nomes... Não espere demais.

David era cinco anos mais velho e eu acreditava em tudo o que ele me dizia. Mas dessa vez meu irmão estava errado. Minha mãe andava de um jeito estranho, como se estivesse zonzinha, e meu pai a amparava, mas, aos nos ver, ela chorou. Entrou no banco de trás, nos abraçou, nos beijou e nos debulhamos em lágrimas. Ela se lembrava de nossos nomes.

Mamãe não reconheceu nossa casa, mas se lembrou de nossos nomes...

Acordei cedo e incrivelmente otimista. Assim que me dei conta disso, tentei bloquear essa sensação. Eu tinha coisas importantes a fazer: Mickey ia ter alta. Ainda assim, o dia estava bonito e... Não seria maravilhoso largar tudo e sair para velejar? Liguei para Lily a fim de saber se ela e Ron pretendiam usar o barco. Minha irmã disse que a liquidação em sua loja, a Fantasma no Sótão, a manteria ocupada durante todo o fim de semana, portanto o barco era todo meu.

Depois ela perguntou se eu tinha notícias de Priscilla. Eu não tinha e de

repente me pareceu meio estranho que minha irmã estivesse sumida desde a cerimônia fúnebre.

– Bem, se falar com ela, diga que fui velejar – pedi a Lily.

– Divirta-se. – Antes que eu desligasse, ela me surpreendeu com mais uma pergunta: – Charlotte ligou para você?

– Por quê? – indaguei, tentando pensar rápido numa mentira.

– Só imaginei se os exames teriam ficado prontos.

– Ah, ainda não. Mas não devem demorar muito. Não estou nem um pouco preocupada.

– Então, acho que também não devo me preocupar.

– Muito bem. Boas vendas para você.

– Bom passeio para você.

Assim que desliguei, ouvi o apito do trem e soube que Mickey chegaria a qualquer momento. Ele sempre vinha a pé de Edgemont, que ficava a apenas alguns quarteirões da nossa casa. Para ele, tem muito significado fazer esse percurso como um homem livre. Um novo homem.

Eu estava esperando por ele na varanda e o vi dobrar a esquina, vestindo jeans e uma camiseta branca, a mochila pendendo de um dos ombros. Olhando o corpo firme e o sorriso fácil de meu marido, ninguém adivinharia os demônios que se escondem dentro dele.

Mickey me viu e abriu um sorriso largo. Não consegui me conter. Atravessei a rua correndo, descalça, e pulei em seu colo, enroscando as pernas em sua cintura. Que delícia! Ele me deu um beijo apaixonado e tudo parecia certo no mundo.

Posso avaliar a sanidade mental do meu marido com base no modo como ele me beija. Na fase da hipomania, ele é rude – muito rude –, o que nem sempre é ruim. Simplesmente sei quando ele está em ebulição. Se a depressão se instala, seus lábios ficam quase sem vida, de início. Não há elasticidade, não há paixão, mas de repente seus beijos adquirem um desespero assustador. Se ele já embarcou na loucura, assaltado por delírios, até o gosto da sua boca é diferente, parece desagradável. Porém, uma vez que as estrelas estão alinhadas, como agora, nós dois somos a personificação da perfeição cósmica, nossos lábios, dentes e línguas em completa harmonia.

Mickey terminou nosso beijo com uma série de selinhos no meu queixo e no meu pescoço. Quando achei que as coisas estivessem ficando quentes, ele me pôs no chão e riu.

– Senti saudade de você, meu amor.

– Eu também – falei, meio sem fôlego.

Peguei sua mochila e passei seu braço pelos meus ombros. Juntos, atravessamos a rua de volta.

– Que tal sairmos para velejar e nunca mais voltar? – perguntei, com uma

expressão sonhadora.

– Isso é porque estraguei o cruzeiro?

Dei uma gargalhada. Tinha-me esquecido completamente dessa história.

– Claro.

– Acho uma ótima ideia.

Enchemos o *cooler* com gelo, bebidas e sanduíches de presunto e botamos uma muda de roupa para cada um numa sacola de couro, só para o caso de decidirmos passar a noite fora. Enquanto cuidávamos dos preparativos, falamos de tudo que havia acontecido durante a internação de Mickey: a cerimônia fúnebre de Celia, Peony Litman, a conta de telefone, a liquidação na loja de Lily. Eu sabia que estava evitando a conversa que precisávamos ter, mas também havia empolgação. A ideia de contar a Mickey a novidade me deixava animada, mesmo que meu lado *racional* continuasse a manter a parte difícil no meu campo de visão.

Nesse meio-tempo eu mal conseguia tirar os olhos de meu marido. Toda vez que ele fazia alguma coisa normal, como dar uma olhada nas contas, pegar um copo na máquina de lavar louça e enchê-lo de leite ou piscar para mim ao me flagrar observando-o, eu sentia um frio na barriga que depois de todo esse tempo talvez já devesse ter desaparecido, mas não desapareceu. Longe disso.

– Tenho um presente para você, Lu. Quer que eu lhe dê agora?

– Lógico.

– Feche os olhos.

Ouvi o zíper da mochila e um inconfundível ruído de papel. Depois senti seus lábios na minha testa.

– Pronto, pode abrir.

Na palma de sua mão havia uma casa de passarinho, pintada nos mesmos tons suaves da nossa casa – verde-sálvia com toques em coral. Ri, porque temos uma pequena coleção desses projetos. Cada um deles representa mais uma tempestade que não nos destruiu e, por isso, são muito significativos. O interior dessa casa havia sido meticulosamente feito para reproduzir em miniatura a sala onde estávamos: sofás confortáveis estofados em vermelho, uma parede repleta de livros, duas janelas do teto até o chão com persianas de madeira. Puxei Mickey para mim e o beijei com intenções nada puras.

Este é o meu momento favorito: o novo começo logo após uma alta. Não sou boba a ponto de achar que ele esteja curado, mas o que a internação faz é mudar a direção, recolocar seus pés no rumo correto. Mickey chama de remodelação. Simplesmente ensinamos tudo o que tenha levado ao último colapso e jogamos fora. Gleason nos ensinou a agir assim. Ele nos ensinou que nenhum bom resultado advém de querer que as coisas sejam diferentes. Ele diz que de nada adianta nos culpar ou lamentar, mesmo que tenhamos motivo para isso. Portanto, trata-se de uma remodelação, de um recomeço cheio de promessas e

compromissos renovados. E sempre começamos fazendo amor, o que eu sabia que seria a primeira coisa que faríamos ao sair da marina.

Estávamos na esquina do pier Foster com a rua principal, esperando o sinal abrir, quando vi o Cherokee de Trent Rosenberg. Mickey e eu o vimos ao mesmo tempo.

– Não é a sua irmã ali, com Trent?

Os dois estavam bem na nossa frente, esperando para cruzar a esquina na direção oposta e, pelo visto, no meio de uma conversa séria. O sinal abriu e eles passaram sem parecer nos ver. Olhei para Mickey, que falou:

– Pobre Shannon.

Ingenualmente, ao ficar sem notícias de Priss após a cerimônia fúnebre, eu torcera para que ela tivesse voltado para Hartford. Vê-la com Trent me deixou triste. O que Priscilla estava pensando? Shannon Rosenberg estava grávida do terceiro filho de Trent. Ainda bem que eu ia sair da cidade. Não queria pensar no que minha irmã estava fazendo.

Chegamos ao ancoradouro logo depois de uma da tarde. Como era sexta-feira, alguns turistas tinham antecipado o fim de semana, por isso demoramos um pouco para encontrar uma vaga para o carro. Casey Noonan, o recepcionista, nos ajudou com a bagagem e, enquanto ele e Mickey faziam a checagem de segurança, desci até a cabine e descobri onde minha irmã havia passado a noite. Ela deixara a cabine desarrumada. A cama estava desfeita e, no lixo, encontrei uma garrafa de vinho vazia e embalagens de comida. Uma sacola e alguns cosméticos entulhavam a pequena bancada.

Essa é Priscilla. Simplesmente aparece na cidade e usa o barco sem consultar ninguém. Nenhum telefonema, nenhuma conversa, ela apenas se apodera! Tive a impressão de que, depois que terminasse o que tinha ido fazer, ela pretendia voltar. Que pena! Tirei os lençóis da cama e botei suas coisas de volta na sacola, entregando-a a Casey com a recomendação de dá-la a Priss se ela voltasse.

Ele riu.

– Nossa, ela vai ficar uma fera quando descobrir que vocês levaram o barco.

– É provável. Pode dizer que sinto muito, se quiser. Pode dizer que uma simples conversa teria evitado tudo isso. – Também ri. – Diga o quiser, Casey. Nós vamos velejar.

– Pode deixar, eu digo a ela.

– Já está tudo pronto? – perguntei a Mickey com certa irritação na voz. – Quero dar o fora daqui.

– Não rosne para *mim*, Lucy. Acho que devíamos ficar por perto. Esperar sua irmã e a queima de fogos. Vai ser divertido.

O sarcasmo de Mickey me tentou, mas não o bastante para me fazer ficar e correr o risco de um confronto desagradável com minha irmã mais velha. Registramos nossa rota e depois saímos devagar do ancoradouro. Quando já

háviamos nos afastado um bocado sem ver sinal algum de Priscilla, dei um grande suspiro de alívio. Não que me incomode ter uma boa discussão com ela, mas não estava disposta a isso no momento – não nesse dia ensolarado e perfeito.

O ar estava tão limpo e ameno e a água tão azul que qualquer pensamento envolvendo Priscilla desapareceu. Aproveitei todas as sensações deliciosas ao longo do percurso, com Mickey no leme, seu cabelo esvoaçando ao vento.

Conforme nos dirigíamos sem pressa para Hollis Cove, nossas preocupações se dissiparam. Nessa bolha do tempo, éramos apenas duas pessoas normais: eu estava grávida de uma menina de cabelo escuro e olhos enormes, e meu marido era um cara comum, cujas sinapses recalibradas funcionavam a intervalos regulares. Abracei Mickey pelas costas enquanto subíamos o rio. A vida era boa.

Começava a escurecer quando chegamos à marina em Hollis Cove. Fizemos amor, comemos os sanduíches e fizemos amor de novo. Agora, sentada na proa do barco, eu observava as estrelas no céu, o ar noturno cálido e ameno de encontro à minha pele. Mickey jogou a âncora e se sentou ao meu lado. Inclinei-me para ele e me aninhei em seus braços, deslizando as mãos para dentro da minha blusa.

– Amo você, Lu – sussurrou, fazendo meus olhos marejarem.

Eu sabia que ele me amava. Se não soubesse de mais nada, pelo menos disso eu tinha certeza.

Vi um trio de garças azuis na margem do rio, seus bicos esbeltos e graciosos providenciando o jantar. Então, puxando o rosto de Mickey para descansar contra o meu pescoço, falei:

– Tenho uma coisa para lhe contar.

Ele falou do jeito que sempre costumava reagir a afirmações desse tipo:

– Boa ou ruim?

– Não sei.

– Me conte, Lucille.

Virei-me para encará-lo. Eu sabia que era capaz de enxergar nos olhos de Mickey seu nível de estabilidade. Concluí, considerando os prós e os contras, que não podia ter escolhido momento melhor.

– Meu amor, eu estou grávida.

Mickey deu uma gargalhada rápida.

– Certo.

– Estou mesmo, Mic. Estou grávida.

Seus lábios se entreabriram de leve.

– O quê?

– Estou grávida. – Estávamos tão próximos que, em suas pupilas, eu quase podia ver essas duas palavras sendo processadas.

– Eu... Não entendo.

Inclinei-me e puxei minha camiseta sobre os seios, olhando para meu marido.

– Também não entendo, Mic. Charlotte disse que não sabe como aconteceu, mas... – Dei de ombros. – Estou grávida.

Prendi a respiração enquanto ele registrava as minhas palavras e esperei sua reação.

Finalmente, ele perguntou:

– Você tem certeza?

Assenti.

– O que fazemos agora?

– Não sei – respondi.

– Um bebê? Sério?

Assenti de novo. Eu não tinha como saber o que ele estava pensando e fiquei tensa. Lentamente, ele se empertigou, seus olhos fixos nos meus o tempo todo. Encarou-me por um longo tempo e depois segurou meu rosto entre aquelas mãos grandes e balançou a cabeça como se lhe faltassem palavras.

– Você está bem? – perguntei.

Ainda balançando a cabeça, ele devolveu:

– Você está?

– Não sei.

– Lucy, não consigo acreditar. – Sua voz não passava de um sussurro.

– Nem eu.

– Ah, Lu.

– Eu sei.

– Um bebê. Um bebê. Nem sei se algum dia cheguei realmente a imaginar um bebê. Olhe para mim. Não sei o que fazer com isso. – Ele ergueu a minha mão e a pôs em seu peito. Seu coração estava disparado.

– Eu sei.

Seus olhos estampavam pura emoção quando ele começou a beijar todo o meu rosto.

– Isso não é necessariamente uma coisa ruim, é?

Durante um instante, fui arrebatada por todo aquele carinho, mas suas palavras me atingiram como pedras.

– Claro que é ruim. Mas também é maravilhoso. O que vamos fazer?

– Parece que teremos um filho.

– É? Mickey, pare de me beijar – pedi, afastando-me dele. – Precisamos pensar nisso. Precisamos levar a sério. Lembra-se do nosso acordo? Do contrato? Da nossa decisão de *não* termos filhos? Somos incapazes, lembra? Como podemos ter esse bebê?

– Não parece que tenhamos alternativa, Lucy.

– Mickey...

– Não – insistiu ele, balançando a cabeça. – Não somos assim.

Fiquei desanimada.

– Eu sei, mas... Mickey, como vamos fazer isso?

– Como poderíamos não fazer? – De repente essa pergunta adquiriu pleno sentido para ele. – Como não fazer, Lucy? Bom ou mau, certo ou errado, este é o nosso filho. Ele já é. E vai dar tudo certo. Vamos fazer dar certo.

– Pare, Mickey! Nunca vai ser tão simples assim. Nada mudou, na verdade. Veja onde você passou esta semana. E eu. Acabei de fazer um checkup. Os resultados dos meus exames ainda nem chegaram. Sei que está tudo bem, mas vivemos com essa faca no pescoço. Tivemos motivos para decidir não ter filhos.

– Por que você não me disse que teve consulta com a Dra. Barbee?

– Estou dizendo agora.

Mickey me fitou com ceticismo.

– Meu amor, foi só o exame de rotina. Você estava no hospital e não quis preocupá-lo. Estou lhe contando tudo o que sei. Estou grávida e um pouco tensa por causa disso, porque é de nós dois que estamos falando.

Mickey assentiu.

– Entendo, Lucy. *Somos* nós. E você tem razão. Não vai ser fácil *o tempo todo*. Mas de algum modo funcionou até aqui.

– Mickey...

– Shhh. Fizemos o que podíamos para evitar, mas aconteceu mesmo assim. Será que isso não lhe diz nada?

– O quê? O que isso diz?

– Que esse bebê estava fadado a nascer.

– Mickey.

– Sério, Lu. Este bebê, o nosso bebê, estava *predestinado* a nascer. Não acredito que, depois de todo esse tempo, seja só um acidente.

Constatee furiosa que Mickey estava quase me convencendo. Por outro lado, eu queria muito ser convencida.

– Venha aqui – disse ele, puxando-me para junto dele.

Passando os braços à minha volta, ele me aninhou durante muito, muito tempo. O ritmo enganosamente compassado de seu coração me embalou a ponto de me fazer acreditar em milagres, e comecei a me sentir como no início do casamento, como se fôssemos *capazes* de dar conta. Mickey tinha razão, não tinha? Háviamos conseguido durante quase onze anos. Sem dúvida éramos mais fortes do que eu acreditara. Será que *o nadadorzinho determinado* que atravessara o nó não era mais uma prova de nossa resistência genética? Claro que sim.

Eu não conseguia mais pensar nos aspectos negativos. Essa notícia maravilhosa pairava sobre nós, linda e assustadora. Eu me sentia animada demais para lutar contra ela. E Mickey estava ali, com seu sorriso fascinado e um otimismo contagiante. Estávamos grávidos e por ora isso era tudo em que eu queria pensar.

Antes que eu percebesse, a noite tinha caído e Mickey e eu continuávamos abraçados sob um cobertor na proa do barco, fazendo planos sobre como adaptar o quarto de entulhos para o bebê. Eu nunca tinha visto meu marido tão emocionado. Muito depois de achar que ele adormecera, me virei e o vi contemplando as estrelas com olhos brilhantes. Quando me flagrou observando-o, ele me puxou para mais perto. Acabamos dormindo abraçados sob todas aquelas estrelas, num alinhamento quase perfeito, balançando ao sabor do rio. Na manhã seguinte, nos vimos participando plena e igualmente da fantasia que a vida nos dera. Certo ou errado, parecia que iríamos ter esse bebê.

Ali, em Hollis Cove, ancorados à esperança, ignoramos as estatísticas. Ignoramos nossa história. E ignoramos a lógica.

Bem, não era a primeira vez que fazíamos isso.

30 DE ABRIL DE 2000

Em tese, deve ser difícil enlouquecer um louco... Mas, ao que tudo indica, não é impossível. Digo isso porque eu não sabia o que acontecia comigo quando estava com Lucy. Eu já conhecera um monte de mulheres, mas não entendia o poder que essa garota passou a exercer sobre mim quase no mesmo instante em que a vi. Eu costumava me perguntar como o amor – o amor verdadeiro – funcionava para aqueles que não precisavam se preocupar com a loucura. Essas pessoas provavelmente não tinham que tentar com todas as forças evitar se apaixonar nem se sentiam obrigadas a rejeitar o amor por ele não ser confiável. Tampouco precisavam imaginar a rejeição cáustica que as aguardava assim que sua loucura fosse revelada em toda a sua extensão. Apesar de tudo isso, eu já tinha me rendido por completo ao fim do nosso primeiro encontro e fiquei apavorado... Por ela. No momento em que começamos a deixar cair nossas máscaras, não pude acreditar que ela não me achasse repulsivo. Eu nunca me permitira ser tão analisado. Jamais havia querido fazer isso. Com Lucy, porém, me descobri incapaz de resistir ao seu desejo de me ver por dentro.

Seu destemor me assustou um pouco. Mas talvez o destemor seja o que fica para alguém que já passou pelas piores coisas que podiam lhe acontecer. Seja o que for que Lucy tenha sofrido com a perda dos pais, isso lhe rendeu uma força extraordinária. Mas será que eu podia confiar nisso? Será que ela podia?

Lucy acreditava mesmo ser capaz de lidar com qualquer coisa, desde que soubesse o que esperar. Gostava que todas as possibilidades improváveis fossem expostas para que ela pudesse avaliar os estragos e preparar uma estratégia. O que ela não sabia era que, com um cara como eu, esse leque de possibilidades é mutável, sujeito aos elementos e difícil de prever. Tentei alertá-la.

Eu estava me apaixonando por ela, mas essa não parecia uma boa ideia. A chance de ter Lucy, magoá-la, assustá-la, perdê-la – tudo isso me devastava. Tentei poupá-la de uma vida comigo – algumas vezes. Mas ela nem sequer pestanejou.

Nem mesmo quando deveria.

O ano em que me apaixonei por Mickey não foi como os romances que a

maioria das garotas costuma fantasiar. No meio das dificuldades, às vezes eu dava um passo atrás para tentar me analisar. Será que algum traço escondido da minha personalidade me fazia considerar Mickey um projeto pessoal? Acaso eu o estaria usando para preencher uma lacuna em mim mesma? Eu odiava pensar assim porque meus sentimentos por ele se tornavam cada vez mais intensos.

Minha única certeza era a de estar me apaixonando por um homem que, aos 11 anos, concluíra que era diferente do restante do mundo. Um homem que crescera com medo do modo como sua mente funcionava. Eu estava me apaixonando por um homem que se esforçava ao máximo para me fazer entender quanto ele se sentia imortal às vezes e quão expansivo, autoritário e egoísta também podia ser.

Ocasionalmente isso me assustava, mas então Mickey me oferecia uma saída. Certa noite, ele segurou meu rosto e me obrigou a encará-lo:

– Tudo bem se você ficar em dúvida, Lucy. Sou difícil e você precisa ter certeza.

O fato de ele ter me dado essa permissão só aumentou meus sentimentos.

– Não podemos fazer nada com respeito ao que sentimos – prosseguiu. – Se você está com medo, tenha medo. E decida o que fazer com relação a isso. Eu vejo você, Lucy, tal como é. Você é forte, inteligente e capaz de lidar com o que a vida lhe apresentar, desde que possa prever o que será.

Eu me senti despida diante dos olhos de Mickey, porque ele estava certo.

– Quero que você dê um tempo. Que deixe toda essa incerteza a meu respeito, a nosso respeito, assentar – falou, dando um beijo no meu nariz antes de sair.

Levei um dia para ver como seria ficar sem vê-lo, sem falar com ele ou tocá-lo. Não gostei. Não gostei nem um pouco. Mickey estava certo: eu lidava bem com qualquer coisa, desde que soubesse com alguma antecedência o que aconteceria. Concluí então que talvez o envolvimento com um homem que tinha uma doença mental exigisse um procedimento diferente. Eu queria entender a doença de Mickey. Queria considerá-la a partir de uma perspectiva clínica. Por isso, liguei para ele e perguntei se poderia me encontrar com seu psiquiatra. Mickey pareceu quase aliviado por eu ter sugerido isso.

Gostei de Gleason Webb de cara. Um homem roliço, com uma calvície iminente, modesto, caloroso e compreensivo, ele segurou minha mão nas suas.

– Este é um raro prazer, Lucy. É como se eu já a conhecesse.

Quando lhe contei o motivo da minha visita, Gleason disse que eu era uma garota esperta por olhar debaixo do tapete. Ri, mas vi que ele falava sério, e depois desse primeiro encontro, pusemos mãos à obra. A partir desse dia, a maioria dos meus programas com Mickey começava no consultório de Gleason.

O Dr. Webb achava fundamental que eu entendesse a profunda depressão capaz de imobilizar Mickey por completo. Por isso descreveu as descidas de

Mickey a esse inferno sombrio, em que não conseguia se mexer, mal era capaz de respirar e não se importava com a própria vida. O Dr. Webb certificou-se de que eu entendesse como a hipomania podia rapidamente levar a um surto psicótico. Emprestou-me compêndios farmacológicos para que eu me familiarizasse com a medicação de Mickey. Meu namorado me entregou as anotações que fizera em seu diário na sua fase maníaca, para que eu entendesse sua incapacidade de exercer controle sobre si mesmo quando estava fora de órbita.

Mickey estava determinado a me fazer entender sua doença. Explicou que seus pensamentos às vezes eram tão rápidos que ele se via atropelando o que quer que estivesse acontecendo no momento seguinte. Descreveu sua necessidade psicótica de chegar correndo ao fim do dia, decidido a distanciar-se dele a ponto de conseguir olhar para trás e ajustá-lo às suas exigências.

Durante esses *encontros* terapêuticos, Mickey parecia um professor isento, falando da própria doença em terceira pessoa, de modo solidário – um orador talentoso, totalmente racional. Não pedia desculpas por quem – ou pelo que – era, e eu me vi apaixonada pelo homem que explicava o homem. No entanto, é claro que era quanto ao homem objeto da explicação que eu precisava ter certeza. Compartilhei essa ideia com Gleason em particular, e seu conselho foi que eu fizesse o possível para fundir as muitas nuances de Mickey numa única entidade. Ele me pediu que fizesse um diagrama de todas as partes distintas de Mickey, tudo – seu magnetismo e charme, a crueldade, a carência que vinha com a depressão, a autoconfiança irracional que fazia parte da hipomania, a ternura e a vulnerabilidade. Na época comentei com Lily que, ao olhar para todas essas peças, eu tinha a sensação de estar saindo com várias pessoas ao mesmo tempo.

Conforme sua vida se revelava aos meus olhos, Mickey não conseguia entender minha capacidade de amá-lo. Em mais de uma ocasião, ele se afastou, tentando me salvar. Certa vez, durante dez dias infernais. Foi na semana das minhas provas finais, com a formatura se aproximando. A escolha do momento me enfureceu. Minha vida andava nos trilhos, eu estava apaixonada, ia me formar e voltar para casa, pronta para embarcar no novo emprego de professora num curso de férias. Talvez porque houvesse tanta coisa acontecendo, meu coração não aguentou esse afastamento e a nossa conversa logo virou uma discussão acalorada na varanda da minha casa.

Mickey despejou o que me pareceu um discurso ensaiado durante semanas.

– Lucy – gritou ele. – Será que você consegue imaginar vagamente como é esconder do mundo o fato de ser louco? Dá para imaginar um homem que teve que aprender sozinho a controlar a própria esquisitice? Faço isso o tempo todo. Uso uma máscara. Por trás dela, sou louco, mas sei como parecer normal para os outros. Eu me adestrei para não sair gritando em horas inconvenientes, prometendo a mim mesmo que poderia fazer isso mais tarde. Sei como controlar

minha irritabilidade, fazendo com que ela pareça socialmente aceitável e liberando-a depois. Quando estiver sozinho! Mas será que você não vê, Lucy? Eu nunca mais vou ficar sozinho se embarcarmos nessa. Você vai estar comigo. Estará ao meu lado na hora que eu não for mais capaz de me conter. Então vai ficar assustada e me deixará.

– Não vou deixar você.

– Você não pode garantir isso. Você não me conhece! – Mickey berrava, e tentei abraçá-lo, mas ele se esquivou e recomeçou: – Lucy, você não está me ouvindo. Sei muito bem como fingir! Sei como parecer sadio quando é preciso. Mas não consigo manter as aparências durante muito tempo, preciso ser eu mesmo nos momentos em que estou sozinho.

– E daí? Você prefere ficar sozinho a lidar comigo?

Vi que minha pergunta o atingira, mas ele já estava zangado.

– Prefiro. Prefiro, droga. Acho que é isso que eu quero!

Assenti, com a cabeça doendo e os olhos marejados.

– Estou apaixonada por você. E o fato de se comportar como um babaca não vai mudar nada. Mas você precisa se decidir. É da sua vida que está tentando me expulsar, por isso a decisão é sua. Não há mais nada que eu possa fazer para provar o que sinto. Se não sou boa o bastante e se você quer mesmo ficar sozinho, deve fazer o que achar melhor.

Mickey reagiu como se eu tivesse lhe dado um tapa e, de tão cansada e zangada, eu não sabia mais o que tentar.

– Vá embora, Mickey. Vá para casa, fique sozinho e enlouqueça se é isso que precisa fazer.

– Lucy...

Olhei para ele e me esforcei ao máximo para não chorar. Não tive muito sucesso, mas ergui o queixo e o encarei.

– Mickey, eu realmente acredito que todo mundo deveria ser importante para alguma outra pessoa neste raio de planeta a ponto de valer a pena lutar por ela. Isso vale para mim também. E ninguém está lutando por mim. Eu desisto.

Entreí em casa e fechei a porta, com as batidas do meu coração martelando na cabeça. Joguei no chão as anotações que estavam em cima da mesa e atirei meus livros na parede, derramando o copo de Coca-Cola. Olhei para a bagunça, pensei na prova que faria às sete e meia da manhã – para a qual não estava preparada –, e comecei a chorar. Minha cabeça latejava. Tomei três analgésicos e fui dormir.

Não sei como, mas sobrevivi à semana seguinte. Passei nas provas finais, peguei a beca e o capelo, certifiquei-me de que minhas irmãs sabiam a que horas deveriam estar sentadas em seus lugares na manhã seguinte e depois, porque ia voltar para Brinley, comecei a empacotar minhas coisas. Sempre que Mickey surgia na minha cabeça, eu aumentava o volume do rádio. Ele devia ter

falado sério, porque eu não tivera mais notícias dele.

Precisava estar na Arena Matthews e em fila até as nove e meia, para entrar com o grupo às dez. Fiz um esforço imenso para me arrastar até lá. Eu me dedicara ao máximo e deveria estar animada. Ia me formar com louvor. Era esse o desfecho da minha educação formal, e entrar naquele ginásio gigantesco ao som de “Pomp e circunstância” deveria ser uma ocasião emocionante para mim. Meu único desejo, porém, era que tudo acabasse logo. Embora o estádio fosse enorme, eu acreditava que seria capaz de examinar a plateia que o lotava e encontrar minha família. Não consegui.

Os discursos felizmente foram curtos e, antes que eu me desse conta, estávamos nos formando. Pareceu levar uma eternidade para que chegasse a minha vez, mas, por fim, fui chamada. Durante a maior parte do tempo, a multidão se portou de modo respeitoso – alguns gritos entusiasmados, um punhado de assovios, mas, de modo geral, nada além de aplausos muito bem comportados quando o orgulho familiar falava mais alto. Logo chegou a minha vez. Lucy Houston. Dei um passo e ouvi minhas irmãs gritando. Acima do barulho que faziam, um homem berrou:

– *Eu te amo, Lucy!*

Parei, atônita, e me virei, mas não consegui identificar de onde a voz viera. Fiquei parada por tempo suficiente para atrapalhar os outros, e o formando atrás de mim precisou me dar um leve empurrão. Peguei meu diploma, achando que aquilo tinha sido imaginação minha. Então, enquanto o reitor me abraçava, tornei a ouvir, dessa vez mais alto:

– *EU TE AMO, LUCY.*

O respeitável chefe de departamento sorriu e disse:

– Alguém muito barulhento e obstinado a ama, Srta. Houston. Parabéns.

Voltei ao meu lugar e me sentei imóvel, olhando para a frente. Eu sabia que Mickey me observava – podia sentir isso – e todas as emoções que eu vinha tentando sufocar desde que o vira pela última vez vieram à tona. Arrisquei olhar algumas vezes na direção de onde ele gritara, mas não consegui vê-lo. Não sei como aguentei a cerimônia até o fim. Quando terminou, fiquei sentada ali, entorpecida e com um certo medo do que estava acontecendo. Lily me encontrou e envolveu meu pescoço com seus braços magros.

– Estou tão feliz por você.

– Obrigada, não acredito que consegui.

Ela riu.

– Não é isso. Estou *feliz* por você. Ele é maravilhoso.

Comecei a chorar todas as lágrimas que contivera desde nossa briga.

– Como assim? O que você quer dizer?

Então Mickey apareceu, me abraçou e me beijou. Enquanto eu chorava, Ron tirava fotos e Priscilla balançava a cabeça, tentando não demonstrar

preocupação.

Naquela tarde, durante o almoço com minhas irmãs e Ron, firmamos o compromisso de ficar noivos. Mickey pediu minha mão entre a salada e o prato principal e me disse, enrolando um fio da franja da minha faixa de honra em volta do meu dedo, que aquilo serviria apenas para guardar lugar até eu escolher a aliança de verdade. Mickey também falou que eu não poderia recusá-lo, pois minha família já nos dera sua bênção – aparentemente naquela manhã, num estacionamento lotado.

Mais tarde Mickey me disse que se apaixonar por mim não era apenas seu destino, mas sua cruzada. Tinha levado ao pé da letra o que eu dissera sobre lutar por mim e passara os dez últimos dias combatendo seus demônios por minha causa. No fim, vencera. Tive certeza de que aquilo não poderia ficar melhor. E, depois de descobrir todas as minúcias da sua estranheza e de identificar todos os seus componentes, não vi uma única razão boa o bastante para não amá-lo. Entregamos, um ao outro, nossas personalidades imperfeitas e juramos criar algo maior que cada um de nós individualmente, convencidos de que éramos capazes de realizar nossos sonhos.

Oficializamos o noivado na semana seguinte e encomendamos alianças de prata. Voltei para casa e comecei no novo emprego como professora de história do curso de verão. Eu estava apaixonada e a vida era fabulosa. Achei que sabia tudo que havia para saber sobre Mickey e que qualquer coisa que por acaso tivesse me escapado não poderia ser tão importante assim. Porém logo descobri que conhecimento e experiência são duas coisas muito diferentes. Apesar de tudo que supunha saber, eu ainda idealizava o homem com quem me casaria segundo minhas próprias noções seletivas. Só alguns meses depois fui obrigada a encarar a doença dele em sua totalidade catastrófica.

Aconteceu num sábado do início de junho em que pretendíamos sair para velejar com Ron e Lily. Minhas irmãs e eu herdamos o bem mais valioso de nosso pai: um barco Catalina de 33 pés – *A Rosa de Sharon* –, batizado em homenagem à minha mãe. Nós o reformamos alguns anos após a morte dela, mas basicamente era tarefa de Ron mantê-lo pronto para velejar. Agora Mickey o ajudaria.

Mickey vinha trabalhando como um louco em sua casa e, como demitira seu gerente, dava expediente dobrado no Colby's, o que significava trabalhar até depois das duas da madrugada. Minhas aulas começavam às oito da manhã, o que fazia com que vivêssemos praticamente para os fins de semana. Conseguíamos nos encontrar para jantar quase todas as noites e nunca faltávamos a uma consulta com Gleason. Exceto naquela semana, quando Mickey a cancelou. Estava atolado, tentando terminar a escadaria da casa para uma visita do corretor na terça-feira seguinte, mas se organizara a fim de terminar a tempo de sairmos para velejar. Além disso, me garantira que estava

apaixonado e que tudo ia bem. Eu ri e não dei muita importância ao assunto.

Deveria ter dado.

Eu estava em casa, guardando as compras do supermercado, e ele me ligou cinco vezes em menos de uma hora. Primeiro para dizer que me amava – parecendo sem fôlego. Depois para me perguntar onde estavam os pincéis – eu não fazia ideia. Em seguida para rir e me dizer que se esquecera por que ligara. Tornou a telefonar um minuto depois para me lembrar de que ainda não encontrara seu short. *Lembrar?* Ele não falara disso antes. O último telefonema foi para pedir, em desespero, que eu parasse de ligar para ele.

– Sério, Lucy. Estou tentando terminar isto aqui. O que você está querendo fazer comigo?

– Mickey ... Foi você que me ligou – falei, com o coração disparado.

– O quê? Ah, desculpe. Não. Não.

– Mickey? Meu amor?

Ele não respondeu. Largou o telefone e pude ouvi-lo gemer. Ou rir, talvez. Fosse o que fosse, parecia histérico.

– Mickey! – gritei.

Enfiei o leite na geladeira de qualquer maneira e corri para sua casa, para me assegurar de que ele estava bem.

Quando eu estava na terceira série, um incêndio destruiu a escola. Todos os meses tínhamos um treinamento de incêndio e, em tese, sabíamos o que fazer, mas nunca imaginamos que aquilo fosse acontecer um dia. Foi assim que me senti, como se tudo o que eu havia estudado até aquele momento fosse uma espécie de treinamento para algo que nunca iria acontecer.

Levo vinte minutos para ir da minha casa a East Haddam, mas estava determinada a fazer o percurso em dez. Embora acreditasse estar calma, só ao chegar à Smith Road percebi que estava a 100 quilômetros por hora numa área em que a velocidade máxima permitida era de 50. Eu tremia, mas me obriguei a desacelerar. A casa de Mickey ficava na margem do lago Bashan. Ele a comprara da avó quando tinha 25 anos, para que ela pudesse se mudar para uma casa de repouso. Claro que as condições de compra foram muito boas, o que lhe rendeu um desentendimento com o irmão. Certa vez, enquanto arrancávamos o papel de parede do quarto de hóspedes, Mickey me disse que pretendia surpreender David lhe dando metade do valor apurado quando o imóvel enfim fosse vendido. Mas a mansão colonial era um projeto interminável. Sobre tudo o hall de entrada e a imponente escadaria de mogno, que Mickey restaurara com esmero.

Mal a casa surgira no horizonte, vi uma luz vermelha e azul piscando no meu retrovisor. Dei um soco no volante, mas continuei dirigindo. Juro que teria parado se houvesse alguém na estrada, mas ela estava deserta e eu precisava chegar à casa de Mickey, por isso segui em frente e torci para que a polícia me deixasse

em paz. Passei pelo portão e parei o carro, depois corri até a porta dos fundos, que estava escancarada, embora não houvesse sinal de Mickey.

– Mickey?

Ele não estava no quarto de serviço.

– Mickey!

Na cozinha tampouco, mas sem dúvida estivera, pois o lugar estava uma zona. Havia várias páginas cobertas de garatujas incompreensíveis espalhadas sobre a mesa e pelo chão. Eu as juntei e percebi que era uma carta para mim.

Foi então que o ouvi.

– Onde você está, Mic? – gritei, enquanto enfiava as folhas no bolso traseiro da calça.

Disparei pelo corredor até o hall de entrada, onde havia semanas ele trabalhava na escadaria. Chegando lá, tive vontade de chorar, de gritar e acordar do que me pareceu ser um pesadelo em cores primárias. O lindo piso, que na semana anterior havíamos protegido com papel, estava exposto e salpicado com tinta azul. Parecia que haviam jogado na parede tinta laranja, que escorrera e empoçara ao pé da escadaria. Pude ver pegadas de cores vivas nos degraus de madeira que Mickey envernizara até reluzir e vários trechos da balaustrada se destacavam numa trágica combinação de cores.

Próximo ao topo da escadaria vi Mickey, nu e coberto de tinta.

Arfei.

– O que você está fazendo? – gritei.

Ele se levantou depressa, derrubando uma lata de tinta amarela, enquanto eu observava, com um fascínio atônito, o líquido escorrer lentamente em minha direção. A risada de Mickey me trouxe de volta à realidade, mas era uma gargalhada que eu nunca ouvira.

– Você chegou antes da hora! Entre. É da imobiliária? Marquei às três, mas...

– Com um floreio, ele apresentou seu projeto. – Dá para ter uma ideia. Acho que qualquer um que entrar nesta casa vai ter um impacto, não vai? Por acaso você trouxe suco? Estou precisando de combustível. Suco de uva é um ótimo antioxidante. Vi no canal de saúde. Mostraram o parto de um bebê de duas cabeças naquele programa, eu juro. Você veio sozinha ou trouxe algum cliente?

– Mickey, sou eu, Lucy.

– Lucy? Esse é o nome da minha namorada. Merda, estou sangrando?

Ao que parecia, só agora ele havia notado que estava coberto do que supôs ser sangue. Então começou a girar no alto da escadaria, tentando encontrar uma ferida no corpo nu. Atravessei correndo o hall, fazendo o possível para evitar as poças escorregadias.

– Mickey! Querido, está tudo bem. Não é sangue. Mickey, está me ouvindo?

Ele começou a estapear o rosto com ambas as mãos e tive medo que escorregasse na tinta e rolasse escada abaixo. Quando me aproximei, tentei

segurar sua mão, mas ele se esquivou.

– O que está havendo? Não, não! – exclamou, sem fôlego e entrando em pânico. – O que é isso?

– Mickey! Meu amor!

Eu não sabia o que fazer. Não consegui chamar sua atenção e fiquei ali, parada, gritando com ele. Corri até o banheiro e peguei uma toalha, que joguei sobre seus ombros, antes de abraçá-lo.

– Mickey? Mickey! Olhe para mim, amor!

Ele tremia e grunhia como um animal. Eu o abracei o mais apertado que pude, mas Mickey era mais forte que eu, e o medo que sentia aumentava sua força.

Ouvi passos lá embaixo e me perguntei se ele havia mesmo chamado um corretor. Mas era um policial, com a mão pousada na arma, que retirou do coldre.

– Quero que os dois desçam até aqui.

As palavras detiveram Mickey por um segundo. Quanto a mim, não consegui entender o que estava acontecendo. Foi então que me lembrei da luz vermelha e da velocidade com que continuei dirigindo para me livrar, ao que parecia, desse mesmo policial.

– Graças a Deus! – gritou Mickey. – Olhe para mim! Estou sangrando como um porco. Levei um tiro. Eu estava agora mesmo pensando que precisava da polícia e você apareceu. O que está fazendo aqui? Não lhe ensinaram a bater? Não pode ir entrando na minha casa com essa arma e seu distintivo. Eu tenho direitos! Tenho pé direito e mão direita. Você também deve ter!

– Mickey, cale a boca!

Mickey se virou para mim com um salto e jogou a toalha longe.

– Quem é você, mulher? Saia já da minha casa!

– Senhor, por favor.

O policial dera alguns passos no hall e tentava convencer Mickey a colaborar, encarando-o, mas Mickey adotara a postura de um gato pronto para dar o bote. Respirei fundo e ignorei meu coração disparado. Passei à frente dele e disse ao policial:

– Preciso que o senhor ligue para a emergência. Meu noivo não é perigoso, só está nu e delirante. Preciso levá-lo para o hospital. Será que pode me ajudar? – Vendo sua expressão inabalável, acrescentei: – Olhe, era por isso que eu estava dirigindo acima da velocidade. Meu nome é Lucy Houston. Ele é Mickey Chandler. Ele mora aqui. O senhor pode me prender depois, mas Mickey está tendo um surto. Não está sangrando nem levou um tiro. Ele sofre de transtorno bipolar e, como o senhor pode ver, não está nada bem agora. Por favor.

Gritei tudo isso de modo a me fazer ouvir acima da ladainha cheia de improperios de Mickey, que voltara à tarefa de arruinar a balaustrada.

Minha explicação deve ter parecido lógica o bastante, pois o policial baixou a arma e chamou uma ambulância.

– Obrigada – agradei, de repente me dando conta de que estava tremendo.

Uma hora depois, no mesmo hospital em que havíamos nos encontrado e conversado um ano antes, Mickey foi amarrado a uma cama, todo sujo de tinta, encharcado de suor e psicótico. Ele não me reconhecia. Eu era uma estranha no mundo em que ele aterrissara. Eu vi os preâmbulos da crise que agora chegava ao auge sem perceber o que estava vendo. Ingenuamente admirara sua energia sem fim. Agora percebia, atônita, aonde ela o levara. De alguma forma, Mickey escondera o que vinha acontecendo com ele. Era como se, apesar de suas promessas, tivesse continuado a usar a máscara da qual tanto me falara.

Uma enfermeira rebugenta se esforçava ao máximo para controlá-lo, mas ele não parava de cuspir nela. Gritava obscenidades e as veias em seu pescoço mais pareciam cordas retesadas. Sua raiva – o terror e o desespero, a absoluta perda de controle – me deixou sem fôlego. Lembro-me de achar que ia desmaiar e de ter descido correndo três lances de escada para encontrar um lugar onde conseguisse respirar. *Por que eu estava com esse homem?*

Gleason Webb me encontrou num banco do lado de fora. Pouco dado a demonstrações de afeto, ele simplesmente se sentou ao meu lado e pousou a mão em meu ombro para me tranquilizar. Ficamos assim alguns minutos, até que me virei para ele e perguntei:

– O que está havendo com Mickey?

– Isso é o que acontece quando a hipomania escapa ao controle.

– Não entendo.

– Um surto maniaco logo se transforma em psicose. Mickey ultrapassou a linha.

– Não vi a linha. Qual é o meu problema?

– Você não sabia o que procurar. Nem tenho certeza se o próprio Mickey a viu antes que fosse tarde demais. – Gleason deu de ombros. – Ele anda tão feliz desde que encontrou você, Lucy. Só que, para Mickey, existe uma linha muito tênue separando a alegria da euforia. Ultrapassá-la pode levar a isto.

– Nunca imaginei que ele pudesse ficar assim. Não sei se consigo lidar com isso.

Gleason me encarou.

– Pode ser muito impressionante, mas é o que acontece, Lucy. Mickey já esteve aqui antes e provavelmente voltará. Faz parte da natureza da doença.

– Quantas vezes isso já aconteceu?

– Algumas.

– E não há nada que se possa fazer?

– *Nós* não temos poder algum, Lucy. O poder é de Mic. Depende de como ele administra a doença. Basicamente, ele quer se sentir bem, como todo mundo.

Por isso tenta se equilibrar na beira do precipício, tenta não cair. Se a energia começa a diminuir, ou se ele acha que vai diminuir, ele se automedica para que isso não aconteça. Às vezes, isso leva a pensamentos irracionais e tentar consertar a situação só piora as coisas. Mickey tem uma doença crônica, Lucy, e mesmo quando tudo parece bem, a possibilidade de um surto como esse pode estar à espreita.

– Por que eu não notei?

– Leva bastante tempo para conhecer alguém como Mickey. Ele é como uma cebola gigantesca, e é uma tarefa hercúlea tirar todas as camadas da doença, da personalidade e do caráter. – Gleason me lançou um olhar duro. – Você não pode consertá-lo. É perfeitamente compreensível que tenha dúvidas. – Ele me observava com as sobrancelhas grossas e grisalhas franzidas.

– Eu não fazia ideia.

– Então é bom que tenha visto isso, Lucy. Da próxima vez, a surpresa não será tão grande. Supondo-se que você ainda esteja por perto da próxima vez.

– Não sei o que estou fazendo.

– Acredito.

– Gleason, estou com medo – falei, lutando contra as lágrimas. – Amo Mickey, mas...

– Medo é uma coisa saudável – disse ele, dando um tapinha no meu ombro.

Após uma pausa, perguntei:

– Ele poderia me machucar?

– Não sei. Nesse momento, talvez tivesse machucado a enfermeira se não estivesse amarrado. Mas isso é a psicose. Você vai aprender a identificar os sinais antes que as coisas cheguem a esse ponto.

Fiquei calada um bom tempo pensando nisso. Gleason também se calou. Passados alguns minutos, virei-me para encará-lo.

– Como vai ser a minha vida se eu me casar com ele?

O médico de Mickey me estudou por um instante e respirou fundo.

– Lucy, todo casamento é uma dança: complicada às vezes, maravilhosa em outras. Na maior parte do tempo não acontece nada de extraordinário. Com Mickey, porém, haverá momentos em que vocês dançarão sobre cacos de vidro. Haverá sofrimento. Nesse caso, ou você fugirá ou aguentará firme até o pior passar.

Interiorizei as palavras dele, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Não consigo imaginar minha vida, meu futuro, sem ele, mas não sei... – Fiz um esforço para conter as lágrimas e passei a mão pelo cabelo. – Tem razão, Dr. Gleason. Foi bom eu ter visto isso agora – falei. Em seguida, o encarei. – Você acha que consigo?

– Isso só você pode responder, Lucy.

– Mas... Vou aprender a reconhecer a fronteira?

Ele assentiu.

– Mic vai ajudá-la. Uma das maiores vantagens é que ele não quer surtar. Mic não quer que a doença o defina. Tenta ser ajuizado e na maior parte do tempo consegue. E quando escorrega, *isso* é o que pode acontecer, embora nem sempre aconteça, é claro. – Gleason me fitou, com uma sinceridade evidente no olhar. – Tirando isso, Lucy, ninguém poderia amá-la mais.

Tentei sorrir.

– Por que você é tão dedicado a ele, Gleason? Não é possível que se preocupe tanto com todos os seus pacientes.

Vi uma expressão nostálgica no psiquiatra que havia tantos anos cuidava de Mickey.

– Há muito tempo perdi uma paciente – começou ele, com um suspiro. – Foi um suicídio horrível, um dos mais duros da minha carreira. Simplesmente não consegui salvá-la e isso me deixou tão arrasado que quase larguei a profissão. Fui a seu enterro e me lembro de que estava na última fileira de bancos, pensando em carreiras alternativas, quando um garoto magricela apareceu. Ele se sentou ao meu lado e durante um tempão não disse nada. Então me olhou com os olhos marejados e falou: “A culpa não foi sua, Dr. Webb. Minha mãe queria muito morrer.” – Gleason meneou a cabeça. – Duas semanas depois, ele entrou no meu consultório e me pediu que o examinasse e dissesse se ele era louco. Garantiu que faria qualquer coisa, passaria por qualquer cirurgia, tomaria qualquer remédio para não ficar como a mãe. Era aniversário dele, 12 anos. – Gleason assentiu, lembrando. – Estamos juntos desde aquele dia.

Sequei mais lágrimas do rosto.

– Ele nunca me contou isso.

– Vai contar.

– Ele é mesmo incrível, não é?

– Lucy, nunca conheci alguém que lutasse tanto para evitar a doença ou que sofresse mais quando surta. Mickey é um homem extraordinário, que por acaso tem uma doença mental. Se eu fosse lhe dar algum conselho seria para se concentrar *nessa* Mickey.

Assenti.

– Aprenda a ler nas entrelinhas. Assim que encontrar um homem que ame de verdade apesar de todos aqueles sintomas, *guarde esse homem na memória*. E saiba que *esse homem* às vezes desaparecerá.

Chorei como um bebê no caminho de volta para casa, furiosa por não ser capaz de consertar toda aquela bagunça com meu amor e mais furiosa ainda por pensar dessa maneira. Quando me preparava para dormir, os papéis que eu encontrara na casa de Mickey caíram do meu bolso. Alisei-os e não reconheci a letra: os garranchos irregulares pareciam os de uma criança, escritos com pressa, com desespero, talvez. O texto não continha pontos e, no fim, não havia

espaços entre as palavras.

Minha Lucy,

Estou a mil por hora Fiz uma coisa ruim por ter percebido e não falado nada a ninguém Não contei a você nem a Gleason nem a qualquer pessoa porque é bom ter tanta energia e tanta fê em mim mesmo Eu me sinto invencível e capaz de fazer qualquer coisa Agora estou acelerado demais e não consigo parar por conta própria e vai acontecer alguma coisa que preciso avisar a você para que não tenha medo A última coisa que quero é que você sinta medo de mim Sou capaz de morrer se algum dia assustar você Lucy Estou elétrico e perdendo o controle mesmo enquanto escrevo não consigo ficar quieto Não consigo parar de pensar no que posso fazer para segurar a sensação voltar a ontem que foi um dia bom e esperar o hoje que foi ainda melhor até agora A parte que funciona no meu cérebro sabe que vou desmoronar estou desmoronando vendo movimento onde não é para ter movimento Estou numa nuvem e ela está indo E eu vejo coisas caindo escorrendo dos buracos São vermelhas e depois viram azuis e sei que não são reais Estou tentando correr para poder dizer a você que sinto muito Isso não acontecia havia tanto tempo que esqueci de tomar cuidado Você me faz tão feliz e minha felicidade não é nada confiável Não é isso que eu quero dizer Você é felicidade Você é tudo que há de feliz bonito e maravilhoso no mundo e tem tanto medo de que você acabe me odiando porque estraguei tudo de novo e fingi que estava bem ser bonzinho quando disse a você que não ia fingir Não consigo fazer você entender o que está acontecendo comigo Você não vai querer saber que estou tentando ficar longe da beirada, mas não consigo Estou flutuando acima do precipício e vou cair Sinto muito Eu te amo Eu te amo Eu te amo Se meu amor viesse num pacote melhor acabaria afogando você Ele é grande assim Não tenha medo de mim Por favor por favor por favor não fique com medo de mim Não importa o que eu diga ou faça quando você me encontrar com certeza não é de propósito A menos que eu diga que te amo Porque essa é a única coisa inabalável que tenho Se chamarem você no hospital não vá Por favor não vá Não quero que você me veja assim Não quero que você me veja assim nunca Ligue para o Gleason que ele pode explicar Ligo para você quando puser a cabeça no lugar Eute amo Eute amo Mic.

Caí de joelhos e reli a carta. Eu era capaz de ouvir a voz dele, que, no fim, parecia gritar do papel. E pude vê-lo. Em minha cabeça, vi Mickey escrevendo aquilo para mim, tentando contornar a doença, tentando se apossar de cada

palavra antes que o surto o dominasse. No centro de sua loucura, no olho daquele terrível furacão, *estava* o seu coração, aberto e ansioso. Por mim. Não pude me imaginar sem amá-lo. E não pude imaginar não ser amada por ele.

Naquele momento percebi que não valeria a pena viver sem Mickey Chandler. Eu o amava de todo coração. Mesmo com todos os seus problemas.

12 DE JUNHO DE 2011

Um bebê. A ideia me alçou a um lugar totalmente desconhecido. Um lugar onde eu quase podia imaginar o pequeno peso de um bebê nos braços de outra pessoa, qualquer um, menos eu. Cabecinha, mãos e pés minúsculos, tudo novo para mim. Um bebê. Uma família. Nossa tentativa de imortalidade.

Antes do câncer de Lucy, uma família era nosso projeto, indefinidamente adiado até que alcançássemos certa estabilidade. Depois, porém, ela adoeceu e o preço do câncer foi alto demais, nosso futuro pareceu precário para comportar filhos. Por isso decidimos que essa opção era impossível, ou foi o que pensamos. Voltamos do inferno para recuperar nosso equilíbrio, e a vida mais uma vez se transformou num porto seguro para duas pessoas. Até hoje. Hoje ela se tornou um porto de milagres.

Um bebê. Uma pequena família. A ideia inflou meu peito e me encheu de pavor. Serei um bom pai? Serei capaz de amar e proteger e me comportar como um? Pensei no meu próprio pai – distante às vezes, sufocado por minha mãe, vencido. Sei que ele fez o melhor que pôde. Quem pediria mais de um homem? Como poderei ser melhor do que ele? Estremeci ao pensar em todas as maneiras como eu podia estragar tudo. Os danos que posso causar. Onde eu estava com a cabeça?

Lucy me encontrou mergulhado nesse pânico e encaixou a mão na minha. “Nós dois iremos cometer erros”, falou, mas ofereceremos equilíbrio um ao outro. Então acalmou meu pulso acelerado com as seguintes palavras: “Você vai ser um pai maravilhoso. Vai dizer a essa criança todos os dias quanto ela é amada, não importa o que houver. E ela vai acreditar, porque será verdade. E o fato de ela acreditar nisso do fundo do coração será suficiente para aplacar todo o restante.”

Na noite de sábado, quando voltamos para casa depois de velejar, encontramos um bilhete de Priscilla sobre a bancada. Ela dizia que dormira no nosso sofá, já que tínhamos levado o barco. Ela meio que se desculpava por não ter falado com ninguém sobre usá-lo, e gostei disso, pois desculpas não eram o forte de minha irmã. No fim do bilhete, Priscilla me avisava de que o leite havia acabado. Levando em conta o que acontecera, ela podia ter ficado mais furiosa. Eu ligaria para ela no dia seguinte.

Enquanto Mickey cuidava da correspondência, acendi velas e preparei um banho. Assim que entrei na banheira, senti uma coceira na garganta e comecei a tossir. Arrependi-me de não ter pegado alguma coisa para beber. Como se lesse meus pensamentos, porém, Mickey surgiu com dois copos com gelo e um litro de água mineral. Disse que sabia que eu preferiria vinho, mas é claro que não haveria vinho até o bebê nascer. Então entrou na banheira comigo e meus planos de um banho relaxante se tornaram um pouco menos relaxantes. Mas eu não tinha do que me queixar.

Durante um bom tempo, apenas ficamos ali na água e continuamos a conversa que havíamos começado no barco. Fiquei espantada com o modo como essa criança logo passou a dominar todos os nossos pensamentos. Ela se tornou o novo ponto de referência em nosso casamento. Tive a sensação de que a conversa que começara na véspera seria a mesma que teríamos pelo resto da vida. Imaginei que constituir uma família fosse assim mesmo.

Acordei cedo na manhã seguinte e não me sentia muito bem. Meu estômago estava embrulhado e nada me apetecia. Quis que Mickey se sentisse mal por mim, mas ao olhar para ele, dormindo pesada e serenamente, não tive coragem de acordá-lo para me lamentar. É assim que ele dorme quando está na fase estável. Sem inquietação, sem medos. Claro que o aumento na dose de Ambien também ajudava. Beijei seu nariz e me levantei da cama sem fazer barulho.

Enquanto fervia água para fazer chá, verifiquei as mudanças que Gleason fizera nos psicotrópicos de Mickey. Procurei seus remédios na mochila. Parecia que ele tinha voltado a tomar Tegretol e, graças a Deus, havia tomado a medicação corretamente no barco. A chaleira apitou e mergulhei um saquinho de chá de menta na água. Assim que me sentisse melhor, pretendia cuidar da roupa suja e depois, quem sabe, preparar um baita café da manhã para Mickey. No entanto, fui desviada desses planos. De repente me vi no quarto de entulho sentada no banco sob a janela.

Dei uma olhada no velho quarto de Priscilla, agora banhado pelo sol de um novo dia. Tomando meu chá em pequenos goles, perguntei-me como era possível alguém acordar de mau humor nesse quarto. Ainda assim, com frequência Priss conseguia essa façanha. Tinha chegado a colar na porta um aviso ameaçador quando eu era pequena: **INVASORES RECEBERÃO UMA CUSPARADA. QUEM NÃO ACREDITAR QUE TENTE!!!**

Examinei o quarto e imaginei onde ficaria o berço, tentando pensar na melhor combinação de cores para uma menina. Talvez rosa e verde-musgo, ou amarelo claro e laranja. Fustão e flores para os protetores de berço. Quando ela ficasse mais velha talvez eu ressuscitasse minha velha cama de dossel. Tomei mais um

gole de chá. Conscientemente, eu queria imaginar o cômodo como quarto de bebê, mas minhas lembranças insistiam em voltar à época em que ele era meu.

Priss se mudara havia muito tempo e Lily estava na faculdade, por isso éramos só minha mãe e eu. Eu sempre ficara com o quarto pequeno atrás da cozinha, mas enquanto passava as férias em Washington, mamãe mudou minhas coisas para o quarto de Priss, no segundo andar. Quando voltei, Harry e Jan tinham colado o papel de parede e forrado o piso de madeira com carpete. Jan e minha mãe tricotaram uma colcha e os móveis eram novos – uma cama de dossel e uma penteadeira. Ficou incrivelmente lindo e eu não sabia se podíamos arcar com aquela despesa, mas valeu a pena.

Ao abraçar minha mãe naquele dia, pela primeira vez a senti pequena em relação a mim. Eu sabia que ela começara a encolher, a definhar, mas até aquele momento, até sentir seus braços em volta de mim, eu a enxergava como devia ser: consistente, como se estivesse no comando, e eu, como filha, não precisasse me preocupar. No entanto, lembro-me claramente daquele como o dia em que minha mãe começou a morrer. Quatro meses mais tarde, logo depois do meu aniversário de 17 anos, ela se foi.

O velho quarto de Priss era vizinho ao de minha mãe e eu sabia que tinha sido instalada ali porque ela precisava de mim por perto. Não queria ficar sozinha, mas acho que não pretendia me deixar saber disso. Durante aqueles quatro meses, não tive uma única noite inteira de sono. Perto do fim, abandonei de vez o quarto de Priss para dormir na cadeira ao lado da cama de minha mãe. Mesmo nas noites boas.

Às vezes, ao acordar e me ver ali, ela me repreendia, dizendo que eu tinha aula. Mas essas palavras eram apenas sussurradas, com os lábios entreabertos. Em vez de responder, eu lhe dava um copo d'água ou a ajudava a chupar uma pedra de gelo. Às vezes, ela pegava minha mão e me puxava para perto, e eu sentia sua imensa quentura, mesmo quando se queixava de estar congelando.

De certa forma, era como se eu fosse a mãe, responsável por alguém que dependia de mim para tudo. Sentada ali, no velho quarto de Priss, afagando meu estômago embrulhado, percebi que eu já tivera lições de maternidade. E bem difíceis. Eu estava lá para ouvir Charlotte dizer a minha mãe aquelas palavras irreversíveis: câncer. Agressivo. Resistente. Prognóstico ruim. Foi a minha mão que se estendeu para ajudá-la quando a força dessas palavras ameaçou sufocá-la. Foram minhas as lágrimas que não permiti que rolassem na frente dela por medo de fazê-la sentir-se pior.

Eu estava sozinha quando a Dra. Barbee me passou as instruções, explicou o que esperar e me deu um sermão encorajador informando que eu havia, oficialmente, deixado a infância para trás. Aos 16 anos, *para todos os propósitos e efeitos*, dissera ela, eu era uma adulta num mundo de adultos.

A Dra. Barbee me ensinou a drenar o catéter de minha mãe e a medir o

volume da sua urina e me explicou em que momento eu precisava chamá-la para pôr a paciente no soro. Ensinou-me a aplicar as injeções que ela pediria quando a dor ficasse insuportável. Eu era a cuidadora, insistiu a Dra. Barbee. Eu estava no comando. Madura demais para a minha idade, cochichavam os outros. Uma alma velha. Mas que opção havia, na verdade, senão crescer e me preparar para vê-la partir? Nenhuma que eu pudesse ver.

Eu não teria sido capaz de enfrentar tudo isso se não tivesse uma crença absoluta no que meu pai dissera a respeito da morte quando eu era menina. Se as palavras dele pretendiam apenas confortar uma garotinha amedrontada, surtiram o mesmo efeito doze anos depois, enquanto eu me preparava para que a Morte levasse minha mãe.

Meu chá já estava frio quando enfim percebi quão perdida eu estava em meus pensamentos. Permanecer no presente exigia disciplina. Por isso me obriguei a parar de pensar na minha mãe e concentrar minha atenção nos projetos para aquele quarto. O que ela teria sugerido? Talvez vermelho e branco. Talvez amarelo e azul. Eu ligaria para Wanda Murphy, a presidente do Grêmio de Artesãos de Brinley. Ela daria ideias incríveis. Então me repreendi. Eu não podia falar a ninguém sobre o bebê antes de contar às minhas irmãs.

Era quase meio-dia quando entrei na Fantasma no Sótão. Lily estava atrás do balcão, segurando o telefone com o queixo e registrando algumas peças de porcelana para uma mulher que lhe estendia o cartão de crédito. Sentei na recepção e me servi de um bolinho de abóbora. Lily encomendava doces duas vezes por dia a Matilda Hines, dona da Heavenly Hines Baked Goods, duas portas adiante. Minha irmã os deixa sobre um aparador Regency obscenamente rebuscado, que também ostenta um serviço de chá de prata de lei e dezenas de xícaras pintadas à mão.

Lily e Ron transformaram uma decrepita mansão vitoriana de dois andares (e sótão) em um negócio bem-sucedido. Cada palmo da loja é absolutamente convidativo, a começar pela recepção. Paredes cor de vinho escuro e o carpete floral dão o tom. Um sofá neoclássico, algumas cadeiras Queen Anne, além de uma cadeira de balanço vitoriana oferecem descanso e conforto em volta de uma mesa de centro de mogno. É ali que Lily guarda seu material de referência – quando um colecionador de peso deseja saber se os preços são justos, pode consultar um de seus vários catálogos enquanto belisca uma bomba de chocolate.

Em tese, nada está à venda nessa sala, embora a mobília seja trocada quase mensalmente. A recepção de Lily tem uma elegância que os clientes desejam imitar em suas casas. Eles são seduzidos logo na entrada, antes de comprar tapeçarias, cerâmicas e cristais Lalique, móveis e rendas nas outras quatorze

salas. A teoria de Lily é a de que, se conseguir transformar as compras na Fantasma em um acontecimento para o cliente, ele voltará. A teoria foi amplamente comprovada; os fregueses de Lily não param de voltar. Ela mantém contato com eles através de cartões, nunca deixando de lhes agradecer as compras nem de avisá-los quando adquire algo que atenda a seu gosto.

Vi minha irmã se despedir da compradora de porcelana e lhe dizer que esperava um telefonema quando seu neto nascesse. A mulher, encantada, prometeu que ligaria para dar a notícia. Lily checou o monitor sobre o balcão e olhou para mim.

– Vou só dar uma olhada nas senhoras que estão comprando roupa de cama lá em cima. Já volto.

Terminei meu bolinho e, notando que me sentia melhor, estendi a mão para pegar um brownie. Então a verdade me atingiu como uma martelada na cabeça: enjoo matinal. O pensamento me deixou eufórica! Meu corpo estava fazendo exatamente o que se esperava dele.

– Que sorriso idiota é esse no seu rosto? – perguntou minha irmã, entrando na recepção.

Levei um susto e deixei meu brownie cair. Lily se serviu de uma xícara de água quente e, enquanto espremia um limão, falou:

– Lembra-se daquele abajur obscuro de que lhe falei? Aquele que comprei por 500 dólares do garoto lá em Woodbury?

Eu não me lembrava e dei de ombros.

– Descobri que é um Daum Nancy e vale uns 15 mil. E tenho um comprador para ele – disse ela, erguendo os olhos da xícara para sorrir para mim.

Seus olhos verdes, o único traço que minhas duas irmãs e eu temos em comum, cintilaram.

– Ah, desculpe. Estou tagarelando sem nem perguntar como você está. Encontrou Priss afinal?

– De passagem. E você?

– Não. Ela deixou um recado na minha secretária eletrônica no domingo, dizendo que estava voltando para Hartford e sentia muito por não falar comigo. Como se tivesse tentado. Estou sempre aqui. E, como você, ela não apareceu na Festa da Savelha.

– Ah, desculpe. Passamos a noite no barco. Esqueci completamente.

– Bem, foi ótimo, como sempre. Então, o que há de novo?

Dei uma olhada em torno para garantir que não seríamos perturbadas e tomei fôlego.

– Ah, não – exclamou Lily ao se sentar, com uma expressão de alarme no rosto. – Você falou com Charlotte, não foi?

– Bem, na verdade, falei, sim. Mas não é o que você está pensando.

Lily pousou a xícara na mesinha com a mão trêmula.

– O quê?

– Lil...

– Conte logo, Lucy. Não fique me enrolando.

– Estou grávida.

Silêncio mortal. Não podia garantir nem que ela estivesse respirando.

– Como? – indagou Lily, por fim.

Tudo o que pude fazer foi assentir.

Ela me encarou.

– Eu sei – falei.

– Você... Você está grávida? Sêrio? Nossa, Lucy.

– Eu sei. – Como Lily continuou calada, tive que perguntar: – Você está feliz por mim, não está?

Ela sorriu, mas não era um sorriso sincero. Ainda assim, se levantou e veio me abraçar.

– Claro que estou feliz por você, Lu. Só fui pega de surpresa.

Quando me afastei, havia em seus olhos algo que ela tentava esconder. Depois vieram as lágrimas. Eu sabia o motivo e de repente me enfureci. Eu queria que isso fosse sobre mim, não sobre o bebê que ela perdera treze anos antes. Balancei a cabeça sem olhar para ela.

– Desculpe, Lil, preciso ir – falei.

– Não vá, Lucy, me desculpe. Eu só...

O sininho da porta tilintou e Lily enxugou depressa o rosto com as mãos, mas era Ron, que deu uma olhada para nós e disse:

– Ih, isso não é nada bom. O que foi?

Lily se levantou depressa demais, derrubando a xícara no chão. As lágrimas brotaram de novo e ela ignorou a água com limão que molhara o tapete.

– Meu amor – começou, dirigindo-se a Ron –, Lucy tem novidades. Vou dar uma olhada na Sra. Flowers – justificou, saindo da sala.

Senti vontade de vomitar.

– Você e Lil estavam brigando? – perguntou Ron, pegando a xícara no chão.

Olhei para meu cunhado, que vestia uma calça de brim muito bem passada e uma camisa de cambrá e não chegara a tirar os óculos escuros.

– Acho que sim.

– É algo sério?

– Estou grávida, Ron.

Ele tirou os óculos devagar e me encarou por alguns segundos.

– Uau! Que surpresa!

– É – concordei.

– E ela ficou chateada?

– Parece que sim – respondi, balançando a cabeça, sentindo-me cada vez mais aborrecida com minha irmã.

– Ah, Lucy... – exclamou Ron, virando-se para o corredor em busca da esposa. Durante um bom tempo ficou olhando nessa direção, claramente ponderando a situação, antes de se dirigir outra vez a mim: – Vai passar – disse, por fim, dando-me um abraço. – Ela vai superar. E você? Está tudo bem com você? Pensei que nenhuma das irmãs Houston tivesse permissão para engravidar. O que houve?

Dei de ombros.

– Uma ligadura de trompas que falhou, um nadadorzinho teimoso... Faça as contas.

– Isso é bom ou ruim? Preciso adequar a minha reação.

Mesmo contra a vontade, eu ri.

– As duas coisas.

– Como vai o Mic?

– No momento está bem. Ficou contente com a notícia.

– Então fico feliz por vocês dois – respondeu ele, fitando meus olhos. – Vai dar tudo certo.

– Não sei o que eu esperava, Ron. Eu só queria que ela ficasse feliz por mim, mas...

Ron continuava assentindo.

– Acho melhor eu ir ver como ela está.

Esperei vários minutos, o suficiente para as paredes cor de vinho começarem a me sufocar. Quando ficou claro que Lily não voltaria, saí. O que eu esperava? Que Lily explodisse de felicidade? Eu sabia que algo nela se partira no dia em que foi obrigada a devolver aquele menino. Ela chorava toda vez que tocávamos no assunto e eu deveria saber como tudo isso seria delicado para ela. Mas seria um erro meu querer sua bênção? Sim, aparentemente.

Depois de passar um bom tempo sentada no carro, resolvi ligar para Priscilla e me livrar de vez de todas as tarefas desagradáveis. Seu assistente passou a minha ligação e minha irmã atendeu com o maior profissionalismo:

– Priscilla Houston.

– Oi, Priss.

– Quem está falando?

– Sou eu e você sabe. Liguei para pedir desculpas pelo barco.

– Sério? – Seu tom era sarcástico.

– Sério. E para contar que estou grávida.

Silêncio.

– Bom, foi para isso que liguei. Estou tendo um dia terrível, por isso não vou ocupar você por mais tempo.

– Lucy, espere um instante enquanto fecho a porta. Precisamos conversar. – Ouvi a porta bater, antes que ela voltasse ao telefone. – Comece do início. Você está bem?

– Estou, mas Lily não.
– Ela não recebeu bem a notícia, hein?
– Não.
– Lucy, como você foi engravidar? Não havia ligado as trompas?
– Parece que o nó se desfez ou elas voltaram a se ligar. Aconteceu alguma coisa, é óbvio.

– Você quer isso? – perguntou Priss sem rodeios. – Achei que...
– Quero, Priss. Nós queremos. Não foi planejado, mas vamos ter o bebê.
– É mesmo? Tem certeza?
– Priss...
– Desculpe, meu bem, mas você tem certeza? Aconteceu algum milagre que mudou a situação de vocês? Mickey se curou ou ainda...?
– Priscilla, preciso desligar agora. Eu só queria que você soubesse. – Desliguei o celular e atirei o aparelho no chão do carro.

O que eu realmente esperava ouvir das minhas irmãs?

Quase na mesma hora, o celular tocou e eu o puxei com o pé. Claro que era Priss – e fiquei tentada a deixar a ligação cair na caixa de mensagens –, mas me forcei a atender.

– Desculpe, Lucy, você não merecia o que eu disse. Mas me pegou de surpresa, totalmente de surpresa. Tem certeza de que está bem? – Seu tom era de absoluta sinceridade e tive vontade de chorar.

– Não sei. Descobri há poucos dias e só contei a Mickey no fim de semana, no barco. Aliás, foi por isso que o peguei. Eu pretendia dar a notícia em algum lugar de onde ele não pudesse fugir.

– Então fico feliz que tenha pegado o barco, mas, Lucy, você tem certeza de que sabe o que está fazendo?

– Não. Mas vou fazer assim mesmo.

– Você está com quanto tempo?

– Pelos cálculos, onze semanas.

Priscilla deu um suspiro.

– Estou preocupada.

– Eu sei e amo você por isso.

– Também a amo, você sabe. Mas, Lucy, não é tarde demais para *não* ir em frente.

– Preciso desligar, Priss.

Encerrei o telefonema e me lembrei da última vez que ela me dissera aquelas mesmas palavras.

2 DE JULHO DE 2000

Não muito depois de eu ter me recuperado do surto que deveria ter espantado Lucy de vez, Priscilla me disse para encontrá-la no Colin's Grill. Eu não gosto nem um pouco de receber ordens, mas sabia que o que quer que Priss tivesse para dizer era inevitável, então concordei. Chegando ao restaurante, eu a vi numa mesa de canto. Ela não sorriu quando me sentei.

– Priscilla.

– Oi, Mickey. Obrigada por ter vindo.

O garçom me trouxe uma Coca-Cola que eu não pedira e Priscilla agradeceu.

– Não queremos ser perturbados – falou em seguida.

O rapaz entregou-lhe a conta e se afastou. Sem qualquer preâmbulo, ela começou:

– Esse namoro seu com a minha irmã não pode continuar. Tenho certeza de que você se dá conta disso agora.

Permaneci calado.

– Eu devia ter me metido logo, mas a verdade é que achei que a esta altura já teria terminado naturalmente. Você é um cara decente, Mickey, e isto não tem nada de pessoal.

Priscilla fez uma pausa, mas deixei que suas palavras pairassem entre nós, pesadas e sem resposta. Ela pigarreou.

– Lucy não tem noção do que está fazendo com você. Ela é jovem, ingênua, e você... – Ela deu de ombros. – Você tem problemas demais, Mickey. Se ama mesmo a minha irmã, por favor, afaste-se dela. Lucy não está preparada para enfrentar a situação e não é justo obrigá-la a isso.

Tomei um gole do refrigerante e continuei ouvindo.

Priscilla ficou agitada e se inclinou sobre a mesa para deixar claro seu desconforto. Depois falou:

– Minha irmã ainda não é totalmente madura, Mickey. Não tem nem 23 anos completos e não está sendo racional. Acha que quer dar aulas em Brinley, o que é ridículo! Ela se formou com louvor! Merece muito mais! – Priscilla apertou o alto do nariz, entre os olhos, e suspirou. – Lucy nem percebe que existe um mundo lá fora. Precisa crescer e ver esse mundo. Você tem que ser maduro e fazer o que é certo.

Tomei um gole da Coca-Cola, preparando-me para falar:

– Minha vez?

– Claro.

– Acho que a coisa certa a fazer, Priscilla, é esquecer que esta conversa aconteceu.

– Como?!

– Estou falando sério, Priss. Agradeço sua dedicação a Lucy, mas parece que você não conhece nem um pouco a sua irmã. E não me conhece. Você acha, honestamente, que não consideramos todos os aspectos da situação? Consideramos. Posso ser difícil, todo mundo sabe disso. E garanto que haverá momentos em que você vai gostar de mim ainda menos do que gosta agora, mas não vou morrer por causa disso, Priscilla, não é com você que vou me casar. Eu gostaria de que fôssemos amigos, mas essa decisão é toda sua. Amo a sua irmã.

– Então se afaste – sibilou Priscilla –, porque você vai arruinar a vida dela.

Deslizei para a ponta do banco e me levantei.

– Estou indo, Priscilla. Você é muito importante para Lucy, por isso não vou contar a ela o que você me pediu. Ambos sabemos que isso poderia destruir o relacionamento de vocês duas.

– Afaste-se dela, Mickey.

Balancei a cabeça.

– Você pode decidir a sua vida, Priscilla, não a de Lucy. Eu só me afastaria se ela me pedisse. Por isso, você vai ter que conversar direto com ela. Essa é a sua única chance e sugiro que a aproveite, porque, se ousar interferir depois que nos casarmos...

– Está me ameaçando?

Sorri.

– Não, só estou lhe avisando para não contrariar um doente mental que evidentemente tem o poder de destruir vidas.

A irmã de Lucy me lançou um olhar fulminante, que me esforcei para retribuir. E que um raio caia na minha cabeça se uma única lágrima beligerante não escorreu pelo seu rosto e derreteu o gelo. Suspirei e tornei a me sentar a seu lado. Durante um momento nenhum de nós falou nada. Então Priscilla choramingou:

– Você me assusta, Mickey. De verdade.

– Entendo – falei, passando o braço pelo seu ombro. – Às vezes assusto a mim mesmo também. Mas, por mais que eu tente, parece que não consigo assustar a sua irmã.

Priscilla ergueu os olhos para mim e fiquei profundamente tocado pela preocupação genuína que vi neles. Puxei-a para perto e, engolindo o nó em minha garganta, falei:

– Vou cuidar muito bem dela, Priss. Eu prometo.

Depois de encontrar a carta de Mickey, vi que não havia como voltar atrás. Eu o amava, mas não sabia como demonstrar isso durante aquele período tenebroso. O hospital não me deixava vê-lo, o que me causava tanta ansiedade que eu mal conseguia pensar. Gleason, porém, me garantiu que era melhor assim, porque Mickey continuava seriamente psicótico. Portanto, embora não pudesse vê-lo, eu passava pelo hospital todos os dias, ao voltar da escola, apenas para lhe deixar um bilhete, que era igual: *Amo você. Me ligue quando voltar.*

E um dia ele ligou. Mais ou menos. Meu telefone tocou, mas ninguém disse nada. Então, desligou. Na mesma hora eu soube que era Mickey e telefonei para a enfermeira de plantão, que me disse que ele estava melhorando, embora se sentisse exausto. “Menos de vinte horas de sono em uma semana dá nisso”, explicou.

Peguei o carro e parti direto para o hospital. Felizmente Gleason estava lá. Ele me deu um abraço paternal e disse que Mickey estava tendo um dia bom. Para facilitar as coisas para mim, descreveu a crise de Mickey como uma *queda* – que já vinha acontecendo havia algum tempo, mas piorara sete ou oito dias antes –, seguida de uma *aterrissagem*, que determinara sua internação, e depois a *volta*, que, ao que parecia, estava começando aos poucos. Gleason me explicou que o tempo necessário para concluir essa última fase dependia da resposta de Mickey à medicação.

– Posso vê-lo?

– Claro.

Eu pretendia ficar apenas alguns minutos, mas depois que vi Mickey, não consegui ir embora. Ele dormia profundamente na cama, coberto com um lençol fino e gasto. Tinha tomado banho e, ao me inclinar para beijar sua testa fresca, senti o cheiro do xampu. Ele não se mexeu quando passei os dedos de leve em seu braço e sua mão, com a qual ele segurava meus bilhetes de encontro ao peito. Devo ter ficado sentada a seu lado durante uma hora e meia, talvez mais, apenas o observando. Eu estava com saudades e queria muito que ele me visse ao abrir os olhos. Que semana Mickey havia passado! Que contraste encontrá-lo tão quieto e tranquilo nessa noite!

No corredor, o telefone dos pacientes tocou e alguém chamou o nome Terrance três vezes, aumentando o volume do grito a cada vez. Corri para fechar a porta do quarto para que Mickey não acordasse, mas quando voltei para junto da cama ele estava totalmente desperto.

– Oi – falei.

Ele não se mexeu, mas seus olhos se arregalaram, examinando o quarto, e pude ver confusão e medo em sua expressão.

– Mickey? Meu amor?

– Lucy? – sussurrou ele.

– Estou aqui, querido – respondi, tocando seu braço. – Está sentindo a minha

mão?

Ele parecia tão descrente que eu não soube o que fazer. Quando seus olhos se encheram de lágrimas, achei que meu coração ia se partir.

– Não acredito que você esteja aqui – sussurrou ele.

– Por quê?

Mickey abriu a mão e me mostrou meus bilhetes amassados.

– Eu liguei para você, mas não sabia se... Eu não sabia o que dizer.

Inclinei-me e deslizei um dedo pela sua bochecha.

– Que tal você me dizer apenas que ainda me ama e a gente dar o assunto por encerrado?

Mickey me olhou como se eu falasse uma língua desconhecida. Sentou-se na cama com algum esforço, e vi que ele estava sob efeito de medicamentos pesados. Mais uma vez estudou meu rosto, não parecendo seguro do que via.

– Você é real?

Peguei sua mão e a segurei entre as minhas.

– Sou real – respondi.

Ele balançou a cabeça.

– Lucy, supostamente o louco sou eu.

– Como assim?

– Eu... Escrevi uma carta para você?

– Escreveu. Eu a peguei.

Ele me fitou mais uma vez com uma expressão confusa.

– E você voltou?

– Amor, eu nunca fui embora. E não pretendo ir a lugar algum.

Mickey ainda ficou internado por cinco dias e observei sua odisseia, de psicótico a menos psicótico, depois a levemente são e, aos poucos, de volta ao meu Mickey, embora muito desanimado. Ele me falou que se lembrava de quase tudo e que a impressão era de não ser capaz de acordar de um pesadelo. Explicou que a linha entre a loucura e a sanidade para ele era tênue e que, ao mergulhar na psicose, as duas coisas pareciam reais.

– A diferença é que, quando estou são, percebo que o pesadelo é psicose, e quando estou psicótico, não. E não confio no que está acontecendo durante esse período de transição. Por isso demora um pouco para eu acreditar no que estou vendo.

Sorri, mas ele não havia terminado.

– Não sei como agradecer a você, Lucy.

– Agradecer por quê?

– Por me mostrar como fazer isso. Como amar você. E ser amado por você.

Ninguém me ensinou isso antes, Lucy. Minha mãe nunca conseguiu sair de dentro de si mesma por tempo suficiente. Meu pai tentou, mas simplesmente não foi capaz, e meu irmão fazia o que era necessário para sobreviver. – Mickey balançou a cabeça. – Não me olhe assim, com pena. Só entenda que essa foi a realidade em que cresci. É por isso que o que você me dá é tão desconhecido para mim. Parece consistente. Eu nunca tive nada consistente na vida.

Assenti.

– Mickey, não importa aonde você vá no surto, o que existe entre nós é real e eu sempre estarei aqui quando você voltar.

A partir daquele momento não houve mais dúvidas sobre ficarmos juntos. Concluímos que estávamos prontos e muito ansiosos para casar. Por isso voltamos aos trilhos e planejamos o grande dia.

Convidamos minhas irmãs para jantar. Mickey fez um churrasco e eu preparei a salada. Rimos à mesa da cozinha durante a maior parte da noite. Ron e Mickey logo se tornaram amigos e estavam planejando sair para pescar na quinta-feira seguinte. Como Lily e eu iríamos com eles, Ron provocou Priscilla, dizendo que, se ela conseguisse um acompanhante, poderia se juntar a nós. Ela não achou graça na brincadeira e retrucou:

– Tem gente que precisa trabalhar, sabia?

– Por que você não abre um escritório e se torna sua própria chefe, como fez o Mic? Aí quem vai mandar é você – sugeriu Ron.

– Acabei de virar sócia. Acho que vale a pena ficar mais um pouco por lá. Mas quem sabe um dia? – Virando-se para Mickey, ela prosseguiu: – Lucy me disse que vocês estavam de olho num estabelecimento em Bridgeport. Compraram?

– Não, desistimos. Resolvemos procurar algo a uma distância máxima de uma hora para podermos dar mais atenção ao negócio. E Jared descobriu uma boa oportunidade a dois minutos daqui.

– Onde? – perguntou Lily, surpresa.

– Na pousada em frente à sua loja.

– Mentira! A Brubaker?

– Isso aí. Na semana passada procuramos os proprietários com uma proposta para transformar o restaurante em casa noturna. Achamos que vai atrair mais público.

– Eu soube que eles iam fechar o restaurante porque o movimento era fraco – comentou Ron.

– O que para nós é ótimo. Queremos criar um lugar de entretenimento, onde as pessoas possam tomar um drinque e se divertir... com um pouco de comédia. E vamos comprar o local, o que os ajudará financeiramente.

Priss assentiu.

– Estou impressionada, Mickey. Aqui em Brinley não existe um lugar assim.

Vocês têm tino comercial.

Levantando-se, ela começou a tirar a mesa.

Pegando o prato de sua mão, pedi que ela voltasse a se sentar.

– Não. Já é tarde e não quero deixar você com essa bagunça toda – respondeu ela.

– Isso pode esperar. Temos uma coisa para contar a vocês – falei, olhando primeiro para Mickey e depois para minhas irmãs. Não consegui conter um sorriso deslumbrado ao dizer: – Vamos nos casar.

Lily soltou um gritinho e bateu palmas.

– Lucy! Quando?

– Daqui a seis semanas – respondeu Mickey.

Ron deu uma gargalhada.

– Bem-vindo ao clube, amigão.

Durante um instante, me deleitei com a felicidade deles. Então olhei para Priscilla, que não fez o mínimo esforço para ser agradável. Ela se levantou e levou o prato até a pia, depois saiu da cozinha.

Ron – louvado seja – estalou a língua e disse:

– E bem-vindo ao drama, Mic.

Lily inclinou-se para Mickey.

– Não ligue para ela. Nenhum de vocês. Não pode estar tão surpresa assim. Todos ficamos preocupados quando Mickey teve aquele surto, mas vocês superaram juntos, e vejam só. Estou muito feliz por vocês.

– *Estamos* felizes por vocês – ecoou Ron. – Principalmente eu. Preciso de reforços.

Lily cutucou o marido com o cotovelo e Mickey riu. Parecia inabalado pela reação de Priscilla. Curvei-me e lhe dei um beijo. Depois fui atrás da minha irmã grosseira. Encontrei-a na varanda tomando uma aspirina. Ela me olhou sem nenhum traço de contentamento.

– Você vai mesmo fazer isso?

– Você sabe que vou.

Ela balançou a cabeça.

– Por quê? Sério, Lucy. Há três semanas ele estava internado e agora é alguém com quem vale a pena se casar?

Dei um suspiro.

– Ele sempre foi alguém com quem vale a pena casar.

– Viu? É justamente essa atitude que me preocupa.

– Entendo a sua preocupação, Priss, e agradeço. Mas amo o Mickey.

Priss esfregou a testa, parecendo um pai frustrado.

– O amor não cura tudo, Lucy.

Quando olhei para minha irmã, pensei no curso intensivo de transtorno bipolar que eu vinha fazendo havia tantas semanas. Ninguém melhor que eu –

ninguém melhor que Mickey – para saber que não havia cura.

– Por que você está dificultando as coisas? Você sabia que estávamos noivos.

– As pessoas ficam noivas o tempo todo, Lucy. Não significa que vão se casar em seis semanas. Mickey acabou de sair do hospital. Por que a pressa?

– Eu o amo, por isso a pressa. E vou me casar com ele. Seria muito legal se você pudesse ficar feliz por nós.

Priscilla jogou a água por cima da balastrada da varanda e me entregou o copo vazio.

– Bem, isso não vai acontecer – afirmou, pegando a chave do carro na bolsa e saindo em direção ao veículo.

Mais tarde, quando eu me preparava para deitar, o telefone tocou. Assim que ouvi a voz dela, me preparei para uma discussão:

– O que você quer, Priss?

– Lucy, não tive a intenção de estragar sua noite.

– Não estragou. Você devia ter ficado. Nós nos divertimos muito.

Ela pigarreou.

– De qualquer modo, se você vai mesmo fazer isso...

– Priss, não comece, por favor...

– Não estou começando. Só quero dizer que, se vai mesmo fazer isso, então faça direito. Deixe que eu cuide do casamento.

– O quê? Não, Priss. Queremos uma coisa pequena. Você, Lil, Ron, o pai de Mickey. Um almoço.

– Ah, por favor, Lucy. É o seu casamento, não um jantar num restaurante de beira de estrada.

Mesmo contra a vontade, eu ri.

– Vou conversar com Mickey e volto a falar com você.

– Bem, me avise até as nove da manhã, porque é a hora que vou passar para buscá-la.

– Priscilla...

– Começaremos com o vestido e depois pensaremos no resto.

– Priss...

– Me deixe fazer isso, por favor.

Dei um suspiro.

– Está bem, mas vou levar Lily.

– Já liguei para ela.

Foi maravilhoso. Nós três adoramos. Fomos de carro até Manhattan, onde Priscilla havia marcado hora na loja de noivas Kleinfeld. Devo ter experimentado uns vinte vestidos. No fim, escolhi o primeiro deles – um Romona

Keveza, nome que não significava nada para mim, mas aparentemente dizia muito a Priss. Para mim, era apenas um modelo de cintura baixa, cujo decote deixava os ombros à mostra, feito de seda e tafetá. O vestido mais deslumbrante que eu já vira. Lily chorou quando saí da cabine. Priscilla elogiou, mas tentou me convencer a levar um Amalia Carrara, outra estilista de quem eu nunca ouvira falar. Também era bonito, mas suntuoso demais, coberto de contas e mais pesado que eu, sem falar que custava mais do que eu valeria morta.

Venci, é claro. Priscilla me implorou que usasse véu, e estava sendo tão legal comprando o vestido que eu quase cedi, mas não consegui. Optei por uma tiara que podia ser usada com as pérolas que meu pai dera à minha mãe no dia em que se casaram. Lily afirmou que era a *minha* cara e Priscilla se conformou. Como se ela tivesse alternativa.

Já que estávamos em Nova Yorke e não havia como lutar contra isso, Priscilla e Lily também compraram vestidos. Foi um dia incrível e exaustivo. Mas nada que se comparasse à semana seguinte, quando Priss me arrastou para ver bufês, decoradores, fotógrafos, um tipógrafo, além de um lugar que descobrira na internet e que montaria uma pérgula decorada com hera no quintal. Ela marcara uma hora em Hartford para que escolhêssemos um bolo de casamento e ficou meio decepcionada quando sugeri que Matilda Hines, de Brinley mesmo, faria um bolo ótimo. Também mencionei que ela fazia uma quiche bem ruizinha e que podíamos encarregá-la do bufê. Priscilla gargalhou como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

Mickey trabalhava com afinco em sua casa – a bagunça que fizera no hall de entrada havia exigido uma limpeza industrial. Finalmente, porém, conseguira vendê-la, com a condição de restaurar o piso de tábua corrida. Ele já começara a mudança de suas coisas para a minha casa. Mickey queria reformá-la toda de acordo com nosso gosto, mas entramos num acordo para começarmos derrubando apenas uma parede entre o quarto do térreo e a cozinha, de forma que tivéssemos uma sala de jantar.

Por sorte nunca houve dúvidas sobre onde iríamos morar. Perguntei a ele se podíamos ficar em Brinley e ele disse que sim. Agradei-lhe um ano inteiro.

Em 12 de agosto, dois dias antes do meu casamento, o serviço de meteorologia previu vento e chuva intermitentes para toda a semana. Achei que foi tolice deles não terem consultado Priscilla a respeito. Ela não estava preocupada. As mesas haviam chegado na véspera, à noite, e foram arrumadas em volta do quintal. Dez fileiras de cadeiras ocupavam o centro, cada uma envolvida num laço de tule branco. A pérgula era linda, mas não admiti isso para minha irmã, pois eu tinha discordado quando ela sugeriu a decoração.

Em questão de poucas horas, minha cozinha se encheu com as caixas de toalhas de mesa e de cristais alugados por Priss. No grande dia, chegaram enormes caixas cor-de-rosa cheias de canapés, bombas, bem-casados e

morangos cobertos com chocolate. Engradados de champanhe ficaram em cima do sofá e, quando olhei pela janela da sala, vi meu bolo chegando. Dei um abraço apertado em sua guardiã, Matilda Hines, e pensei honestamente que nunca vira algo tão bonito: quatro andares quadrados cobertos com raspas de chocolate branco e uma enorme gérbera cor de laranja enfeitando o topo.

A cerimônia estava marcada para as quatro da tarde. À uma e meia, quando entrei na banheira, o céu estava azul. Mas nem tanto quando saí.

Ainda de roupão de banho, ouvi uma batida na porta.

– Pode entrar – gritei do closet, achando que fosse Priscilla para me garantir pela enésima vez que não ia chover.

Mas quem entrou foi Mickey, seguido de um homem que poderia ser ele mesmo dali a alguns anos.

– Oi, amor – disse ele beijando meu rosto. – Queria que você conhecesse meu pai antes do início do show.

Não sei por quê, mas ver Mickey com o pai me trouxe lágrimas aos olhos. Ele dissera que o pai jamais faria a viagem, mas ali estava ele, um gigante gentil com uma basta cabeleira branca.

– Que bom que veio, Sr. Chandler.

Ele me pareceu um pouco tímido, ou talvez inseguro quanto a como se comportar diante de uma mulher de roupão de banho, mas estendeu a mão. Ignorei-a e lhe dei um abraço que, graças a Deus, ele retribuiu.

– Sinto como se já nos conhecêssemos. Afinal, meu noivo aqui não fala de outra coisa senão de você.

Ergui a cabeça e beijei o queixo de Mickey.

– Ele é um ótimo homem. Tenho muita sorte.

Meu sogro assentiu e algo parecido com pena surgiu em seus olhos. Torci para que Mickey não tivesse visto.

– Como foi seu voo? – perguntei.

– Não foi ruim. Sobrevivi.

– Papai odeia andar de avião.

– Então sua presença aqui tem um significado ainda mais especial.

– Eu não podia deixar de vir.

Nesse exato momento, Priscilla entrou no quarto, parecendo uma rainha, com seu vestido prateado de frente única e sapatos de salto 12 combinando. Como coroa, exibia dois bobes no topo da cabeça.

– Lucy! O que está fazendo? Sabe que horas são? Você vai se casar daqui a 51 minutos! Mickey, você não podia ver a noiva! Ficou louco? Saia já daqui!

– Prazer em conhecê-la, Lucy – disse o pai de Mickey. – Espero que não chova.

– Não vai chover! As nuvens estão se afastando em direção à costa. Está tudo ótimo. Trate de se vestir.

Priss botou os dois homens para fora, mas Mickey atraiu meu olhar antes de fechar a porta e sussurrou:

– Devíamos ter fugido para casar.

– Eu ouvi, hein? – disse Lily, entrando bem na hora que eles saíam.

Estava deslumbrante num vestido midi de seda azul-marinho, com um ramo de flores do campo preso à alça e uma margarida no cabelo curto. Minhas irmãs me ajudaram a pôr o vestido e cuidaram da minha maquiagem. Lily fechou o colar de pérolas que nosso pai dera a nossa mãe no dia do casamento deles, e Priscilla me ajudou com os brincos em gota que completavam o conjunto. Enquanto me avaliava no espelho de corpo inteiro, Lily me abraçou.

– Você está tão linda, Lu – falou, afastando meu cabelo dos ombros. Seus olhos ficaram marejados.

– Você vai me fazer chorar, Lily.

– Eu só queria... Eu só queria dizer como você me deixa orgulhosa – disse ela, voltando a me abraçar. – Você é mesmo incrível, Lucy, e Mickey tem uma sorte danada.

Balancei a cabeça.

– Obrigada, Lily, mas quem tem sorte sou eu.

Priscilla encerrou sua inspeção final.

– Linda – garantiu, aproximando-se do espelho conosco.

Porém, ao ver que ainda estava com os bobes na cabeça, sua expressão se tornou mortificada. Ouviu-se uma batida na porta e respondemos juntas.

Era Jan. Ao nos ver, ela levou as mãos ao peito:

– Vejam só vocês três! Que mulheres deslumbrantes! – Aproximando-se de mim, ela pôs as mãos nos meus ombros, mantendo-me afastada para me contemplar. Depois me puxou para um abraço. – Como eu queria que a sua mãe pudesse ver você. Ela sonhou tanto com este dia!

Sorri e tentei conter as lágrimas.

– Está pronta? – perguntou.

– Prontíssima.

– Ótimo. Está na hora. Todos já estão sentados, os músicos já começaram a tocar e o juiz Doyle acabou de chegar. Estamos um pouco adiantados, mas é melhor começar logo. Parece que vai chover.

– Não vai chover! – trovejou Priscilla.

– Talvez não, mas trouxe o bolo para dentro, por via das dúvidas – sussurrou Jan.

Sorri ao olhar para Priscilla, que estava à janela, observando o céu. Chovesse ou não, naquela noite eu iria para a cama como Sra. Michael Chandler – e era isso que importava.

Jan beijou meu rosto.

– Vejo você lá embaixo, querida.

Ela saiu com Lily e ficamos apenas Priscilla e eu. Minha irmã parecia prestes a chorar.

– O que foi? – perguntei.

– Você sabe que adoro você, Lu.

– Acho que isso ficou provado esta semana.

Ela se aproximou e tomou minhas mãos nas suas.

– É verdade, eu... Mas, Lucy, não é tarde demais para *não* fazer isso.

Puxei-a para mim e lhe dei um abraço apertado.

– É, sim, Priscilla. Meu amor por ele é grande demais. Agora, saia daqui.

– Tem certeza?

– Já nasci com certeza.

Ela deu um suspiro e deslizou os dedos pelas pérolas de nossa mãe. Depois me beijou.

– Vejo você lá embaixo.

Eu estava sozinha e prestes a me casar. Peguei o retrato dos meus pais que, desde que eu era pequena, sempre ocupou um lugar de destaque na minha mesinha de cabeceira e me aproximei da janela. Vi Mickey e Ron de pé junto à pergula. Os dois riam. Meus amigos queridos estavam todos produzidos e sentados, alguns com guarda-chuvas a postos. Minhas irmãs formavam um grupinho no fundo, aguardando o grande momento. Eu me lembraria desse instante para sempre, de olhar pela janela no dia em que a minha vida mudou. Contemplei o retrato em minhas mãos. A única coisa que faltava eram meus pais. Mas eu podia senti-los ali comigo. Podia senti-los me abençoando. Passei o polegar em seus rostos e depois desci a escada.

Harrison Bates, meu pai substituto durante todos aqueles anos, me esperava junto à porta. Quando me viu, seus olhos se encheram de lágrimas.

– Você está muito bonito, Harry. Obrigada por ser meu pai hoje.

– É uma honra, minha querida – respondeu ele baixinho. – Mickey é um homem de muita sorte.

Ao ouvir o quarteto atacar o Cãnone em Ré Maior, de Pachelbel, estremeci.

– Está na hora.

O quintal parecia um conto de fadas. Priscilla tinha se superado, e havia até um arco-íris duplo no céu acima da pergula, emoldurando Mickey. Ele estava lindo ao lado de Ron – másculo, elegante e nervoso em seu smoking grafite.

Postei-me ao lado de Mickey, e o juiz Doyle sorriu e deu as boas-vindas a todos os presentes, antes de pigarrear e recitar um poema. Não havia nem um minuto que ele estava falando, quando senti um pingo de chuva no meu nariz. Quase ri ao secá-lo. Logo senti outro. E mais outro. Mickey, atento a cada palavra do juiz, apertou minha mão. Enquanto estávamos parados ali, ouvindo o juiz, a chuva desabou e ouvi alguém gritar: “Lucy!”

Priscilla cobria a cabeça com um guardanapo ensopado e, a seu lado, Lily se

esforçava para não rir. Vários convidados se espremiavam na parte coberta do quintal. Balancei a cabeça. Minha cozinha estava cheia de comida e caixas, a sala, entulhada de presentes e apetrechos de casamento. Dei de ombros na direção de Priscilla, que parecia totalmente estupefata por estarmos permitindo que chovesse. Virei-me para Mickey. O modo como tudo aconteceria e seria lembrado foi decidido no instante em que ele olhou para o céu e soltou uma sonora gargalhada, antes de perguntar ao juiz:

– Um casamento realizado na chuva é legalmente válido?

– Não vejo por que não – respondeu o juiz.

Mickey tirou o paletó e o jogou sobre meus ombros.

– Então vamos em frente.

Enquanto o juiz Doyle enxugava o rosto, ouvi minha irmã rosnar ante uma risada vinda de algum lugar às minhas costas. Relâmpagos riscaram o céu e o juiz rapidamente encerrou seu poema e se virou para fazer a Mickey aquela pergunta decisiva: *Você aceita Lucille Houston...* Por causa dos trovões, não conseguimos ouvir algumas palavras importantes, mas ainda assim Mickey assentiu.

– Aceito, aceito.

O juiz então se voltou para mim:

– Lucy, você aceita Michael Chandler como legítimo esposo, para amá-lo e respeitá-lo, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, até que a morte os separe?

Olhei para Mickey enquanto lágrimas de felicidade brotavam em meus olhos.

– Definitivamente sim.

Botamos as alianças em nossos dedos molhados e o juiz insistiu em que o marido beijasse a esposa. Mickey ergueu meu rosto e me beijou debaixo de um temporal, e cada gota parecia uma bênção. Nada importava a não ser ele. Não me importava o quintal todo molhado, nossas melhores roupas encharcadas, nossos amigos correndo para se abrigarem, nem mesmo a fúria de Priscilla contra os deuses da chuva. Apenas Mickey era importante. Pus os braços em volta do seu pescoço e o paletó deslizou dos meus ombros para o chão. A chuva desabava sobre nós como se estivéssemos sob uma ducha, e tudo o que conseguimos fazer foi rir. Mickey me tomou nos braços, girou comigo e alguém tirou uma foto que virou manchete na *Gazeta de Brinley* (tiraram uma foto de Priss também, encharcada, e ela ameaçou processar o jornal por tê-la publicado). Depois disso, todo mundo se amontoou dentro de casa e passamos o resto da tarde comendo as delícias encomendadas por Priss. Os convidados ficaram em pé, riram muito e demoraram horas para ir embora.

Às vezes meu casamento ainda surge nas conversas e sempre me faz sorrir. Em algumas ocasiões, quando o tempo fica como naquele dia, Mickey e eu vamos para o quintal e dançamos na chuva.

15 DE JUNHO DE 2011

Lá embaixo, junto ao abajur, tem uma foto de uma garotinha sentada no colo de um homem grandalhão. Ela ri, o rosto brilhando de felicidade, os olhos quase fechados, a boca escancarada num grito. Acho que ele estava lhe fazendo cócegas. A expressão do homem é de pura adoração. Quase dá para ouvir a risada de Lucy saindo da fotografia, é praticamente possível ouvir a promessa do pai de que sempre a amaria.

Quero tirar uma foto como essa quando meu filho tiver 2 ou 3 anos. Quero ver esse mesmo amor no meu rosto e no dele. O que mais quero é ser como o pai de Lucy.

Eu havia planejado dar um jeito no quarto de entulho essa tarde, mas assim que dei uma olhada nele, vi que estava cansada demais. Era o tipo de cansaço de que havia me queixado com Charlotte durante o checkup, alguns dias antes. Na época eu estava preocupada, mas agora sei que se trata apenas da exaustão da gravidez. Fui até o quarto, na esperança de que Mickey estivesse tendo um dia melhor que o meu, e liguei para a casa noturna. O sócio de Mickey atendeu. Jared Timmons me pareceu bem-humorado, o que não era novidade. Era um sujeito imperturbável, o que o tornava o sócio perfeito para meu marido. Esta havia sido a receita desde o começo – Mickey entrava com a energia, as ideias, a criatividade. Jared contribuía com sua boa disposição, a organização e a seriedade. A sagacidade comercial dos dois os transformara em empresários muito bem-sucedidos. Tinham agora cinco casas noturnas e substituíam um ao outro no palco com frequência suficiente para terem um público fiel.

– Como ele está? – perguntei.

– Parece ótimo. Tivemos uma reunião hoje de manhã com o Rotary Club de Connecticut, os peixes grandes, e Mic foi fantástico. Eles devem fechar conosco para a convenção na primavera.

– Então você acha que ele está recuperado?

– Está chegando lá, com certeza. Neste exato momento está fazendo uns testes que tínhamos começado antes de ele ir para Edgemont. Sangue novo, você sabe. Aliás, ele me contou a novidade. Uau, garota. Um bebê! Já não era sem tempo. Filhos são a melhor coisa do mundo!

– Bem, é o que dizem – gaguejei, sem perceber que ainda não estava totalmente pronta para aceitar os parabéns.

Jared riu.

– Direi a ele que você ligou, Lucy.

Fui deitar, pretendendo descansar apenas até que Mickey ligasse de volta. Porém, quando acordei, duas horas mais tarde, parecia que nem tinha pregado o olho. Deixei outro recado para Mickey e resolvi pôr mãos à obra no quarto. Primeiro, tirei as portas sanfonadas do closet. Queria aplicar papel de parede na parte de dentro e enchê-lo de prateleiras e cestos de palha para os apetrechos do bebê, como tinha visto numa revista. Assim que comecei a liberar o espaço, percebi que aquela era uma tarefa sem fim.

Enchi um saco com caixas vazias, papéis e lixo, e outro com objetos para doar, como sapatos velhos e uma pilha de suéteres para os quais eu nem olhava havia anos. Quando pensei que tivesse acabado, alguma coisa na última prateleira chamou minha atenção. Eu nunca vira aquilo e achei que devia ser de Priss. A sacola de couro empoeirada estava cheia de papéis antigos que, à primeira vista, me pareceram velhos deveres escolares. Ao examinar com mais atenção, contudo, vi que eram cartas de amor que meu pai escrevera para minha mãe.

Fiquei atônita. Eu ainda me lembrava claramente dele: um homem grande, forte, com uma barriga considerável, uma risada rouca e mãos fortes e suaves. Ele usava um pesado cinturão com coldre e um distintivo prateado preso ao bolso... E tinha escrito cartas de amor? Sentei ali, bem no meio da bagunça, e comecei a ler. Não dava para acreditar no lirismo daquilo. Cheguei até a encontrar um poema que reconheci. Não que o tivesse lido, mas pouco antes de morrer, em meio a rápidos delírios, aquelas lindas palavras escaparam dos lábios de minha mãe. Uma frase, repetidas vezes: *Seu sorriso é meu arco-íris; seu riso, meu lar; seu toque, meu paraíso...* Eu me dei conta de que ela revisitava a poesia que meu pai escrevera no papel agora amarelado pelo tempo e frágil nas dobras.

Em meio a todas aquelas cartas, descobri um envelope gordo endereçado a um editor da Doubleday, selado e pronto para ser postado, sem nunca ter sido. Eu o abri e desamassei as folhas. *Um anjo para as princesas: um conto de fadas*, de James Houston.

O quê? Cartas de amor, poemas e agora um conto de fadas. *Quem* era esse homem?

A história começava como todas as outras...

Era uma vez um rei. Ele era casado com a rainha, claro, tão linda que não se podia descrevê-la. Ela acordava com um sorriso encantador todos os dias, o que comprovava sua realeza.

E a felicidade era triplicada, porque o rei e sua rainha haviam sido

abençoados com três filhas de olhos verdes. Nenhuma beldade se comparava a essas, de olhos cor de esmeralda: princesa Priscilla, princesa Lilianne e princesa Lulu.

Meus olhos ficaram embaçados ao ler o apelido que meu pai me dera.

O coração do rei se encheu de alegria quando nasceu a primeira princesa, Priscilla. Era linda. Quem poderia ter mais sorte? Quando a segunda princesa, Lilianne, veio ao mundo, o rei chorou ante a imensidão de tal bênção – duas princesas! Mas uma terceira? O rei não conseguia entender o que tinha feito para merecer tantos tesouros e a responsabilidade de mantê-los seguros e amados. Logo começou a ter insônia de tão preocupado com as filhas, pois, apesar de ser um rei poderoso, não passava de um pai humilde que sabia que morreria se visse uma delas ferida ou infeliz.

Por isso o rei fez o que qualquer rei faria em tais circunstâncias: avisou que precisava de alguém para protegê-las dos morcegos gigantes e lagartos ardilosos que espreitavam do lado de fora dos muros do castelo. Mandou espalhar essa notícia por todo o reino e prometeu enormes recompensas. E quando todos os candidatos foram rejeitados, a aflição tomou conta de sua alma. Dia e noite o rei fazia preces aos céus.

Ele esperou com paciência – e depois com impaciência – uma resposta a seu urgente pedido. Vagava pelos corredores do castelo todas as noites, tomava leite quente e lia livros entediantes, chegando até a considerar poções que supostamente induziam o sono. A boa rainha massageava os pés do marido, mas de nada adiantava. Finalmente, quando a preocupação se tornou insuportável, o rei chorou e, enquanto se encontrava nesse estado, um anjo lhe apareceu.

Era pequeno e travesso e tinha olhos enormes, da cor do oceano à meia-noite.

– Meu nome é Abigail – disse o anjo.

– Conheço você – retrucou o rei, embora não soubesse como. – É você o protetor que procuro? Por acaso tem condições de ligar as princesas umas às outras com devoção? Por acaso é dono da magia necessária para curar corações partidos e desespero?

O anjo assentiu com reverência.

– Majestade, como posso vos servir?

– Ah, anjo, eu gostaria que você abençoasse minhas filhas e as guardasse do mal. Que as enchesse do meu amor e as protegesse na minha ausência. Faria isso por mim?

– Será uma honra.

O rei estudou o anjinho, que encheu de calma seu coração.

– Venha – disse então –, você precisa conhecer as princesas enquanto

elas dormem, pois é quando sonham que se mostram mais puras.

Na primeira alcova, dormia a princesa Priscilla, as pernas compridas ocupando quase toda a cama. Ela tinha cílios longos e cheios e um nariz pequeno e arrebicado, além de uma expressão de paz em desacordo com os muitos pensamentos que a assolavam quando estava acordada.

– Esta é a minha bela primogênita, prestes a se tornar uma mulher. Ela é brilhante e busca a perfeição, mas tende a ignorar a bondade – disse o rei. – Anjo, você precisa suavizar sua alma, pois ela se magoa com facilidade e esconde seu coração terno atrás de uma língua ferina.

O anjo sorriu, sabendo que é preciso tempo e um pouco de dor para curar essas coisas.

No quarto vizinho havia duas camas, uma delas encontrava-se curiosamente vazia. Na outra, a princesa Lulu dormia aninhada nos braços da princesa Lilianne, que toda noite passava de mansinho para a cama da irmã com o pretexto de protegê-la. O rei pegou nos braços a princesa do meio e levou-a até a cama junto à janela. Quando puxou o lençol para cobrir o ombrinho da filha, disse:

– Esta princesa tem o coração mais puro e a natureza mais doce, mas não confia na própria nobreza. Preocupa-se demais, anjo. Eu gostaria que você desatasse seu riso, que lhe desse coragem para seguir seu coração.

– Vou ajudá-la a encontrar sua força – afirmou o anjo sábio.

O rei então se aproximou da outra cama, onde uma princesa muito pequena dormia, os cachos escuros espalhados sobre o travesseiro, um polegar real na boca. O rei ajoelhou-se ao lado da cama e afagou a testa da criança.

– Esta princesa aqui, anjo, só é frágil na aparência, mas tem uma alma ajuzada e uma natureza decidida. Existe nela um potencial que há de salvar todos nós. – Uma lágrima solitária escorreu do olho do rei, e o anjo aparou-a na palma da mão. Depois de beijar a filhinha no nariz, o rei disse: – Meu desejo para esta princesa é que ela encontre a alegria escondida numa vida imperfeita.

– Ela nasceu para isso, majestade.

O rei concluiu que sem dúvida esse lindo querubim lhe havia sido enviado da terra dos deuses e dos sonhos. Sabia que só ele seria capaz de aliviar seu tormento e aplacar sua preocupação. Sabia disso no fundo do seu coração, mas não podia dizer como. Refletiria a respeito mais tarde, quando o dia amanhecesse. Por ora, desejou uma boa noite a Abigail e deitou-se na cama ao lado de sua linda e sorridente rainha.

E só então conseguiu dormir.

Ouvi a porta da frente se abrir e Lily chamar meu nome. Apertei contra o peito as folhas escritas por meu pai e um arrepio me subiu pela espinha. Meu pai, grande e forte em seu uniforme, tinha escrito um conto de fadas para nós. Não dava para acreditar em quanto ele nos conhecia e como nos amava. Enxuguei os olhos e tornei a guardar a história no envelope, experimentando uma saudade dele que não sentia havia anos.

Quando Lily entrou, encarei-a, desviando os olhos da primeira edição de James Houston.

– Lucy, você me odeia?

Balancei a cabeça. Odiá-la não era nem minimamente possível, e todo e qualquer vestígio de raiva desapareceu.

Durante um instante ela ficou ali, apenas olhando para mim. Vista assim, de baixo para cima, parecia tão magra! Segurava uma sacola colorida cheia de lenços de papel e seu lábio inferior tremeu.

– Lucy, estou péssima. Não acredito que tratei você tão mal.

Dei uma palmadinha no chão, indicando que ela se sentasse ao meu lado.

– A surpresa me deixou sem fôlego, Lu, desculpe.

Lily andara chorando. Muito. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, e o nariz, todo esfolado. Ela me abraçou.

– Você ainda está zangada comigo? – perguntei.

– Não quero estar, Lucy. Estou tentando não ficar.

– O que eu devo fazer?

– Nada. A culpa não é sua. Vou me alegrar por você já, já. *Estou feliz por você.* Só que ainda não completamente. – Ela fungou. – Eu não tinha ideia de que esse monstro ainda vivia dentro de mim depois de tanto tempo.

– Que monstro? Do que você está falando?

Ela meneou a cabeça.

– Depois que perdemos nosso bebê, passei semanas sem sair da cama. Quase destruí meu casamento. Não conseguia tirar aquele rostinho da minha cabeça. – As lágrimas escorriam pelo rosto de Lily e ela lutava para não perder o fôlego. – Você estava fora, na faculdade, por isso não sabe como foi horrível. Já que não podia ficar com aquele garotinho, eu só queria dormir e nunca mais acordar. – Ela enxugou o nariz com as costas da mão.

– Lily...

– Foi um horror e eu me odiava pelo que estava fazendo. Com Ron. Comigo mesma. Mas não conseguia evitar. Tento nunca pensar nele, Lucy, porque parte de mim morreu naquele dia. Mas agora, com a sua notícia...

Olhei para minha irmã. Eu achava que partilhávamos todas as experiências da nossa vida, mas não fazia ideia de quanto ela sofrera com a perda de Jamie. Eu estava totalmente envolvida com a minha vida.

Lily secou os olhos.

– Não há motivo para ficar falando disso. Só quero que você entenda que não é você. Não é o seu bebê. Sou eu.

– Desculpe, Lily, eu não entendia.

– Não quero que você se sinta mal! Só quis explicar.

– Você não precisa explicar coisa alguma. Tudo bem. Vai dar tudo certo.

Lily se afastou e me olhou com uma raiva fingida.

– Como é que você faz isso? Como consegue ser tão boa e carinhosa? Tem alguma coisa errada com você, Lucy, e eu a odeio por isso.

Dei um risinho.

– Não é engraçado, Lucy. Quero que brigue comigo. Fui horrível com você. Mas você nunca discute. Acorda e descobre que Mickey fez alguma coisa para bagunçar a sua vida, mas não reclama. Nossa mãe morreu e a deixou quando você mais precisava dela. Coisas horríveis lhe acontecem e você se adapta! Eu jogo um balde de água fria na sua felicidade, e você não briga comigo. O que há de errado com você?

Não havia nada a dizer, por isso falei:

– A culpa é da Priscilla.

– A culpa é dela – disse Lily, dando de ombros.

Depois ri. Então rimos juntas. Quando não tínhamos mais a quem culpar, botávamos a culpa em Priscilla.

Lily me deu um presente. Dois, na verdade. Os dois menores pares de sapatos que eu já vira na vida: tênis de basquete. O masculino era laranja, e o feminino, rosa-bebê.

Depois que Lily e eu choramos, rimos, tomamos chá e lemos algumas das cartas de amor escritas por nosso pai, ela foi para casa para preparar um rosbife. Insistiu em que jantássemos lá e eu prometi levar uma salada. Lily estava tentando se sentir feliz por mim apesar do seu sofrimento. Ela sempre fora assim. Sempre aquela garota do conto de fadas, a de boa índole, que se preocupava demais e ria muito pouco.

Nunca mostrei o conto de fadas a Lily. As horas passaram depressa enquanto liamos as cartas de papai e, quando nos demos conta de como já era tarde, eu tive uma ideia.

Depois que Lily foi embora, comecei a juntar os papéis de nosso pai do chão. Quando ouvi Jan entrar em casa, atravessei o pátio e bati na porta de tela. Ouvi Jan gritar “Entre”. Na cozinha, lavando um enorme cacho de uvas, ela continuava com a bolsa pendurada no ombro e os óculos escuros pousados no cabelo branco arrepiado. Fechou a torneira e olhou para mim:

– Oi, garota. Quer uma fruta? – perguntou, pousando o cacho na bancada e tirando uma caixa de morangos de uma sacola de plástico. – Sente-se, vamos conversar.

Observei-a diante da pia, parecendo uma modelo que entrara numa casa de

faz de conta, ativa e alinhada até as unhas vermelhas e a modesta correntinha de brilhantes no pulso ossudo. Ela sorriu para mim e havia um segredo naquele sorriso.

– Você sabe, não sabe? – Esperei que ela negasse.

– Sei o quê? – indagou ela, fingindo ignorância. Fingindo mal.

– De onde você veio? Da loja? Da Fantasma?

– Eu só passei para ver meu filho... – começou ela, dando aquele grande sorriso cálido e maternal. – Estou tão feliz por você, querida.

– Está mesmo?

– Claro! – Ela pousou a tigela de frutas na mesa e passou os braços em volta de mim. – Estou preocupada também, Lucy... Um bebê? Que notícia maravilhosa!

Afastando-se, ela segurou meu queixo com a mão, e pude sentir que sua felicidade era genuína. Tanto quanto a sua preocupação. Ela tinha pleno conhecimento do acordo entre mim e Mickey. Tentei lhe agradecer, mas minha garganta se fechou e a voz saiu como um grunhido.

– Você esteve com Lily? – consegui perguntar por fim.

– Não.

– Tudo isso está sendo duro para ela.

Assentindo, Jan arrancou uma uva do cacho.

– Posso imaginar. Tenha paciência com ela, querida. Aquele bebê realmente partiu o coração de Lily.

– Eu daria qualquer coisa para não magoá-la.

– Ela sabe disso.

Dei uma olhada na cozinha branca de Jan, um dos cantos lhe servia de ateliê. Não que ela não tivesse um ateliê – ficava no fim do corredor –, mas a luz ali era incrível nessa época do ano. Luz de verão: ideal para retratos. Fui até o cavalete e contemplei o esboço do que prometia tornar-se uma bela mulher.

– É Jessica Nash – disse Jan.

– Como ela está, pobrezinha?

– Lutando, coitada. Mas acho que está feliz por ter voltado para perto das amigas e dos avós. Ela veio aqui no dia seguinte à cerimônia fúnebre para olhar minhas ilustrações para o livro da mãe e acabamos tendo uma longa conversa. Simplesmente não consegui resistir e fiz um esboço dela.

– Ela é linda.

Jan concordou.

– E perguntou sobre a sua mãe. Eu não tinha ideia de que ela soubesse.

– Contei a ela no cemitério. Achei que talvez ajudasse saber que outra pessoa passou pela mesma coisa e sobreviveu.

Mais uma vez fui tomada pelas recordações dos meus pais e me lembrei do motivo da minha visita a Jan. Peguei no bolso o envelope e o entreguei a ela.

– Quero lhe pedir um favor.

Quando cheguei em casa, havia um recado de Gleason: “Suponho que seja hora de dar os parabéns. Mickey parece muito feliz. Mic, acho que temos um encontro no fim da semana. Lucy, por que você não vem também?”

Senti um bolo de descontentamento revirar meu estômago. Não consegui sequer identificar o que Gleason dissera para me deixar de mau humor. O problema, porém, não estava aí, mas no fato de Mickey ter ligado para ele. Por que havia feito isso? Por que não tinha esperado a consulta para então contar a Gleason sobre o bebê? Estaria com medo?

De repente, me lembrei de um dia no consultório de Gleason tantos anos antes, discutindo nosso maldito contrato. A cláusula *Sem filhos* ainda não constava dele. Só a acrescentamos depois do meu câncer e do grande surto de Mickey. Foi aí que fizemos o adendo, sozinhos. Será que Mickey estava com dúvidas?

A noite não melhorou. Mickey se aborreceu por Gleason ter ligado e por isso chegamos à casa de Lily já meio contrariados. Minha irmã parecia tensa e foi difícil lidar com isso. O jantar acabou tendo um certo clima de constrangimento. Eu mal podia esperar para ir embora.

Mickey e eu voltamos para casa a pé e em silêncio, mas de mãos dadas. Quando viramos a esquina da rua Gambo com a Chestnut, ele apertou meus dedos.

– Tudo bem com você, Lu?

– Estou ótima.

Mickey me puxou para junto dele.

– Está com raiva da Lily?

– Como posso ficar com raiva dela? Foi só uma noite chata. Vamos superar.

Mickey beijou minha testa.

– Lamento quanto a Gleason. Fiquei chateado por ele ter ligado.

– Por quê?

– Não quero que ninguém fique pensando que vou surtar por causa disso. Nem você, nem ele. Só liguei para ele para contar porque estou eufórico.

Encarei meu marido.

– Tem certeza?

– Tenho. Mas ele me conhece...

Deslizei a mão pelo braço de Mickey.

– Por favor, não esconda nada de mim, Mic. Isso é importante demais, sério demais.

– Como assim?

– Se estiver com medo, eu quero saber. Você está com medo?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

– Tem certeza?

– Não liguei para Gleason porque estou com medo, Lucy. Liguei porque queria fazer isso direito. Não quero estragar tudo. Não quero decepcionar você. Nem ele.

– Então não decepcione.

Mickey estalou a língua.

Fizemos o resto do percurso em silêncio e, quando chegamos em casa, nos sentamos nos degraus da entrada. Era uma noite serena, com o céu estrelado. Dava para ouvir o som distante de uma TV na casa de Jan e Harry e um leve ruído de um jogo de beisebol no parque. Respirei fundo e me aconcheguei junto ao corpo de Mickey.

– Ele?

– O quê?

– O bebê. Você chamou o bebê de ele.

– Acho que chamei.

– É ela.

Mickey se virou para mim.

– Charlotte disse que é menina?

– Não. Mas eu sei.

Um espanto surgiu em seu rosto.

– Uma minivocê? Não podia ser mais maravilhoso! – exclamou, deslizando um dedo pelo meu rosto.

Em seguida me beijou, primeiro com suavidade e depois com avidez. Quando se afastou, as linhas em torno dos seus olhos haviam se suavizado, despidas de todo e qualquer medo que eu pudesse ter imaginado.

– Eu te amo, Lu.

– Eu também, Michael.

Ele tornou a me beijar.

– Vamos tirar a roupa – murmurou.

– Que ideia fantástica.

7 DE JULHO DE 2011

Eu estava em plena euforia natural e era uma delícia: o bebê e toda a empolgação que vinha junto com ele, os planos, me sentir cada vez mais próximo de Lucy, abrir espaço para nossa família que começava a se formar. Toda vez que eu via um bebê num carrinho, me sentia um bobo, mas logo tinha a sensação de que precisava me controlar. Toda vez que eu entrava no nosso quarto e via a cadeirinha de automóvel que tínhamos comprado, eu caía na gargalhada, mas depois me censurava por isso. E não era só o bebê. Eu não conseguia parar de tocar em Lucy, de sentir seu cheiro, de contemplá-la e comecei a me preocupar com a linha tênue que separa a alegria da mania e sobre a qual eu parecia estar me equilibrando. Um sujeito normal não precisa questionar essa sensação de bem-estar, mas alguém com distúrbio de humor tentando se manter na corda bamba da estabilidade realmente tem que ficar de olhos bem abertos. Essa obsessão começava a me deixar nervoso. Falei disso com Gleason. Ele prescreveu Lamictal.

Estávamos no Deep River Center almoçando com Gleason Webb – uma consultinha informal durante a refeição. Tínhamos conversado sobre a medicação de Mickey e suas noites de sono e agora Gleason sorria para nós por sobre a pizza que havíamos pedido.

– Estou me sentindo como se fosse ser avô!

– Ora, mas é isso mesmo, vovô Gleason! – falei.

Ele riu.

– Então vocês dois estão felizes, não é?

– Com certeza – respondeu Mickey, e eu concordei.

– A felicidade cai bem em vocês – disse Gleason, enquanto a garçonete tornava a encher nossos copos.

Gostei daquilo – *a felicidade nos caía bem*. Era verdade. Apesar das minhas irmãs, que não tinham certeza sobre o que pensar a respeito, e de um médico que temperava sua preocupação com bons augúrios, a vida parecia muito boa desde que Mickey tivera alta do hospital. Nossa pequena discussão sobre o telefonema dele para Gleason havia sido a última. Desde então, mergulhamos de cabeça nos preparativos para a chegada do bebê. Com efeito, depois da nossa consulta/almoço com o Dr. Webb, partimos em busca de mais amostras de tinta

para o quartinho. E na semana seguinte eu iria arrastar Mickey para uma liquidação de berços na Baby Depot, em New London. Tinha me apaixonado por um berço caro que vira no catálogo da Pottery Barn, que Mickey estava tentando me convencer a não comprar. Agora ele teria sua chance.

Nesse meio-tempo, trabalhamos com afinco para esvaziar o velho quarto de Priss, e fiquei chocada ao ver quanta tralha havíamos acumulado. O resultado foram oito sacos de lixo à espera do caminhão e seis caixas de miudezas para a caridade. Uma escrivaninha quebrada e o carpete que arrancamos foram direto para o lixo. Agora, porém, sobrara uma tela em branco. Cheguei a tirar a velha cortina da janela, embora a claridade evidenciasse o péssimo estado do piso de madeira. Mickey prometeu lixá-lo e, depois de pronto, eu sairia à procura de um tapete colorido e macio o suficiente para um bebê que engatinha...

– Desculpe, o que foi? – Mickey tinha cutucado minhas costelas, interrompendo meu devaneio. Fiquei meio envergonhada. – Desculpe, Gleason. Eu estava imaginando o quarto do bebê. Não decidimos ainda se as paredes devem ser pintadas de amarelo-claro ou de rosa.

Gleason estalou a língua e levou a mão ao coração.

– Estou vendo que decisões épicas precisam ser tomadas, mas só falei do orgulho que tenho de vocês. Acho que a vida lhes deu um presente, apesar de a decisão não ter sido de vocês. Sei que não planejaram isso, mas conseguiram aceitar. E me parece que estão se saindo muito bem.

– Estamos – concordou Mickey. – Por algum motivo recebemos esse pequeno milagre e vamos acreditar nele.

Sorri para meu marido. Às vezes ele me deixava sem fôlego.

– É muito bom ouvir isso, Mic. – Gleason tomou um último gole do café. – Vocês vão enfrentar os desafios juntos, como sempre fizeram. E, é claro, estarei bem aqui quando precisarem de mim – disse, ficando de pé. – Tenho que atender um paciente, então aproveitem o restante do almoço. Liguem se precisarem, senão vejo os dois daqui a quinze dias e aí vocês pagam o *meu*. – Ele sorriu para mim e pousou a mão no ombro de Mickey antes de ir embora.

Mickey olhou para mim:

– Viu? Ele acha o máximo.

Beijei seu rosto, pensando que era muito mais que isso. Gleason sabia que podíamos dar conta do recado, o que me pareceu ainda mais reconfortante.

Era incrível como nos concentrarmos nesse único assunto nos deixava com o astral tão alto. Talvez por termos vivido sozinhos durante quase onze anos, algo que nenhum de nós considerava ruim, mas que agora dava a impressão de ter sido uma preparação para recebermos a realeza. Vínhamos nos divertindo tanto nas últimas semanas que era como se nos apaixonássemos novamente em meio a tintas e vernizes.

Sem dúvida foi essa a sensação que tive na manhã em que Mickey enfim

encontrou tempo para lixar o piso do quarto do bebê. Quando nos livramos da pátina do tempo e do descuido, ficamos tão eufóricos de descobrir que os tacos eram de cerejeira cor de mel que quase saímos dançando.

– Deixe na madeira – sugeri a Mickey, tossindo. – É lindo como está. Só que – acrescentei com um sorriso sem graça – agora ficou claro demais para o amarelo-clarinho. Vamos precisar uma cor mais intensa.

– Que não seja rosa – insistiu Mickey. – É muito... feminino.

– Bem...

– Alguma coisa intermediária, mas não rosa. Além disso, nem sabemos ainda se é menina, e não quero que os olhos do meu filho ardam quando ele acordar e der de cara com Caladril. Pode ser um menino, Lu.

– Não é um menino. Aposto cada centavo que temos na poupança que é uma menina.

– Você sabe que só temos 129 dólares. Não está muito confiante, não é, querida?

Mickey estava coberto por uma fina camada de poeira e, enquanto implicava comigo, tirou a camisa e, com ela do lado avesso, limpou o rosto. A visão daquele peito musculoso brilhando à luz do sol me fez sorrir.

– O que você está fazendo? – perguntei enquanto ele abria o zíper da calça.

– Vou tomar uma chuveirada e não quero deixar uma trilha de pegadas daqui até o banheiro. Tenho uma reunião com Jared e o novo comediante daqui a meia hora.

– Hum – falei, seguindo-o pelo corredor e entrando com ele no banheiro. – Eu não sabia que você tinha uma reunião.

– Tenho certeza de que comentei com você – disse ele, abrindo o chuveiro.

– Tenho certeza de que não.

Mickey tirou a cueca e entrou no chuveiro ainda falando – alguma coisa a respeito do comediante –, só que eu não estava ouvindo, mas desabotoando a blusa. Quando abri a porta embaçada do boxe vestindo apenas o meu sorriso, Mickey riu e ergueu uma sobrancelha.

– O que pensa que está fazendo, madame?

– Uma coisa malvada – respondi entrando no boxe.

– Malvada quanto?

– Muito, acho. Vou atrasar você para a reunião.

– Que reunião? – disse ele, deslizando as mãos ensaboadas pelo meu corpo.

Umás duas semanas depois, tive que ir a um congresso de professores em Hartford. Passei o dia todo fora e, quando finalmente cheguei em casa, encontrei Mickey, que eu julgava estar na casa noturna, sentado na varanda. Seu short e os

pés descalços indicavam que ele não pretendia ir a lugar algum. Desci do carro toda feliz.

– O que você está fazendo em casa? – perguntei, beijando sua testa.

– Bolei um projeto, por isso resolvi tirar folga esta noite.

– Que tipo de projeto? – indaguei, tentando não deixar transparecer muita ansiedade.

Ele riu.

– Não precisa ficar nervosa. Venha comigo e feche os olhos.

Mickey me guiou para dentro de casa e me fez prometer que não espiaria, o que seria mesmo impossível, com as mãos enormes dele no meu rosto. Eu meio que esperava sentir cheiro de tinta, mas, aparentemente, a pintura do quarto do bebê não era o projeto de que ele falara.

– Muito bem, Lu. Pode abrir agora.

Soltei um gritinho. No meio da sala de estar vi o berço que desejei desde o dia que o vira no catálogo. Era ainda mais bonito que na foto: branco, com ripas grossas, podia ser convertido em minicama quando a neném crescesse. Olhei para Mickey e me atirei em seus braços:

– Adorei! Ah, meu amor, obrigada! Obrigada! Obrigada! – exclamei, dando mil beijos em seu rosto.

Ele fizera um trabalho magnífico de montagem, e o berço era tudo o que eu queria. Passei meus dedos sobre ele e imaginei como a roupa de cama macia e cor-de-rosa que eu encontrara ficaria ali; imaginei a bebezinha de cabelo escuro que dormiria em meio a esse ninho rosa. Recuei um passo para registrar a cena toda. Então ri, porque o berço ocupava muito espaço.

– Eu sei – falou Mickey, lendo meus pensamentos. – Eu deveria tê-lo montado no quarto do bebê e teria feito isso se tivessem entregado o berço na data marcada, ou seja, na próxima quinta-feira. Mas ele chegou hoje e não resisti. Vamos pintar o quarto no fim de semana, porque até lá teremos certeza de que é um menino, e depois eu carrego o berço lá para cima. – Beijeí meu marido enquanto tirava os sapatos.

– Você é um marido incrível mesmo estando pateticamente errado.

Atirei-me no sofá para admirar o trabalho de Mickey. Ele se recusara a comprar as tintas até que Charlotte comprovasse que eu estava certa. Assim, por ora, tudo indicava que o berço ficaria no meio da sala. Para ser franca, isso não me incomodava.

– Você já jantou? – perguntei, bocejando.

– Não. Estava esperando você.

– O que quer comer?

– Acho que devemos comer a lasanha que eu fiz.

Olhei para ele e tive vontade de chorar.

– Você é mesmo o meu herói!

No fim de semana seguinte encontrei um jeito de retribuir a surpresa de Mickey quando vi uma cadeira de balanço numa liquidação de garagem. Era resistente, antiga e enorme, e eu nem sabia que estava procurando uma cadeira de balanço até bater os olhos nela. Foi amor à primeira vista. Seria perfeita para o meu marido grandalhão ninar nossa filhinha.

Depois de muita insistência nossa, Charlotte concordou em tentar ver o sexo do bebê na 18ª semana de gestação. Assim, no dia 1º de agosto, que, no nosso calendário, estava circulado de azul e rosa havia séculos, fomos ao consultório dela. A aposta dos 129 dólares continuava de pé, mas eu tinha certeza de que era menina. Sabia que Mickey secretamente queria uma menina, mesmo que de vez em quando apertasse de leve a minha barriga e dissesse: “Parece um menino, Lu.” Ao que eu respondia: “Não, ela não parece um menino.”

Mas eu realmente queria que Mickey sentisse o que eu começara a sentir: as asas de borboleta, tão leves que de início eu não percebera o que eram – nosso bebê ganhando vida. Eu mal podia esperar para pôr a mão de Mickey na minha barriga para que ele sentisse os chutes.

Bev Lancaster nos levou até a sala de exames e me mandou deitar. Dez minutos depois eu continuava lá, com a blusa puxada para cima e minha linda barriga protuberante totalmente à mostra, torcendo para que meu bebê se mexesse. Mickey estudava um molde de plástico de um canal vaginal com uma expressão engraçada no rosto quando a porta se abriu e Charlotte entrou empurrando um carrinho com uma tela de computador em cima. Havia também uma espécie de sonda branca na ponta do que parecia um fio de telefone.

– E aí, como estão os Chandlers? – perguntou. – Você parece ótimo, Mickey. Está se sentindo bem?

– Estou ótimo, Dra. Barbie. Meio nervoso neste exato momento.

– Por quê?

– Ele odeia perder dinheiro – respondi, estendendo a mão para pegar a dele.

Charlotte riu e se inclinou para ligar a máquina na tomada.

– Muito bem, vamos pôr mãos à obra e ver quem ganha a aposta.

Ela tirou um vidro de gel de uma caixa na prateleira e espalhou o conteúdo na minha barriga. Eu esperava uma sensação gelada, mas fiquei agradavelmente surpresa com o gel morno. Charlotte ligou o computador e depois sorriu para mim ao posicionar a sonda sobre minha barriga.

– Vamos ver o que temos aqui.

A tela ganhou vida. Eu não sabia o que via, mas dava a impressão de neve, uma espécie de chuvisco numa TV em preto e branco. Olhei para Mickey, que, mais próximo ao aparelho, também tentava decifrar a imagem.

– Cadê você, neném? – murmurou Charlotte, deslizando lentamente a sonda. Alguma coisa começava a tomar forma, mas então tossi e a imagem sumiu. – Quer um pouco de água, Lucy? – ofereceu a médica.

– Não, tudo bem.

Charlotte voltou a sondar minha barriga e, um instante depois, surgiu alguma coisa.

– Aí está – falou Charlotte para a tela. – Temos um bebê. – Ela mexeu num botão que, sabe-se lá como, ampliou a imagem. – Estão vendo a cabeça?

– Onde? – perguntamos ao mesmo tempo Mickey e eu.

– Bem aqui – apontou ela, e a imagem começou a fazer sentido. – Assim em close, o rosto parece meio estranho.

– Como dá para saber que isso é um rosto? – perguntou Mickey. – Só consigo ver buraco negros... ou será... Será que é isso mesmo?

– Esses são os olhos do bebê, mas vocês só estão vendo as órbitas. Quem sabe consigo um perfil – disse Charlotte deslizando a sonda e apertando-a com mais força contra minha pele.

– Aquilo é um braço? O que é aquilo? – Largando a minha mão, Mickey se aproximou mais da tela.

– É. E ali está o outro, ali a perna e... Prontinho, outra perna. Estou olhando... Não estou vendo. Não. Não estou vendo mesmo. – Ela ajustou a sonda num ângulo específico. – Lamento, Mic, mas não consigo achar um pênis.

– Tem certeza?

– Me diga você. É como se estivéssemos embaixo de uma mesa de vidro, olhando entre as pernas, de baixo para cima. Desculpe, papai. Se é um menino, parece que é do sexo feminino.

– Boa! – exclamei.

Mickey olhou para mim e disse, sorrindo:

– Eu falei que ele era menina. – Depois se inclinou e me beijou na boca, um beijo de um segundo. – Uma minivocê... – sussurrou, todo encantado e feliz.

– E você não parece nem um pouco decepcionado, papai – comentou Charlotte com um risinho.

– Bom, eu ficaria mais satisfeito se ela tivesse um rosto – disse Mickey, rindo. – Mas fora isso...

Também ri, mas logo comecei a chorar, não porque estivesse surpresa. De repente, tudo era tão real! Nós teríamos uma filha.

Charlotte piscou para mim.

– Você estava certa, querida.

Não sei como eu tivera tanta certeza, mas agora sentia como se a conhecesse a vida toda. Minha filha. Charlotte continuou falando, enquanto apontava as câmaras do coração, os hemisférios do cérebro. Mickey se mostrava fascinado, fazendo todo tipo de pergunta. Observando-o, pensei que era como se eu tivesse

roubado esse momento de outra mulher a quem aquilo de fato estivesse acontecendo. Não a nós. Jamais. Por entre as lágrimas, vi meu marido olhando deslumbrado o pequeno punho cerrado da filha.

– Olha, Lu, dá para ver cada ossinho dos dedos dela.

Charlotte imprimiu várias imagens para nós, e Mickey disse que daria um pulo no trabalho para impressionar Jared com as fotos enquanto eu terminava o exame.

– Jared tem cinco filhos – falei. – Não vai ficar impressionado.

Mickey beijou minha testa.

– Eu vou assim mesmo. Passe por lá quando acabar para a gente ir almoçar.

No total, eu ganhara uns 2,5 quilos, o que parecia errado, mas Charlotte me garantiu que eu não demoraria a engordar. Quanto ao resto, tudo ia bem, a pressão estava boa e o coração batia no ritmo correto. Ela examinou meus seios da maneira habitual e desconsiderou o fato de estarem doloridos. Pareceu especialmente atenta no exame do esquerdo e, antes de me liberar, decidiu que, já que a máquina estava à disposição, faríamos uma ultrassonografia. Charlotte foi minuciosa: primeiro um seio, depois o outro e novamente o primeiro. Também foi econômica com as palavras enquanto trabalhava. Com os olhos fixos na tela, eu não fazia ideia do que via.

– Encontrou alguma coisa, Charlotte?

– Hum. Acho que não. Bastante inchaço. Para mim, estão como se espera que estejam os seios de uma grávida. – Depois de desligar a máquina, Charlotte me entregou uma toalha. – Meio melequento, mas melhor que uma mamografia, não é?

– Muito melhor.

– Certo, Lucy. Vou deixar você seguir em frente com seu dia. Se eu não ligar, volte em duas semanas.

– Certo – concordei, descendo da mesa de exame. – Mas você não vai me ligar, vai?

Charlotte sorriu.

– Só se for preciso, querida.

Percorri a distância que me separava da pousada Brubaker quase aos pulos.

O acesso à casa noturna de Mickey era pelo saguão do hotel e, quando cheguei, ele já havia pedido sanduíches ao serviço de quarto. Enquanto comíamos no escritório que ele dividia com Jared, estudamos as fotos da nossa filha. Era incrível imaginar que eu carregava aquela pequena *vida* dentro de mim. Jared apareceu de repente e agiu com o devido encantamento. Pegou uma das fotos e disse:

– Nesta aqui está parecida com você, Lucy. – Eu ri, mas ele falava sério. – Olha só, Mic, não é o perfil da Lucy? Estou mentindo?

Os dois me obrigaram a ficar de perfil. Jared segurou a imagem de minha

filha junto ao meu rosto e Mickey fez uma expressão estranha.

– Incrível. É o seu perfil, Lu.

Eu teria adorado atravessar correndo a rua e entrar na Fantasma para saber a opinião da minha irmã sobre as imagens da ultrassonografia, mas não tive certeza de que isso não causaria constrangimento ou, pior, de que não a magoaria. Eu sentia muita saudade dela. Sentia falta de compartilhar tudo e não sabia como recuperar isso.

Acho que Mickey deve ter visto a minha mudança de humor, porque juntou as fotos e as entregou a mim.

– Muito bem, mamãe, chega de admirar nossa filha sem rosto. Precisamos comprar tintas.

– Divirtam-se – disse Jared ao sair da sala.

– Até que enfim – falei, ficando de pé. Mas então o telefone de Mickey tocou e percebi que ele queria atender. – Espero você no lobby.

– É só um minuto – prometeu ele.

Saí da casa noturna e me dirigi ao lobby do hotel, onde havia um sofá macio em frente à enorme lareira. Nesse exato momento Lily entrou. Quando nos vimos, por uma fração de segundo achei que nós duas tivemos vontade de olhar para o outro lado. Em vez disso, Lily acenou para mim de um jeito ansioso e mordeu o lábio ao se aproximar.

– Vi você entrar há alguns minutos – falou. – E quis... Eu só queria ver como você estava.

– Estou ótima, Lil. Que bom que nos encontramos. Eu ia mesmo até a loja. Pelo menos, era o que eu pretendia.

– O que há de novo?

Meus olhos se encheram de lágrimas, pois o mesmo aconteceu com os dela. E, como ela tivera coragem de vir me procurar, não hesitei.

– Quero lhe mostrar uma coisa – falei, pegando-a pela mão e indo com ela até o sofá.

– O que é?

Sentamos bem próximas uma da outra e tirei do bolso as fotos da ultrassonografia.

– Quero lhe apresentar a sua sobrinha.

Lily soltou um gritinho ao segurar as fotos com mãos trêmulas.

Pus meu braço em volta dela e pousei a cabeça em seu ombro.

– Não dá para ver direito ainda, mas acho que é bonita – falei.

Lily assentiu e vi as lágrimas escorrerem enquanto ela estudava as imagens. Durante um bom tempo, minha irmã ficou calada.

– Ela é linda – disse por fim. – Mas, Lu... Cadê o bebê? O que é isso que estou vendo?

Eu ri e Lily também riu, embora estivesse chorando.

– Este é o perfil dela – aponteí. – Estas são as pernas e aqui está o *eu sou menina*. Aqui é o punho fechado.

– Ah, ela é linda – exclamou Lily, balançando a cabeça. – Até este exato momento, eu não sabia quanto queria uma sobrinha!

– Sério? – pergunteí, com a voz rouca.

Seus braços me envolveram num abraço.

– Você vai ter um bebê! Uma menininha. Não podia ser mais maravilhoso! – Sussurrou ela no meu cabelo. – Chega dessa coisa de nos evitarmos. Não aguento isso. Quero cada detalhe de tudo, todo santo dia. Será que pode fazer isso por mim?

– Bem, esta é a segunda melhor coisa que vejo hoje – disse Mickey, atravessando o lobby na nossa direção.

Lily e eu nos soltamos e minha irmã secou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

– Acabo de ter o prazer de conhecer sua filha – falou, ficando de pé para abraçar Mickey. – Bom trabalho, Mic. Parabéns.

– Obrigado, Lily. Você está bem?

– Estou ótima. Caramba, eu vou ser tia! – Ela beijou o rosto de Mickey. – Preciso voltar para a loja agora. Garanto que neste exato momento a irmã de Muriel deve estar me roubando. Não se iludam com aquela bengala, aquela senhorinha sabe muito bem por onde anda – disse ela assoando o nariz. – Mas depois que vi você entrar, eu tinha que vir até aqui – falou, virando-se para mim. – Não se esqueça, Lucy: cada detalhe.

– Combinado – prometi, cheia de alívio.

Ela beijou meu rosto e saiu.

Os braços de Mickey me envolveram pelas costas e ele me puxou para seu peito.

– Que dia bom, Lu – falou em meu ouvido.

– É mesmo. Um dia muito bom.

4 DE AGOSTO DE 2011

O ciclo. Conhecido em cada detalhe. Em parte eu, em parte a medicação. Faz quase dois meses que recebi alta do hospital e estou recuperado do surto. Fico muito agradecido de não ter aterrissado depressa e com força demais, porque, se isso acontece, posso passar daí para a depressão, um lugar negro e desgastante em que nada me importa. Mas a vida está boa demais neste momento para que isso seja uma preocupação. Mesmo se não estivesse, felizmente tive poucas depressões graves, e bem espaçadas, talvez isso se deva ao fato de eu responder muito bem aos antidepressivos – tão bem que, se não me cuidar, posso acabar caindo na hipomania. Sou um bipolar vulnerável: anseio por viver na bolha de sanidade conhecida como o limite seguro da hipomania. Se existe alguma vantagem na bipolaridade é esta – o estado de permanente energia que não dá para sustentar – é uma pena. Não é estático, tem um destino. No fim, se não for tratado, leva ao que Gleason chama de “o ponto de inegabilidade”, estado em que estou psicótico, mas não reconheço isso.

Para mim, o ciclo é assim: uma pequena perturbação no padrão do sono, humores que começam a desandar, uma guinada sutil na realidade, ideias que me parecem extraordinariamente brilhantes, mais perturbações do sono, mais ideias brilhantes que começam a fluir, aos poucos no início, ilusoriamente aos poucos, mas que então transbordam do meu cérebro, pensamentos que tento agarrar porque são muito bons, mas que escorrem por entre meus dedos como se fossem água. Mais perturbações do sono, sem cansaço, elétrico, ainda pensando com clareza, mas começando a duvidar de mim mesmo. Meu curso pode ser corrigido nessa fase, nem um centímetro além. Mas é tão gostoso ficar aí, trabalhar como um insano, sem desperdiçar tempo dormindo, sem vontade de dormir; ativo ao extremo. Preciso de mais mãos para dar conta de tudo. Tudo o quê? Me escapa. Raciocínio embotado, mas que não me impede de perceber que estou indo ladeira abaixo. Preciso dormir, mas já não consigo porque sou incapaz de desligar meu cérebro. Essa é a beira do precipício. Mais um passo e vem a queda, a perda de contato com a realidade, embora sem saber disso, raiva porque todo mundo parece me criticar, me dizer como viver, o que fazer, o que não fazer. Quem disse que eles sabem? Posso consertar isso sozinho com comprimidos que, por alguma razão, pararam de funcionar. No meu brilhantismo, aumento a dose de uns e paro outros, que, sem dúvida, são o motivo dessa espiral. A beira do precipício: um pé dentro, um pé fora.

Conheço o ciclo: a queda e a ascensão, o nivelamento. Aprendi que confiança é o segredo. Não posso confiar em mim, algo que levei a vida inteira para entender. Mas confio em Lucy e em Gleason. Ron e Jared também não mentem para mim. Todos eles me dizem para confiar nos comprimidos para voltar ao limite de velocidade. Para voltar ao chão ou pouco acima dele, mas não abaixo, se possível não abaixo. Faço o que posso para não mergulhar abaixo da linha divisória do desespero. Mas isso também faz parte do ciclo.

Olhei em torno do consultório de Charlotte Barbee e tentei controlar meu tremor. Fazia três dias que eu estivera ali com Mickey, fascinada com uma ultrassonografia perfeitamente normal. Charlotte nem ligara pessoalmente, mas pedira a Bev Lancaster, que disse não ter a mínima ideia do motivo para a doutora querer me ver. Fiquei sem fôlego e agora estava ali aguardando, cheia de medo. O que teria acontecido nos últimos três dias para me provocar tanta ansiedade?

Charlotte enfim entrou e ocupou a cadeira atrás da mesa. Pigarreou algumas vezes e evitou meus olhos.

– Obrigada por ter vindo, Lucy.

Minhas mãos se entrelaçaram, rígidas.

– Charlotte, o que está havendo? Surgiu algum problema?

Ela respirou fundo.

– Acho que não. De verdade, Lucy – seu tom era claro e confiante, totalmente profissional. – É que comparei suas mamografias recentes com esse último ultrassom e o achei meio estranho. Eu me sentiria melhor se um colega desse uma olhada.

– Está bem – respondi.

– Lucy, tenho quase certeza de que tudo pode ser explicado pela sua gravidez. Olhei cem vezes as imagens e... – Ela balançou a cabeça. – Só quero ter certeza de que não existe motivo de preocupação. É apenas por causa do seu histórico, que é o motivo de fazermos tantos exames. Prefiro desconfiar até ter certeza do contrário.

– E você está desconfiada agora? – Eu queria deixar tudo claro.

Ela negou com a cabeça, mas falou:

– Só um pouquinho. Mandeí suas imagens da semana passada para outro radiologista, mais especializado do que aquele que costumamos consultar. Eu queria uma segunda opinião e ele concordou comigo que o que vemos provavelmente pode ser atribuído à gravidez. Olhe, vou lhe mostrar – disse ela, prendendo três conjuntos de imagens na tela branca atrás da sua cadeira e

acendendo a luz. – Essas são de um ano atrás, essas têm dois meses, e essas são da semana passada.

– O que eu estou vendo?

– É difícil identificar, mas essa área está um pouco mais escura – explicou, indicando um ponto. – Está vendo?

Inclinei-me para ver mais de perto.

– Talvez.

– Não deve ser nada, Lucy. Uma gravidez produz uma série de mudanças fisiológicas que naturalmente resultam no inchaço do tecido mamário, glandularidade aumentada, conteúdo aquoso. Mas essas coisas normais também podem dificultar a avaliação de pequenas mudanças sérias. Quando você esteve aqui para o checkup de rotina, há dois meses, e descobrimos a sua gravidez, não vi nada problemático. Então, só por garantia, fiz a ultrassonografia comparativa na segunda-feira. Esta aqui – disse ela, apontando a terceira imagem.

Fiquei em pé e me curvei sobre a mesa de Charlotte.

– Não tenho certeza se vejo alguma diferença.

– Eu sei. Nem eu. Mas senti alguma coisa naquele dia.

Minhas pernas formigaram e precisei me sentar. Registrei a visão da minha médica: expressão séria, postura competente, jaleco branco por cima de um vestido preto de linho.

– Você sentiu alguma coisa? Por que não me falou?

– Porque realmente não achei que fosse algo fora do normal e os exames laboratoriais não indicavam problemas. Na verdade, nada aponta para um possível problema, exceto o seu histórico. Por isso quero outra opinião. Trata-se apenas de um pequeno espessamento no local que coincide com essa área escura – respondeu Charlotte, mais uma vez apontando a parte inferior de uma das imagens. – Lucy, como eu disse, se for apenas espessamento do tecido, é uma descoberta normal.

– Mas?

Charlotte apagou a luz da tela e se virou para mim.

– Mas queremos ter certeza, não é, querida?

– Sim, queremos – respondi com voz trêmula. – E agora?

– Eu a mandaria de novo para o Dr. Stevens, que tratou você da outra vez, mas ele se mudou para Fort Worth. Por isso, a estou encaminhando para o Dr. Matthews, em New Haven. Ele trabalha com Oncologia Ginecológica, é especializado em tudo que discutimos aqui. Eu o conheço. Ele é ótimo. – Charlotte anotou um endereço num pedaço de papel que me entregou. – Você pode ir lá esta tarde?

– Hoje? Achei que você não estivesse preocupada.

– Lucy, ele está lá agora e me fez o favor de encaixar você. Só vai olhar essas imagens e examiná-la, talvez colher uma ou duas amostras para o

laboratório. Pode levar alguns dias para que ele diga o que encontrou. E, quando ele disser, poderemos seguir em frente com essa gravidez com mais tranquilidade. Está bem?

Encarei Charlotte. Ela não estava sorrindo. Tentei interpretar sua expressão.

– Charlotte, você acha que devo contar a Mickey? Pedir que ele vá comigo?

Ela não desviou o olhar.

– Essa decisão é sua, Lucy.

Eu sabia que, se ligasse, Mickey largaria tudo para ir comigo. Estaria ali comigo nesse momento, se eu tivesse pedido. Charlotte deu a volta na mesa e pôs as mãos nos meus ombros.

– Lucy, isso é só por precaução. E não vamos nos preocupar enquanto não houver motivo concreto para preocupação.

Assenti, mas minha voz tinha sumido e não consegui responder.

Charlotte me entregou um grande envelope pardo contendo meus exames por imagem; saí do consultório e entrei no carro nem sei como, com suas palavras ecoando em meus ouvidos. Meu primeiro impulso foi ligar para Mickey. Eu queria sua força naquele momento. Mas ele estava tão bem, tão tranquilo e estável, tão animado com tudo! Seria realmente necessário atrapalhar esse momento antes de ter alguma notícia? Não seria puro egoísmo meu? Não devia ser nada de mais e eu iria preocupá-lo à toa. Foi assim que decidi não ligar para ele.

Apoiei minha cabeça no encosto do banco, fechei os olhos e tentei parar de tremer. Sem dúvida isso não podia estar acontecendo comigo de novo. Repassei a cena toda, tudo o que ouvira de Charlotte e tudo o que ela não dissera, e não consegui amenizar nada.

Fiquei sentada no carro escaldante, perguntando-me se alguém mais estaria disposto a ir a New Haven. Lily era tão impossível quanto Mickey, basicamente pelos mesmos motivos. Por um microinstante, pensei em Ron. No quesito cunhado, eu não poderia ter tido mais sorte. Ron não era um alarmista nem tinha reações exageradas. Era bonachão, confiável e objetivo, e não me faria perguntas. Apenas seguraria minha mão e compartilharia comigo todas as possibilidades não verbalizadas. Mas depois teríamos que contar a Lily e talvez minha irmã não o perdoasse por ser um candidato melhor que ela. Eu não podia colocá-lo nessa situação.

No fim, fui minha própria companhia, perfeitamente capaz e adulta, até o Centro Hospitalar de Pesquisa Oncológica de New Haven. O enorme complexo de vários prédios era asséptico e pouco amistoso desde sua aparência até a recepcionista do Prédio D, sala 410: Consultório de Estudos de Imagens Obstétricas. Entrei numa sala de espera lotada e me identifiquei para a moça sentada à mesa. Ela verificou na tela do computador e me respondeu que eu não tinha hora marcada. Esclareci que sabia disso. Acrescentei que havia sido

mandada pela Dra. Charlotte Barbee, de Brinley – e foi o mesmo que se tivesse dito que vinha da lua. Tina Pulsifer, conforme se lia em seu crachá, me informou de que não havia jeito de eu conseguir falar com um médico naquele dia.

– Ninguém tem tempo para encaixe – afirmou, como se eu estivesse tentando cortar o cabelo.

– Não é *um* médico, é o Dr. Roland Matthews.

Sua boca se escancarou.

– A senhora está brincando?

– Se você soubesse por que estou aqui, saberia que não estou brincando, Tina. A Dra. Charlotte Barbee falou diretamente com ele. Não me importo de esperar, mas, por favor, diga a ele que estou aqui.

Os lábios pequenos e perfeitos da recepcionista se entreabriram de novo, deixando escapar um suspiro pequeno e perfeito quando ela pegou o telefone.

– Vai demorar um pouco. O Dr. Matthews está no meio de uma cirurgia. A senhora trouxe as imagens?

Entreguei o envelope a ela.

– Cirurgia? Achei que ele fosse radiologista.

– O Dr. Matthews não é radiologista. Ele é o chefe do departamento.

O pânico, antes adormecido, despertou dentro de mim.

– Sente-se, Sra. Chandler. Vou pedir que avisem a ele – disse Tina, dispensando-me.

Cambaleei, de leve, até uma cadeira de metal e couro, ultramoderna e desconfortável.

Esperei sentada naquela cadeira horrível por um tempo incalculável, repassando a calma repentinamente questionável do tom de Charlotte. Relembrei suas palavras e tentei mais uma vez ouvi-la dizer que eu não tinha com que me preocupar. Em algum ponto desse exercício, ouvi meu nome e ergui os olhos, dando de cara com um garoto magro vindo na minha direção.

– Lucy Chandler?

Assenti.

Ele sorriu:

– Meu nome é Owen Peters, sou o assistente do Dr. Matthews. Por favor, me acompanhe. Vou levá-la ao centro cirúrgico.

– O quê? – exclamei, de repente incapaz de me levantar. – Não vim aqui para uma cirurgia.

– Claro, me desculpe. Eu quis dizer que o Dr. Matthews me mandou buscá-la. Ele está em cirurgia, mas quer vê-la. – Owen segurava meus exames.

– Agradeço por ele me encaixar – falei, tentando conter a ansiedade.

Segui o assistente até o elevador. Nenhum de nós dois disse nada enquanto subíamos os seis andares até o centro cirúrgico. Estudei o reflexo indiferente de Owen nas portas polidas e me perguntei por que ele não era mais gentil, mais

falante, por que não havia sido treinado para deixar mulheres nervosas à vontade.

Quando o elevador parou, ele me acompanhou até um consultório e me disse que o Dr. Matthews não demoraria. Olhei em torno. O consultório de mobílias austeras parecia não ter dono; era frio, impessoal e me deu nos nervos. Felizmente se passaram apenas alguns minutos até Owen Peters voltar. Ele deu de novo aquele seu sorriso falso e falou:

– Venha comigo, Sra. Chandler, por favor. O Dr. Matthews viu as suas imagens e gostaria de examiná-la.

– Sério? Ele encontrou alguma coisa? – perguntei, tentando acompanhar seu passo.

– Não sei dizer, senhora.

De repente me arrependi de não ter pedido a Mickey que me fizesse companhia. Owen me depositou atrás de uma cortina e educadamente pediu que eu tirasse a blusa e vestisse uma camisola de hospital. Depois sumiu. Eu comecei a suar.

Esperei quase meia hora na sala de exames, imaginando o inimaginável. Ao achar que não suportaria esperar mais um segundo sequer, resolvi ir embora. Já ia pegando a blusa quando a cortina se abriu e um homem baixo usando jaleco cirúrgico entrou.

– Sra. Chandler?

– Sim.

– Sou o Dr. Matthews – disse ele, estendendo a mão para um aperto. – A Dra. Barbee está com algumas dúvidas e me pediu que examinasse a senhora, está bem?

– Sim.

O médico baixou a maca até a posição apropriada e depois apertou meus seios com as mãos geladas. Foi minucioso, não nego, mas nem um pouco gentil, e não abriu a boca. Passou o que me pareceu um tempo absurdo apertando e amassando o tecido ingurgitado num movimento circular. Desculpou-se uma vez, quando fiz uma careta de dor, mas prosseguiu sem aliviar a pressão. Tive a impressão de que acabou por se concentrar na parte anterior do meu seio esquerdo, junto às costelas. Apertou, amassou e empurrou com seus dedos ágeis. Só me restou a alternativa de acompanhar sua respiração e tentar definir se ela denotava preocupação. Finalmente, deu um suspiro e largou meu seio.

– Entendo o dilema – anunciou, sentando-se num banco com rodinhas, aparentemente organizando suas ideias. – Como vai Charlotte?

– Como? – exclamei, pega de surpresa. – Vai bem, muito bem. Ela é uma ótima médica.

– Das melhores. Fizemos faculdade juntos – contou o Dr. Matthews, coçando o queixo. – Bem, entendo a preocupação dela, considerando o seu histórico. E concordo com ela que nada *parece* muito fora do normal.

Deixei escapar um suspiro de alívio.

– Mas também não queremos deixar passar alguma coisa. – A postura do médico se alterou ligeiramente. – Lucy, já que você está aqui, eu gostaria de fazer uma biópsia. Trata-se de uma mera punção com agulha fina. Para ter certeza de que não há nenhum motivo de preocupação. – Ele se pôs de pé. – Vou pedir a Owen que venha prepará-la e volto em alguns minutos.

Assenti com uma expressão idiota, sentindo a sala diminuir. Quando ele sumiu atrás da cortina, senti um frio repentino e um pouco de tonteira.

Como se estivesse em câmera lenta, desci da mesa de exames, fui até a lixeira ao lado da pia e vomitei. Todos os meus fluidos brotaram quentes e com violência até não me restar mais força nem nas pernas, nem nos braços. Foi uma sensação muito estranha a de ficar vulnerável e me observar desabar no chão enquanto a salinha fria e branca encolhia até ficar do tamanho de uma moeda. Simplesmente fechei os olhos e me entreguei.

Owen Peters e uma mulher, que devia ser enfermeira, apareceram de repente, falando alto, enquanto eu inalava o odor acre de amônia. Os dois me ajudaram a sentar numa cadeira de rodas, e a enfermeira falou comigo em tom carinhoso:

– Baixe a cabeça, meu bem, respire fundo. Está se sentindo melhor? Tudo bem?

– Acho que sim. Desculpe, não sei o que aconteceu.

– Tudo bem. Você está tremendo – disse ela, cobrindo-me com um cobertor quentinho, que apertei mais junto ao corpo. Owen me entregou uma autorização para que eu assinasse.

– Eu... Eu estou grávida e não quero tomar nada que possa prejudicar o bebê – falei, pegando a prancheta.

– Entendo – disse o assistente sem olhar para mim.

Enquanto me conduzia na cadeira de rodas para o centro cirúrgico nº 1, o robótico assistente me forneceu uma explicação acadêmica da anestesia local que tiraria a sensibilidade do meu seio esquerdo. Ele era um manancial de informações.

Fui transferida para uma mesa cirúrgica e depois coberta com um lençol que só deixou o seio em questão exposto. Imaginei a vista aérea de mim mesma deitada ali. Imaginei minha aparência, totalmente reduzida a apenas aquele seio, nada mais. Em meio a uma bruma de ansiedade, dei o telefone de Priscilla a quem quer que estivesse ouvindo e pedi que ligassem para a minha irmã.

Deitada ali, impotente para fazer qualquer outra coisa, imaginei-me abraçada à minha filha, puxando-a para junto mim, protegendo-a com o reles escudo do meu corpo. Fiquei tão perdida nessa imagem que o Dr. Matthews precisou se dirigir a mim duas vezes para dizer que o procedimento acabara. Então, de repente, me dei conta da sensação de peso no meu peito. Gelo. Imediatamente

fui levada para outra sala, onde me deixaram sozinha. Fechei os olhos.

– Está sentindo dor, meu bem?

Olhei dentro dos olhos cálidos de uma mulher que presumi ser uma enfermeira e balancei a cabeça, dizendo que não.

– Você pode se sentar? Eu lhe trouxe um suco. – Ela me ajudou, instruindo-me a respirar fundo para evitar outro desmaio. – Quando foi a última vez que você comeu, amor? Está com fome?

O suco estava delicioso.

– Está ótimo. Obrigada – falei.

– Então, coma alguns biscoitos – disse ela, botando-os na minha mão. – Você gostaria de me fazer alguma pergunta?

– Por onde começo?

Ela meneou a cabeça.

– Pobrezinha. Posso imaginar o dia que você teve. – Sentou-se, então, e sorriu. Seu crachá dizia que ela se chamava Gail e calculei que tivesse mais ou menos a idade de Charlotte. Era loura e peituda em seu jaleco azul. – Imagino que seu médico a tenha mandado aqui com alguns exames e, de repente, você se viu fazendo uma biópsia.

– Foi mais ou menos isso. Encontraram alguma coisa?

Gail balançou a cabeça.

– O Dr. Matthews fez duas punções, uma de agulha fina e uma core biópsia numa pequena área na parte posterior do seu seio. Colheu várias centenas de células e agora vai fazer alguns testes. Depois entrará em contato com seu médico.

– Por que duas?

– Ele é muito minucioso. E deve ter muita consideração com seu médico para atendê-la assim, de última hora. Você está em ótimas mãos.

– É bom saber.

– Já o assistente dele é outra história. Achamos que ele funciona a bateria.

Dei um risinho, e Gail me ajudou a vestir a blusa.

– Obrigada – falei, encantada com o poder daquela mulher de acalmar meu coração amedrontado. – De verdade. Obrigada.

– Coma mais alguns – disse ela, enchendo minha mão de biscoitos. – Se estiver se sentindo melhor daqui a dez minutos, vou liberar você.

Sentada ali naquele cubículo com cortina e tomando golinhos do meu suco, ouvi uma comoção no corredor. Priscilla chamava meu nome, num sussurro aflito, aparentemente procurando por mim atrás de todas as cortinas. Por fim, encontrou minha cabine.

– Lucy, você está bem?

– Estou ótima, Priss.

– O que veio fazer aqui? O que está acontecendo?

– Charlotte apalpou alguma coisa. Viu uma sombra na ultrassonografia e me mandou para cá. Provavelmente é só porque estou grávida. Não deve ser nada.

Ouvi minha própria voz falhar e senti a promessa de Charlotte vacilar. Olhei para minha irmã. Meu lábio tremeu, meus olhos se encheram de lágrimas e me senti boba e desprotegida.

Priscilla me envolveu num abraço.

– Tudo bem, Lu, estou aqui.

Foi bom passar o bastão da minha aflição para ela, foi bom deixar que minha irmã o segurasse por um minuto, enquanto eu me recompunha. Priss afagou minha cabeça, apertando meu rosto contra sua blusa de seda, tentando não chorar. Eu estava com medo e cansada, mas me sentia melhor agora, com ela ali. Depois de respirar fundo algumas vezes, eu a convenci de que estava bem. Priscilla ajeitou minha blusa e penteou meu cabelo com seus dedos compridos.

– Lucy, você está horrível.

– Eu sei. Preciso me recompor antes de encontrar Mickey.

Priscilla gemeu.

– É claro. Onde ele está? Aqui?

– Não. Ele não sabe de nada.

– Que ótimo, Lucy! O que vem agora? Você vai fingir que a vida é cor-de-rosa? Esse vai ser seu próximo grande segredo com que Mickey não será capaz de lidar?

– Como assim? Mickey não veio porque eu não quis preocupá-lo.

– Eu não vou entender nunca. Nunca. Qual é o sentido...

– Priscilla, por favor, não comece.

Ela balançou a cabeça.

– E você está grávida, Lucy. Por acaso ficou louca?

Fiquei furiosa comigo mesma por ter ligado para ela.

– Acho que você devia calar a boca e me levar para comer alguma coisa.

Priscilla sempre pontuou seus comentários mais ferinos com linguagem corporal – um dar de ombros reprovador, olhares demorados de censura, revirar de olhos. Dessa vez, porém, uma suavidade incomum transformou seu rosto e ela pegou minha mão e a beijou.

– Desculpe, meu amor. Você não precisa de sermão neste momento. Fico feliz que tenha me ligado.

Fomos em dois carros até o Olive Garden, no fim da rua do hospital. Eu estava com fome, mas de repente o cheiro de comida italiana revirou meu estômago. Pedi sopa e pão e tomei água enquanto Priscilla flertava com o garçom. Ela acendeu seu sorriso luminoso e esfregou o lóbulo da orelha onde brilhava um brinco de brilhante. Chutei-a por baixo da mesa, e ela me fuzilou com o olhar.

Alguns minutos depois, o rapaz voltou com a nossa comida, nitidamente

esperando um repeteço, e me senti mal por ele, pois Priscilla estava checando suas mensagens no BlackBerry. Nem sequer reparou na sua presença e o garçom deu meia-volta com uma expressão magoada.

Depois de um comprido monólogo a respeito do assistente incompetente que deixara quatro mensagens para ela, Priscilla jogou o telefone na bolsa e olhou para mim.

– Você está com medo, Lu?

– Um pouco, mas vou apenas supor que esteja tudo bem até que Charlotte me ligue para dizer o contrário.

Priscilla me lançou um olhar penetrante, desaprovando.

– Você já passou por isso, Lu. Eu também. Nós duas sabemos como parece falso quando eles dizem que não deve ser nada. Nosso coração para de bater.

Sua avaliação crua foi como um soco no estômago e precisei me esforçar para não chorar.

– Estou tentando não ficar com medo, Priss. Ainda mais agora. Estou grávida e não quero ter medo!

Priscilla me encarou.

– O que vai dizer a Mickey?

Olhei para minha sopa intocada.

– Espero que nada. Espero que não seja necessário.

Minha irmã me deu a impressão de ter algo a dizer, mas refreou-se e estendeu o braço para pegar minha mão. Encarou-me com seus olhos verde-escuros, com uma expressão que pretendia ser intimidadora. Não funcionou. Sobretudo porque uma onda de ternura penetrou aquele olhar glacial.

– Em que você tem pensado? – indagou baixinho.

– Para ser franca, na mamãe. No caminho até aqui não parei de pensar em como ela se esforçou para continuar conosco. Como foi duro para ela deixar as filhas.

– Às vezes eu ainda a culpo.

Suspirei.

– Por que faz isso consigo mesma, Priss? Você passou a vida toda furiosa com ela. Já faz dezesseis anos que ela morreu. Chega!

– Eu só não a entendo. Por que uma mulher tem filhos para lhes deixar essa herança? O que ela fez conosco, na minha opinião, é imperdoável. Olhe só a nossa vida. Olhe só o que precisamos passar.

– E qual é a alternativa, Priscilla?

– Eu sei, eu sei. Mas ela *sabia* que vinha de uma longa linhagem de câncer e optou por ter três filhas.

Maneei a cabeça.

– Juro que às vezes acho que você é doente mental.

– Não tem graça nenhuma. Mas, se fosse verdade, eu provavelmente

também atribuiria isso à mamãe.

– Ao menos você tem mais sorte do que a maioria das mulheres na menopausa – retruquei. – Pelo menos consegue identificar a pessoa exata responsável pelo seu sofrimento. Mas é cruel culpá-la e você é doente mental se não consegue enxergar isso.

– Talvez você tenha razão, mas neste momento, *neste momento* que nenhuma de nós jamais gostaria de revisitar, preciso culpar alguma coisa... alguém. Dá um tempo, Lucy.

Senti desânimo. Ser amada pela minha irmã era exaustivo. Priss pagou a conta e me deu a mão quando saímos caminhando até onde havíamos estacionado os carros, um ao lado do outro. Ao chegarmos lá, Priscilla se virou para mim e apertou meus dedos.

– Lucy, me diga a verdade. Você tem visto a *sua* amiga ultimamente? Você a viu hoje?

– Não – respondi, balançando a cabeça.

– Nenhuma aparição bonita? Jura?

– Juro.

Priscilla me puxou de encontro a ela.

– Ligo para você amanhã – falou, antes de se afastar em direção ao próprio carro e gritar para mim, por cima do teto do seu BMW: – A propósito, sua malcriada, *não* estou na menopausa.

Acenei para minha irmã e ambas tomamos nossos próprios rumos a partir do cruzamento. A viagem de volta para Brinley levou 45 minutos e fui direto para o Partners, a casa noturna de Mickey. Só queria vê-lo, mergulhar por um minuto que fosse em seu sorriso preguiçoso. Mas, assim que entrei, vi que ele também estava tendo um dia difícil. Pela expressão em seu rosto, percebi que minha aparência devia estar tão ruim quanto minha irmã dissera.

– O que houve, Lucy? Está se sentindo mal? – perguntou Mickey, numa voz irritada.

Seu tom me pegou de surpresa.

– Talvez. Acho que estou pegando um resfriado para coroar o meu rosário de reclamações habituais – falei, hesitante, botando sua mão na minha barriga. – Afora isso, estamos ótimas. – Fiquei na ponta dos pés e beijei o queixo dele. – Só passei para ver você e lhe dar um beijo.

Ele se aquietou e me deu um meio sorriso enquanto se inclinava para mim.

– Por que você não espera por aqui e janta comigo? Parece que vou ter que ficar até fechar. Um do bartenders ligou avisando que está doente e ainda estamos com um número a menos esta noite. Vou ter que tapar o buraco.

– Sério? Você não está com muita cara de comediante neste momento – falei. Quando vi mais aborrecimento em seu olhar, resolvi deixar as coisas como estavam. – Cadê o Jared?

– Está no telefone com o maldito bartender mentiroso.

O mau humor de Mickey me forneceu a desculpa perfeita para não lhe contar onde eu estivera. Contaria no dia seguinte, quando Charlotte ligasse com a boa notícia.

– Acho que prefiro esperá-lo em casa. Tudo bem por você?

Ele assentiu.

– Tudo bem. Desculpe o mau humor. É que preciso resolver esse assunto.

– Está bem.

Beijei meu marido mal-humorado e fui para casa dar por encerrado aquele dia. Tomei um banho, passando com cuidado a esponja em torno do meu seio dolorido e fui para a cama com um saco de gelo. Se estivesse acordada quando Mickey chegasse, talvez lhe contasse. Mas provavelmente não. Deitei a cabeça no travesseiro, torcendo para pegar logo no sono, mas alguma coisa estava me incomodando, algo chato e indistinto, mas familiar. Ignorei a sensação até não conseguir suportar mais e então me levantei e acendi a luz do banheiro.

Eu vinha evitando fazer isso desde antes de Priscilla perguntar. Encarei meu reflexo no espelho, examinando com atenção todo o espaço em torno da minha silhueta. Era o mesmo espelho em que eu observava meu pai se barbear toda manhã. O mesmo em que o rosto da minha mãe fora empalidecendo e encovando. Agora ele me diria o que eu tinha pela frente, por isso procurei a mensageira com atenção.

Procurei, sem querer vê-la. Não agora, quando o mundo era bom e o meu futuro me reservava uma filhinha. E não a *vi* – eu não a vira nem na época em que estive doente. Mas pela primeira vez desde que encontrara a Morte tantos anos atrás, tive a nítida sensação de que ela estava a caminho. A certeza se instalou em mim como uma noite fria num jardim. E quanto mais eu ficava ali de pé, mais forte a sensação se tornava. Passei a mão no rosto, onde brotara um suor frio, e disse a mim mesma que não passava de paranoia.

Apaguei a luz e voltei para a cama, acariciando minha barriga protuberante. Estava imaginando coisas. Sem dúvida. Mas lágrimas quentes e irrefreáveis escorreram pelas minhas têmporas e molharam meu cabelo. Precisei de todas as minhas forças para afogar os maus presságios e pôr a cabeça para fora d'água. Finalmente adormeci num lugar bem mais sereno, que cheirava a bebê depois do banho. Um lugar onde a música de fundo era o riso de uma menininha.

5 DE AGOSTO DE 2011, 8H

Lamictal é um medicamento usado em algumas pessoas para prolongar o período de estabilidade entre os episódios bipolares, e fiquei satisfeito porque parecia estar funcionando. Mas ainda me sentia meio frágil e, nas últimas noites, poucas horas de sono haviam me bastado. Eu precisava ficar atento a isso. Na véspera, eu tinha adormecido no sofá pouco depois das duas da manhã e às cinco já estava no chuveiro. Mas me sentia ótimo, focado, nos trilhos, com as ideias bem concatenadas, sem qualquer pensamento aleatório me atropelando, o que era bom. Lucy ainda dormia e eu estava pronto para começar o dia, mas como era cedo demais para ir trabalhar, peguei meu laptop e alguns jornais que vinha guardando para ler depois. Uma coisa que me ajuda a manter os pés no chão é checar meus investimentos. Gosto de acompanhar o mercado de ações, o Dow Jones, a NASDAQ. Gosto de botar essa atividade em gráficos; gosto de linhas vermelhas retas seguindo os números num pedaço de papel imaculadamente branco. Para mim, isso representa a ordem na desordem econômica. Lucy se preocupa um pouco quando começo a agir assim, mas é apenas um interesse, não necessariamente o indicador que ela imagina ser.

Ao acordar, percebi que Mickey já havia tomado banho e descido. Perguntei-me a que horas ele teria chegado em casa. À primeira vista, o fato de acordar cedo pode não parecer ruim, mas quando a necessidade de sono de Mickey diminui, o alarme soa. Atirei longe as cobertas e esfreguei os olhos, que ardiam. No banheiro, joguei água fria no rosto e descartei pensamentos de visitantes improváveis. Questões mais urgentes exigiam minha atenção. Como, por exemplo, o fato de eu estar muito enjoada.

Meu estômago estava vazio, por isso não tive o que vomitar na privada, então escovei os dentes e descí. Mickey estava na cozinha, com o jornal aberto diante de si e a pequena TV já ligada na bancada. Beijei sua cabeça e ele me lançou um olhar constrangido.

– Acordei cedo.

– Notei.

Ele ficou de pé, derrubando uma caneta vermelha no chão.

– Lucy, você não está com uma cara boa.

Estendi a mão e peguei alguns biscoitos.

– Daqui a um minuto estarei melhor.

Mickey me enlaçou e eu quis me aninhar no seu abraço e ficar ali para sempre.

– Você está bem, Lu?

– Não sou muito fã desse enjoo matinal, mas fora isso...

Mickey se afastou e me analisou.

– Desculpe por ontem à noite. Eu estava furioso com aquele bartender e descontei em você.

– Descontou?

– Achei que sim. E achei que você ainda estivesse zangada. É isso? Você está preocupada com isso? – perguntou ele, referindo-se aos objetos sobre a mesa: papel quadriculado, uma caneta vermelha e uma pilha alta de jornais. – Não há nada com que se preocupar, Lu. Eu só estava curioso – insistiu Mickey. – Faz tempo que não dou uma olhada nessas coisas.

Assenti enquanto me desvencilhava de seu abraço e botei um pouco de água para ferver.

– Não me enrole, Michael. Devo ficar preocupada?

– De jeito nenhum – garantiu ele, voltando ao projeto espalhado na mesa.

Quando ele começava a pirar, sua “curiosidade” quanto à economia precisava ser satisfeita de imediato e seu humor dependia dos números. Se os índices subiam, a excitação era capaz de superar a razão. Se caíam, o medo e a sensação de catástrofe podiam causar a mesma reação. Havia dias em que ele checava o Dow Jones Industrial mais de cem vezes.

Era cedo demais para me alarmar com isso, falei a mim mesma, ao mesmo tempo que me perguntava se Mickey vinha tomando os remédios. Afetei indiferença ao lhe perguntar isso, preparada para o sinal mais revelador de um problema: uma explosão. Mas Mickey apenas me olhou e sorriu.

– Estou na linha, Lu. E hoje à tarde vou fazer os exames. – Como não esbocei reação alguma, ele se levantou e acariciou meu cabelo, a caminho da geladeira. – Não finja que não está aliviada – disse, com um risinho.

Como ele me conhecia bem! Fiquei aliviada porque, desde a sua alta do hospital, Mickey vinha se saindo muito bem. Mesmo assim, as alterações do sono em geral prenunciavam más notícias, o que me levou a fazer um lembrete para ficar de olho.

Mickey sempre teve compulsões para fazer coisas estranhas – acompanhar freneticamente a previsão do tempo da semana em todo o país ou o preço da gasolina e das passagens aéreas. Às vezes contava coisas – as folhas no sapato depois de aparar a grama, o número de comerciais num programa de TV de meia hora, carros vermelhos na estrada. Muitas vezes ele parecia estar fazendo o movimento ascendente do ciclo, mas então descendia, por isso essas

idiossincrasias nem sempre eram marcadores confiáveis do seu nível de estabilidade. Ainda assim, quando começa a contar compulsivamente os carros vermelhos dirigidos por mulheres de cabelo curto e brincos de argola, ele sabe que é hora de ajustar a medicação. A coisa podia ser muito pior para mim. Em 75% do tempo, ele controla a situação. Não se pode deixar de amar um homem assim. Mas é preciso conviver com a ideia de que em 25% do tempo haverá coisas que podem empurrá-lo para o precipício.

Ajeitei meu roupão sobre o seio dolorido e concluí que *essa* era uma das coisas que teria tal efeito.

– Tudo bem? Você parece preocupada – disse Mickey se inclinando para beijar meu pulso. – Estou ótimo, Lu. De verdade. Mas, se eu não dormir hoje, vou ligar para Gleason.

– É por isso que eu te amo – falei.

Enquanto esperava que o meu estômago se acalmasse, fiquei sentada ali, observando Mickey traduzir num gráfico a atividade econômica nacional, relembrando que uns anos antes ele traçara essa atividade até o último ano do governo Reagan.

Quando a chaleira apitou, peguei um saquinho de chá de canela e travei uma pequena discussão interior comigo mesma. Que bem faria contar a Mickey sobre o que acontecera até que eu soubesse se de fato havia algo a contar? Provavelmente, nenhum. Mas havíamos feito aquela promessa incômoda de jamais esconder nossos problemas um do outro. Por outro lado, já tínhamos quebrado uma promessa e valera a pena... Mergulhei meu saquinho de chá e organizei as palavras que poderia dizer na formulação mais suave que fui capaz de conceber: *Não tenho sido totalmente honesta, amor. Na verdade, não estou bem e aconteceu uma coisa ontem à noite. Charlotte encontrou um adensamento e uma sombra e me encaminhou para o Dr. Matthews, que considerou o achado suspeito, por isso fez uma biópsia. Só teremos o resultado daqui a alguns dias, mas devo confessar que estou meio apavorada com o que isso possa significar. Por isso não estou lá essas coisas hoje, Mic, mas sem dúvida é reconfortante passar parte da minha preocupação para você, meu marido forte e maravilhoso.*

Tomei um gole do chá para me preparar:

– Mic, meu amor, preciso conversar com você antes...

O telefone sem fio ao lado de Mickey tocou, interrompendo o que eu ia dizer. A bateria de Harry, nosso vizinho de porta, tinha arriado. Mickey saiu correndo para fazer uma chupeta antes que eu pudesse tomar fôlego. Meia hora depois, quando Jared ligou com mais um problema, o humor de Mickey piorou tão abruptamente que comeci a duvidar da minha avaliação anterior. E, embora a questão tenha me preocupado a manhã toda enquanto eu comprava um tapete para o quarto do bebê, à noite tudo piorou.

Eu estava pondo a mesa quando Mickey entrou pela porta dos fundos. Não parecia bem.

– Amor, está tudo bem com você? – perguntei.

Ele me abraçou por trás e enterrou o rosto no meu pescoço, o que interpretei erroneamente como vontade de namorar um pouco.

– O que você está fazendo? – brinquei. Depois, porém, senti seu corpo estremecer junto às minhas costas. – Mickey, qual é o problema?

Ele ficou calado um instante.

– Lucy, você tem alguma coisa para me contar? – perguntou por fim.

Senti uma leve tonteira e comecei a procurar uma desculpa para não ter contado sobre a véspera. Fui salva pelo gongo quando a porta da frente se abriu e Lily me chamou. Mickey me soltou assim que minha irmã entrou na cozinha.

– Ron saiu para comprar um frango e eu trouxe umas sobras de ontem... Oi, Mic. Espero que não seja uma problema se viermos de penetra para o jantar... – Como Mickey não disse nada, Lily perguntou: – Está tudo bem?

– Mickey? – falei.

Ele parecia magoado.

– Charlotte ligou.

Senti um formigamento no maxilar.

– O que ela disse? – indaguei.

– Qual é o problema? – interviei minha irmã.

A campanha tocou e durante alguns segundos nós três nos entreolhamos com cara de idiotas. Então fui atender. Quando vi Charlotte de pé na varanda, senti minha garganta ser apertada por mãos invisíveis.

– O que está acontecendo?

– Oi, querida – disse ela num tom sério, entrando na minha casa.

– Charlotte?

Charlotte Barbee me deu um sorriso falso e depois olhou para Mickey e Lily, que haviam me seguido até a sala.

– Sentem-se – pediu Charlotte. – Preciso trocar uma palavrinha com Lucy. – Ela me pegou pelo cotovelo e me conduziu de volta à cozinha.

– O que está acontecendo, Charlotte?

Ela respirou fundo.

– O Dr. Matthews ligou.

Senti um dos meus joelhos ceder.

– Ai, meu Deus.

Charlotte pousou as mãos no meu ombro.

– Não, pode parar. Ele está um pouco preocupado e vim aqui conversar com você e Mickey, mas não é ruim que Lily também esteja. – A médica aumentou a pressão no meu braço. – Você não contou a Mickey sobre ontem, contou?

– Não... – balbuciei. – Eu ia contar, mas...

– Certo. Vou pedir que você me permita falar com todos sobre isso. Vamos pôr as cartas na mesa. Tudo bem para você?

– É tão ruim assim? – perguntei num sussurro.

– Ainda não sabemos, minha querida. Mas precisamos conversar a respeito.

– Está bem – assenti.

Charlotte me pegou pela mão e me levou de volta à sala. Lily e Mickey estavam calados. Nem sei se respiravam.

Num tom ansioso, Lily perguntou:

– O que está havendo?

Charlotte me conduziu até o sofá e, batendo no assento, convidou Mickey a sentar-se à sua esquerda, enquanto eu estava à direita. Lily optou pela poltrona, onde se sentou inclinada para a frente de modo a nos ver, apesar do berço que haviamos encostado à parede. Olhei para a minha médica e falei:

– A conversa é sobre ontem?

Ela aquiesceu.

Lágrimas brotaram nos meus olhos, do nada, e Charlotte apertou de leve a minha mão.

– O que aconteceu ontem? – perguntaram Mickey e Lily ao mesmo tempo.

Minha mão amoleceu enquanto Charlotte pigarreava.

– Quero que vocês dois tentem manter a calma – falou a médica, antes de respirar fundo e olhar para mim. – Eu gostaria de começar do começo, Lucy, porque sei que você não fez isso. – Ela buscou permissão no meu olhar e eu concordei.

Charlotte olhou para Mickey e depois para Lily.

– Ontem encaminhei Lucy para um colega meu. Tomei essa decisão porque a ultrassonografia que fiz há cinco dias mostrou algumas alterações em relação à última mamografia. Isso despertou uma leve preocupação e quis que ela fosse avaliada por alguém mais especializado que eu.

– O quê? – exclamou Mickey.

Também ouvi um gemido de Lily, mas Charlotte ignorou os dois. Olhou para mim e prosseguiu:

– O Dr. Matthews fez uma biópsia ontem e descobriu algumas células anormais, o que deu origem a mais perguntas do que respostas.

– Ah, não! – gemeu Lily.

– Estou preocupada com Lucy porque é da natureza dela querer proteger vocês... – falou Charlotte, virando-se sugestivamente para minha irmã. – Não quero assustar você, Lily. Minha intenção é dar a vocês a chance de apoiá-la.

Charlotte então olhou para Mickey durante um bom tempo, antes de tornar a me olhar e apertar minha mão.

– A doença voltou? – sussurrei. – Seja direta comigo, Charlotte.

– É cedo demais para saber, Lucy.

Lily fungou.

Charlotte tornou a se virar para Mickey, cujo rosto eu não conseguia ver.

– Descobri uma pequena anomalia no seio de Lucy outro dia, Mickey. Tive quase certeza de que se devia à gravidez, mas quis eliminar qualquer dúvida, por isso a encaminhei para o Dr. Matthews.

Mickey largou de repente a mão de Charlotte e se inclinou o suficiente para me lançar um olhar fulminante.

– E você não me contou?

– Eu não quis que você surtasse – respondi debilmente.

– Por favor, não se zangue com ela – pediu Charlotte num tom neutro. – Ela sabe como isso pode ser assustador para você, Mic. Sei que a intenção foi apenas protegê-lo. E você precisa acreditar que isso era a última coisa que qualquer um de nós esperava. – Ela afagou a mão dele, mas não consegui ver sua reação. – Ontem, quando as probabilidades eram positivas, não achei que houvesse motivo para preocupação. Imaginei que uma segunda opinião fosse dissipar minhas dúvidas, não aumentá-las. Por isso, fique zangado comigo, não com Lucy. Não apresentei a situação a ela como se fosse algo sério. Tenho certeza de que foi por isso que ela não lhe contou nada.

Charlotte então deu um suspiro.

– Hoje, porém, não temos alternativa. Mickey, você vai precisar estar preparado, sabe disso.

Charlotte virou-se para minha irmã.

– Não imaginei que você estaria aqui, Lily, mas o que eu falei a Mickey vale também para você, meu bem. Imagino como foi difícil para você encarar a gravidez de Lucy, mas, querida, isso também precisa ser posto de lado. Sua irmã precisa de você. E Ron, bom... Ron terá que acalmar a tempestade sempre que for preciso. Ele é ótimo nisso.

Mickey se curvou para a frente e passou as mãos no cabelo. Durante um bom tempo apenas fitou o chão. Nenhum de nós se mexeu. Por fim, ele ergueu os olhos e me encarou por entre várias camadas de emoções – medo, raiva, confusão. Tenho certeza de que viu as mesmas emoções nos meus. Levantou-se e veio se sentar ao meu lado.

Charlotte virou-se para nós:

– Roland descobriu algumas células anormais, que vai avaliar com mais atenção. Por ora é tudo que temos.

Olhei em torno. Lá estava Lily, contendo as lágrimas. Mickey se agarrava a mim como se eu fosse um salva-vidas e Charlotte apertava minha mão. Eu já estivera nessa mesma situação antes. Senti lágrimas quentes nos olhos.

– O que fazemos agora? – perguntei com voz rouca.

– O Dr. Matthews vai precisar de mais exames para ter certeza do que está acontecendo.

Assenti.

– Quando?

– Ele pode fazer uma excisão na segunda-feira. Então saberemos.

– E o meu bebê?

Charlotte me lançou um olhar duro.

– Não vamos pensar no bebê agora.

– Não?

A médica balançou a cabeça e depois beijou minha testa. Sua recusa em falar a respeito da minha filha causou em mim um arrepio sinistro.

– Charlotte?

– Meu amor, você é a prioridade neste momento. Vamos cuidar de *você*.

Achei que ia desmaiar e baixei a cabeça. *O que ela estava querendo me dizer? O que exatamente ela quis dizer?*

Mickey afagou meu pescoço um instante e depois eu o ouvi dizer:

– Charlotte, podemos trocar uma palavrinha na cozinha?

Ele se pôs de pé e Charlotte respondeu:

– É claro. – Então o seguiu até a cozinha.

Empertiguei-me no sofá e vi Lily me fitando com uma expressão impotente. Quando meus olhos se encheram de lágrimas, minha terna irmã veio até mim e me abraçou. Eu queria ser forte por ela; me ver doente outra vez era o seu maior medo. Lily me surpreendeu, porém. Logo ela, que teme qualquer incerteza.

– Ponha para fora, Lu – murmurou no meu ouvido. – Você não precisa ser uma heroína hoje. Chore e ponha para fora.

Foi o que fiz. Não por causa da possibilidade terrível de um segundo embate com o monstro, nem mesmo por causa de um segundo embate com o medo avassalador de Mickey ou a sombria possibilidade de morrer por causa disso tudo – esses espectros não me eram desconhecidos. Solucei, sim, por causa da pequena vida agora ameaçada pelo meu tratamento. Chorei incontrolavelmente, esmagada pela repentina sombra imposta pelas terríveis palavras de Charlotte: *Não vamos pensar no bebê agora.*

6 DE AGOSTO DE 2011 (DE MANHÃ BEM CEDO)

Não consigo dormir. Na cozinha, o gigantesco impacto das palavras que nunca deveriam ser repedidas me atingiu e comecei a tremer. Estou tremendo desde então. Charlotte me seguiu como pedi e pegou minhas mãos nas delas.

– Você está bem, Mickey – disse ela. Não foi uma pergunta.

– Não posso explodir, Charlotte.

Fitei-a e quase implorei para que ela mentisse para mim. Eu precisava disso. Precisava que ela me falasse que a minha mulher ficaria bem. Eu não conseguia respirar. Balancei a cabeça e sussurrei:

– Não posso desmoronar, mas tenho medo de não conseguir evitar.

– Consegue, sim – discordou Charlotte com firmeza. Depois pôs as mãos no meu rosto e me obrigou a encará-la: – Não vamos tornar isso tudo pior do que já é, Mic. Sabemos apenas que precisamos de mais informações. Não precisamos imaginar nada além disso. Respire fundo. Tenho fé em você, Mickey. Sei que está apavorado, só que Lucy está ainda mais. Por isso, você precisa deixar o seu medo de lado. Respire fundo, dê uma corrida e recomponha-se. Sua mulher precisa que você seja forte, está me ouvindo? Olhe para mim. Ela precisa que você seja forte e reconfortante. Deixe que ela se apoie em você. Se ela precisar chorar, deixe que chore. Se ela precisar gritar, deixe que grite. Você pode fazer isso, Mickey, sei que pode.

Depois que Charlotte saiu, nenhum de nós abriu a boca e, se eu não estivesse tão perdida em meus pensamentos, o silêncio poderia ter sido constrangedor. Mas eu estava tão absorta que mal registrei o abraço de Lily ou sua partida. *Por quê?* Era só o que eu tinha na cabeça. Isso e um apelo de que *aquilo* não fosse o que podia ser. Não outra vez. Eu não conseguia nem imaginar. Apoiei-me em Mickey e ele me envolveu em seus braços.

– Vamos superar, Lu – falou, com a voz trêmula.

– Será?

– Sim.

– Acho que não posso fazer isso de novo – gemi. – Não posso voltar a adoecer daquele jeito. Não posso.

Mickey não disse nada e vi que estava pensando a mesma coisa.

Respirei fundo e soltei minha mão.

– Desculpe não ter falado nada. De verdade. Eu teria contado, mas Charlotte não achou que fosse sério. Mesmo assim eu devia ter contado.

– Lu, será que sou mesmo tão inválido a ponto de não merecer a sua confiança?

– Não foi isso. Eu juro.

– Por que, então?

– Eu não quis furar a bolha em que estamos vivendo – respondi com voz rouca.

O olhar de Mickey se suavizou.

– Estamos juntos, Lucy. Você teve que enfrentar isso e eu deveria ter estado estar lá também. Você precisa confiar em mim.

– Eu sei, amor. Desculpe.

Ficamos em silêncio um instante. Então Mickey se levantou.

– Tudo bem se eu for dar uma corrida, Lu? Para clarear as ideias.

Assenti.

– Tem certeza?

– Não vou sair daqui – falei, sem ficar infeliz por ele partir. Seria uma oportunidade para ficar sozinha com meus pensamentos. Não os dele, os de Lily ou os de Charlotte. Apenas minha própria voz. Só que, quando Mickey saiu e a oportunidade se apresentou, descobri que eu não tinha nada de interessante a dizer.

Puxei meus joelhos e pousei o queixo neles. Havia pouca luz graças a um único abajur aceso e dei uma olhada na sala em que cresci. Meu pai costumava jogar pôquer numa mesa de jogos bamba nessa sala. Eu flagrara Lily e Ron num amasso ali quando eles estavam no primeiro ano do ensino médio. Priscilla gritara sua despedida “já vou tarde” para minha mãe chorosa nesta sala.

Aquelas paredes haviam testemunhado toda a evolução da minha família. Eu queria muito ver minha menininha entrar nesta sala numa manhã de Natal com os olhos cheios de encantamento, enquanto Mickey filmava a cena. Ela merecia crescer nesta casa velha, meio desconjuntada, aconchegante e cheia de história. E eu merecia criá-la ali, droga!

Já estava quase cochilando no sofá quando ouvi uma leve batida na porta, leve demais para ser Mickey. A porta antiga se abriu devagar e Harry Bates, usando um robe por cima do pijama de algodão, entrou. Não disse uma palavra. O pai de Ron é igualzinho ao filho. Sereno, forte, distinto. É alto e chama a atenção, tranquiliza qualquer um com sua segurança, mesmo quando é óbvio que está pronto para ir dormir.

– Oi, Harry.

Ele sorriu e foi até o sofá sentar-se ao meu lado. Harry me olhou sem medo, sem qualquer solicitude chata, desmedida. Ele inspirava confiança.

– O que posso fazer por você, filha? – sussurrou Harry.

Eu não soube o que dizer, por isso encostei minha cabeça na dele.

Harrison Bates entrou na minha família quando eu tinha 5 anos, para nos ajudar, sem nunca tentar ocupar um lugar que não lhe pertencia, e mesmo naquela tenra idade eu soube. Exatamente como sei agora. Mas ao olhar para Harry nessa noite, senti uma imensa falta do meu pai. Balancei a cabeça.

– Seja a pessoa que não acha que vou morrer.

– Acho que posso fazer isso – disse ele, pegando minha mão.

Dei um suspiro.

– O que você veio fazer aqui? Já passa da meia-noite.

– Sua irmã ainda está lá em casa, alugando o ouvido de Jan. Cansei daquilo e resolvi ver com meus próprios olhos se você estava tão mal quanto ela disse.

Sorri, mesmo contra a vontade.

– Não recebi uma sentença de morte ainda.

– Então por que todo mundo está chorando? – Ele me abraçou. – Cadê o Mic?

– Foi correr.

– Quer que eu vá procurá-lo?

– Não, acho que ele precisa de um tempo. É difícil para ele ouvir isso outra vez.

– E você?

Assenti, mas não consegui falar.

Harry e eu ficamos ali em silêncio por alguns minutos. Quando minhas pálpebras já pesavam demais para que eu mantivesse os olhos abertos, eu lhe disse que ia me deitar. Como se aproveitasse a deixa, porém, Mickey abriu a porta e entrou. Estava com uma cara horrível, de olhos inchados e cabelo molhado. Tinha corrido até a exaustão. Acenou com a cabeça para Harry, mas não falou nada.

Harry foi até meu marido e lhe deu um tapinha no ombro.

– Crianças, cuidem um do outro. – Então saiu.

Mickey olhou para mim de onde estava e nos encaramos durante um bom tempo. Então, ele veio até o sofá e me envolveu nos braços. Não disse uma palavra. Quando nós dois paramos de chorar, ele me levou no colo para o quarto.

No consultório de Roland Matthews, Mickey e eu estávamos de mãos dadas, esperando que o médico viesse falar conosco. O humor de Mickey era sombrio, o que ele tentava esconder. Mas seus suspiros profundos e o jeito como mordida o interior da bochecha o denunciavam. Ele tivera uma noite ruim, apesar de uma segunda dose de Ambien. Estendi o braço e toquei seu rosto, conseguindo extrair um sorriso tenso. Peguei-me fantasiando um homem igualzinho a Mickey que

me acariciasse o rosto, dizendo com uma expressão sincera que tudo daria certo. E eu acreditaria nele.

Contemplei o espaço frio, vazio. A recepcionista arrogante telefonara de manhã cedo para marcar o procedimento com o mesmo tom rude com que me recebera alguns dias antes.

– Por favor não se atrase, Sra. Chandler – instruiu. – Mais uma vez, a senhora está sendo encaixada num dia muito movimentado.

Fazia quase 45 minutos que Mickey e eu estávamos sentados nesse consultório excepcionalmente impessoal, e a tensão que emanava dele me dava vontade de arrancar os cabelos.

Enfim a porta se abriu e o médico entrou apressado, de cabeça baixa, estudando meu prontuário.

– Como está se sentindo hoje, Sra. Chandler?

Tudo que consegui foi sentir em resposta, e o Dr. Matthews me encarou rapidamente com um olhar de desculpas, antes de estender a mão para Mickey.

– Deve ser o Sr. Chandler.

Dr. Matthews era gorducho e careca, e conseguia transmitir uma certa arrogância vestindo camisa branca engomada e calça bem vincada. O aroma intenso de água-de-colônia seguiu-o sala adentro e permaneceu à sua volta quando ele se acomodou na cadeira, de frente para nós. Os óculos pequenos e sem armação se equilibravam na ponta do nariz enquanto ele lia as páginas do meu prontuário.

– Se meus cálculos estão corretos, a senhora está com dezenove semanas de gestação. É isso mesmo?

Concordei.

– A anestesia geral pode representar um pequeno risco para o feto a esta altura, mas a senhora será monitorada com muito cuidado e faremos o máximo para não colocar o bebê em risco. Sei que isso é estressante, Lucy.

Ele me entregou um formulário de autorização, que li. Acabei me dando conta de que nele eu eximia o médico de qualquer responsabilidade. Engoli em seco.

– O procedimento pode ser realizado com anestesia local? – perguntei.

– Não sei o que vou encontrar e não quero ficar limitado se achar mais do que espero. Vou avaliar cirurgicamente o tamanho e a extensão do problema e presumo que o procedimento seja bastante complexo – explicou, balançando a cabeça. – Nessas circunstâncias, não me sinto confortável com as limitações da anestesia local.

– Assine logo, Lucy – disse Mickey, irritado, logo depois se desculpando pelo tom.

Mickey fez mais perguntas e ouvi Roland Matthews responder a maioria delas, mas não fui capaz de processar o que ele dizia. Lembro-me de Mickey ter

me beijado e de eu querer me agarrar a ele, implorando para que ele me levasse embora. Lembro-me de tê-lo ouvido me tranquilizar, mas sua voz estava trêmula demais para ser confiável. Fui levada a outra sala, onde me despi e vesti uma camisola de hospital. Uma moça que não parecia ter mais de 12 anos entrou e colheu três ampolas de sangue, depois alguém apareceu para me botar no soro. Eu estava com frio e, quando me acomodaram na maca, uma terceira pessoa pôs um cobertor grosso sobre mim, mas acho que não falou comigo. Então fui levada para o centro cirúrgico, onde acariciei a barriga até adormecer.

Esse foi meu primeiro impulso ao acordar, mas minha mão estava pesada demais para que eu a levasse até a barriga. A voz familiar de uma mulher gentil me trouxe de volta da anestesia. Era a enfermeira que me dera os biscoitos na última vez em que eu havia estado ali.

– E meu bebê? – consegui perguntar.

– Monitoramos os batimentos cardíacos durante toda a cirurgia. Parece que está tudo ótimo com o bebê – disse ela, oferecendo-me lascas de gelo.

Eu a fitei com uma expressão que insistia que ela prosseguisse. *E quanto a mim? Tudo parece ótimo comigo também?* A enfermeira desviou o olhar e uma lassidão horrível tomou conta de mim quando algo foi injetado no soro.

Acordei algum tempo depois, sozinha num quarto bonito. Minha cabeça ainda estava pesada por causa da medicação, mas consegui olhar para o corredor, onde pensei ter ouvido a voz de Mickey. Levei um instante para ajustar o foco, mas lá estava ele, com Lily e Priscilla, além de Ron e do Dr. Matthews. Mickey estava de costas para mim e não parava de tirar a mão do bolso para esfregar o pescoço, um gesto típico de quando ficava ansioso demais. Lily deu um tapinha em seu ombro e meu marido levou as duas mãos ao rosto. Priscilla tentava secar as lágrimas enquanto ouvia o médico falar. Ron provavelmente sentiu meu olhar, porque se virou para mim. Quando seus olhos encontraram os meus, não vi ali nenhuma notícia amena. Nós nos encaramos durante um momento pesado, antes que ele voltasse sua atenção para o chão.

As lágrimas brotaram, transformando minha família num borrão. Pensei na minha mãe e na forma calma como aceitara a notícia terrível que recebera e de repente fiquei furiosa com ela. Eu estava esfregando a pia, desenhando círculos de espuma com a esponja, quando o telefone tocou. Minha mãe, que lavava o vidro da porta dos fundos, descalçou a luva para atender. Era Charlotte. Eu havia parado de esfregar, mas não ousei levantar os olhos para ela. Nem mesmo ao ouvi-la dizer: “Estaremos aí em quinze minutos.” Minha mãe fizera vários exames na semana anterior e os resultados tinham chegado. Era um sábado e iríamos ao consultório de Charlotte. Minha mãe deixou a luva amarela cair no chão quando desligou o telefone. Depois se virou para mim e disse:

– Então é isso.

Eu me lembro da lentidão com que ela subiu a escada. Lembro-me de não

ser capaz de fazer nada além de olhar fixamente para a luva de borracha amarela largada no chão.

Fechei os olhos, distanciando-me da realidade da minha situação. Com um esforço lancinante, obriguei minha mão sem força a encontrar e acariciar a barriga grande e firme que eu podia sentir sob a minha camisola.

Mais tarde – não sei quanto –, recusei-me a reagir à voz de Mickey ou de qualquer outra pessoa quando tentaram me acordar. Não estava pronta para o que me aguardava do outro lado do sono, por isso permaneci ali, trancada no fingimento, pelo máximo de tempo possível. Por fim, me aventurei a espiar pela fresta das minhas pálpebras e vi Mickey olhando para o nada com olhos úmidos. Senti um aperto no peito. Eu não podia vê-lo passar por esse inferno outra vez comigo. Eu não tinha força suficiente para isso. Nem ele.

Já era noite e o quarto estava escuro, salvo pela luz fluorescente que vinha do corredor. Ouvi vozes distantes – uma enfermeira ao telefone encomendando o jantar para um paciente recém-admitido, visitas no quarto vizinho discutindo placares de boliche, alguém pedindo água. No meu quarto, porém, o silêncio era ensurdecedor.

– Mic? – chamei com voz rouca.

Ele se inclinou e acariciou minha orelha.

– Oi, linda. Achei que fosse dormir para sempre. Já estava ficando preocupado.

Ele se levantou e beijou minha boca de leve. Parecia arrasado, mas forçou um sorriso débil, transparente, que percebi ter lhe custado um esforço enorme.

– Tive um sonho – falei.

Mickey entrelaçou seus dedos compridos nos meus.

– Sonhei que o médico descobriu coisas ruins.

As lágrimas nos olhos de Mickey ameaçaram cair no meu rosto quando ele se aproximou. Ele ajustou meu cobertor e fungou. Então deitou-se ao meu lado e me puxou para um abraço. Senti meu marido estremecer.

– Fale, Mic – sussurrei.

Mickey levou um tempão para responder e o seu silêncio me pareceu uma confirmação suficiente. Por fim, ele disse:

– Não entendi tudo o que o médico nos explicou, mas sei que encontraram uma massa. E... – Mickey engoliu um soluço. – E se espalhou para o pulmão, Lu.

Suas palavras me atingiram e me esmagaram. Uma massa? Se espalhou? Pulmão? Minhas lágrimas eram silenciosas, mas ensoparam a camisa de Mickey, que me abraçava forte.

Bem mais tarde naquela noite, Roland Matthews foi ao meu quarto. Mickey tinha

ido em casa tomar banho e não pareceu coincidência o médico cansado me encontrar sozinha. Ele me olhou durante um bom tempo e, em silêncio, trocamos olhares de compreensão. Quando começou a falar, seu discurso foi pragmático, mas não duro. Ele removera uma pequena porção de um tumor de aproximadamente seis centímetros. Atípico e plano, ele se grudara à parede peitoral, tão atrás do seio que não foi detectado na mamografia até atingir esse tamanho. O inchaço e o desconforto que eu sentira eram sintomas idênticos aos causados pelas alterações próprias da gravidez, o que contribuíra para que escapasse ao escrutínio médico. Resumindo, Roland Matthews me disse que esse conjunto perfeito de circunstâncias permitira que essa massa se desenvolvesse, florescesse e se espalhasse.

Percebi, naquele momento, que a palavra mais devastadora da língua não é *câncer*, como imaginei durante muito tempo, mas *metástase*. *Metástase*. Essa palavra horripilante perfurou meu cérebro como cacos de vidro, deixando apenas desesperança em seu rastro, e fez parar o tempo enquanto o Dr. Matthews continuava seu discurso sobre marcadores patológicos e estágio avançado, sem falar no desnecessário rosário dos meus exames laboratoriais. Estranhamente, meus exames de sangue, que durante tanto tempo foram acompanhados de perto, não mostraram qualquer aumento nos valores de CA. Agora, porém, havia sido encontrado o marcador que confirmou o diagnóstico de metástase no pulmão. Isso, disse ele, explicava a minha tosse incômoda.

Era muita informação para registrar e, enquanto o médico falava, eu me recolhi dentro de mim mesma até que o tumulto em minha cabeça abafasse sua voz. Ouvi, porém, quando ele falou das minhas opções de tratamento – uma dose brutal de radiação e quimioterapia. O tumor atípico no meu seio era inoperável, e o máximo que podíamos esperar era que ele se reduzisse. O Dr. Matthews removera o que tinha sido possível com a finalidade de proceder a uma investigação patológica, mas mesmo uma mastectomia radical não me livraria totalmente da lesão. Ele me explicou alguma coisa sobre a proximidade do tumor com o pulmão que fez parecer que estava descrevendo um único tumor cujo crescimento se dava em duas áreas. Roland Matthews me informou que um colega me examinaria no dia seguinte para fazer uma avaliação melhor e depois se desculpou sem necessidade pelo fato de a lesão no pulmão estar fora da sua área de especialidade.

– Tenho certeza de que o Dr. Gladstone irá concordar que precisamos começar o mais depressa possível uma quimioterapia agressiva associada à radioterapia – concluiu.

Encarei aquele homem e o escutei discorrer educadamente sobre tal devastação sem demonstrar emoção alguma. Ele não parecia se dar conta de que sua retórica ricocheteava em mim sem ser apreendida. Não fazia diferença. Eu já ouvira tudo isso antes. Ouvira essa explicação ser dada à minha mãe

quando eu era adolescente. Tornara a ouvi-la sete anos antes, ao ser diagnosticada pela primeira vez. Por mais que tentasse, porém, eu não conseguia me conformar com o timing. Não agora. Não quando eu estava grávida. Por que não no ano anterior? Ou dali a seis meses?

– Não! Não vou fazer isso! – gritei, ciente de quão infantil meu protesto soava.

O médico deu um longo suspiro e não foi capaz de me encarar ao dizer:

– Naturalmente, faremos todo o possível para chegar ao resultado mais positivo.

– E quanto ao meu bebê? – perguntei, com os dentes trincados.

Ele ficou calado durante um momento torturante até que, enfim, me fitou nos olhos.

– Estou prescrevendo um aborto terapêutico, Lucy. Você tem um câncer de mama em estágio avançado com metástase no pulmão. As chances de cura são modestas, mas, se não começarmos um tratamento agressivo imediatamente, elas se tornam nulas. Se tudo der certo, talvez você possa ter um bebê depois.

– Não. Não. – Mal reconheci minha própria voz.

– Sinto muito, Lucy.

Quando não havia mais nada a ser dito, o médico me deixou sozinha para digerir tudo aquilo.

Apesar da minha fúria, me vi à beira do pânico. Antes, porém, que eu me entregasse a ele por completo, as palavras do meu pai me envolveram como um abraço. Mais uma vez eu tinha 5 anos e ele estava ajoelhado ao lado da minha cama, seu hálito doce no meu rosto. Ouvi a mesma seriedade em sua voz, aceitei sua lógica com a mesma confiança inabalável. *A morte não é o fim, Lulu, e não dói. E, se não tiver medo, você pode vigiá-la e estar preparada...*

Mas eu *estava* com medo.

A muralha que era a minha fúria desabou, fazendo jorrar a emoção, irreprimível. Soluços altos, ostensivos, que levaram uma enfermeira que passava a entrar no quarto. Chorei por tempo suficiente para me exaurir, chorei durante tanto tempo que meu coração custou a voltar ao ritmo normal.

Quando isso aconteceu, imaginei a mão carinhosa e tranquilizadora do meu pai me afagando a cabeça, e imaginá-lo tão perto acalentou minha dor. Minha respiração se acalmou, então vasculhei o quarto com olhos inchados e úmidos, mas não encontrei nenhuma visita graciosa espreitando nas sombras. Ótimo. Ótimo. Sem dúvida ela sabia que não era bem-vinda ali naquela noite.

9 DE AGOSTO DE 2011

Há uma espécie de morte em mim. Eu me movo com lentidão, estou pesado, paralisado. Talvez seja a calma antes da tempestade. Talvez seja sanidade – talvez seja assim que os homens normais, estáveis, conseguem absorver suas crises. Não foi assim da última vez. Antes, quando ouvi a palavra temida, um medo elétrico me dominou e se instalou até que tudo tivesse acabado. Foi um peso sufocante. Agora eu conseguia ter todos os pensamentos terríveis. Podia processar todas as informações devastadoras. Só não sentia a emoção supostamente pertinente às notícias. Podia pensar em como era cruel esse timing, como era obsceno o destino escolher este momento, quando um bebê estava a caminho e nós explodíamos de felicidade. Podia pensar nessas coisas, mas elas pairavam acima dessa paralisia e eu jamais as registrei. Talvez essa paralisia fosse uma bênção, porque eu não era capaz de alcançar a dor que lhe era inerente, mas apenas as palavras. Estágio 4. Inoperável. Metástase. Prognóstico ruim. Grave. Aborto. Aborto. Aborto. Lucy abortaria nossa filha. Depois, quimioterapia. Radioterapia. Cirurgia. Após tudo isso, talvez ela se recuperasse. O médico disse que a chance era pequena. Mas precisávamos correr atrás dessa chance, certo? Era como lidar com um sequestro: se seguissemos as regras e fizéssemos exatamente o que nos mandassem fazer, havia uma chance, mesmo que mínima, dissesse ele, de que Lucy melhorasse. Então, quem sabe, talvez pudéssemos ter outro bebê que jamais deveria ter sido concebido.

Talvez. Mas pouco provável.

Todos esses pensamentos fluíam em mim enquanto eu desmontava o berço na nossa sala de estar.

Morar numa cidade pequena, cercada de pessoas que sempre nos conheceram e se importaram conosco, significa aceitar a inexistência de segredos. Tudo começou quando Elaine Withers viu Jan e Lily chorando numa mesa reservada do Damian's. Depois foi Mickey que deu a Jared uma explicação muito superficial sobre o motivo de ter faltado ao trabalho. Ron foi entregar o console de mogno entalhado que Muriel Piper comprara na Fantasma's, e ela o pressionou até fazê-lo desmornar e lhe contar tudo. Dali em diante, a notícia da minha doença se transformou numa nuvem de boatos.

Quando Mickey me levou para casa, apenas dois dias após a cirurgia, a sala estava sem o berço, mas repleta de flores enviadas pelos amigos estimando melhoras. Lainy Withers deixara uma panela de sopa em cima do meu fogão e Jan cobrira minha cama com um edredom novo. Diana Dunleavy depositara na varanda uma pilha de best-sellers amarrada com rafia, e Nathan Nash contribuíra com os DVDs da trilogia *O Senhor dos Anéis*, que garantia nove horas de distração. Havia bilhetes e cartões, além de mensagens carinhosas na secretária eletrônica. Priscilla chegou a se mudar para o barco e estava trabalhando via laptop e celular, para poder tomar conta de mim. Sentei-me imóvel no sofá. Mickey deve ter me beijado uma centena de vezes naquele dia. Beijou minha mão, minha testa, meu rosto, meu pulso. Sempre acrescentando a declaração firme de que tudo ficaria bem.

Mas era mentira. Como tudo poderia ficar bem se iríamos perder nossa filha? Ele se recusava a falar dela. E tampouco me permitia mencioná-la.

Enquanto meus amigos e minha família me cobriam de atenção e carinho, Mickey ia ficando irritado, amedrontado... E desesperado. Não dormia muito. Eu também não conseguia dormir, e isso, claro, nos deixava irritadiços. Uma noite, tivemos uma briga horrível que ambos sabíamos ser apenas uma explosão feia e barulhenta de tudo o que estava partindo nossos corações. Mas saber disso não nos deteve. Mickey saiu furioso para correr e, embora eu odeie admitir, depois que a porta de tela bateu com estrondo contra o batente de madeira, senti um alívio indescritível.

Sentada na penumbra e embalada pelo silêncio, senti minha filha se mexer suavemente dentro de mim – uma sensação tão natural quanto o suave floreio de um pulso. Eu a senti e achei que jamais experimentara um sofrimento tão grande. Era insuportável o que eu vinha enfrentando, o que nós dois vínhamos enfrentando. Tínhamos nos apaixonado por ela e agora...

Pensei numa noite, anos atrás, quando não morri. Acho que era para ter morrido – o câncer me mantinha à beira da cova e acredito que todos estavam preparados para isso. A Dra. Barbee, embora não fosse a responsável pelo meu tratamento, vinha cuidando da minha família. Sei que ela preparara Mickey e Lily. Mas não morri. Os milagrosos recursos curativos do corpo só podem ser explicados como truques na cartola de Deus, e por algum motivo Ele mudou de ideia. Levou um bom tempo para que eu me recuperasse da tentativa de homicídio cometida pelo câncer. Agora, porém, eu quase lamentava não ter morrido, porque assim não estaria passando pela perda da coisa mais importante de nossas vidas.

Eu amava esse bebê com todo o meu coração. E amava Mickey com um outro coração. E agora ambos estavam se partindo.

Mais de uma hora depois, Mickey enfim chegou em casa. Parecia magoado e sofrido.

– Ah, meu amor – falei, aproximando-me.

Seus braços me envolveram e os meus o enlaçaram pela cintura. Foi tão bom aquele momento! Antes, porém, que eu soubesse o que estava acontecendo, Mickey começou a me beijar com uma urgência alarmante, de forma violenta, faminta e insistente. De repente, seu abraço, de tão apertado, estava me machucando. Tentei me libertar, mas ele me abraçou com mais força ainda.

– Pare – falei em sua boca. – Pare, Mickey. Chega! – gritei enquanto o empurrava. – Nossa, o que é isso? – perguntei, esfregando minha boca esfolada.

Mickey tapou os olhos com as mãos e um gemido terrível lhe escapou da garganta. Observei-o durante um minuto. Observei-o se contorcer, xingar e chorar, expondo seu sofrimento. Por fim, ele me fitou com um olhar angustiado e deu um passo na minha direção.

Recuei.

– Não. Não – pedi.

Ele se deteve, magoado.

– Será que você não pode parar de tornar tudo tão horrível? – falei. – O que está acontecendo?

– Lucy, não posso perder você. Não posso. Não sei viver sem você – choramingou.

Desabei contra a parede com a sensação de que todos os meus ossos se dissolviam.

– Bom, Mickey, talvez você tenha que me perder – falei, dura. – Esta é a realidade e precisamos enfrentá-la. Mas não vai acontecer hoje. Agora. Será que não posso *precisar* de você? – gritei. – Desculpe, mas não quero ter que cuidar de você neste exato momento. Estou cansada, Mickey. E se você não consegue aguentar firme um minuto e me servir de apoio, para que diabos você serve?

Seu rosto bonito se fechou e meu coração se apertou diante daquela dor, mas não retirei o que disse. Passado um instante de silêncio, Mickey esfregou o rosto, livrando-se daquela horrível expressão de medo e substituindo-a por outra, de calma artificial. Respirou fundo, deu um suspiro trêmulo e assentiu. Não disse nada e não sei o que fez depois, porque subi para o quarto.

Sempre tentei dar espaço para as variações de humor de Mickey, mas naquele momento eu estava perdida. Não era capaz de fazer nada além de sair do seu caminho enquanto ele travava sua luta interior. Sua doença mental se misturava à sua impaciência inata, e naquele momento tudo era temperado pela raiva, pelo medo e por um luto inevitável. Ele explodia de modo aleatório, sem provocações, e depois se apressava em pedir desculpas. E eu só tentava deixar tudo cair à minha volta, sem reagir, porque sabia que se esconder debaixo dessas explosões era a maneira dele de buscar desesperadamente ser forte. Dei-lhe nota 10 pelo esforço. Sempre dou.

Mickey não parava de prometer que tudo ficaria bem. Mas esse era o seu

jeito. Numa crise, meu marido sempre se agarrava à única coisa que lhe restava, a única coisa segura que, em sua cabeça, poderia consertar tudo o que tivesse se partido. Da última vez que tive câncer, foi meu tratamento. Mickey pôs toda a sua esperança nas doses maciças de quimioterapia em que eu me afogava. Segurava minha mão e observava o crescimento e a queda das minhas células T como um operador da Bolsa enlouquecido. No fim, elas não o decepcionaram.

Desta vez ele se concentrava no aborto, marcado para a terça-feira seguinte. Isso consertaria tudo, ele tinha certeza. Sem uma gravidez com que se preocupar, qualquer estratégia anticâncer concebível poderia ser adotada com segurança, e é claro que eu me recuperaria. Ele sobrevivia a essa solução obrigando-se a esquecer quanto já amava a nossa filha.

Quanto a mim, toda vez que essa ideia surgia em minha cabeça, um entorpecimento me assaltava. Tinha que haver outro jeito. Como seria possível perder esse bebê sem perder a mim mesma? Eu não fazia ideia e por isso optei por evitar pensar no assunto. Não ousava imaginar sequer uma hora do meu futuro porque sabia que isso significava estar uma hora mais perto daquilo que me aguardava. Sempre que começava a me sentir assolada por tudo isso, eu me descobria protetoramente acariciando meu ventre. Mas então Mickey afastava minha mão dali e entrelaçava seus dedos com segurança – e firmeza – nos meus.

Eu passava o tempo de um jeito mecânico, recusando-me a processar o que estava acontecendo. As pessoas iam e vinham, ligavam e diziam coisas gentis, me enchiam de afeto e encorajamento. Eu me obrigava a estampar no rosto tudo que se esperava de mim. Minha voz instintivamente encontrava as palavras necessárias para amenizar o desconforto dos que me cercavam. Ao que parecia, ninguém percebia o engodo. Mas só consegui manter esse teatro até entrarmos no estacionamento da clínica de abortos. Claro que o nome não era esse, mas outro mais palatável: Centro Monroe de Saúde Feminina. Quando Mickey deu a volta para abrir a porta para mim, a realidade do que estava acontecendo me confrontou como a face do diabo, e não consegui saltar.

Mickey se abaixou.

– Lu? Meu amor, vamos nos atrasar – disse ele, cutucando meu braço e me fazendo erguer o olhar.

– Não posso fazer isso.

– Lucy, vamos lá. Tudo estará acabado antes mesmo que você perceba.

Ele estava mentindo, mas não ousei discutir. Desci do carro.

A sala de espera da clínica era escura e sofisticada, mobiliada com sofás de couro e com montes de revistas atuais. Sentei-me enquanto Mickey me registrava. A única outra pessoa ali era uma jovem que lia uma revista *People* e fazia bolas com seu chiclete. Estava usando um sapato lindo e não olhou para mim uma vez sequer.

Dei uma espiada na direção de Mickey, que estava assinando formulários do

plano de saúde, debruçado sobre o balcão da recepção, lendo com toda a atenção. Ele me pareceu sólido, como se pudesse me carregar até o outro extremo do estado sem derramar uma gota de suor. Seu maravilhoso cabelo ainda estava molhado do banho, e o rosto, recém-barbeado. Vestia uma camisa azul, calça social e gravata. Acho que a gravata me passava uma sensação de segurança. Mickey sempre se vestiu bem, mas, se tinha que enfrentar alguma dificuldade, usava gravata.

Quando terminou, ele se sentou ao meu lado. No dia mais triste da nossa vida juntos, não olhamos um para o outro, mas para a frente, até que uma enfermeira me chamou. Então me levantei. Mickey também ficou de pé e me abraçou. Pude sentir seu coração disparado de encontro ao meu rosto.

– Vai dar certo, Lu. Eu te amo.

Assenti e segui a enfermeira até a Sala de Procedimentos nº 3. Havia uma bandeja de instrumentos coberta com uma toalha branca, uma mangueira de sucção e um bacia grande. Vi uma luminária enorme posicionada diretamente acima de onde eu me deitaria com as pernas abertas. Uma enfermeira com um sorriso simpático me entregou uma camisola descartável.

– Não fique nervosa, Sra. Chandler. Na verdade, não é tão ruim – falou, com um tapinha no meu ombro. Sua expressão me disse que ela pronunciara essas palavras milhões de vezes. – Vista a camisola e suba na mesa. Tire tudo menos o sutiã. O Dr. Hale estará aqui em um minuto. Tudo bem, querida?

Concordei, sem vontade de conversar.

Despi com esforço a camiseta, tomando cuidado com meu seio enfaixado, e descalcei a sandália. A camisola era dura e pinicava, e eu não conseguia acreditar que a estava usando – que estava realmente deitada nessa mesa feita sob medida para abortos, que o bebê que se tornara a coisa mais importante da minha vida logo deixaria de existir. Sugada para dentro de uma bacia de alumínio, ela seria examinada para que se certificassem de havê-la removido por completo e depois seria jogada na pia de aço inoxidável.

Todas as imagens que eu fizera de dela ao longo das últimas semanas passaram pela minha mente. Pude ver seus grandes olhos escuros. Senti a textura do seu cabelo sedoso e a pele macia e morna no meu rosto.

Depois de uma leve batida na porta, um homem de cabeça branca enfiou a cara pela fresta e perguntou se eu estava vestida. Assenti feito uma idiota.

– Sou o Dr. Hale – disse ele, estendendo-me a mão com um sorriso. – E você é Lucy, certo?

Assenti outra vez.

– Então, vejamos. Pelo que consta aqui, você está com vinte semanas, certo?

– Sim.

– E vamos fazer este aborto terapêutico por causa de um diagnóstico recente de câncer. Sinto muito saber disso.

– Obrigada.

– Bom – prosseguiu o médico, sentando-se. – Você tem alguma pergunta para me fazer?

– Nunca passei por isso antes. Não sei o que perguntar.

O Dr. Hale voltou a sorrir. Estava um pouco animado demais para o meu gosto.

– Bom, comecemos do início – falou, antes de pigarrear e me pedir que deitasse.

Suas mãos frias me mediram e apalpam, enquanto ele franzia a testa, resmungando preocupado quanto ao crescimento substancial do meu feto.

– Isso pode demorar um pouco – avisou, antes de explicar o procedimento como se estivesse lendo a previsão do tempo.

Não prestei atenção. Estava contando as placas de gesso do teto. Quando terminou, ele abriu meu prontuário.

– Seu médico nos mandou seus exames laboratoriais e não precisaremos repeti-los – concluiu, satisfeito.

Aquiesci.

– Vou pedir ao enfermeiro que bote você no soro e depois começaremos – anunciou o Dr. Hale, levantando-se e juntando as mãos. – Venho dar uma olhada em você daqui a pouco – acrescentou, antes de sair.

Um minuto depois, um sujeito baixinho usando um jaleco branco de laboratório entrou no quarto com um frasco de soro e o que me pareceram metros de tubo transparente.

– Desculpe por fazê-la esperar, meu bem – falou, com voz aguda. – Estamos com falta de pessoal hoje.

Ele esticou bem o meu braço e começou a bater nele com o dedo, procurando uma veia adequada. Comecei a chorar.

– Desculpe pela dor. Já foi, meu bem – disse ele, interpretando erroneamente minhas lágrimas repentinas.

Ele prendeu a agulha sob a minha pele com uns trinta centímetros de esparadrapo e resmungou alguma coisa sobre dilatação. Não ouvi. Estava rezando para acordar desse pesadelo. Ele afagou meu ombro e disse que a enfermeira não demoraria com a medicação que daria início ao procedimento. Depois, saiu.

Olhei para a parede ao sentir o bebê se mexer. Ela andava muito ativa ultimamente, e me perguntei por quê. Gritei. Não pude evitar. Não dava para aguentar! Eu sabia que esse aborto terrível fazia sentido, embora estivesse longe de representar uma garantia. Mesmo assim, a cada vez que respirava, eu sofria porque ela se mexia dentro de mim. Mickey talvez fosse capaz de senti-la se mexer hoje. Ela era forte e a cada instante ficava mais forte e se tornava mais e mais minha filha. A nossa filha. Eu sabia que precisava parar de pensar nela.

Precisava me concentrar na luta. Na minha luta. Eu tinha que lutar. Por Mickey. E mais tarde, talvez...

Fechei minha mente para expulsar esse pensamento e tentei controlar minha desesperança. O Dr. Matthews mentira melhor: talvez um bebê pudesse vir depois. Eu não acreditara em suas palavras antes nem acreditava agora, mas elas ecoavam na minha cabeça. Fechei bem os olhos, ergui as mãos para o ar e soluzei. Tudo que eu enterrara debaixo do meu torpor veio à tona. O que eu sentia por esse bebê. O medo de adoecer de novo. O que eu sabia com certeza a meu respeito. E eu sabia, apesar de tudo que me levava até ali, que depois desse dia eu jamais seria a mesma. Sairia daquele lugar tenebroso irremediavelmente marcada.

– Não posso fazer isso – falei, entre lágrimas. – Não posso.

Enquanto estava deitada ali, nas garras da agonia, algo se agitou contra as minhas pálpebras, quase me fazendo engasgar. Comparado ao latejar das minhas emoções, não passou de um suspiro, tão etéreo e irrastrável quanto um ruído contra a pele. Era *ela*. E por uma fração de segundo apenas, abandonei minha apreensão, ou ela me abandonou. A presença da Morte ali fazia sentido. *Claro, um bebê estava morrendo!* Claro que ela apareceria! Meu bebê estava morrendo.

Mas meu raciocínio foi refutado de modo claro, como se alguém falasse comigo. *O quê?* Demorei um instante para confiar na sensação, mas então uma certeza irrefutável tomou conta de mim. *Meu bebê não estava fadado a morrer. Eu não tinha que fazer isso. Eu não precisava abortar.*

Parei de chorar e meu coração frenético se acalmou. Durante um segundo, apenas aproveitei uma sensação de completa serenidade, de total alívio. Mas... Se ela não tinha vindo buscar minha filha, por que essa aparição me acalentava com o mesmo carinho de um pai ou uma mãe acalmando o filho recém-desperto de um pesadelo?

Então entendi.

Se abrisse meus olhos, eu veria o mesmo ser que me encarara aos 5 anos, mas vira minha alma adulta, *esta* alma. Por isso abri os olhos. E a *impressão* mais suave, mais generosa, olhou *dentro* de mim e me encheu de pura compreensão. Era como se o mundo todo, todos os desígnios, me fosse explicado numa fração de segundo, e não só compreendi, mas tive a vaga sensação de sempre ter sabido. E entendi que nada disso faria diferença. Nenhuma das medidas tomadas para salvar minha vida realmente a salvaria. Não dessa vez. Quando a emoção ameaçava me dominar, a sabedoria do meu pai veio à tona para mantê-la sob controle. *A morte não é o fim, Lulu, e, se você não tiver medo, pode vigiá-la e estar preparada...*

Vigiar e estar preparada.

Sentei na cama e examinei aquele quarto horrível, quase incapaz de respirar.

Não era para eu estar ali. Não era para eu fazer isso. Senti que ela me tranquilizava e mais uma vez desmoronei. E enquanto ela me embalava, encarei meu curto futuro sem piscar.

Eu ia morrer. *Eu* ia morrer.

Eu.

Não a minha filha.

Não havia motivo para eu estar grávida. Uma ligadura de trompas anos antes. Um nó que foi milagrosamente vencido depois de todo esse tempo? Minha filha era um bebê que jamais deveria ter sido concebido. Ainda assim... *Por algum motivo esse milagre nos fora concedido e apenas acreditariamos nele.*

Acreditar. Acreditar no milagre.

Não hesitei um segundo sequer. Arranquei o esparadrapo preso ao meu braço e fiz uma careta de dor quando puxei a agulha enfiada na minha veia.

17 DE AGOSTO DE 2011

Como ela pôde fazer isso?! Como pôde se negar a fazer o aborto? Como pôde recusar tratamento – qualquer tratamento que pudesse salvar sua vida – até o nascimento do bebê? Que fim levaram suas promessas? Como isso foi acontecer? Gritei para os céus minha indignação com essa traição, apressando o ritmo, alongando meus passos. Corri até o limite da exaustão, mas a raiva era mais forte do que eu. Não consegui aplacá-la. Eu já corria havia quase uma hora e meu coração continuava parecendo um sino de ferro badalando em meu peito. Meu combustível era uma emoção insuportável.

Estava quase amanhecendo, e eu tinha percorrido a estrada vicinal que liga Brinley a Ivoryton. Minha respiração estava entrecortada e difícil. Diminuí o ritmo e inspirei o ar para desanuviar a mente. Respirei fundo e devagar, e me senti assaltar por aquilo – o que existia de verdade por baixo da raiva, o que doía como o diabo.

É assim que funciona. As vezes sou capaz de me livrar da raiva correndo, mas jamais me livro do medo.

Mickey perdeu completamente o controle nas primeiras horas da manhã. Estava furioso comigo e nada que eu dissesse faria com que ele se sentisse melhor. Então desisti. Parei de tentar explicar. Parei de tentar tranquilizá-lo. Parei de prometer a ele que eu me sujeitaria ao que quer que os especialistas recomendassem depois que o bebê nascesse. Acho que ele não acreditava que eu fosse durar tanto. Foi esse o medo puro que vi em seus olhos.

Ele saíra antes do alvorecer, supostamente para se exercitar. Não dormi. Toda vez que fechava os olhos, eu só via uma destas duas imagens: aquela horrível mangueira cinzenta ou a expressão de Mickey quando contei o que tinha feito – o que não tinha feito.

De manhã, meus olhos pareciam cheios de areia e eu sabia que minha aparência estava péssima. Eu não me levantaria da cama. Apenas ficaria ali, terminaria meu plano de aula e curtiria a gravidez. Ao pensar nisso, meus olhos voltaram a arder e atirei longe os papéis, cobrindo a cabeça com o cobertor. Eu estava escondida assim quando ouvi alguém bater furiosamente à porta. Não liguei. Fosse quem fosse acabaria desistindo. Teria que desistir. Eu não ia me mexer.

Mas não. As batidas eram fortes e insistentes, além de aparentemente incessantes. Devia ser uma das minhas irmãs. Enterrei-me ainda mais nas cobertas, mas logo Priscilla surgiu sob a janela do meu quarto gritando para que eu abrisse a porta. Suas palavras eram pontuadas por punhados de areia atirados contra o vidro.

Aguentei suas grosserias o máximo que pude. Depois desci batendo o pé e, zangada, abri a porta da frente. Atirei-me no sofá, bufando de raiva, com os braços cruzados e uma expressão furiosa no rosto. Era apenas Priscilla, e eu não tinha obrigação de ser gentil com ela.

Minha irmã bateu a porta e veio postar-se à minha frente, com as mãos na cintura, batendo com a ponta da sandália no chão. *Batendo o pé!*

– Pare com isso, Priscilla! – gritei. – Você não vai entrar na minha casa e ficar batendo seu pezinho na minha frente! O que você quer?

– O que você está *pensando*, Lucy? Por que não fez o aborto?

Gemi.

– Será que não tenho direito a um pouquinho de privacidade na vida?

– Se tem, não é com relação a esse bebê. E, se algum dia teve, foi antes de se casar com Mickey.

Olhei para minha irmã. Priss tinha um jeito irritante de cintilar, não importava qual fosse o momento ou a ocasião. Era cedo – bem, onze horas –, e ela estava toda produzida. Cabelo, maquiagem, jeans *skinny*, as unhas dos pés pintadas saindo pelo bico da sandália. Era nojento.

– Quando você falou com Mickey?

– Ele ligou assim que amanheceu, muito obrigada, e me implorou para falar com ele.

Isso era um esforço para ambos, já que eles mal se suportavam. Pelo meu bem haviam estabelecido uma trégua tácita e concordaram com relutância em não se matarem na minha presença. E mesmo assim Mickey ligara para ela? Passei as mãos pelo cabelo embaraçado. Olhei para Priss, meu latido silenciado, seu pé agora imóvel.

– O que ele queria?

– O que você acha? Ele quer que eu a convença a voltar àquela clínica. O que você está tentando fazer com ele, Lucy? O cara está louco de medo de perdê-la. E você se recusa a salvar a própria vida por causa desse bebê? Você vai matar seu marido. Sabe disso, não sabe?

– Eu não pude, Priss – gemi. Fechei os olhos e vi o sorriso falso do Dr. Hale, senti a aspereza da camisola descartável, para facilitar a higiene. – Não pude.

– Claro que você pode! Não é tão difícil. É um procedimento simples.

Arregalei os olhos.

– É um bebê, Priscilla. É o *meu* bebê!

– É um monte de células, Lucy. *Não* é um bebê. Cresça. Sua vida está em

risco. Que diabos você está pensando? – Priscilla me olhava incrédula, e tenho certeza de que o meu olhar não era diferente. – Agora, vá tomar um banho – disse ela, mandando em mim como se eu fosse uma criança. – Vou levar você de volta à clínica. Ah, pare de me olhar desse jeito. Você vai fazer o aborto e depois vamos almoçar. Simples assim. Ponto final.

A emoção se solidificou em mim.

– Simples como, Priss?

Minha bela irmã estreitou os olhos para mim.

– Não gosto desse tom, Lucy.

– Quão simples é fazer um aborto, Priscilla? Preciso saber. Me *oriente* nesse processo. *Compartiiiiiiilhe* – cantei, deixando o sarcasmo escorrer das palavras.

Um rubor revelador subiu pelo pescoço de minha irmã e observei um tique nervoso no canto de seu olho. Rapidamente, porém, ela controlou o rubor e paralisou o tique.

– Cuidado com o tom, Lucille. Não tente inverter as coisas. Você devia se concentrar no seu marido. Juro que, pela primeira vez na vida, até *eu* estou com pena dele. Mickey vai se autodestruir quando você adoecer de novo. Esteja preparada para isso.

A raiva explodiu em mim.

– Isso não é da sua conta!

– Não? Encare os fatos. É egoísmo ficar com esse bebê nessas circunstâncias – disse Priss, desabando na poltrona em frente a mim. – Quero saber o que mudou. O que aconteceu com a postura que você tinha antes de engravidar? A maravilhosa herança genética que nossa mãe nos deixou. Esqueceu que foi por isso que você decidiu nunca engravidar? Perdeu a cabeça porque agora tem esse... esse...

– A palavra é bebê, Priss.

– Lucy! Ele não passa de um parasita!

– Ah, Priscilla – suspirei, incapaz de fazê-la entender. – Vá embora.

– Está certo livrar-se dele, Lucy – disse Priscilla com uma suavidade repentina. – Para início de conversa, você nem o queria, lembra? Lucy, seja racional. Ele não vale a sua vida.

– Não posso fazer isso.

– Você pode morrer.

– Eu sei. Mas, se eu vivesse, jamais me perdoaria.

– Lucy, você tem noção de quanto está sendo infantil?

Olhei admirada para minha irmã:

– Esses argumentos funcionaram com você? Porque está me parecendo que você tem muita experiência no assunto, Priscilla.

Pude ver pela expressão em seu rosto que eu havia tocado num ponto sensível. Lily e eu sempre especulamos se nossa irmã teria se metido em apuros

com Trent Rosenberg ainda no colegial. Isso podia ser o motivo do abismo imenso que se abriu entre ela e nossa mãe. Mas é claro que nem eu nem Lily jamais tivemos coragem de abordar o assunto com nenhuma das duas. Tudo que sabíamos era que o que tinha acontecido na época, fosse o que fosse, arruinara o relacionamento entre mãe e filha. E depois Priscilla partiu.

– Não estamos falando de mim, Lucy. O que eu fiz ou deixei de fazer não tem nada a ver com isto aqui.

– Como é que é?

– Estou falando sério. É a sua vida que está em risco, Lucy. Você pode morrer!

– Eu não vou fazer o aborto. Vá embora, Priscilla.

– Lucy, você enlouqueceu?

– Tenho certeza de que isso será discutido bem depois que eu me for.

– Então use a cabeça, estou implorando. Ligue para a clínica. Eu mesma levo você lá.

– Chega, Priscilla. Vou ter esse bebê. – Passei as duas mãos pelo meu rosto suado.

– Por quê? Me dê uma boa razão, Lucy.

Eu me encolhi, sem querer chorar. As lágrimas brotaram mesmo assim, então apertei os olhos com as palmas das mãos.

– Você não tem nenhuma, não é? Não existe motivo algum para não fazer esse aborto.

– Eu a vi – gritei.

Priss finalmente se calou.

Olhei para minha irmã.

– Eu a vi. Ela é uma menininha linda, de cabelo e olhos escuros – falei. Minhas mãos instintivamente cobriram a minha barriga. – E eu a senti.

– Do que você está falando?

– Sei exatamente como ela é. E você tem razão, Priss. Neste momento, a minha filha se parece apenas vagamente com um bebê, mas ela é tão real para mim quanto você. O coração dela está batendo no meu ventre. Ela se mexe dentro de mim. Sinto quando tem soluço. Para mim, abortar agora não é diferente de esperar que ela nasça e sufocá-la com um travesseiro, jogá-la no lago em seu terceiro aniversário ou dar um tiro em sua cabeça aos 12 anos.

Priscilla baixou a guarda.

– Ah, Lucy.

– Não importa o que você diga, Priscilla, esse bebê é real para mim. Não posso torná-lo irreal apenas porque tenho o direito de fazer isso ou porque o momento não é bom. Não posso. E mesmo se pudesse, Priss, uma parte de mim sabe que eu jamais seria capaz de encarar...

– Deus? – interrompeu-me. – É aí isso que vamos chegar, Lucy? Ela cuspiu a

palavra *Deus* como se um inseto tivesse pousado em sua língua.

– Eu ia dizer mamãe e papai, mas Deus também serve.

A boca de Priscilla se abriu, mas ela não disse nada. Seus olhos penetraram nos meus, até que se encheram de lágrimas.

– Lucy, por favor. Entendo que você esteja apaixonada pelo seu bebê. Mas, comparado a você, ele não significa nada... Ele não é real. Não é real para nenhum de nós. *Você* é real, Lucy. Será que não entende? Você já superou isso antes e pode superar de novo, mas terá que lutar. Como pode não lutar pela própria vida? Como pode não fazer isso por Mickey, por Lily... Por mim? Lucy, você vai morrer!

– Vou, Priss – falei, encarando-a.

– Então precisa... – Minha irmã parou de respirar.

Assenti.

– Não, Lucy. Você não pode ter certeza.

Fiquei de pé e abracei minha irmã na outra poltrona.

– Posso, sim. Eu *sei*.

– O quê? – Durante um instante, ela não se mexeu, mas então recuou. – Não, não e não! Não vamos ceder a um sonho, a um fantasma. Lucy! Eu não quero ouvir mais nem uma palavra!

Olhei para minha irmã, prendi seu olhar no meu e fiz a ela a mesma promessa que fizera a Mickey:

– Vou ter esse bebê, Priss – falei com doçura. – E depois que ela nascer, farei todo o possível para salvar a minha vida. Isso é tudo que posso oferecer.

Priscilla abriu a boca, mas tornou a fechá-la, vencida. Não me mexi.

– Então é isso, Lucy? É isso? E se você estiver errada? – perguntou, balançando a cabeça. – Se você morrer... – Observei minha irmã engolir a emoção. – Se você morrer, Lucy, eu jamais irei perdôá-la.

Fiquei calada.

Priscilla se levantou e saiu da minha casa.

23 DE AGOSTO DE 2011

Faz muito tempo desde a última vez que me perdi por completo. Mas está chegando. Posso sentir. Quando fico assim, só Lucy tem o poder de botar meus pés no chão. Mas não estamos nos falando no momento.

Gleason se recusa a ver o meu lado nessa história. Ele me acusou de usar a doença como desculpa para me comportar mal. Ele diz que a tristeza que estou sentindo não é patológica. É apenas a vida. Que não tenho que me automedicar para fugir disso.

– Você me envergonha – falou. – Será que é só isso que você pode fazer por Lucy?

Sentado ali, deixei que suas palavras me atingissem como pedras caindo do céu.

– Desça do palco, meu amigo – disse-me Gleason. – Isso não tem a ver com você ou com o fato de ser bipolar. Você é como qualquer outra pessoa passando por uma situação triste: nada mais que um espectador obrigado a enfrentar uma tragédia. O que você está fazendo é uma questão de caráter, Michael, não de patologia. Não dá para esconder seus pecados atrás da doença. Se alguma coisa tiver que levá-lo à autodestruição, não será a perda de Lucy, mas o seu próprio comportamento se isso acontecesse.

Fiquei tão zangado que me recusei a terminar a sessão e saí batendo a porta. Então fui até o Colby's tomar um drinque. Depois fui para casa e briguei com Lucy, a única pessoa que eu odiava magoar, mas a quem magoava tão bem.

Depois que sua fê desesperada no poder de persuasão de Priscilla o deixou na mão, Mickey não teve escolha senão ficar bravo comigo. Mas, que Deus o proteja, ele tentou ser civilizado e abafar seu crescente ressentimento. Chegou a fingir me dar apoio. No entanto, como um homem tentando usar uma colher para remar num transatlântico, não deu certo.

Às vezes eu o flagrava me fitando, os olhos úmidos de reprovação. Ele sustentava o meu olhar por tempo suficiente para deixar claro o que pensava e depois desviava os olhos, desgostoso. Ou às vezes se aproximava por trás e envolvia minha cintura. Encostava o rosto no meu pescoço e eu achava que ele estava cedendo, até ouvir um gemido e vê-lo se afastar abruptamente. Mais uma vez deixando clara sua opinião.

Estava sendo muito pior do que da última vez. Quando tive câncer antes, o medo e a angústia de Mickey me sufocavam, mas eram amenizados por sua fé no meu tratamento, absolutamente agressivo. Eu podia ter morrido em decorrência de várias complicações, mas sua esperança não diminuía porque eu de fato estava lutando pela vida. Agora, não.

A grande questão era que Mickey não conseguia me perdoar por não fazer o aborto. Então nos impacientávamos um com o outro, porque não podíamos agir de outra forma.

Algumas semanas depois de eu não fazer o aborto, voltei de uma reunião de professores e encontrei Mickey sentado na beirada da cama com a cabeça entre as mãos. Estendi o braço para afagá-lo, mas ele se esquivou.

– O que você está fazendo, Mic?

– Só pensando.

– Bem, não vá se machucar. – Como ele não riu, sentei-me a seu lado. – Desculpe.

– Você me ama, Lucy? – perguntou Mickey, olhando para o chão.

– Claro que amo, que pergunta!

– Quanto você me ama?

Balancei a cabeça.

– Mickey, não há medida, você sabe disso.

– Eu sabia antes.

Aproximei o rosto dele do meu e vi que ele andara chorando.

– Como assim?

– Preciso de uma resposta honesta, Lucy. Você ama o bebê mais do que a mim?

– Claro que não.

– Não acredito em você.

– Mickey, não diga isso. Amo esse bebê tanto quanto você ama esse bebê. Ela é nossa filha.

Ele empurrou a minha mão e se levantou.

– Eu não a amo tanto quanto amo você. Eu não trocaria *você* por ela. Eu não deixaria *você* por ela.

Dei um suspiro, exasperada.

– Por que está fazendo isso?

Ele se inclinou, ficando a um milímetro do meu rosto e gritou:

– Eu só quero que você seja honesta, Lucy. Não tem a ver comigo! Fui importante durante onze anos, mas agora a prioridade é seu precioso bebê, mesmo que isso custe a sua vida. É só o que importa para você. Mas não sei o que você acha que vai acontecer depois...

– Depois do quê?

– Olhe para mim! Você realmente me considera capaz de ser pai solteiro?

- Mickey!
- Não posso... Neste momento não posso fazer isso.
- Mickey, por favor.
- Ele se levantou e pegou a gravata no pé da cama.
- Vou sair. Tenha uma boa noite.
- Mickey, não saia assim.

Porém era tarde demais. Ele já descera a escada e um segundo depois ouvi a porta da frente bater.

Mais tarde, quando ele ligou, eu estava cochilando no sofá, na tentativa de esperá-lo acordada. Sua voz estava pastosa, e não pude dizer ao certo se ele havia bebido, o que raramente faz, ou se tomara uma dose exagerada de Klonopin, que ele usa contra a ansiedade.

- Mickey, volte para casa, está tarde. Vou fazer ovos mexidos para você.
- Não estou a fim hoje, Lucy. Não quero voltar para casa. Não quero mais ver você morrer. Cansei. Não sei quando vou voltar, mas não me espere acordada.

Então desligou e fiquei olhando para o telefone durante um bom tempo antes de atirá-lo contra a parede. *Não quer mais me ver morrer?*

Peguei o telefone do chão e liguei para o Partners.

- O Mickey está aí, Brian? – perguntei ao bartender.
- Não vi o Mickey esta noite, Lucy.
- Quando ele saiu?
- Eu não o vi hoje.
- Sério?
- Você está bem, Lucy?
- Estou ótima. Se você o vir, ligue para o meu celular, está bem?
- Tenho um substituto hoje, Lucy. Quer que eu vá procurar o Mickey? É só pedir.
- Brian, você é um amor. Basta me ligar se ele aparecer.
- Pode deixar.

Desliguei o telefone e subi correndo para trocar o pijama por outra roupa. Droga! Já passava da meia-noite. Como Mickey podia fazer uma coisa dessas? Por onde andaria? Enfie o meu jeans mais largo e estava abotoando a blusa quando ouvi a porta dos fundos bater. Fui até o corredor e me sentei no último degrau da escada. Mickey estava remexendo em tudo na cozinha e eu o ouvi soltar um palavrão quando um copo se quebrou na pia. Esperei com ansiedade.

Finalmente, ele surgiu ao pé da escada. Olhou para mim e, com um dedo em riste, falou, arrastando a língua:

– Cheguei à conclusão de que você é a pessoa mais egoísta que eu conheço, Lucy. – Subiu um degrau. – Conversei com uma mulher esta noite. Ela comentou que eu parecia triste, então contei a ela tudo sobre o nosso probleminha

doméstico. E ela me mostrou que é você quem está dando as cartas. E que eu sou exatamente como você disse, patético o bastante para deixar você fazer isso. – Mickey cambaleou ao subir mais alguns degraus. – Ela falou que sou vítima dos seus caprichos. Inteligente, ela.

– Ela disse que você é um idiota?

O olhar dele ficou duro.

– Não, Lucy. Ela falou que eu era um monte de coisas, mas não isso.

– E você lhe disse que *ela* é uma idiota e devia cuidar da própria vida?

– Na verdade, gostei muito da companhia dela.

– E onde essa conversa estimulante aconteceu?

– Já falei. Ela é uma cliente.

– Não falou, não.

– Falei, sim.

– Então, estou meio confusa, porque Brian disse que não viu você hoje.

A pele em torno dos olhos de Mickey se retesou e ele deu um soco no corrimão da escada.

– Você agora anda me vigiando, Lucy?

– Não me parece que eu tenha muita escolha, Michael.

– Ótimo, isso é ótimo.

– Por que você está com a fala arrastada?

– Que diferença isso faz?

Mickey estava bem na minha frente. Ergui os olhos para ele.

– Não faça isso. Não brigue comigo. Não diga as idiotices que está pensando.

– Idiotices? Como apontar o fato de você ser egoísta? Ou que só pensa em si mesma? – Ele elevou a voz. – Tudo tem sempre a ver com você, Lucy! Sem discussão! Você simplesmente não vai fazer o que não vai fazer. Eu que me dane. Ah, quem se importa? Droga!

Mickey se preparou para passar por cima de mim, mas me levantei e ele perdeu o equilíbrio, quase rolando a escada. Agarrei-o, mas ele me empurrou, recobrando o prumo.

– Me deixe em paz, Lucy. Apenas me deixe em paz, droga!

– O que você quer que eu faça?

Bem devagar, ele ergueu o rosto para encontrar o meu. Parecia inacreditavelmente triste, os olhos de repente despidos de toda a hostilidade.

– O aborto – respondeu, cansado.

Desabei de encontro ao guarda-corpo e encarei meu marido, todo encurvado. Eu o amava tanto. Bastava que eu lhe estendesse a mão para reverter essa situação. Eu podia pôr sua vida de volta nos trilhos se fizesse o que ele pedia. Mas eu o amava muito mais do que o aborto seria capaz de provar – eu o amava tanto que jamais poderia deixá-lo sozinho.

– Esqueça, Lucy – disse ele, pondo-se de pé. – Não importa, porque você já

decidiu.

Mickey me encarou durante um bom tempo, o suficiente para que eu sentisse meus pensamentos expostos.

Deixei escapar um suspiro entrecortado.

– Mickey, por favor, não faça isso. Não desperdice esse tempo ficando furioso comigo. Você não vai se perdoar quando...

– Estou cansado dessa coisa de você ter todas as respostas – falou com raiva.
– Eu quase odeio você por isso, e até que você mude de ideia é assim que vai ser!

Ele se equilibrou contra o guarda-corpo e deu um passo. Estava precisando cortar o cabelo e fazer a barba. Arrancou a camisa já meio para fora da calça e disse, antes de seguir em frente:

– Vou tomar um banho.

– Vou morrer de qualquer jeito, Mickey – falei baixinho para a parede. Não tive certeza de que ele me ouvira até vê-lo parar e sentir seus olhos queimarem minha pele. – Não importa que eu faça ou não o aborto, Mic. Eu vou morrer. E você sabe disso. Mesmo que eu passe pela quimioterapia, pela radioterapia, pela cirurgia, mesmo que eu tome um milhão de vitaminas intravenosas, isso vai acontecer. Não sei quando, tomara que daqui a muitos, muitos meses, mas não vou sobreviver desta vez. – Virei-me para encarar meu marido. Sua expressão era dura, impassível, mas uma calma surreal permeava minha voz. – Precisamos encarar isso para podermos parar de nos magoar e seguirmos em frente com o que nos resta.

Fiquei orgulhosa de mim mesma por não chorar, mas então ouvi um soluço brotar da garganta de Mickey e não pude mais conter as lágrimas.

– Por favor – sussurrei.

Uma sombra de ternura passou por seus olhos, e ele me pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas apenas balançou a cabeça e se afastou.

Desanimada, tornei a me apoiar no guarda-corpo. Todo o meu corpo estava cheio de tristeza e achei que não teria forças para me levantar e tornar a encarar tudo isso de manhã. Eu só queria dormir durante um ano e acordar num mundo em que Mickey não fosse doente, eu não estivesse doente e houvesse uma vida longa no nosso futuro. Fechei os olhos e chorei.

Enquanto estava sentada ali, com pena de mim mesma, senti o sussurro de algo bonito e conhecido. Muito lentamente, a sensação me envolveu por completo, e foi como se uma suave mão consoladora me embalasse. Meu coração se acalmou e minhas lágrimas secaram. Não vi quando abri os olhos, mas não tinha importância. Eu sabia que ela estivera ali, porque podia sentir a paz que deixara em seu rastro. Fiquei sentada mais alguns instantes, aproveitando a experiência até que se evaporasse, deixando comigo apenas a certeza serena de que não havia nada a temer.

O chuveiro estava desligado e ouvi Mickey remexer numa gaveta em busca

de uma cueca. Quando tudo se aquietou, levantei-me e entrei no nosso quarto escuro, tirei a roupa e me enfiei na cama. Mickey estava de costas para mim, e olhei para o teto agradecendo o presente que acabara de receber. Deitada ali, senti o bebê se mexer. O movimento era mais forte do que os leves marulhos das últimas semanas, e agora eu podia senti-la com a mão, o que me deixou incrivelmente animada.

– Mickey?

– Não aguento mais brigar, Lucy. Vamos dormir.

– Mickey, me dê sua mão.

– Estou cansado, Lucy.

– Por favor.

Mickey se virou de má vontade e pus a mão dele na minha barriga. Durante um bom tempo ela ficou quieta, e achei que Mickey tivesse dormido. Mas então ela se mexeu, e senti Mickey ficar tenso.

– O que foi isso? – sussurrou ele. Ela tornou a se mexer, um chute forte, e Mickey retirou a mão depressa, sentando-se na cama. – O que é isso?

– É ela.

Peguei de novo a mão de Mickey, que tornou a se deitar, devagar. O bebê chutou de novo, e de novo, e Mickey enroscou sua perna comprida na minha e se deixou ficar.

– Isto é mesmo o bebê?

– É a nossa filha.

Senti meu marido começar a chorar e estendi o braço para afagar seu rosto no escuro. Logo seus braços me envolveram.

– Não posso fazer isso sem você – insistiu ele com voz rouca.

Eu não tinha uma solução mágica para ele, por isso apenas acariciei sua cabeça até que ele pegasse no sono e rezei pedindo uma pequena trégua.

Antes de levantar da cama na manhã seguinte, Mickey beijou minha barriga e me olhou com uma expressão de encantamento que eu não via desde que lhe contara que estava grávida. Ternura e desculpas dançavam em seus olhos.

Infelizmente, nada disso impediu a derrocada que se aproximava – muito pelo contrário. Era cruel demais ter que aceitar a ideia de um bebê que ele sabia que amava, mas que lhe custaria a esposa.

29 DE AGOSTO DE 2011

Minha primeira lembrança como louco data de dois anos antes de eu receber o diagnóstico de maniaco-depressivo. Deitado na cama, eu ouvia minha mãe morrer de tristeza no quarto ao lado. A nota angustiada que ela não parava de tocar me pareceu a definição absoluta de desesperança. Eu queria que aquele som parasse. Queria que ela sorrisse, me amasse e fosse igual à mãe do meu melhor amigo, Jonathon, que ria e dava abraços, que tomava a lição do filho e a minha também, se eu estivesse lá. Queria que a minha mãe pudesse ser assim.

Levantei da cama aquela noite com um plano perfeitamente lógico para realizar esse desejo. Havia noites em que minha mãe rezava tão alto que eu tinha certeza de que os vizinhos sabiam que ela era louca. Meu irmão, David, sempre lhe trazia água e lhe dizia para tomar os comprimidos. Meu pai falava com ela em tom suave durante o máximo de tempo que lhe era possível, depois saía e só chegava em casa muito tarde. Na noite em que a loucura começou a florescer dentro de mim, acabei me convencendo de que, se implorasse a Deus, ele satisfaria meu desejo. Mas era evidente que Ele não podia ouvir minha mãe, portanto jamais me ouviria, então escrevi minha prece. Usei o caderno de estudos sociais, certo de que ele veria, porque Deus tudo vê. Escrevi durante horas, até minha mão doer. Escrevi a noite toda. Apenas duas palavras – por favor. 9.871 vezes.

O sintoma mais comum de câncer no pulmão é tosse. Descobri que isso se deve ao fato de a lesão causar irritação nos tecidos aéreos. Eu vinha tossindo havia várias semanas e Charlotte me avisou que, a certa altura, meu pulmão precisaria ser drenado do fluido que aumentava por causa dos tumores. Entendi. Eu já aprendera o suficiente para saber que, sem intervenção, as lesões no meu *lóbulo inferior esquerdo* continuariam a crescer. Eu deveria avisar a Charlotte se começasse a sentir dor no peito, falta de ar ou se começasse a tossir sangue. Esses, eu sabia, eram sinais de que as coisas haviam avançado de forma perigosa.

Charlotte estava em contato com o Dr. Gladstone, o médico ao qual eu agora me referia como o cara do pulmão, sobre a minha situação. Eu o vi no hospital e me consultaria com ele na semana seguinte para que ele avaliasse as minhas funções respiratórias. O Dr. Gladstone faria uma cirurgia depois que o bebê

nascesse. Até lá, se limitaria a monitorar a doença.

Nesse meio-tempo, Charlotte vinha me tratando com vitaminas, sucos de frutas orgânicas e visualização. Uma tremenda bobagem, segundo Priscilla, mas eu entendia o suficiente de nutrição para saber que qualquer coisa capaz de fortalecer as minhas células saudáveis valia a pena. Além disso, eu me sentia muito bem, portanto não reclamava.

O consultório de Charlotte se tornou meu refúgio, o único lugar em que eu podia pensar com clareza. Lá eu conseguia estudar os dados concretos e as provas empíricas, ao mesmo tempo que evitava o mundo mais fluido das opiniões e interpretações da minha família.

Eu passava os dias fazendo pesquisas nos periódicos que enchiam suas estantes e navegando na internet. Li tudo que encontrei sobre câncer de mama metastático durante a gravidez. Decorei estudos de caso e taxas de mortalidade nos bebês condicionados pelo estresse da doença das mães. Pesquisei terapia hormonal e todos os mais recentes agentes terapêuticos, buscando algum que pudesse eliminar minha doença sem prejudicar o bebê. Reconheci os nomes de muitas drogas citotóxicas que tomei na vez anterior. Aprendi que algumas poderiam ser cuidadosamente consideradas na minha situação, mas não havia provas de que fossem seguras para um bebê em gestação. Li tudo o que encontrei sobre trastuzumabe, gencitabina, doxorrubicina e paclitaxel. Descobri a diferença entre antraciclinas e taxanos e prendi o fôlego enquanto lia os estudos promissores que encontrei no espaço cibernético, tornando a respirar decepcionada ao descobrir os efeitos potenciais sobre um feto. Alguns remédios eram vistos como seguros por um período mais ou menos longo, desde que administrados no final da gravidez. No fim das contas, porém, eu não conseguia confiar em nenhuma droga cuja função fosse destruir células de maneira indiscriminada.

Enquanto estudava, eu pedia a Deus que me concedesse um milagre. Nada muito espetacular, apenas mais tempo. Queria dar à luz uma menininha saudável, segurá-la, sentir seu cheiro, ver a primeira reação de Mickey. Então Charlotte e seus pares poderiam enfiar um cateter em todas as minhas veias, se assim desejassem. Poderiam me encher de galões de veneno contra o câncer, me pôr num espeto e me cozinhar com toda a radiação que bem entendessem. Eu estava aberta a isso tudo – mas só depois que minha filha nascesse, ilesa.

Até lá, eu pretendia viver da forma mais normal possível. Assim, embora passasse bastante tempo acessando sites médicos no computador de Charlotte, eu também trabalhava no meu programa de aulas para o novo ano escolar. O verão havia sido longo e eu aguardava ansiosamente a volta ao trabalho, ainda que estivesse um pouco preocupada com a minha crescente falta de energia. Tive uma conversa com meu diretor, Douglas Bunnell, que, claro, já sabia da minha doença, mas chorou mesmo assim quando lhe contei. Felizmente, ouvi dele uma

sugestão muito gentil: Miriam Brady vinha se preparando para a aposentadoria e só queria trabalhar meio período. Eu podia fazer uma parceria com ela e para Douglas não importava como nos organizaríamos, desde que dêssemos conta das aulas. Miriam preferiu que trabalhássemos em semanas alternadas, o que considerei perfeito.

Era tão maravilhosamente normal voltar às aulas. Eu amava meus alunos e, na segunda semana de setembro, eu adoraria retomar a normalidade de ser sua professora. Meu projeto era trabalhar até quando aguentasse, mas, mesmo se estivesse saudável, eu não pretendia ir além das férias de Natal, já que o parto estava previsto para o dia 3 de janeiro. Lógico que o que achei um arranjo fantástico foi execrado pela minha família, que considerava o repouso a única atividade compatível com o meu estado.

Cerca de uma semana antes do começo das aulas, Lily viu meu carro na porta do consultório de Charlotte e entrou para ver como eu estava. Por acaso chegou bem a tempo de segurar minha mão durante a ultrassonografia dos cinco meses – Mickey não me acompanhara à consulta. Tudo estava bem, o bebê crescia normalmente e Charlotte disse que ele parecia perfeito. Mesmo sentindo a felicidade me dominar, uma pontinha de pânico brotou em mim. Todos os motivos por que Mickey e eu havíamos decidido não ter filhos me ocorreram. Envergonhada quanto ao que eu pudesse legar à minha filha, imaginei dirigida a mim a mesma raiva irracional que Priscilla tinha de nossa mãe. Perdi o fôlego.

Os braços de Charlotte me envolveram e acalmaram minhas aflições não verbalizadas.

– Uma filhinha de cabelo e olhos escuros. Foi o que você me disse, não foi?

Contendo as lágrimas, falei:

– Ela vai ser pequena como eu, mas parecida com Mickey. – Encontrei a mão de Lily. – Mas... E se ficar doente? – gemi.

Charlotte balançou a cabeça.

– Só porque a mãe ficou não significa que ela também ficará – disse Lily.

– Para você é fácil falar.

– Não é tão fácil assim. Mas no meu caso é verdade. Agarre-se a isso, Lu.

Mais lágrimas borraram minha visão do rosto bonito de Lily. Ela estava certa. Era saudável... Graças a Deus! Priss também, apesar do susto pelo qual passara anos antes. Lily beijou minha testa e nós três tivemos alguns momentos absolutamente normais de lágrimas de felicidade.

Na verdade, fiquei grata por Mickey não ter ido. Se estivesse presente, teria visto a minha dúvida e me enforcado com ela. Mais tarde naquela noite, quando lhe contei que tudo parecia ótimo com sua filha, consegui esconder dele a minha ansiedade. Não foi tão difícil – ele estava ocupado demais curtindo seu mau humor para ler nas entrelinhas.

Frustrada, fui dormir. Mas em algum momento depois da meia-noite, acordei

com o barulho de uma bola de basquete no quintal. Quando olhei pela janela, a lua cheia iluminava Mickey e Harry, que jogavam mano a mano. *Deus o abençoe*, Harrison Bates, pensei. Mais tarde, quando tornei a olhar, vi os dois sentados na mesa de piquenique, os pés sobre o banco, apenas conversando.

Não sei o que Harry disse ao meu volátil marido. Só sei que funcionou, porque quando enfim foi se deitar, Mickey me envolveu em seus braços.

– Fui um idiota, amor – sussurrou em meu ouvido.

– Sério?

– Sério. Sinto muito. Vou tomar jeito.

Sou uma grande cobradora de desculpas, sobretudo quando se trata de Mickey, então me virei na cama e o beijei longa e intensamente, premiando seu arrependimento. Depois disso, tivemos uma ótima transa de reconciliação – apesar dos pesares – e adormeci enquanto Mickey acariciava meu cabelo.

A trégua, porém, durou pouco. Logo Mickey começou a dormir cada vez menos e em várias noites nem sequer ia para a cama. Certa manhã acordei com o barulho do chuveiro e, antes que eu pudesse me levantar, Mickey já estava de banho tomado e vestido. Entrei no banheiro e o encontrei penteando o cabelo com uma das mãos enquanto escovava os dentes com a outra. Enxaguando a boca, ele me encarou com uma expressão que sugeria que estava pronto para uma briga. Como me recusei a enfrentá-lo, ele examinou os dentes no espelho, gargarejou, tornou a cuspir e me plantou um beijo frio no nariz, tudo isso em trinta segundos.

– Estou atrasado, Lu – gritou ao sair. – Fiz uma bagunça lá embaixo, mas arrumarei tudo mais tarde. – Voltando até a porta do banheiro, acrescentou, irônico: – Não precisa pirar, não é nada.

Senti um aperto no peito ao ouvir essas palavras, imaginando o que ele teria feito a noite toda. Antes, porém, que eu dissesse uma palavra, ele se fora. Descera a escada correndo e saíra porta afora antes que eu chegasse ao corredor. Andava dormindo menos e trabalhando mais do que nunca. Ou ao menos aparecendo em uma de suas casas noturnas. Também não me surpreendia o fato de Mickey estar faltando às consultas com Gleason, tornando todos os que conviviam com ele impotentes em relação ao que poderia vir a acontecer. E algo estava prestes a acontecer porque ele também vinha escondendo seus remédios de mim – agora se automedicava.

Olhei-me no espelho e deixei escapar um suspiro. Meu dia já começava pesado e eu mal tinha saído da cama. Preparei-me para o “nada” que podia estar me aguardando lá embaixo e desci.

Quando vi a cozinha, tive vontade de chorar. Ao que parecia, Mickey tivera

vontade de comer *cookies* com gotas de chocolate no meio da noite. Derramara farinha no chão e pisara nela – várias vezes. Havia quebrado alguns ovos – fora da tigela – e um rastro pegajoso se grudara à porta do armário. Embora o pote de açúcar estivesse cheio, Mickey abrira, pelo visto com os dentes, um saco novo de dez quilos, que havia derrubado, e um monte de açúcar jazia ao pé da pia.

Sem dúvida, ele usara todas as tigelas da casa, bem como todos os tabuleiros para assar biscoitos, cada um deles devidamente untado. Mas não havia biscoitos, apenas uma montanha de massa, abandonada, com uma colher de pau enfiada bem no meio. Um saco de gotas de chocolate semivazio ocupava a mesa, junto com uma pilha de páginas de jornais e revistas. Havia marca-textos, cola, fita adesiva e clipes espalhados por todo lado, além de uma pequena pasta de cartolina barata, daquelas com bolsos nas duas capas, dentro da qual encontrei várias folhas – uma dezena, no mínimo –, cobertas em ambos os lados com as palavras *por favor*. Mickey recortara, grudara e colara as palavras *por favor* diversas vezes, até cobrir por completo todas as folhas. *Por favor* em tamanhos variados. Ele chegara a arrancar a capa de um livro infantil, intitulado *Por favor não me faça voltar da lua*, para roubar o *por favor*.

Foi mais que assustador me sentar na minha cozinha arruinada e vislumbrar a realidade perturbada de meu marido. Passei os dedos sobre as folhas que, obviamente, ele tivera muito trabalho para criar. Quanta dedicação! Mickey não se permitira distrair-se, como acontecera com os *cookies*. Concentrara-se para produzir onze folhas – vinte e duas páginas, considerando frente e verso. *Por favor*. Quem seria o destinatário dessa mensagem? Eu? Deus? O próprio Mickey? Por favor, não morra. Por favor, não me odeie. Por favor, me impeça de desmoronar. Por favor, me ajude. Por favor, cure minha mulher. Por favor, faça o aborto. Enquanto eu tentava analisar o que era impossível ser analisado, o oceano de *por favores* se transformou num borrão visto por entre lágrimas.

Quanto tempo duraria essa espiral? Eu me envergonhava de estar pensando essas coisas, mas precisava ter esperanças durante tempo suficiente. Podia levar três meses para Mickey surtar e outros três para trazê-lo de volta. Então, se tivéssemos sorte, talvez ele se mantivesse estável por vários meses, ou apenas por algumas semanas. Às vezes por mais de um ano.

Dei mais uma olhada na cozinha e enterrei o rosto nas mãos. Dessa vez era mais que a doença de Mickey. *Disso* eu podia dar conta. Foi a sua doença agravada por uma esperança destruída que quase me venceu. Eu não conseguiria amá-lo o bastante dessa vez, por mais que tentasse. Por isso me preparei para o que sabia que viria a seguir.

2 DE SETEMBRO DE 2011

Não falei com ninguém sobre os pesadelos que venho tendo. Eles acontecem quando estou acordado e me deixam vazio, exausto e envergonhado. Neles, estou frenético, desesperado e sozinho. Deus levou Lucy e está com pena desta anomalia que ficou para trás e que não consegue encontrar seu próprio caminho. Corro, como costumo fazer, convencido, na minha realidade distorcida, de que encontrarei minha esposa – não importa onde Deus a tenha escondido. Acharei Lucy e voltarei a ser inteiro.

É então que escuto esse balido débil que se impõe sobre todos os outros ruídos. Ela se materializa em meus braços, pequena e totalmente vulnerável, e eu a contemplo através de uma cortina de lágrimas nascidas da agonia e da raiva. Acho que posso odiá-la – foi ela que roubou a vida da mãe. A minha vida. Não a quero. Não quero querê-la. Quero que Deus a leve e me devolva minha esposa. Do fundo de mim mesmo, rosno para esse bebê indefeso e o som é tão sólido e potente que racha o céu até que os cacos chovam sobre nós, sobre mim e minha filha. Os dois sangramos e eu a puxo para mim, cheio de desculpas inúteis, mas ela continua a sangrar. Precisa de mim e sou total e vergonhosamente incapaz. Eu a ponho no chão com delicadeza, essa bebezinha que me encara sem qualquer malícia, sem qualquer expectativa, e viro as costas para ela e sua confiança. Fujo correndo. Corro até quase chegar a voar, mas não consigo correr para longe o bastante, nem rápido ou por tempo suficiente: continuo a ouvi-la.

Está demorando cada vez mais para que eu me recupere desse pesadelo – e preciso de muitos comprimidos para evitá-lo. Mesmo quando penso que estou fora dessa experiência terrível, continuo assombrado por uma realidade central que não se altera, por mais remédios que eu tome. Não posso fazer isso sozinho. Não posso fazer isso sem a minha esposa.

O fim de semana do Labor Day sempre foi um acontecimento em Brinley. Bem cedo na manhã de sábado, as crianças desfilam no centrinho da cidade em suas bicicletas enfeitadas, enquanto na Midlothian High School bandas marciais dão o ritmo da cacofonia de metais e percussão. Flotilhas de balões precedem os bombeiros, que atiram balas de cima do carro de incêndio mais velho de Brinley. Depois, há um torneio sério de beisebol no Pier Park. Às cinco da tarde, o festival

anual de artes acontece no píer e então é hora do grande momento: a Regata do Labor Day.

É o nosso ritual de fim do verão, que atrai visitantes de todo o estado. Quando eu era pequena, minha mãe e Jan costumavam trabalhar durante semanas para montar um carro alegórico sobre o qual todas as crianças desfilavam sentadas. Meu pai, como chefe de polícia, mantinha a ordem com um enorme megafone. Essa lembrança me volta todos os anos.

Eu tinha combinado de ir buscar Priss às dez e meia para irmos a pé até o parque assistir ao jogo. Dirigi até o trevo da Cascade Road, onde deixei o carro, e segui a pé pela rua Foster em direção à marina. Encontrei minha irmã sentada no convés do nosso veleiro, com as pernas balançando para fora. Vestia uma saia de linho e um bustiê que se ajustava às suas curvas. Olhou para mim por cima dos óculos escuros, avaliando a distância entre nós.

– Oi, Priss.

Minha irmã lançou um olhar para o meu barrigão e assentiu, antes de ficar de pé e pular do barco.

– Oi.

Tínhamos nos falado ao telefone algumas vezes, mas não nos encontramos nem mencionamos nossa briga, então ambas estávamos sondando o terreno. Mas o constrangimento se desfez quando Priss se aproximou e me deu um abraço. Quando me soltou, apertei forte sua mão.

– Estou bem, Priss, de verdade.

– Mentirosa – disse ela, com voz áspera.

Os primeiros minutos que passamos juntas foram meio pesados, mas o píer lotado de moradores diminuiu bastante a tensão. Era uma bela manhã ensolarada de setembro – previa-se que a temperatura chegaria aos 25°C –, sem nuvens, com uma leve brisa marinha, apenas para nos recordar da proximidade do mar. Uma equipe de técnicos testava o sistema de som para a fila de músicos que subiria ao palco durante os dois dias seguintes. Caminhamos em meio à bagunça de caixas, mesas, engradados e lonas que iam se transformando em quiosques. Priscilla entrelaçou seus dedos nos meus.

– Desculpe, Lucy, eu nunca devia ter dito a você como viver sua vida.

– Tudo bem – falei, sinceramente surpresa por ela tocar no assunto. – Já passou. – Ergui os olhos para minha bela irmã mais velha. – Está esquecido.

– Ótimo, porque preciso lhe contar uma coisa.

– O quê?

– Sabe com quem jantei na semana passada?

– Com o time do New England Patriots.

– Engraçadinha. Com Nathan Nash.

– Sério? Como ele está?

– Tentando se adaptar. Solitário. Foi bem divertido, um jantar de amigos

apenas. Conversamos durante horas.

– Seja legal com ele, Priscilla. Nathan é um dos meus queridos.

– O que exatamente isso significa?

Dei de ombros, grata por termos chegado ao parque.

– Ele está aqui?

Priscilla olhou para as arquibancadas.

– O filho vai jogar no time da escola, por isso deve estar por aí, sim.

Segui minha irmã, enquanto ela percorria a multidão com o olhar. Encontramos lugares na última fila da arquibancada e Priss continuou a procurar Nathan Nash.

O time de beisebol de Mickey, os Loopers, composto pelos comerciantes do centrinho de Brinley, era o favorito para arrasar os concorrentes: os Midlothian Brainiacs, ou seja, alunos e professores da minha escola; o Heavenly Choir, composto pelos clérigos de todas as denominações existentes em Brinley, e os Come Back Kids, os nativos de Brinley que haviam se mudado, mas voltavam para esse fim de semana.

Ron era o lançador dos Loopers. Lily, a apanhadora, e meu Mickey ia ficar entre a segunda e a terceira base. Os três estavam treinando havia semanas, e as partidas de treinamento haviam mantido meu marido razoavelmente concentrado, ainda que seu humor intratável lhes tivesse custado um excelente jogador de primeira base. Na verdade, Mickey andava deixando Ron e Jared muito ocupados apagando seus incêndios. Dei uma olhada em torno e vi Lily balançando um taco que parecia pesar quase tanto quanto ela. Vestia uma gigantesca camiseta do time, que lhe chegava quase aos joelhos. Ron lhe passava instruções de última hora, ou talvez fosse o contrário. Lily ergueu os olhos para mim e Priss e acenou. Respondi levantando o polegar.

O torneio começou com Muriel Piper e Oscar Levine, reconhecidamente os mais velhos nativos de Brinley vivos, cantando o hino nacional. Depois vieram os assovios e aplausos, enquanto o pessoal fazia algumas apostas de brincadeira, e outras a sério, em seus favoritos. Eu ia torcer pelos meus amados Loopers, claro, mas tinha quase certeza de que os Midlothian sairiam vencedores. Quando os Loopers foram para o campo, observei minha família e meus amigos ocuparem seus lugares.

Mickey virou o boné de beisebol ao contrário e adotou uma expressão séria. Estava deslumbrante com a camisa do time. Olhando para ele, ninguém diria que a sua estabilidade corria um sério risco. Meu marido ainda se considerava perfeitamente funcional, mas estava convencido, de forma perturbadora, de que todos tinham motivo para duvidar dele. Infelizmente, essa paranoia incluía até mesmo a mim e Gleason. O que Mickey mais queria era alçar voo qual um foguete para fora da realidade da nossa situação, e ele vinha fazendo isso quase o tempo todo. Eu encontrara seus remédios e fiscalizava sua receita de Depakote

com atenção suficiente para saber que ele diminuía a dose, enquanto o Prozac já estava no fim – a menos que se encontrasse muito deprimido, o Prozac em geral o empurrava para a hipomania. Quando lhe perguntei a respeito, ouvi uma resposta malcriada. Ele se desculpou depois, mas não foi capaz de admitir que andara manipulando a medicação a ponto de, a essa altura, poder acontecer qualquer coisa. Observei meu marido, em seu short folgado e camiseta do time, golpear a luva e sorrir para mim do campo, e me espantei de estar tudo em ordem. Retribuí seu aceno mandando-lhe um beijo.

– Que gracinha – comentou Priscilla, com sarcasmo.

O apito soou, dando início ao torneio. Após um começo patético, o Heavenly Choir rapidamente reagiu. Em seguida, os primeiros três jogadores do Loopers alcançaram cada um a sua base, e então Mickey fez o primeiro *home run* do time, dando-lhe os primeiros maravilhosos pontos. Lily era a próxima, e Priss e eu gritamos e assoviamos para lhe dar apoio. Lily mirou na míope Gladys Finney, que ensinava catecismo no curso de férias. Gladys mergulhou, errou a bola, e Lily contornou a segunda base antes que a velhota conseguisse se recuperar.

A partir daí, foi ladeira abaixo para o Choir, e os Loopers venceram o jogo por 13 a 5, eliminando os clérigos da competição. Mickey se juntou a mim na arquibancada por tempo suficiente para receber elogios, enquanto eu babava de orgulho e Priss o brindava com um sorriso de aprovação. Uma mulher bonita com um rabo de cavalo grosso sentada duas fileiras abaixo lançava olhares de admiração a meu marido.

Logo depois, os Loopers jogaram contra os Brainiacs, e foi um jogo demorado e apertado. Eu estava com muito calor, começava a me sentir desconfortável e me remexia tanto que Priscilla reparou minha inquietação. Fiquei surpresa, já que ela descobrira Nathan a algumas fileiras de distância. Os dois trocavam olhares como um casal de adolescentes.

Os Loopers conseguiram uma vitória apertada e os espectadores começaram a se dirigir para os quiosques. Priss e eu esperamos por Mickey, Ron e Lily ao pé da arquibancada e Nathan se juntou a nós, dando-me um abraço.

– Você está ótima, Lucy – disse ele.

Considerando como eu me sentia, chamei-o de mentiroso.

Fiquei feliz por haver um intervalo para o almoço, porque eu já estava farta do calor e do assento duro da arquibancada e queria que Mickey me levasse até o meu carro.

– Tem certeza de que quer ir, meu amor? Vai ver você só precisa comer alguma coisa.

– Não, estou cansada. Preciso tirar um cochilo. Volto mais tarde e então podemos jantar todos juntos. Que tal?

Ele me beijou, mas não senti muita firmeza no gesto.

- Desculpe, meu amor. Não fique zangado.
- Não estou zangado, Lu. Só achei que poderíamos nos divertir um pouco hoje.
- Estamos nos divertindo. Você foi sensacional. Vou descansar um pouco e, quando voltar, festejaremos a noite toda.
- Se é o que você quer – disse ele, tomando-me nos braços. – Que tal uma carona para a minha mulherzinha cansada?
- Mickey me deixou ao lado do carro.
- Me ligue quando acordar, Lu, aí resolveremos o que fazer.
- Dei um beijo demorado em sua boca, mas alguma coisa ali parecia errada.

Voltei para casa pensando apenas em dormir. Já cheguei convencida de que um rápido descanso no sofá da sala era tudo de que eu precisava. Enquanto estive ali deitada, me vi de volta à primavera, quando Mickey prometera me levar ao Havaí para comemorar meu aniversário. Eu faria 34 anos na semana seguinte e não acreditava de verdade que a viagem fosse acontecer. Mas pensei que só entrar num avião já seria ótimo. Só ir até o aeroporto e pegar um avião. Eu sabia que Jared incentivaria com prazer Mickey a tirar essa folga. Eu podia falar com Gleason sobre as receitas e comprar o que ele quisesse para juntar à medicação de Mickey. Meu marido teria tanta condição de recuperar a estabilidade passando o dia numa praia ensolarada em Waikiki quanto em Brinley. Peguei o telefone. Por que não? Ele tinha prometido. E não parecia que teríamos outra chance.

Acordei assustada com o som da campainha. As sombras já estavam compridas na sala e levei um minuto para me orientar. Sentei, doída por ter dormido mal acomodada no sofá. Eram 17h45 e eu dormira como uma pedra.

Levantei e cambalei até a porta, meio zozona. Charlotte Barbee estava lá, com seu sorriso conhecido, aquele temperado com preocupação. Bocejei.

– Oi – falei.

– Oi, meu bem. Vi seu carro na entrada e resolvi aproveitar para deixar essas vitaminas. Elas chegaram ontem, e quero que você comece a tomá-las agora mesmo.

– Entre. Eu só estava descansando.

– Eu sei. Falei com Lily ainda há pouco. Não pretendia acordar você.

– Tudo bem. Dormi demais mesmo.

Charlotte me seguiu até a cozinha, onde lhe ofereci um suco. Ela recusou, mas eu abri uma garrafinha para mim e nos sentamos à mesa. Destampeí o frasco de

vitaminas e deixei cair uma delas na minha mão. Eram de uma marca especial, encomendadas de um herborista de São Francisco, e tinham cheiro de terra.

– São comprimidos para cavalo.

Charlotte riu.

– Tome um agora e, a partir de amanhã, um de manhã e outro à noite.

Engoli a pílula com um gole do suco de kiwi e fiz uma careta. Tinha gosto de terra.

– Então, como você vai? – perguntou Charlotte.

– Estou ótima. Quero dizer, eu me sinto bem, mas parece que nunca durmo o bastante. Fora isso... – Dei de ombros. – Estou pensando numa viagem de férias.

– Sério?

– Posso andar de avião?

– Avião?

– Quero ir ao Havaí, Charlotte. – Durante um minuto ela não disse nada, e pude ver que a ideia a preocupava. – Que mal poderia haver nisso? – insisti. – Se eu tiver algum problema, há médicos no Havaí, certo?

– Acho que sim. – Charlotte prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. – O que você está planejando, Lucy?

O que eu estava planejando?

– Não sei. Mickey prometeu que me levaria ao Havaí para comemorar meu aniversário e, embora eu jamais tenha pensado que fôssemos mesmo, ainda quero ir. Quero fazer uma surpresa para ele. É loucura?

Charlotte pousou o queixo na palma da mão.

– Não, não é loucura. E as aulas? Você mudou de ideia quanto a voltar ao trabalho?

– Não, mas fiz um acordo – falei, contando depois o meu acordo de alternar meu trabalho com Miriam Brady, que havia escolhido a primeira semana. – Por isso, acho que pode dar certo. E vai ser bom para Mickey.

Devo ter parecido esperançosa, porque Charlotte me estudou durante um bom tempo antes de finalmente dizer:

– Vou entrar na internet e descobrir alguns médicos para você. Só para garantir.

– Obrigada – falei, com um sorriso de alívio.

Férias. Apesar de ter prometido a Mickey que iria com ou sem ele, eu não planejava ir a lugar algum desde que descobrira a gravidez. Agora, porém, não conseguia imaginar nada mais deliciosamente espontâneo do que fugir com meu marido para bem longe de todos os nossos problemas.

Ainda bem que Charlotte concordou, porque eu já havia telefonado para Adam Piper, o genro de Muriel e dono da única agência de viagens de Brinley, a Piper's Planet. Eu lhe dissera o que pretendia e lhe dera o número do meu cartão de crédito. Ele me garantiu que providenciaria tudo imediatamente.

3 DE SETEMBRO DE 2001 – SEM DORMIR HÁ TRÊS TERRÍVEIS NOITES!

Uma rápida explicação: a principal característica da bipolaridade é a instabilidade de humor, que oscila entre a extrema euforia e a extrema depressão. Às vezes, porém, hipomania e depressão se unem, combinando o pior dos extremos – a pessoa esbanja energia e ao mesmo tempo fica altamente irritável. É nesse ponto que estou: hiperagitado – e é horrível! Não consigo dormir; tenso com preocupações reais e pesadelos que me assaltam mesmo acordado. E me comporto mal. Sei disso e não me importo. Não tenho nem certeza de quão pirado estou, pois as coisas não são fruto da minha imaginação. Minha mulher está doente de verdade; há mesmo um bebê a caminho e, no meio disso tudo, fico eu, desesperado para escapar.

Segundo Gleason, talvez isso seja em decorrência de uma situação real capaz de enlouquecer qualquer um, mais do que resultado da minha doença mental. Pode até ser, mas não tenho me encontrado com ele ultimamente para explorar essa tese. Às vezes Gleason me dá nos nervos e acho que ele é apenas mais um motivo de estresse do qual não preciso neste momento. Já tenho o bastante! Deixem-me em paz! Vou continuar botando para dentro meus comprimidos e todos ficarão felizes, mesmo que eu não veja diferença alguma no meu humor. Por outro lado, o humor talvez não seja a questão principal. É a dor. A dor é intratável, assim como o medo.

E a vergonha também. Se Gleason estiver certo e eu não puder culpar minha doença, isso significa que sou realmente capaz dessa crueldade.

Como não consegui encontrar Mickey, telefonei para Lily para saber o que todos pretendiam fazer, mas a ligação caiu na secretária eletrônica. Então me lembrei de que ela e Ron estavam cuidando da barraca de cachorro-quente. Liguei para Priss, mas ela me disse que não vira Mickey desde que os Loopers haviam vencido a competição.

- Ele deve estar exausto! – falei. – Três jogos num único dia.
- Ele foi ótimo, assim como nossa irmãzinha. Você está melhor, Lu?
- Estou ótima. Só precisava descansar um pouco.
- Então venha me encontrar e vamos atrás do seu marido. Ele deve estar por aqui em algum lugar.
- Provavelmente – concordei, com um pequeno arrepio subindo pelo meu

pescoço.

Passava das sete da noite e ele não havia me ligado nem atendia o celular. *Isso não era um bom sinal.*

Escovei o cabelo, vesti um casaco de moletom e fui de carro até a Foster Pier Road. Precisei estacionar a dois quarteirões de distância, por isso passava um pouco das oito quando enfim me encontrei com Priss na entrada.

– Você viu Mickey? – gritei, assim que estava perto o bastante para ser ouvida.

– Não, mas Ron o viu há cerca de uma hora. Você tentou o Partners?

– Ainda não.

Peguei o celular e liguei, enquanto Priss e eu caminhávamos. Depois de falar com algumas pessoas, consegui que me passassem para Jared, que estava trabalhando no salão do Partners para que os funcionários pudessem participar das comemorações. Ele não vira Mickey desde a última partida de beisebol.

– Você está esperando por ele esta noite? – indaguei.

– Estou, mas só mais tarde, quando a festa no pier acabar.

– Bom, então devo encontrá-lo por lá. Se você o vir, por favor, diga que estou procurando por ele, certo?

– Pode deixar, Lucy.

Guardei o telefone no bolso e admirei a cena à minha volta. Milhares de luzes brilhantes davam à festa um clima de parque de diversões. O barulho e a música comprovavam que todos se divertiam muito.

– O que você quer fazer, Lucy?

Dei o braço à minha irmã.

– Vamos só passear. Mickey tem que estar por aí.

Passamos por dezenas de barracas que vendiam tudo o que se possa imaginar: vestidos tingidos artesanalmente, doces caseiros, bijuterias, brinquedos de madeira e muitas obras de arte, todas produzidas pelos artesãos locais. Encontramos a barraca de Jan e fiquei maravilhada, como costuma acontecer com frequência, diante do que aquela mulher era capaz de fazer com tinta a óleo. Jan apertou meu braço com carinho.

– Oi, amor – cumprimentou, com uma palmadinha na minha barriga. – Você está uma graça. Como vai esse bebezinho? – Embora sua expressão e seu tom fossem animados, pude ver preocupação em seu olhar.

– O bebezinho vai bem – respondi, olhando em torno. – Quanta gente, hein?

– Acho que é um recorde – disse Jan.

– Estou procurando Mickey. Por acaso você o viu?

– Ele passou por aqui por volta das cinco, acho – respondeu Jan, olhando para o marido. – Mas depois não o vimos mais.

Beijei seu rosto.

– Bem, se ele tornar a aparecer, peça que me procure, sim?

– Peço, meu bem. E se você ficar cansada, volte e sente-se aqui comigo um pouquinho. Faça com que ela se sente, Priss.

Harry apontou um dedo para nós, concordando com a esposa, antes de se aproximar para beijar minha testa.

– Você ouviu a patroa.

Priss e eu seguimos para a barraca de cachorro-quente de Lily e Ron, mas não havíamos ido longe quando a voz estridente de Muriel Piper nos obrigou a parar. Ela gritou para nós duas lá do gramado onde suas colchas estavam expostas e se aproximou, apressada, para me envolver com aqueles bracinhos de passarinho.

– Como vai? – cantou ela. – Estávamos torcendo para que você viesse. Está passando bem?

– Muito bem.

– Priscilla! Meu Deus, você parece uma artista de cinema! – Priss ficou toda envaidecida. – Venham cá, vocês duas. Temos uma surpresinha para você, Lucy.

Muriel insistiu que eu me sentasse em sua cadeira de jardim, e foi gostoso descansar alguns minutos. Priss puxou um engradado que estava sendo usado para exibir as almofadas, mas ninguém pareceu se importar.

– Fechem os olhos agora. Não vale espiar. Nem você, Priscilla. Muito bem. Wandy, pode trazer – disse Muriel em sua voz cantante.

Ouvi cochichos e exclamações vindos dos meus amigos. Então, Wanda Murphy falou:

– Muito bem, podem abrir os olhos.

Claro que era uma colcha. Uma linda colcha cor-de-rosa de bebê.

– Nossa! – exclamou Priscilla. – Acho que é a coisa mais linda que já vi.

A colcha era um quebra-cabeça em todos os tons imagináveis de tecido rosa, pedacinhos que se juntavam para formar o retrato de uma mulher segurando a mão de uma garotinha. Um brilhante sol cor-de-rosa começava a nascer num dos cantos, e precisei concordar com a minha irmã: era lindo.

– Gostou?

– Não sei o que dizer.

– Vamos inscrevê-la no concurso estadual daqui a duas semanas. Depois é sua – disse Muriel. – Que tal?

– Amei! Amo você e amo você! – Beije Muriel e Wanda, duas das mais queridas amigas de minha mãe.

Nesse momento, Oscar Levine, usando um short cáqui e um suéter azul, entrou na barraca com uma bandeja de cachorros-quentes e uma garrafa de vinho. Priss e eu nos levantamos para ir embora, mas Oscar insistiu que ficássemos. Disse que Lily tinha nos visto e preparado dois sanduíches do jeitinho que gostávamos. Fazer o quê? Ficamos. Até Priscilla, que não costuma ser muito

sociável, se mostrou à vontade depois de tomar uns bons goles de vinho num copo de papel.

Meu celular tocou e Priscilla me lançou um olhar enquanto eu atendia.

– Alô.

– Lucy? Desculpe incomodar, é Jared.

– Oi.

Pude ouvir música ao fundo, assim como um barulho que indicava que o Partners estava a todo vapor.

– Acho que é melhor você vir até aqui. Mickey chegou. Eu o vi há alguns minutos. Ele andou bebendo, divertindo-se, e tem uma mulher que não o deixa em paz. Falei para ela se mandar, mas ela nem se mexeu. É melhor você dar um pulo aqui e talvez trazer Ron junto.

Engoli em seco, com o olhar fixo em Priscilla.

– Obrigada, Jared. Estou indo.

Desliguei. Fazia um bom tempo que eu não era chamada para pôr as rédeas no meu marido. Em geral, a presença e a censura amistosa de pessoas que o conheciam eram suficientes para mantê-lo na linha – ao menos em público.

– Temos que ir – anunciei, levantando-me.

Abracei minhas amigas queridas e lhes agradei, torcendo para que esse meu gesto as impedisse de fazer perguntas.

Quando nos vimos a uma distância segura, Priscilla me deu o braço:

– O que houve?

– Ele está na boate. Com uma mulher.

Priscilla parou e balançou a cabeça.

– Você está brincando, Lucy? Aquele idiota...

– Priss, preciso da sua ajuda, mas não preciso *disso*. – Minha irmã ergueu as mãos numa rendição zombeteira, mas seu olhar permaneceu sério. Os pelinhos do meu pescoço se arrepiaram, antecipando um comentário ferino. – Priss, esse não é o verdadeiro Mickey, e você sabe disso. Ele só está tendo uma dificuldade incrível para lidar com isso. Com tudo.

Priscilla suspirou.

– Todos estamos – falou, com uma resignação incomum.

Algumas pessoas fechavam suas barracas, encerrando o expediente. Encontramos Ron esvaziando a lata de lixo na grande caçamba que havia sido providenciada para todas as barracas. Ele sorriu para nós quando nos aproximamos.

– Ei, obrigado pela ajuda de vocês. Foi uma loucura e Lil e eu realmente agradecemos a mãozinha que vocês nos deram. – Quando viu minha expressão, porém, meu cunhado parou de brincar. – Qual é o problema, Lucy?

– Mickey. Você pode ir comigo até a Partners?

Ele não hesitou. Como sempre.

– Espere enquanto tranco tudo aqui. O que ele fez?

– Ainda não sei, mas tem uma mulher no meio.

Ron meneou a cabeça.

– Isso não é bom.

– Ele anda tão imprevisível – falei. – Não sei o que vamos encontrar.

Lily, debruçada na janela do trailer, assentia. Ela ouvira a conversa.

– Vai dar tudo certo – disse. Vamos todos até lá e cuidaremos disso juntos.

Ron levou a mim e Priscilla de carro até onde eu estacionara, na Foster Pier Road, e de lá os seguimos até a praça central. Quando chegamos ao Partners, dava para ouvir o som da banda que tocava no pátio externo. Não havia lugar para estacionar, então desliguei o motor na frente de um hidrante. Ron emparelhou comigo:

– Entre, Lucy. – Vou estacionar atrás da Fantasma e volto para encontrar vocês. – Lily parecia nervosa, mas concordou.

Priss e eu nos embrenhamos na multidão para chegar ao bar, onde Jared me viu e acenou para que eu me aproximasse. Estava conversando com Chad Withers, que me lançou um olhar preocupado.

– Vocês sabem onde ele está? – perguntei.

– Estava lá fora ainda há pouco – respondeu Chad. – Acho que andou bebendo muito, Lucy. E aquela mulher fica incentivando.

Priscilla e eu partimos para o pátio, com a música martelando minha cabeça. A pista de dança estava lotada, e quase perdi minha irmã na multidão. Passei por vários amigos, que obviamente sabiam o que eu fazia ali. Então me ocorreu que o meu constrangimento deveria ser maior do que de fato era, mas logo descartei essa ideia. Que sentido haveria nisso? Qualquer um que conhecesse Mickey e a mim *sabia* sobre nós dois. Os outros não importavam.

Como não vi nem sinal do meu marido no pátio, tornamos a voltar à pista de dança lotada. Olhei para minha irmã e senti o medo aumentar.

– Estou com um mau pressentimento, Priss.

Quando cruzávamos o pátio para voltar ao salão, Ron e Lily estavam entrando pela porta principal.

– Ele está aqui? – perguntou Lily.

– Não conseguimos encontrá-lo – respondeu Priss, olhando para Ron. – Venha comigo. Lily, fique com a Lucy. Voltamos já.

Enquanto os dois desapareciam no corredor, pensei em como era fantástica essa minha irmã e como eu era grata pela sua força. Durante a espera, Lily entrelaçou os dedos nos meus e descansei a cabeça em seu ombro.

Cory Brubaker, o dono da pousada e amigo nosso, violou todas as regras de privacidade e disse a Priss que a mulher com quem Mickey estava era uma hóspede, Hilary Wellington, registrada no quarto 216. Ela pedira um jantar elaborado para dois, que fora entregue havia cerca de vinte minutos. Por

insistência de Priscilla, Cory lhe entregou a chave do quarto.

Quando Ron e Priss voltaram ao saguão, insisti que podia dar conta do assunto sozinha, mas mesmo assim todos me acompanharam ao segundo andar. Ao chegar ao quarto, encostei, com relutância, o ouvido na porta. Talvez fosse a TV, mas, de todo jeito, o som de gemidos me atingiu como um soco no estômago. Olhei para Lily. Ela encostou o ouvido na porta e também ouviu. Fechei os olhos e bati.

Na mesma hora, uma voz de mulher gritou:

– Volte mais tarde. Ainda não terminamos.

– Terminaram sim! – sibilou Priscilla, enfiando a chave na fechadura.

Antes que eu percebesse, estávamos dentro do quarto, cara a cara com a mulher bonita da qual me lembrava vagamente do jogo pela manhã. Uma expressão alarmada surgiu em seu olhar. A mulher usava um robe de seda frouxamente amarrado e o cabelo grosso e bonito lhe caía nos ombros. Mickey estava sentado na beirada da cama, sem camisa e com o jeans desabotoado, os braços inertes pendendo ao longo do corpo. Enquanto tentava entender o que via, me esqueci de respirar. Confusão e raiva brotaram em mim, disputando entre si para ver qual das duas me dominaria.

– O que... O que é isso, Mickey?

Ele não ergueu os olhos para mim e não registrou minha presença, então o medo me dominou. Havia algo de errado com ele.

Dei um passo em sua direção, mas Mickey continuou impassível.

– O que é isso? O que está acontecendo aqui? – Encarei meu marido, que não parecia saber onde estava, e depois encarei a mulher. – O que você fez?

O olhar assustado de Hilary Wellington foi substituído por uma expressão fria de aborrecimento.

– Que ousadia! – gritou. – Saiam do meu quarto já ou chamo a polícia.

– Cale a boca, sua vadia! – cuspiu Priscilla, cobrindo o espaço entre ambas em duas longas passadas. – Cale essa boca!

Registrei o quarto e estudei meu marido seminu e de olhar vidrado. Era como se ele tivesse desabado. Achei-o simplesmente patético e fiquei furiosa por ele ser patético. Uma garrafa de vinho aberta repousava na mesa de cabeceira, e havia outra numa mesa, entre os restos de um jantarzinho íntimo. A camisa de Mickey e o sapato jaziam embolados no chão, e a cama, embora ainda feita, estava remexida. Olhei para a mulher e depois para Mickey, tentando contextualizar a situação para entendê-la. Mickey segurava frouxamente alguma coisa na mão fechada e, quando a abri, encontrei um frasco de remédio.

– Ai, Mickey – exclamei, segurando seu rosto em minhas mãos e tentando obrigá-lo a me enxergar. Mas seus olhos se reviraram e comecei a tremer.

– Ele andou comendo isso aí como se fosse bala – disse a mulher.

– E quanto *disso aí* ele tomou? – gritei, pegando a garrafa de vinho mais

próxima. Atirei-a contra a parede e ela se estilhaçou, deixando uma mancha vermelha. A mulher deu um salto. – Ele não pode beber! – berrei. – Ele tomou todos os comprimidos!

– Ei, a culpa não é minha!

– Me poupe! – rosnou Priscilla.

Eu tremia quando me virei para Mickey.

– Quantos comprimidos você tomou? – indaguei aos berros. – Mickey, o que você fez? – Tive vontade de socá-lo, de gritar com ele e arrancar sua cabeça, mas tremia tanto que não conseguia pensar.

Ron me pegou pelo pulso.

– Calma, Lucy. Vamos tirá-lo já daqui.

Assenti e me abaixei para ajudar Lily, que havia começado a vestir meu marido, sem dizer nada. Com a maior delicadeza e aparentemente alheia às circunstâncias, ela guiava com cuidado os pés de Mickey para dentro dos sapatos.

– Vamos, cara, colabore – disse Ron, quando tentamos botar Mickey de pé.

Enquanto cuidávamos dele, Priscilla gritava que a mulher era uma vadia. Mickey se esforçava para virar a cabeça na direção do barulho, mas lhe faltavam forças, e a cabeça pendia para o lado. Tive medo de que ele desmaiasse.

– Fique comigo, Mic. Fique comigo! – sussurrei com urgência.

Apesar de quase inconsciente, seus olhos estampavam tormento, e não fui capaz de captar o significado disso. Queria gritar e estapeá-lo simultaneamente. O que ele estava fazendo ali?

– Priscilla, já chega – gritou Lily da porta já aberta.

– Pegue a bolsa dela, Lily – rosnou Priscilla.

Minha irmã olhou para Priss e depois para mim ao pegar a bolsa Louis Vuitton largada na poltrona.

– Pegue a carteira – ordenou Priss.

Lily tirou a carteira da bolsa e, quando Hilary Wellington reagiu, Priscilla a agarrou pelo robe, obrigando-a a ficar onde estava. A seda escorregou pelo ombro, expondo um seio bem-feito, que a mulher lutou para cobrir, ao mesmo tempo que tentava impedir Lily de levar suas coisas.

– O que, exatamente, pretendemos com isso? – indagou Lily.

Já estávamos quase chegando à porta com Mickey quando ele tropeçou no próprio pé. Enquanto o ajudávamos a se equilibrar, reparei em como suas pupilas estavam dilatadas.

– Meu Deus, Mickey – exclamei, em pânico. – Priscilla, precisamos ir. Temos que levá-lo para o hospital.

– Esperem! – gritou Hilary. – Aonde vocês vão com a minha carteira?

Lily deu um passo em sua direção.

– Olhe o que você fez com a minha irmã. Ela está grávida!

Priscilla agitou a carteira na cara da mulher.

– Você a terá de volta depois de fazer um exame de sangue. Aids. Gonorréia. Herpes. Não fazemos ideia de quanto você é vadia, por isso será examinada pela Dra. Barbee, aqui em Brinley. O número do telefone dela está no catálogo!

– Vocês não podem fazer isso! Quem você pensa que é?

– Sou a irmã dela!

Ron e eu equilibrávamos Mickey entre nós.

– Priss, estamos saindo – falei.

Tínhamos acabado de passar pela porta quando Mickey quase nos derrubou com seu peso de chumbo. De repente, Priscilla estava ao nosso lado. Ela me puxou e se esgueirou por baixo do meu braço para assumir meu lugar. Peguei a carteira que ela encaixara sob a axila. Mais uma vez a mulher tentou recuperá-la, mas Lily chegou bem perto dela e gritou:

– Já dissemos o que você precisa fazer! Ligue para Charlotte Barbee.

Lá embaixo, Ron acomodou Mickey numa cadeira e, pegando a chave no bolso, falou:

– Vou trazer o carro até a porta.

Na mesma hora meu cunhado percebeu que Lily não estava conosco e voltou rapidamente para procurá-la, mas ela já vinha descendo a escada.

– O que houve? – perguntou Ron, aproximando-se da esposa. – Você está bem?

– Estou ótima. Ela queria me dizer uma coisa. – Lily olhou para mim. – Ela falou que os dois não transaram. Queria que você soubesse, Lu. Não aconteceu nada.

– Me poupe – gemeu Priscilla.

– Sei disso – falei, cansada. – Lily, entregue isto a Cory. Peça que ele a devolva.

– O quê? Como é que você sabe? – perguntou Lily, apalermada, pegando a carteira. Os olhares da minha família pousaram em mim.

– Acreditem ou não, Mickey jamais ultrapassaria esse limite. E para garantir que não acontecesse, ele tomou os comprimidos. Usou-os como rede de segurança.

Balancei a cabeça. Promiscuidade indiscriminada era a marca registrada de muitos bipolares, mas tive a bênção de não me casar com um desses. Não, a mulher era o menor dos meus problemas; meu marido podia morrer em consequência da própria irresponsabilidade se não corrêsemos. Olhei para Mickey, desabado na cadeira. Eu já vira essa tragédia anunciada, mas nada havia a fazer para evitá-la.

DATA DESCONHECIDA – DITADO PARA GLEASON

Eu me observei tomando os comprimidos. Um depois do outro, às vezes dois de uma vez, engolidos com vinho. Eu não deveria estar bebendo. Eu me observava de um ponto de vista perfeitamente racional. Observava, mas não podia parar o que estava fazendo. Claro que não. Eu precisava provar alguma coisa. Tinha certeza disso. Mas quanto mais comprimidos tomava, mas difícil ficava lembrar o que era. Tudo parte do plano. Que plano? O bebê. Certo. O bebê. O bebê? Tudo se dissolvendo. Lucy está doente outra vez. Pouca chance. Nada de aborto. Mais um comprimido, mais um gole de vinho. Dissolver. Que ideia maravilhosa a minha, dormir para a dor passar. Dissolver. Só isso. Mais um comprimido, mais vinho. Já estava quase acabando, achei. Quase acabando. Então, o pânico. O quê? Dissolver. Esperar. Dissolver.

Santo Deus, pensei, me ajude. O que eu...

Essa é a última coisa que me lembro de ter pensado.

Quando enfim me permitiram ver meu marido, um médico que não conhecia o auscultava. Assim que terminou, ele pendurou o estetoscópio no pescoço e se apresentou. O Dr. Harwood parecia cansado, mas tinha um sorriso gentil. Disse-me que os exames de sangue de Mickey mostravam uma abundância de benzodiazepinas e álcool e explicou que, embora o Klonopin sozinho não representasse necessariamente um risco, a combinação podia ser fatal. Assenti. Eu sabia. Só não entendia por que Mickey faria isso. Na única outra vez que tentara se matar, ele estava numa psicose severa e tão desesperadamente insano que tudo o que queria era alívio. Mas não havia sido esse o caso agora, e eu não conseguia acreditar que ele tivesse, de fato, querido morrer.

Se assim fosse, ele havia escolhido uma boa maneira para atingir seu objetivo, informou o Dr. Harwood, que me disse que a overdose de Mickey deixara seu sistema nervoso central tão anestesiado que ele parara de produzir estímulo respiratório. Mickey iria para um respirador para não sufocar. O médico, porém, esperava que ele recuperasse a capacidade de respirar assim que as toxinas fossem eliminadas do organismo. Ele o pusera no soro e providenciara um cateter para drenar as toxinas mais depressa.

Tão logo a respiração de Mickey se estabilizou, o Dr. Harwood o transferiu para a UTI. Ron, Lily e Priscilla foram embora depois disso, mas só porque não

lhes permitiram entrar na UTI. Só eu podia entrar, e prometi que não ficaria muito tempo. Duas horas depois, eu ainda não tivera coragem de partir. Minha cabeça não conseguia entender o que Mickey fizera. Uma mulher? Uma overdose? Isso jamais acontecera antes. Eu queria acordá-lo e obrigá-lo a se explicar.

Mas Mickey estava dormindo, inconsciente. Parecia tão sereno... Fora o tubo verde preso com esparadrapo em seu rosto. Infelizmente esse alívio induzido pela overdose levava a uma serenidade que ele não vinha sentindo havia muitas semanas e, contra a vontade, me enchi de ternura.

Enquanto estava ali, perdida em meus pensamentos, senti a mão de alguém pousar em meu ombro e me virei. Era Lily, ao meu lado.

– Achei que você tivesse ido para casa.

Ela passou a mão no meu cabelo.

– Eu voltei. Precisava ter certeza de que você estava bem.

– Estou ótima. Como você entrou aqui?

– Falei à enfermeira que estava preocupada com você e que vim buscá-la para levar para casa.

– Eu vou daqui a pouco.

– Por que será que não acredito? – Ela me beijou a testa e depois baixou os olhos para Mickey. Olhou para ele durante um bom tempo, balançando a cabeça.

– Ele vai ficar bem, Lu?

– Vai.

Ela se debruçou sobre a grade da cama e contemplou meu marido adormecido. Sua expressão demonstrava muita preocupação e afeto, nenhum julgamento. Carinhosamente ela apertou o pulso de Mickey.

– O que você precisa aguentar... – murmurou para mim. – Não sei como consegue, Lucy.

– Um passo de cada vez, Lil. Não existe mágica.

Acaricieei o rosto de Mickey e pensei naquele dia, muitos anos antes, quando Gleason me falou como seria a nossa vida. Não demorou para que eu entendesse o que ele quisera dizer. Cacos de vidro. Nesse momento, estávamos descalços e dançando sobre um mar de cacos de vidro. Por mais verdadeiro que isso fosse, porém, Mickey sabia que eu dançaria com ele para sempre se pudesse, mesmo que meus pés sangrassem.

– Lil, sou apaixonada por Mickey, mas estou com tanta raiva dele! Por que ele fez isso? Por que agora?

– Talvez porque ele sinta exatamente o mesmo por você.

Olhei para a minha doce e sábia irmã e não consegui conter as lágrimas.

– Vamos para casa, querida.

– Só preciso falar com o médico mais uma vez, depois vou.

Lily me encarou como se eu estivesse mentindo.

- Lucy, por favor, não fique a noite toda.
- Prometo que não vou ficar – falei, beijando seu rosto.

Por volta de três e quinze, um jovem residente com o rosto coberto de cicatrizes de acne verificou os sinais vitais de Mickey. Depois apertou um botão no respirador e avaliou a respiração dele sem o uso da máquina. Aparentemente não ficou satisfeito com o resultado, porque voltou a ligar a máquina e observou o monitor até ficar claro que Mickey voltara a receber a oxigenação adequada. O jovem médico, que não usava crachá e não fizera questão de se apresentar, falou alto:

– Sr. Chandler, o senhor está me ouvindo? Sr. Chandler. – Então olhou para mim. – Ele voltará a si.

Assenti.

– Meu marido tem transtorno bipolar.

– Eu não sabia disso, senhora – respondeu, preocupado, enquanto digitava alguma coisa no computador ao lado da cama de Mickey.

– Bom, só estou avisando porque, quando ele acordar, talvez esteja muito irritado.

– Sério? – indagou o jovem médico, erguendo os olhos de seus papéis.

– Sim. Na verdade, não sei se ele tentou se matar ontem à noite, nem por quê, mas o que quer que tenha feito, e o motivo disso, virá à tona assim que ele acordar. Meu marido vai ficar furioso consigo mesmo e provavelmente também se sentirá humilhado. Ele não lida bem com isso.

– Vamos tomar conta disso, senhora.

Aquiesci, torcendo para que ele tivesse entendido o recado.

– Ele tem estado hipomaniaco há mais de um mês. E muito irritável. Vem se automedicando. Dei uma lista de comprimidos à enfermeira lá embaixo. Só queria avisar.

– Obrigado, Sra. Chandler, vou passar essas informações adiante.

– Se precisar de alguma coisa, ligue para a unidade psiquiátrica. Ele é bastante conhecido por lá. Seu médico é Gleason Webb. Liguei para o Dr. Webb ontem, a caminho daqui, mas ele não estava e deixei um recado. Talvez você queira tentar de novo.

A essa altura, o interno pegou um pedaço de papel e anotou o telefone de Gleason. De repente, tornou-se muito atencioso e, ao sair, seu ar era de urgência. Então me curvei sobre a grade da cama e observei a respiração regular e automática de Mickey. Apesar da minha determinação, não fui capaz de odiá-lo. Senti muita pena dele por tudo que seria obrigado a encarar quando recuperasse a consciência.

Ele descobriria que seus demônios o haviam traído mais uma vez. Ficaria furioso. Eu não conseguia imaginar algo mais devastador para ele do que encarar sua imagem nua e crua depois do que aprontara. Eu sabia que ver a minha

decepção, a minha tristeza cansada das suas travessuras, apenas aumentaria seu sofrimento – e talvez o motivasse a tentar se ferir outra vez. Inclinei-me e beijei sua testa, permanecendo assim um instante.

– Amo você, meu bem. Mas não estarei aqui quando você acordar.

Parei no posto de enfermagem e avisei ao mesmo residente que eu estava indo embora.

– Se eu fosse você, ficaria de olho nele – falei. – Quando começar a voltar a si, talvez precise ser amarrado. Isso já aconteceu antes.

Uma enfermeira que cuidara de Mickey no passado ergueu os olhos do prontuário médico que estava lendo e me garantiu que cuidaria disso. Torci para que ela estivesse falando sério.

– Eu ligo daqui a algumas horas para ter notícias – falei.

– Ligue quando quiser, Sra. Chandler – disse o residente.

Eram quase quatro da manhã quando cheguei em casa e tudo estava tão silencioso que parecia que a Terra havia parado de respirar. Até as minhas passadas suaves na entrada soaram como um sacrilégio em meio àquela quietude. Sentei-me na escada da frente e fechei os olhos no silêncio absoluto. O ar tinha peso e temperatura perfeitos, e pareciam tão compatíveis com meu estado de espírito que me vi simplesmente absorvida pela noite. Suspirei o mais baixinho que pude.

O bebê dentro de mim se esticou vigorosamente. Apesar do abrigo precário que lhe oferecia, minha filha se sentia forte. Acaricieei a barriga e fiz um inventário de tudo o que era importante naquele momento: Mickey estava seguro, o bebê, ativo e eu, enfim, em casa.

Levantei-me e enfiei a mão no bolso para pegar a chave. Quando abri a porta, encontrei um envelope grande que alguém passara pela abertura de correspondência.

Olhei para ele, sabendo exatamente o que era, e deixei escapar um suspiro abafado. Peguei minhas passagens para o Havaí e, ao segurá-las, senti uma raiva irracional. Ele tinha prometido! *Vamos no seu aniversário*, dissera. *Vou me comportar. Não vou decepcionar você, Lu.* Arrastei-me escada acima com o envelope nas mãos. No quarto, caí na cama e olhei para o teto, cada vez mais agitada, marinando na minha indignação. Resolvi cumprir minha parte no acordo e comecei a fazer a mala.

No aeroporto de Los Angeles, onde pegaria a conexão, comecei a ter dúvidas quanto à minha decisão. O que eu estava fazendo ali sem Mickey? Ao embarcar, pensei seriamente em dar meia-volta e pegar o voo seguinte para Connecticut. Mas não fiz isso. Quando cheguei à minha poltrona, vi um belo paletó esporte

dobrado sobre o assento. Seu dono guardava com cuidado a maleta no compartimento de bagagem. Ao me ver, ele se desculpou de forma tão delicada que eu o teria perdoado por me assaltar. Sorrindo, tirou o paletó e eu me sentei, apertando o cinto. Rezei para que o lugar entre nós ficasse vazio. Sorri meio tensa para o homem alto e magro, com cheiro de tutti frutti.

Seu celular tocou e ele atendeu com um “oi, querida”. Escutou durante um instante e depois estalou a língua:

– Ah, então você encontrou. Ótimo. – Depois assentiu durante algum tempo. – Deixe eu falar com ele... Está bem, também amo você – falou, olhando-me, constrangido. – Scotty? Ei, garoto, você se lembra do que eu disse, certo? Você é o homem da casa esta semana. Estou contando com você. Não chateie a mamãe e não fique metendo medo de avião nas meninas. Lembre-se do nosso acordo: caso se comporte, seremos só você e eu... Também estou animado. Preciso desligar. Seja bonzinho. Eu te amo.

Depois de desligar o celular, ele me encarou com um sorriso sem graça.

– Filhos.

– Parece que você tem um monte – comentei.

– Quatro.

– Uau! – Afaguei meu barrigão. – Mal consigo me imaginar com um.

– Filhos dão trabalho em tempo integral – disse ele, sorrindo. – Só o meu garoto já é um trabalho.

Recostei-me, apreciando a companhia daquele homem.

– E o que só você e Scott vão fazer se ele se comportar?

– Voar de parapente – respondeu o homem, rindo. – Para falar a verdade, estou meio que torcendo para ele arrumar confusão para que eu possa escapar disso.

A aeromoça pediu nossa atenção e nos mostrou onde ficavam as saídas de emergência e como proceder se pousássemos no mar. Eu não estava ouvindo. Em vez disso, estava parada na porta da casa desse homem, espiando sua família. A esposa parecia encantadora – ela dissera “eu te amo” primeiro, e eu podia facilmente imaginar a casa cheia de crianças. Recostei minha cabeça no encosto e pensei em Mickey. Semicerrando os olhos, dava para imaginá-lo falando ao telefone com a filha daquele mesmo jeito, com o tom despreocupado, dizendo a ela que fosse boazinha, prometendo levar uma surpresa da viagem se ela fosse dormir na hora certa.

Mickey. Mais uma vez me perguntei o que eu estava fazendo. Nem o tinha visto desde que eu saíra do hospital, duas noites antes. Simplesmente não consegui voltar lá. Não depois de Gleason me ligar para dizer que tudo o que eu previra tinha de fato acontecido. Depois que Mickey criou um caos na UTI, foi transferido para o setor de psiquiatria, e Gleason o deixou sob observação para prevenção de suicídio. Chamou a ingestão de comprimidos e álcool de uma

tentativa consciente, embora se apressasse a acrescentar que Mickey não havia falado com ele, portanto não admitira nada. O médico me disse que eu provavelmente não gostaria de ver meu marido no atual estado de beligerância. Não discuti. Apenas arrumei minhas coisas de qualquer maneira, num impulso malcriado, sentindo-me com todo o direito de ficar indignada. Até agora.

O fato de não ter tido a força ou vontade de ver Mickey antes de viajar me pareceu impensável. O pouco que ouvi da conversa telefônica do meu vizinho de poltrona – o vislumbre que tive de sua vida – me deixou, de repente, envergonhada do meu comportamento. Mas o fato era que Mickey havia tomado uma overdose, e eu não sabia como encaixar isso no que já estava nos acontecendo. “Ele vai se estabilizar.” Eu esperava que sim, mas minha raiva era tão grande que não me sobrou paciência para ver isso acontecer. Então usei a passagem que Adam Piper me enviara e ignorei a língua ferina das minhas irmãs quando lhes telefonei do aeroporto. Agora estava sentada num avião, a 36 mil pés de altitude, sobrevoando o oceano Pacífico, chafurdando na culpa e no arrependimento.

Senti alguém cutucar meu braço.

– A senhora quer beber alguma coisa? – perguntou o homem enquanto a aeromoça olhava para mim.

– Água com muito gelo, por favor – respondi.

A comissária me deu um copo e uma garrafa de Evian e, quando ela se foi, o homem se virou para mim.

– Você está se sentindo bem?

– Acho que sim. Por quê?

– Parece meio... nervosa.

– Verdade? Não, estou ótima. Quer dizer, basicamente ótima.

O homem sorriu. Seu olhar esbanjava bondade.

– Meu nome é Thomas Worthington – falou, estendendo a mão.

– O meu é Lucy Chandler. Muito prazer.

Conversamos trivialidades durante algum tempo. Perguntei sobre o seu trabalho e fiquei satisfeita ao ouvir que ele era psicólogo de uma escola havia anos e que também tinha um consultório pequeno num lugarejo chamado Alpine, em Utah. Escrevera um livro, *Como criar filhos responsáveis em um mundo irresponsável*, e estava indo a Honolulu para ser palestrante num congresso nacional de terapeutas. Fiquei bastante impressionada, o que disse a ele, memorizando o nome do livro. Ele, por sua vez, aprovou meu emprego de professora, dizendo que admirava os educadores de todo tipo. Sorri.

– Utah, é? Você é mórmon?

– Culpado – respondeu ele com um largo sorriso. – Mas tenho uma esposa só, apesar do que você possa ter visto na TV.

– Devidamente registrado.

Thomas Worthington sorriu e me encarou.

– Então, Lucy Chandler, o que significa *basicamente ótima*?

Dei um sorriso fraco e imaginei como esta conversa soaria aos ouvidos do Sr. Thomas Worthington, com seu casamento e seus filhos perfeitos: *Bem, Sr. Worthington, meu marido tentou suicídio anteontem à noite, por isso dei no pé, porque estou grávida e à beira da morte, e ele prometeu me levar ao Havaí. Tenho certeza de que devo parecer uma idiota por tê-lo abandonado, mas você precisa entender...*

Olhei para ele, pronta para responder suas perguntas com amenidades sem sentido, mas por algum motivo comecei a chorar. Não cheguei a soluçar. Foi apenas um silencioso acúmulo de lágrimas.

Thomas Worthington não desviou o olhar. Em vez disso, me entregou o guardanapo do seu drinque e perguntou:

– Como posso ajudá-la?

Achei sua preocupação tão irresistível que as palavras começaram a jorrar indiscriminadamente da minha boca. Contei a ele sobre Mickey, mais do que já havia contado a outra pessoa, e ele me pareceu sinceramente fascinado pelo nosso relacionamento, talvez por ser terapeuta. Encarando-me de uma forma muito gentil, ele disse:

– Consegue imaginar a vida do seu marido se ele não tivesse encontrado você? Sem dúvida ele é um homem de sorte.

Levei um momento para reagir.

– Nunca pensei dessa forma – respondi, por fim. – Só em como seria insossa e previsível a *minha* vida sem *ele*.

– Aposto que sim – concordou o Sr. Worthington.

– Quando o conheci, vi logo que encontrara alguma coisa que eu nem sabia estar procurando. Ele algumas vezes tentou evitar que eu me casasse com ele. Mas acho que ambos sabíamos que pertencíamos um ao outro.

Thomas Worthington assentiu.

– Sem dúvida é um milagre quando encontramos nossa outra metade, aquela pessoa que nos completa, apesar dos espinhos.

– É verdade. E agora não consigo imaginar minha vida sem ele.

Virei-me de lado para me recompor. Por que eu estava ali? O que estava fazendo? Eu não queria ir a lugar algum sem Mickey. Nem ao Havaí, nem de volta para casa, nem aonde quer que minha alma me levasse. Eu não queria ficar sem ele. Esse pensamento fez meu coração sangrar.

Estávamos calados havia um bom tempo, quando me virei de novo para Thomas Worthington.

– Você acredita em vida após a morte? – indaguei, chocada com a pergunta tão descarada, mas de alguma forma segura de que podia fazê-la àquele homem.

Ele não hesitou.

– Com certeza.

– Sério? E como a imagina?

Ele pareceu ruminar a resposta.

– Perfeita. Indescritivelmente linda. Com todos que são importantes para nós. E com saúde perfeita – acrescentou, com ênfase.

– Seria maravilhoso, não seria?

Ele me estudou durante um instante e depois perguntou:

– Você acredita em vida após a morte, Lucy Chandler?

Pensei por um minuto.

– Quando eu era pequena, meu pai me falou da morte. Foi numa noite em que eu não conseguia dormir pensando nisso. Ele me contou três segredos que me impediriam de sentir medo. Disse que a morte não era o fim, que não doía e que, se eu não tivesse medo, receberia algum aviso sobre quando ela viria. Venho carregando essas palavras a vida todo como um talismã.

– Ele deve ter sido um pai maravilhoso.

Sorri e não tornei a falar até ter certeza de que não choraria.

– Poucos dias depois dessa conversa, ele foi morto. Era como se ele soubesse e quisesse que eu soubesse também. E tive certeza de que tudo que ele dissera era verdade.

– Que história incrível.

– É mesmo. Minha mãe morreu quando eu tinha 17 anos e aconteceu a mesma coisa. Era como se eu soubesse o segredo da morte. *Eu* tinha a resposta, a chave, para suportar o que é preciso quando alguém que amamos morre. E agora acho que acredito, porque não consigo ver o significado da vida de outro jeito. Ou talvez seja medo de *não* acreditar, já que isso me traz tanto consolo.

Ele assentiu, pensativo.

– Acho que a separação é o que nos assusta.

– Também acho.

Minha intenção era contar a Thomas Worthington sobre o câncer que se espalhava irremediavelmente pelo meu corpo. Minha intenção era explicar minha tosse irritante, mas o clima me pareceu suave demais, terno demais, para essas duras realidades. Então não contei. Foi como se não houvesse necessidade.

Quando aterrissamos em Honolulu, tive vontade de abraçá-lo, pois achei que não haveria outro jeito de demonstrar minha gratidão por sua bondade. Mas não fiz isso, apenas brinquei, dizendo que ele devia estar arrependido de ter se apresentado e ser obrigado a aguentar toda aquela conversa.

Thomas Worthington me olhou com tanta sinceridade que fiquei meio sem graça.

– Eu não perderia por nada a oportunidade de me sentar a seu lado, Lucy – falou, sorrindo. – Já vivi o bastante para me dar conta de que o acaso não existe.

Viajo o mundo todo. Não se surpreenda se um dia eu aparecer na Midlothian só para saber como você está. – Entregando-me um cartão de visitas, ele acrescentou: – Se um dia você quiser continuar essa conversa, me ligue, Lucy.

Emocionada, peguei o cartão e lhe agradei. Quando ele puxou o celular do bolso, me despedi e me dirigi ao balcão da companhia aérea para marcar meu voo de volta.

O voo mais próximo em que consegui lugar era dali a dois dias, por isso peguei o ônibus do aeroporto para o Hyatt Regency, onde eu fizera reserva, e liguei para ter notícias de Mickey. Eu só queria saber se ele estava bem, e a enfermeira da noite me disse que tinha havido uma pequena melhora, mas ele ainda continuava sob observação contra suicídio, o que, naquelas circunstâncias, significava que ele estava o mais seguro possível. Tomei um banho demorado, pedi um sanduíche de peru com pão integral e quase dormi enquanto o esperava. Quando ligaram de manhã para me acordar, eu estava sonhando com um casal da década de 1930. O homem era esguio e magro e usava uniforme. Seu rosto me lembrava alguém. A mulher era baixinha e tive a impressão de que chorava. Havia duas garotinhas, uma que engatinhava e um bebê. A bebezinha era a cara da minha mãe. Ao ser despertada, as imagens se evaporaram até que tudo que me restou foi o homem de uniforme. Tive certeza de que era o meu avô e de que não tinha sido por acaso que eu sonhara com ele.

Liguei para a recepção e reservei um tour pela cidade no final da manhã, um passeio que eu desejava ardentemente que Mickey estivesse ali para fazer comigo. Depois telefonei para o hospital. Peony me disse que Mickey começava a se acalmar – a irritabilidade estava diminuindo, o que significava que a depressão viria a reboque. Ela falou que meu marido estava em consulta com Gleason, por isso lhe pedi que avisasse a ele que eu tinha ligado. Eu telefonaria de novo. Desliguei morta de saudades.

Não sei bem o que eu esperava da minha visita a Pearl Harbor. Cresci sabendo que meu avô havia morrido a bordo do *USS West Virginia*, mas ele não passava de uma foto num álbum que nunca me despertara qualquer sentimento especial – até agora. Acomodei-me na cadeira de plástico de uma barca chamada *Adventurer V* e me peguei com a emoção à flor da pele. Logo me deixei levar pela vívida descrição daquela manhã de dezembro de 1941, quando os japoneses investiram contra nossa frota desprevenida. Fui hipnotizada, enquanto a carnificina e o caos passavam como um filme em minha mente, ainda mais atenta depois da menção ao *West Virginia*.

Pensei nele. William Dean Butler. Vinte e seis anos. O que estaria fazendo? No momento em que se deu conta do que acontecia, qual terá sido seu primeiro

pensamento? Terá se lembrado da amada esposa em casa, em Massachusetts, e das duas filhas – minha mãe e a tia Gwen? Será que a preocupação apertou o coração da minha avó enquanto ele exalava seu último suspiro? Morto aos 26 anos. Se tudo acontecia por um motivo, qual era o motivo ali?

O memorial construído sobre o *USS Arizona* era etéreo e solene. Comprei um livro que trazia a lista dos nomes de todos os 1.100 homens mortos naquele enorme navio. Cada um deles tinha uma vida, uma história, sonhos. Não fazia sentido que tudo pudesse *estar acabado*. Morte súbita, em meio a uma frase, a um suspiro, a um pensamento.

Não pude imaginar *acabar*. Não pude imaginar nunca mais segurar a mão de Mickey outra vez, jamais sentir suas mãos no meu cabelo, sua boca na minha. Não pude imaginar não tornar a rir com minhas irmãs ou passear pelo centrinho de Brinley, algo que eu era capaz de fazer de olhos fechados. E não pude imaginar não conhecer a garotinha que estava dentro de mim. Não ser capaz de secar suas lágrimas com beijos, de fazer um curativo em seu joelho, de tirar sua foto no primeiro dia de aula, no dia do seu casamento. Pensar em toda essa *vida* que seguiria adiante sem mim era um tormento.

Não é o fim. Ouvi as palavras do meu pai ecoarem.

– Não é o fim – repeti baixinho.

Isso tinha que ser verdade. Eu precisava que fosse. Sem dúvida a nossa vida tinha uma finalidade maior do que construir uma posteridade que jamais conheceríamos. Nossas vidas teriam de prosseguir de alguma outra forma – do contrário, como explicar a morte de um pai de família aos 26 anos por causa do capricho de um japonês camicase? Como explicar a morte de uma grávida de 34 anos, vítima de câncer? Mesmo ao fazer essas perguntas, senti no coração a calma e a tranquilidade do meu pai.

Esse consolo sereno foi o presente de aniversário perfeito.

9 DE SETEMBRO DE 2011

Fiz isso por ela. Eu devia ter anotado todos os detalhes para que ela soubesse, mas ficar sentado, segurar uma caneta e arrastá-la pelo papel me exigiria um esforço grande demais, talvez toda a minha força. Por isso fico aqui deitado olhando para o teto e imaginando se havia alternativa. Acho que não. Um homem só tem as próprias ferramentas, ainda que estejam quebradas. Usei as minhas. Por ela.

Liguei para Gleason do aeroporto enquanto esperava o voo de volta para casa. Ele me disse que Mickey começava a ficar estável, mas estava lutando contra isso e havia precisado de mais medicação para lidar com a depressão.

– Gleason, seja honesto comigo. Ele continua suicida?

– Ele não diz, mas está travando algum tipo de batalha que me preocupa. Vou insistir na medicação pesada até que os níveis de lítio se equilibrem.

– Entendo.

– Também acrescentei um remédio que funcionou para ele no passado.

– Você acha que ele volta aos trilhos em pouco tempo? – perguntei, por impulso.

– Sinceramente espero que sim, Lucy. Com certeza você merece isso.

Suspirei de novo.

– Meu avião pousa em Hartford por volta do meio-dia. Posso ver Mickey quando chegar?

– Não vejo por que não.

– Obrigada, Gleason. Obrigada por tudo.

– Não tem de quê. Boa viagem, Lucy. A gente se vê.

Quando meu voo enfim aterrissou em Hartford, eu estava dolorida e enjoada. Em parte isso se devia à turbulência e ao ar estagnado, mas em parte também ao fato de eu não ter parado de pensar em Mickey durante toda a viagem, dividida entre o medo e a excitação ante a expectativa de vê-lo. Medo porque não sabia o que esperar, e excitação porque a saudade, que eu já sentia havia semanas, era enorme. Tirei meu carro do estacionamento, joguei no banco de trás as camisas floridas que comprara no aeroporto e peguei a estrada.

O outono parecia ter chegado durante minha curta ausência. O frio era cortante e o céu estava nublado – Mickey diria que era *um dia mal-humorado*. Choveu o caminho todo até Brinley e cheguei ao hospital debaixo de um

temporal.

Quando me aproximei do posto de enfermagem do terceiro andar, pude ver a palavra *coitadinha* no sorriso de Peony Litman.

– Olhe, meu doce – disse ela –, nosso Mickey não está muito bem. Só quero preparar você. O Dr. Webb prescreveu uma medicação pesada para ele.

Assenti.

– Gleason me disse.

Peony me indicou o corredor com um gesto encorajador e parti para encontrar meu marido. A ala de Edgemont que combina psiquiatria e abuso de drogas consiste em dois corredores compridos, um para cada especialidade. Ambos são claramente visíveis do posto central de enfermagem, e, enquanto caminhava, pude sentir os olhos de Peony nas minhas costas. O quarto de Mickey ficava no fim do corredor da Psiquiatria e, ao passar, me vi espiando outros quartos, que tinham as portas abertas. Num deles, um homem baixo e magro andava em círculos, resmungando baixinho. Noutro, uma mulher estava sentada, toda enroscada numa cadeira, e me olhou com uma expressão infantil.

Diminuí o passo ao me aproximar do quarto de Mickey e respirei fundo. Ele não sabia da minha visita. Fazia cinco dias que eu não o via e me peguei relutando em entrar nesse território desconhecido. Quando parei, quase junto à porta, ouvi um choro suave, suplicante, de cortar o coração. Não existe no mundo choro mais triste do que o de um homem. O som vinha de uma cama encostada à parede, mas a claridade era tão pouca que não consegui ver o rosto do paciente.

Havia outra cama atrás da porta e, nesse exato momento, vi meu marido sair daquela direção e cruzar o quarto até o homem que chorava. Seus movimentos eram lentos, hesitantes, e ele estava arqueado – efeito da medicação. Estava de costas para mim e vestia seu velho roupão marrom, que eu deixara no hospital no dia seguinte à sua internação.

– John, tudo bem. Não chore, John – repetia Mickey numa voz acalentadora, ainda que áspera. Aproximando-se da cama, ele se sentou. – Ei, tudo bem, amigo. Não tenha medo. Quer um pouco de água?

Eu o vi pegar, com a mão trêmula, um copinho de isopor na mesa de cabeceira. Com gentileza, ele ergueu do travesseiro a cabeça do homem. Embora parte do líquido tenha se derramado por causa dos tremores, Mickey conseguiu pôr o canudo na boca do companheiro de quarto. Dava para ver agora que o homem estava frouxamente amarrado por um colete Posey, um artefato de pano destinado a impedir um paciente hospitalizado de se levantar da cama ou cair dela. Mickey já havia usado um desses no passado, para que não saísse perambulando pelos corredores quando estava psicótico.

Observei meu marido bonito, que em nada parecia o sujeito confiante e engraçado que lhe pagavam para ser. Ele foi meigo, bondoso e tranquilo e,

naquele momento, era o salvador daquele homem.

Verdade que sua mente era comprometida por um DNA defeituoso, sem falar nas drogas para neutralizar esse código genético. Seus pensamentos nem sempre eram confiáveis, e sua conduta muitas vezes resultava de conjeturas e informações mal processadas. Apesar disso, ali estava ele, um homem com um grande coração e enorme compaixão ajudando a aplacar o medo de um paciente.

Eu o observei pousar o copinho na mesa e pegar a mão suplicante do homem, que tremia.

– Tudo bem, John. Você não está sozinho, meu amigo.

– Não me deixe – implorou o outro, solene, num apelo desesperado e de partir o coração.

– Aonde você acha que eu vou, John? Sair para dançar? Vou ficar bem aqui.

Mickey se sentou com o amigo amedrontado durante vários e longos minutos. Fitava a parede com o olhar desfocado, perdido nos próprios pensamentos, enquanto afagava, alheio, a mão do outro. Passado um tempo, Mickey se levantou e puxou o cobertor até o queixo do colega, agora mais calmo. Quando terminou, virou-se devagar.

Ao me ver, ele ficou surpreso, como se eu estivesse fora de contexto. Fiquei onde estava, sem saber se ele me queria ali, mas então seus olhos tentaram sorrir e ele falou:

– Oi, meu amor.

– Oi.

Ele estendeu os braços e eu caminhei lentamente para me aninhar entre eles e me abrigar no único lugar que para mim era o lar. Ainda assim suspirei, ao me lembrar da mulher no hotel.

– Tive medo de que você não voltasse, Lu – sussurrou ele.

Fiquei na ponta dos pés e olhei para meu marido. Seus olhos estavam tristes e ele parecia mais velho do que cinco dias antes.

– Me beije, Mickey. Depois me conte o que aconteceu.

Ele pegou meu rosto em suas grandes mãos trêmulas e me beijou com intensidade. Quando enfim se afastou, pegou minha mão e me guiou até a cama, onde nos sentamos. Suas mãos tremiam e as envolvi nas minhas.

– Por que esses tremores?

– Gleason estava preocupado e por isso me mandou tomar um velho antipsicótico durante alguns dias.

– Você está psicótico?

– Não sei. Já estive, acho. Pensei que fosse um pesadelo.

Eu não sabia o que dizer, por isso olhei em torno, evitando seus olhos. Meu olhar pousou sobre um bordado emoldurado, um lindo trabalho, em cores pastel. Peguei-o nas mãos. A legenda dizia: CRISTINA, A MARAVILHOSA. Era muito

antigo.

– Muriel e Oscar trouxeram para mim. Ao que apreço, ela é a padroeira da insanidade. Eles a encontraram numa loja de antiguidades em Greenwich e concluíram que tinha que ser meu – disse Mickey, esforçando-se para dar um risinho. – É legal. Eu nem sabia que existia uma padroeira da insanidade.

– Nem eu. É meio assustador. – Botei o quadrinho na mesa de cabeceira, ao lado de um cartão e uma plantinha.

– Isso foi presente de Treig e Diana. Eles vieram ontem.

Olhei para Mickey.

– Você é bastante popular.

– Eles são apenas vizinhos muito legais.

– Senti saudades de você.

– Não cumpri a minha promessa – disse ele. – Perdi seu aniversário.

– Eu sei.

Durante um bom tempo ficamos calados. Então, Mickey sussurrou:

– Eu te amo, Lucy. Você sabe disso, não sabe?

– Acho que sim, mas não sei o que você está fazendo.

– Eu sei. Desculpe, agi como um louco.

– Agiu?

– Bom, talvez não seja essa a palavra. É só que isso é diferente.

– Como assim?

– Não acho que estou tão mal quanto todo mundo pensa.

– Não sei se acredito nisso.

Mickey olhou para o chão.

– O que você quis dizer? – perguntei.

Ele balançou a cabeça sem olhar para mim.

– O que foi?

– Gleason é um ótimo médico, mas nem sempre sabe a diferença entre a minha insanidade e o meu sofrimento por ser insano.

– O que isso significa? Não entendi.

Os olhos tristes e vazios de Mickey encontraram os meus.

– Estou morrendo de medo de perder você... Eu simplesmente não sei como enfrentar tudo isso sem você. E neste momento *isso* está sendo interpretado como loucura. – Ele me lançou um olhar duro. – Eu gostaria de ser mais forte ou mais competente para lidar com isso tudo – falou, beijando as palmas das minhas mãos. – Mas não sou. Gleason pode me fazer engolir comprimidos o dia todo, mas isso não muda nada. Não vai mudar o que está acontecendo com você. Com a gente.

Eu não soube o que dizer, e suponho que Mickey tenha sido capaz de ler isso em meu rosto, porque ergueu meu queixo com a mão:

– Fale comigo, Lu.

- Não sei o que dizer.
- Diga que entende.
- Não entendo. Você esteve com outra mulher.
- Não. Não estive. Não do jeito que importa. E você sabe disso.
- Você tomou todos os seus comprimidos. Tentou se matar.

Mickey não falou nada.

- Não foi? Foi isso que aconteceu, não foi?
- Não sei. É difícil de explicar. Talvez. Tenho certeza de que essa é a razão para tantos remédios e a terapia extra.

– Como assim?

– Lucy, eu não sei.

– Mickey, eu sei que o que está acontecendo conosco é difícil e injusto, mas temos que lidar com isso. Precisamos enfrentar, porque alguma coisa mais importante está em jogo. Será que *você* não entende? – A penumbra escurecia seu rosto e torci para que fosse assim também com o meu, porque não quis que ele visse a minha decepção. – Estou confusa quanto àquela noite, e preciso de uma resposta direta. Você realmente tentou se matar?

– Tentei – respondeu Mickey. – Sei que a hora era ruim, mas minha intenção foi essa. Não consegui evitar, não tive forças.

Eu o encarei. De repente alguma coisa nessa resposta rápida demais não soou verdadeira. Foi muito fácil, ensaiado. Enquanto pensava nisso, me dei conta de que não eram apenas as palavras. Como fui idiota! Eu nunca sentira a Morte sequer rondar Mickey. Se o amor da minha vida pretendesse morrer, eu não duvidava de que teria sabido! Ele tomara uma overdose, mas *ela* não me mandou uma premonição, um aviso. Do contrário, eu jamais teria ido para o Havaí.

Libertei minhas mãos das de Mickey e as cruzei no colo, mas não desviei meu olhar do dele. Estudei seu rosto tenso, cansado e incrivelmente atormentado.

– Tem algo errado. Você está mentindo para mim.

– Como assim?

– Você está mentindo para mim, Mickey, e quero saber por quê. Não sei o que você andou fazendo naquela noite, mas não acho que tenha tentado se matar. Que tipo de jogo é esse?

Mickey soltou um suspiro desanimado.

– Você pode acreditar em mim ou não, Lucy. Mas foi o que aconteceu.

– Não foi, não. E quanto ao bebê?

Um soluço brotou na garganta de Mickey, impossibilitando-o de falar por um instante. Seus ombros estremeceram e pude ver seu desespero.

– Eu amo essa menina – disse ele, com voz áspera. – E a odeio. Mas sem você... – Ele enterrou a cabeça nas mãos. – Será que você não entende? Não faz diferença! Não posso fazer isso!

– Mickey, você não tem escolha.

– Pare, Lucy! Você não me ouviu. Eu tenho escolha, sim. Eu a usei naquela noite.

Fiquei de pé. Mickey estava abatido e desanimado e eu nunca o vira tão atormentado. Deixei que suas palavras ecoassem em minha cabeça e, quando isso aconteceu, perdi o fôlego. Que estupidez a minha! Agora que eu prestava atenção de verdade, pude ver tudo estampado em seu rosto. Como não tinha visto antes?

Um homem racional se escondia num canto da insanidade de Mickey. Sua função exclusiva era manter Mickey na direção certa, mesmo quando a loucura o puxava. Nem sempre ele vencia, mas esse homem – essa voz – era a última coisa que Mickey abandonava quando caía, e a primeira que ele tentava alcançar ao voltar. Mickey o escutava. Estreitei os olhos e me concentrei em seguir a trilha de migalhas de pão.

Alguma coisa nessa recaída parecia diferente. Jamais houvera uma mulher antes, o que deveria ter me chamado logo a atenção. E aquela ali, na frente de todos? Onde os dois pudessem ser facilmente encontrados? Por quê? Aos poucos as peças se encaixaram, e quase engasguei ao entender.

– Lucy?

Balancei a cabeça, enquanto o quebra-cabeça tomava forma. As ações de Mickey com a mulher naquela noite haviam sido propositalis, até mesmo calculadas. Mas suicidas? Como todo mundo, eu aceitara o que vira porque parecia uma tentativa legítima de pôr fim à própria vida. Meu marido desempenhara exatamente o papel que lhe pertencia – o do doente bipolar sofrido e amedrontado. Montara a cena perfeita para demonstrar sua total falta de juízo. Lançara mão da atriz perfeita para realçar seu desempenho. E tudo isso ele fizera para se livrar de uma responsabilidade que não era capaz de avaliar.

– Lucy?

– Não diga nada, Mickey.

Como fui idiota! De tão focada em meu próprio declínio, fiquei absolutamente cega ao tamanho do desespero do meu marido. Eu vi o desespero, mas o subestimei por completo. Mickey deu seu recado por meio de uma overdose.

– Preciso ir, Mickey.

– O quê? Aonde você vai?

– Vou me afastar do que você fez.

Ele pareceu ainda mais desanimado e se apoiou contra a parede.

– Você fingiu tudo – acusei. – Você se envolveu com ela para poder tomar uma overdose, para quase morrer, mas não morrer de fato. Tudo isso para mostrar ao mundo que não pode dar conta de um bebê. Tem a ver com o bebê, não? Você fez esse teatro por causa dela?

Ele me olhou e não negou o que eu dissera.

– Você quebrou a sua promessa!

– Que promessa?

– *Mickey jamais vai fingir que perdeu o controle!*

Choque e humilhação encheram seus olhos.

– Negue, Michael.

– Eu precisei!

– Precistou? Cresça, Mickey! Você tem 43 anos! – quase gritei, contendo-me a tempo. O outro paciente não se mexeu, mas mesmo assim baixei meu tom. – Não posso fazer nada com relação ao que está acontecendo comigo. Estou *doente*. Mas você... Temos uma filha a caminho e isso, *isso*, é o melhor que você pode fazer? Encenar uma tragédia? Você não merece essa filha. E com certeza *eu* mereço mais que isso.

Virei-me para sair, mas ele segurou minha mão.

– Eu vou estragar tudo! Será que você não entende? Ela merece coisa melhor. Ela precisa de mais do que eu posso dar. Sei como é ser filho de alguém perturbado. Não farei isso com ela! Nós, *nós*, poderíamos dar tudo a ela, mas, sozinho, eu não consigo.

Suas palavras me atingiram como um tiro, e lutei para não chorar. Com voz trêmula, falei:

– Você não é a sua mãe! E, se até hoje não sabe disso, então você *é* louco! – Enxuguei as lágrimas, furiosa. – Eu escolhi você, Mickey. Escolhi *você* porque acreditei em *você*, e nunca me arrependi. Jamais! Sua filha precisa de você!

Mickey puxou minha mão.

– Por favor, me escute! Não sou diferente de você, Lucy. Você está sacrificando sua vida por ela, e eu estou fazendo a mesma coisa.

Encarei-o atônita.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, para ficar aqui, para segurá-la, criá-la, beijar seu rosto e me encantar com ela a cada dia da minha vida. Você preferiu manipular todos à sua volta para abandoná-la. Não me ofenda. *Não* somos iguais.

Durante algum tempo encarei Mickey com um olhar penetrante, antes de soltar a mão dele e sair do quarto.

A última coisa que ouvi ao atravessar o corredor foi Mickey me chamando, mas não me virei. Não parei quando Peony me perguntou como tinha sido a visita. Continuei a andar e já estava quase no carro quando desmoronei sob o peso de tudo aquilo. Devo ter chorado litros de lágrimas antes de concluir que só me restava um lugar para ir. Gleason. A bateria do meu celular acabara, mas resolvi arriscar mesmo assim, dirigindo até Deep River e torcendo para encontrá-lo ainda no consultório. Ele já estava no carro, de saída. Pisei no freio e

meti a mão na buzina, provavelmente lhe dando um baita susto, mas consegui fazer com que parasse. Continuava chovendo forte e a curta corrida até o carro de Gleason me deixou ensopada.

– Lucy! O que você está fazendo aqui? – gritou ele pela janela aberta do carona.

– Preciso falar com você.

– Entre, então. Entre. O que houve?

– Ele fingiu tudo! – rosnei. – Mickey fingiu o surto para não ter que...

– Calma, Lucy – pediu Gleason, tirando o paletó e envolvendo meus ombros com ele. – Comece do início.

Eu lhe contei tudo o que Mickey dissera. Falei da nossa briga e de como ele havia se fingido de louco porque achava que não podia viver sem mim. Contei que gritei com ele e que, quando Mickey sugeriu que éramos iguais, virei as costas e fui embora. Gleason não me interrompeu uma vez sequer. Ouvia e assentia, entristecido diante de tudo que eu dizia. Assim que parei de falar, ele deu alguns tapinhas condescendentes na minha mão.

– Está se sentindo melhor agora?

Sua roupa estava amassada, e o cabelo ralo, grudado à testa molhada. Sua expressão traduzia a preocupação de um pai.

– Eu não devia ter ido visitá-lo – falei, esfregando a testa. – Foi horrível! Mickey já agiu de forma egoísta antes, mas nunca foi *tão* egoísta assim.

– Ele tem medo de perder você. Isso já quase aconteceu uma vez e ele está apavorado.

– A questão não sou eu, é o bebê.

– Lucy, a única coisa que ele consegue enxergar é que está perdendo você por causa do bebê. A filha é uma ideia, mas não é real. Com certeza não é tão real para ele quanto é para você. A ameaça de perder você é mais forte que todo o resto.

– E daí? Isso lhe dá permissão para fazer essa... *encenação*?

– Você acha que ele conseguiu alguma coisa, Lucy? Não. Não vamos nos esquecer de que o show de manipulação quase parou o coração dele. Isso é ir um pouco longe demais para provar um argumento, não acha? Ele é doente, Lucy. Não importa o que tenha feito, por mais racional que pareça, foi influenciado pela doença. Acho que você se esqueceu disso.

Suspirei e escondi o rosto nas mãos.

– Não esqueci. Só que nunca vi esse lado dele antes. – Esfreguei as têmporas, enquanto a raiva se dissipava. Finalmente ergui os olhos. – Gleason, você acha que ele é doente demais? Acha que é tão perturbado a ponto de não poder ser pai?

– Perturbado demais? Não. Pelo menos na minha opinião. Mas se está convencido de que é perturbado demais? Isso é possível. E esse parece ser o

maior problema agora. – Gleason se virou mais para me encarar, tarefa não muito fácil no carro pequeno. – Ele demonstrou uma tese racional de uma forma irracional.

– E o que eu faço?

– Supere, Lucy. Como sempre. Mickey montou um circo para dizer que deseja para a filha mais do que ele tem a oferecer. E não sabe que é capaz de dar isso a ela.

– Então ele é capaz? Não estou louca?

Gleason refletiu a respeito.

– Acho que Mickey é capaz de ser capaz. Só que é mais complicado do que isso. Neste exato momento, a doença, o medo e a raiva dele, somados ao fato de você estar doente, se traduzem em pensamentos irracionais que levam a esse comportamento.

Dei um suspiro trêmulo.

– Acho que esqueci que é assim que funciona.

Gleason sorriu sombriamente.

– Nada pode ser mais irracional do que arriscar a vida para provar um ponto de vista. Coragem, Lucy. Mickey ainda está lá em algum lugar, no olho do furacão. Só precisamos deixar passar a loucura e depois ver o que restou.

Durante um bom tempo, olhei para o céu cor de chumbo e para a chuva que açoitava o para-brisa.

– Fui tão cruel com ele – falei, baixinho.

Gleason apertou minha mão.

– Ele provavelmente mereceu. Mas volte lá e conserte isso, Lucy. O tempo de vocês é precioso demais para ser desperdiçado com mágoas.

Assenti, com novas lágrimas brotando em meus olhos.

Gleason puxou minha mão.

– Se servir de consolo, Lucy, acho que Mickey dará conta do recado. Não se trata de uma opinião profissional, mas é o que torço para que aconteça.

Olhei para a única pessoa do planeta que conhecia meu marido melhor que eu.

– Diga a verdade, Gleason: você acha que vou ver isso acontecer? Ou Mickey terá que me perder primeiro?

Gleason Webb franziu a testa durante um tempo longo e angustiante, depois tornou a apertar minha mão.

– Acho que ele terá que perder você, Lucy. Ele não saberá o que pode fazer sem você até que isso aconteça.

Desmoronei, e Gleason, que Deus o proteja, não interveio. Não pronunciou frases feitas, apenas permaneceu com a mão pousada paternalmente no meu ombro enquanto eu externava toda a minha emoção.

Depois disso, dirigi sem destino durante um bom tempo, sentindo uma dor

terrível no peito. O que eu estava fazendo? O que tinha feito ao meu marido? Ele poderia ter morrido por minha causa! *Faça o aborto!*, gritei – minha voz ecoando estridente dentro do carro. *Faça e pronto! Você está matando o Mickey!* Perdi o fôlego. *Não! Não!* Comecei a hiperventilar e precisei parar no acostamento e baixar o vidro, sentir a chuva. Descansei a cabeça sobre o volante. Um aborto não me ajudaria, mas isso não fazia diferença; eu não poderia fazer isso mesmo que fosse a solução. A mensageira havia sido real, bem como a mensagem – abortar minha filha não salvaria minha vida. Voltei a ter a mesma certeza de antes: eu não sobreviveria a isso. Mas a pergunta mais difícil continuava sem resposta – *quando?*

Voltei ao hospital e fui até o quarto de Mickey, que estava sentado na cama com uma expressão doida. Ele se levantou e deu um passo hesitante na minha direção.

– Desculpe, meu amor – falou, com os olhos marejados.

Balancei a cabeça.

– Tornei a situação impossível para você.

– É impossível para nós dois.

Eu me aproximei e enlacei sua cintura.

– Mickey, já que o futuro é um terreno tão desconhecido – sussurrei –, será que não podemos esquecê-lo por enquanto? Será que não podemos deixar nossa filha crescer aqui dentro e nos amarmos um dia de cada vez?

Mickey beijou minha testa, sem dizer nada. Apenas me abraçou o mais apertado possível, com o bebê entre nós.

Fui para casa na chuva, desejando que Mickey pudesse estar voltando comigo. Eu só queria me sentar no sofá com ele e ficar de mãos dadas, repousando a cabeça em seu ombro. Talvez dentro de mais alguns dias. Suspirei ao entrar na minha rua e passar sob o túnel rendado de árvores muito antigas, cujos ramos se encontravam no alto. Dali a quatro ou cinco semanas, a rua estaria acarpetada de folhas cor de topázio, de rubi e de pergaminho. Então, pouco antes do Halloween, talvez depois, Harry, Mickey, Drew Murphy e Treig Dunleavy despejariam as folhas no jardim de Treig, junto à caçamba. As crianças atravancariam o caminho, como sempre, brincando mais que ajudando. Depois de ouvirem os pais gritarem pela última vez para saírem de cima das folhas, Treig acenderia um fósforo com cerimônia. Enquanto as chamas rugissem, nos sentaríamos com tigelas de *chili*, pães quentes e uma garrafa de sidra para contemplar a fogueira. Desde menina, eu amava esse ritual. Adorava sentir o cheiro de fumaça na roupa muito depois de estarmos todos em casa.

Com certeza Mickey estaria melhor dentro de quatro ou cinco semanas.

Vestiria uma roupa quente, de flanela, e usaria aquelas luvas engraçadas, com os dedos de fora. Eu daria risada quando ele atirasse as crianças em cima do monte de folhas. Em poucos anos, nossa filha faria parte da brincadeira, toda agasalhada, rindo muito, com o olhar excitado e as bochechas coradas. Eu podia vê-la com o pai tão claramente quanto via minha casa agora.

Quando passei pelo portão e entrei com o carro, um raio cortou o céu e dei uma corrida meio desanimada até a varanda, aonde cheguei já totalmente ensopada. Enquanto remexia na bolsa em busca da chave, minha irmã parou na entrada de automóveis, acenando, ensandecida. Saltou do carro correndo e atravessou o gramado sob o temporal, de cabeça baixa, a bolsa de couro se agitando atrás dela como se fosse uma asa.

– Lucy! – gritou Lily. – Você está em casa! – exclamou me abraçando. – Que bom que voltou. Está se sentindo bem?

Ela recuou um passo e me avaliou. Depois me tomou de novo em seus braços. Os trovões ribombavam lá em cima e, um segundo depois, mais um raio riscou o céu.

– Vamos entrar – gritei, para me fazer ouvir acima da tempestade. – Vou fazer um chá.

Alguns minutos depois, a tempestade varria tudo e nós duas tomávamos chá diante da janela da cozinha.

– E então, Lu, como foi? Que tal o Havai? – perguntou Lily, apoiando os cotovelos na mesa.

– Lindo. Não teve graça sem Mickey, mas é um lugar lindo. Dormi como uma pedra e cheguei a visitar Pearl Harbor.

Lily sorriu com tristeza.

– Chocante, não?

– Muito.

Estendendo o braço, ela pegou minha mão.

– Como você está se sentindo... De verdade?

– Foi um longo dia, mas estou bem.

Lily procurou nos meus olhos um sinal de que eu estivesse mentindo, mas depois desistiu.

– Você já esteve com Mickey?

– Fui direto para o hospital.

– O que achou?

Dei de ombros, sem querer voltar ao assunto.

– Ele está melhor do que na última vez que o vi.

– É, suponho que sim – concordou Lily, balançando a cabeça. – Você é boa demais. Será que ele sabe a sorte que tem?

– Ah, sabe. Falamos disso o tempo todo.

– Bem, eu passei a semana toda dizendo isso a ele. Jan também.

– Obrigada por ficarem de olho nele. Foi muito carinhoso da parte de vocês.

Lily cutucou meu queixo.

– Ele é meu irmão, não é? Claro que ficamos de olho nele. Ron vai lá todo dia de manhã para botá-lo no chuveiro, e voltamos juntos à tarde depois do trabalho.

Fiquei pasma.

– Você achou o quê? – disse Lily, incrédula. – Que íamos abandoná-lo no hospital enquanto você viajava?

– Não sei o que achei. Nunca deixei Mickey sozinho antes. Vocês são incríveis – falei, emocionada de verdade. Pensei na padroeira esquisita, porém bem intencionada, de Muriel e no cartão dos Dunleavys na mesinha de cabeceira. – Simplesmente incríveis.

– Você sabia que Priss foi visitar Mickey ontem à noite?

– O quê? – exclamei, boquiaberta. – Sério?

– Encontrei com Lain Withers pelo Mosley's. Ela disse que foi deixar uns biscoitos para Mickey e Priscilla estava lá, por isso Lainy não demorou.

Meus olhos começaram a arder.

– Você esteve com ela, Lil? Ela telefonou para você?

– Não. Deve ter vindo e voltado. Talvez para encontrar o Nathan.

– Mickey não disse uma palavra a respeito.

Levantei para ligar o aquecimento. Antes que me sentasse de novo, Lily pôs ambas as mãos na minha barriga e se inclinou para beijá-la.

– Como vai a princesinha? – perguntou, falando sério.

– Para ser sincera, meio espaçosa – respondi, estalando a língua. – Como chuta!

Lily sorriu para mim com uma expressão de enorme ternura.

Sentei-me e, durante um instante, nós duas apenas contemplamos a chuva. O aquecimento rangeu pela primeira vez em muitos meses e o cheiro de uma nova estação encheu a minha casa. Eu sabia que não passava de poeira, mas esse cheiro sempre significou o fim do verão – e o começo das aulas. Como se lesse meus pensamentos, Lily disse:

– Você não vai mesmo voltar ao trabalho, vai?

– Na segunda-feira de manhã.

Sua expressão ficou carregada.

– Tem certeza disso? Não seria melhor você descansar?

– Não.

– Mas, Lucy...

– Mas nada, Lil. Não posso ficar sentada à toa esperando.

Quando a tristeza se insinuou no olhar de Lily, estendi o braço e ela me deu a mão. Ficamos um bom tempo caladas, apenas observando a água bater na janela. Então Lily se virou para mim e sorriu, mesmo preocupada.

– Não sei se algum dia lhe agradeço por cuidar da mamãe. Você sabe, quando

ela ficou doente.

– O quê?

– Você cuidou tão bem dela. Fez tudo, Lucy. Eu estava na faculdade, Priss tinha acabado de aceitar o emprego em Boston. Você assumiu tudo. E eu nunca lhe agradei.

Balancei a cabeça.

– Tenho pensado bastante na mamãe ultimamente. Algum dia eu disse a você que uma das últimas coisas que ela me contou, na noite em que morreu, foi que não havia nada a temer?

– Ah, Lucy.

– Ainda posso ouvir as palavras dela na minha cabeça.

Os olhos de Lily se encheram de lágrimas.

– Jamais vou me esquecer de quando você me ligou, Lucy. Ainda posso ouvir a sua voz, calma e firme, controlada. Você tinha 17 anos e disse: “Lil, meu amor, tenho uma notícia ruim.” Você me chamou de meu amor. E aí me contou que ela havia morrido e que você ia me buscar. Você foi a forte. Você sempre foi a forte.

– Não é verdade, Lil.

– É, sim. Nunca houve nada com que você não soubesse lidar. Jamais vi você vacilar. Nem quando éramos pequenas e o papai foi baleado, nem quando a mamãe morreu, nem nas centenas de vezes em que Mickey foi o Mickey. Nem mesmo quando você adoeceu.

– Você sabe que isso não é verdade, Lily.

– É, sim. Não estou dizendo que você nunca ficou frustrada ou com medo. Ou que jamais quis arrancar os cabelos. Só que nunca se deixou abater. Você não pode ser vencida, Lucy. Simplesmente não pode – sussurrou Lily.

Observei minha irmã luminosa, de olhos verdes e cheia de esperança. Eu a vi reunir as próprias ideias, tentando se convencer de que a minha força derrotaria o mal que me devastava. Afaguei sua mão e seu olhar tornou a pousar em meu rosto.

– Espero que você tenha razão – murmurei.

Ela pigarreou e sua expressão desconsolada se transformou numa máscara de serenidade. Largando a minha mão, puxou um guardanapo do suporte sobre a mesa e assoou o nariz. Então o momento passou.

– Na verdade, estou animada para voltar ao trabalho – falei, com sinceridade.
– Quero viver da maneira mais normal possível durante o máximo de tempo que puder. E, antes que a gente se dê conta, o bebê estará aqui.

– Então, você vai poder começar a quimio...

Assenti.

– A ideia é essa, Lil.

21 DE SETEMBRO DE 2011

Gleason diz que me estabilizei, mas não me sinto estável – sinto-me no cabresto. O remédio novo impede que meu medo se transforme em pânico e me ajuda a pensar com clareza. Meus impulsos são aprisionados num pequeno frasco e acabam por morrer, o que suponho que seja uma coisa boa. Não tenho certeza se está funcionando tão bem. Não quando às vezes acho que posso ver o câncer da minha esposa, quase como se fosse outra mulher vivendo bem ali, sob a pele de Lucy. Eu a vejo dominar Lucy até ela não poder mais aguentar a dor. E odeio a mim mesmo por não poder fazer nada além de assistir. Lucy não tem escolha senão ceder e suportar até que essa bruxa tenebrosa afrouxe as rédeas. Então, tenta sorrir e finge que não é tão ruim quanto parece.

Perguntei a Charlotte o que significam esses episódios. Ela me disse que o câncer está crescendo. Assinto e tomo mais um comprimido.

Voltei ao trabalho conforme havia prometido. Na segunda semana de setembro, me preparei e atravessei os portões abençoadamente normais da Midlothian High School. Nenhum outro lugar oferece um ambiente mais cheio de autocentrismo indisfarçado quanto os corredores de uma escola de ensino médio. Por isso, fui capaz de andar com minha aflição livremente por ali e passar quase despercebida.

Claro que Miriam Brady informara aos nossos alunos sobre a minha situação, mas ao que parecia a notícia provocou neles apenas um soluço momentâneo, logo esquecido, ou ao menos felizmente não registrado. Eu não tinha nada a perder. Voltar à sala de aula nutriu minha alma e fortaleceu a minha disposição de fingir não estar doente.

Mickey voltou a pé de Edgemont alguns dias depois, e começamos de novo, como sempre fizemos após suas altas. No início, fomos cuidadosos um com o outro. Mickey estava calado, mas terno. E como ambos havíamos voltado ao trabalho, entramos numa rotina que, vista de fora, devia se parecer bastante com a de um casal normal que se prepara para a chegada de um bebê. Durante várias semanas nos saímos muito bem.

Numa noite do fim de outubro, porém, acordei em pânico. Não conseguia respirar. Parecia que alguém tinha coberto meu rosto com a mão suada. Não havia ar. Esse ataque paralisante surgiu do nada e, sem fôlego, dei um tapa em

Mickey para acordá-lo – para me salvar – e tirar aquele peso do meu peito.

Ele se sentou na cama de um salto, no escuro, e acendeu o abajur a seu lado. Quando me viu tentando em vão tomar fôlego, me pegou pelos ombros e começou a me sacudir com tanta força que meu pescoço estalou. Gritava com Deus, acho, e tive a sensação de estar evaporando. Porém, Mickey deve ter tirado alguma coisa de lugar ao me sacudir, porque de repente uma pequena avenida para os meus pulmões se abriu, estreita como um canudo, mas ampla o suficiente para me deixar inspirar. Passados alguns instantes torturantes, consegui voltar a respirar. Mas restou uma dor terrível em meu peito, como a de uma ferida aberta, e eu não conseguia parar de tremer.

Era assim? Estaria acontecendo? Tive tanto medo que deixei Mickey me engolir em seu abraço, e enrosquei meus braços em volta dele com a maior força que pude. Eu vinha fingindo havia dias – mesmo em casa – que estava melhor do que de fato me sentia, e o resultado foi este: às duas e meia da manhã, empapada de suor frio, o coração aos pulos, certa de que estava morrendo.

Mesmo nesse estado, uma parte de mim tentava bolar uma forma de amenizar esse episódio perturbador para o meu marido. Mas não consegui. Vi-me incapaz de qualquer outra coisa senão me agarrar firmemente à camiseta de Mickey e tremer de encontro a seu corpo forte. Ele me apertou em seus braços e não senti nesse abraço o desespero letal a que já me habituara. Ele me embalou como se eu fosse uma criancinha, o tempo todo murmurando palavras tranquilizadoras.

– Vai passar. Respire, Lu, respire.

Não ouvi a histeria permear sua voz. Ele sabia exatamente o que fazer e o que dizer. E, no auge do pânico, senti um bem-estar incrível ao me entregar à sensação de sua mão acariciando minhas costas. Quando comecei a relaxar e a confiar na minha capacidade de respirar, soltei um pouco a camiseta de Mickey e ergui os olhos para encará-lo. Ele beijou minha testa e então vi o brilho de lágrimas em seus olhos, o terror que em nenhum momento transpareceu em sua voz. Passei uma mão trêmula pelo seu queixo.

– Não seria bom ligar para Charlotte? – sussurrou Mickey.

– Não, eu estou bem – insisti, sabendo que ela me mandaria para o hospital.

– Posso pegar alguma coisa para você? Um copo d'água?

Antes mesmo que eu respondesse, ele já se levantara da cama. Desceu para buscar gelo e também trouxe um tubinho de balas que pegou na minha bolsa.

– Talvez isto ajude – falou, abrindo a embalagem.

– Obrigada, amor. – Minha voz estava rouca.

– Lu, talvez devêssemos ligar para o Dr. Gladstone.

Senti meu rosto se anuviar.

– Será que você pode apenas voltar para a cama e me abraçar um pouquinho?

Ele ruminou algum tempo meu pedido e então disse:

– Acho que sim. Mas se acontecer de novo, vou ligar para a emergência.

– Estou bem agora – garanti, exausta. – Só quero me deitar.

Depois de alguns minutos me observando, Mickey se convenceu de que eu estava bem, então apagou o abajur e se virou para mim, encaixando minhas costas em seu abraço e deixando sua mão descansar na minha barriga. O bebê estava ativo, mas, levando em conta o que eu o fizera passar, parecia até calmo. Entrelacei meus dedos nos de Mickey e senti nossa filha chutar as palmas de nossas mãos. Contemplei a lua cheia emoldurada pela janela e ouvi a minha respiração pouco confiável. Puxei o braço de Mickey para me sentir abraçada com mais força.

– Estou aqui – murmurou ele com a boca em meu cabelo e uma voz serena que mal reconheci. Virei-me para meu marido, em cujo rosto a luz da lua se assentava e vi que ele olhava para mim. Beijei seu queixo.

Ele me apertou e nos encaramos durante um bom tempo.

– Lucy, como você acha realmente que é? A Morte, quero dizer – perguntou Mickey.

Acompanhei com o dedo o contorno de seu queixo.

– Eu gostaria muito de saber... Estou quase na linha de chegada, Mic. Quero saber o que vem depois.

– Eu também – concordou Mickey, pensativo, os olhos brilhando à luz do luar.

– Eu devia ter sido mais religiosa – sussurrei. – Parece que cometi algum erro gravíssimo, que perdi algo importante, que nós *perdemos* algo muito importante. Sei que Deus existe, mas ainda tem tanta coisa para entender sobre Ele, a vida, a eternidade e a morte... O homem que conheci no avião sabia alguma coisa, Mic. – Mordi o lábio, recordando. – Falar com ele me fez sentir como se eu não lesse o jornal há um ano e não soubesse o que os outros sabem.

– Shhh...

– Não. Passei a vida apostando toda a minha esperança numa coisa que meu pai me disse quando eu tinha 5 anos. – Tomei fôlego, grata por Mickey ser corajoso o bastante para me abrir essa porta. – Nunca duvidei do que ele falou. A vida toda, jamais duvidei daquilo, Mic. Mas o que significa isso tudo? Será que a morte é um mero passo para entrar numa outra vida? Será que vou me lembrar de todos que eu amo? – Minha voz de repente soou frágil e aguda.

– Queria acreditar nessas coisas – disse Mickey. – Talvez assim não doesse tanto.

– É o que eu penso também. Devíamos ter explorado isso, Mic. Devíamos ter encontrado algo sólido em que acreditar. Seria tão mais fácil!

Tornei a pensar no que Thomas Worthington dissera no avião, sem um segundo sequer de hesitação. Sua crença numa vida após a morte, povoada pelas pessoas que amamos *e gozando de perfeita saúde*, era uma segunda natureza

para ele. Thomas Worthington não tinha dúvidas a respeito daquilo em que acreditava.

Mickey e eu já estávamos calados havia algum tempo, quando ele ergueu meu queixo e me fitou nos olhos.

– Não importa onde você esteja, Lucy, seja aqui ou em qualquer lugar, vou continuar a amar você. Imagino que sempre me sentirei assim.

– Eu também, amor. – Ele me beijou suavemente. – Faça amor comigo, Mickey – sussurrei.

– Não, Lu, não podemos.

– Podemos, sim.

– Não sei... – disse ele, a voz ficando rouca de repente.

Então ele me deu um beijo muito cauteloso, que, mesmo assim, conseguiu traír seu desejo. Suspirei em sua boca, disposta a ir a qualquer lugar com ele.

Mickey e eu transamos de todas as maneiras ao longo dos anos. Ao contrário da crença popular, existem vantagens na bipolaridade. Às vezes dá a impressão de que uma fila de homens apaixonados encontrou abrigo no meu marido, transformando-me na mulher mais realizada do mundo. Mas quando Mickey me tomou nos braços naquela noite, foi melhor que todas as outras vezes.

Como se temesse me machucar, Mickey fez amor comigo de um jeito lento, cálido, incrivelmente terno. Arrasada em meu corpo dolorido e nada receptiva, a princípio me senti uma estranha sob as mãos dele. Mas quanto mais ele me tocava, mais eu superava a dor e a revolta até me perder nos sentidos, nada mais. Ele acariciou meu seio marcado de cicatrizes de maneira tão indulgente e com tamanha delicadeza preguiçosa que acredito que nunca, em tantos anos de sexo apaixonado, respondi tão completamente. Foi a coisa mais pura que já experimentei, e eu não queria que acabasse. Nossos corpos cumpriram a tarefa que lhes cabia, mas foram nossas almas que se uniram.

Ambos choramos o tempo todo e nos apegamos ao momento. Quando terminou, nos demos conta de que provavelmente havia sido a última vez.

O fim de semana acabou sem que eu tivesse outra crise. Mickey cuidou de mim e me mimou, mal me deixando levantar da cama. Na segunda-feira de manhã, eu era a mesma pessoa combalida, mas respirava e por isso me sentia bem.

Ou foi o que pensei.

Veio sem aviso. Eu estava indo de carro para a escola quando comecei a tossir. Parecia que meu peito ia se partir ao meio. O som era aterrorizante, como um latido estrangulado, úmido e desesperado. Eu não conseguia respirar. Entrei em pânico, rezando para não desmaiar e provocar um acidente, e graças a Deus cheguei ao estacionamento da escola. Gotas de suor haviam brotado em minha

testa e meu rosto começava a formigar. Quando tossi nas mãos, elas ficaram salpicadas de sangue e meu coração disparou. Obriguei-me a ficar calma. Mas não conseguia recuperar o fôlego. *O bebê!* Eu não conseguia respirar! Lembro-me de remexer na bolsa à procura do celular, mas não me lembro de discar...

O bipe dos monitores me despertou da inconsciência, seguido pelo som de vozes conhecidas falando acima de mim. Eu estava numa cama dura que não era a minha, e alguém de mãos frias segurava meu pulso. O hospital. A consciência de estar internada deveria me encher de ansiedade, mas não foi o que aconteceu. Eu não tossia nem lutava para respirar. Alguém estava cuidando de mim. Ciente disso, deixei-me mergulhar novamente no sono profundo.

Isso aconteceu algumas vezes – a mesma rotina, a mesma percepção, a mesma conclusão –, até enfim me achar próxima o bastante da consciência. Precisei de todas as minhas forças para abrir os olhos, e mesmo então mal consegui entreabri-los. Alguém segurava minha mão, esfregando-a, mas não parecia ser Mickey. Obriguei-me a extrair algum som da garganta, um leve gemido que bem podia ter sido um grito, tamanho o esforço que exigiu.

– Lucy? Meu bem? – A voz era de Priscilla. Senti seus dedos compridos e frios no rosto. – Lucy, acorde. Abra os olhos.

Virei a cabeça e ergui as pálpebras sob o comando de sua voz. Meu rosto estava coberto por alguma coisa e, quando tentei afastá-la, descobri que não conseguia erguer a mão. Tentei me mexer, mas ao fazer força, percebi que estava amarrada.

– Lucy, você está bem. – Minha irmã me observava, sua respiração no meu rosto.

– O bebê? – Foi tudo o que minha boca seca conseguia pronunciar.

– O bebê está ótimo. – Então senti o peso da mão de Priscilla na minha barriga.

De repente Mickey surgiu ao meu lado, beijando meu rosto, insistindo que eu abrisse os olhos.

– Vamos, meu bem, olhe para mim.

Gemi, e Mickey riu, com um alívio evidente naquele som.

Mais tarde na mesma noite, Charlotte explicou que meus pulmões haviam se enchido de líquido, o que me impedia de respirar. O termo técnico para essa patologia era efusão pleural maligna. Esse problema, conjugado a uma tosse que me deixava sem fôlego, me fizera desmaiar. Enquanto eu estava na emergência, um tubo havia sido introduzido em cada um dos meus pulmões para drenar o líquido.

– Se você não estivesse grávida – explicou Charlotte –, o Dr. Gladstone teria

removido seu pulmão esquerdo. Antes que isso termine, você provavelmente vai precisar de cirurgia, Lucy.

Uma máscara de oxigênio cobria meu nariz e minha boca, mas eu não tinha como saber se Charlotte ainda era capaz de decifrar minha expressão grave. Ela pegou minha mão.

– Sei como você se sente. Todos sabemos. Mas você precisa entender que a esta altura estamos apenas tentando mantê-la viva, Lucy. Deixamos você sedada três dias, para que fosse mecanicamente oxigenada e para dar um descanso ao seu organismo sobrecarregado.

– E o bebê?

– Monitoramos o bebê o tempo todo. Ele está ótimo. É você que nos preocupa.

Por um momento, enquanto eu a olhava nos olhos, o medo me dominou. Eu precisava de mais tempo. Apertei sua mão e Charlotte não desviou o olhar firme, forte e honesto.

– Charlotte – sussurrei. – Não importa o que você precise fazer para garantir que este bebê nasça, faça.

Ela assentiu.

– Farei.

1^o DE NOVEMBRO DE 2011

Ontem à noite sonhei que Lucy tinha morrido e ninguém me contou. Cheguei em casa do trabalho e ela havia sumido. Acordei desse pesadelo paralisado pelo pânico, com o coração disparado, e tive que me obrigar a lembrar que estava sozinho na cama. Lucy continuava no hospital. Sentei-me e tentei me acalmar antes de telefonar para ter notícias dela. A enfermeira me garantiu que Lucy estava descansando confortavelmente, e dei um suspiro trêmulo de agradecimento. Não consegui voltar a dormir; então atravessei o corredor e abri a porta do quarto do bebê – ou o que deveria ter se tornado o quarto do bebê. Não acendi a luz, mas podia enxergar muito bem por causa da claridade da lua. Paredes sem pintura, piso de tábua corrida lixado, um armário vazio onde deveriam estar pendurados alguns vestidinhos.

Olhei em torno, para o que aquilo deveria ser: o paraíso de uma garotinha, um lugar com bonecas, livros e bichos de pelúcia. Eu teria construído para ela uma casa de bonecas de dois andares num canto, eu a teria enchido de mobília entalhada e posto papel de parede em cada cômodo em miniatura. Eu teria... Uma dor conhecida se espalhou pelo meu corpo, enquanto a imagem da minha família – Lucy, eu e a nossa menina – se desmanchava com as minhas lágrimas. Ela não me pertencia. Não mais.

Alguns dias depois, fiquei maravilhada com quão bem eu me sentia. Não precisava sequer fingir. Não havia necessidade. De repente, eu podia respirar sem sentir dor no peito. Podia sentir meus pulmões se expandirem, e a minha tosse havia se reduzido outra vez a um mero incômodo. Quando o Dr. Gladstone veio me dar alta, falei com ele sobre isso. Ele balançou a cabeça, com expressão sombria. Peter Gladstone é um homem alto, imponente, com um topete louro. Seu rosto tem traços severos, que o fazem parecer zangado, mesmo quando não está.

– Lamento dizer que é temporário, Lucy. Drenamos seus pulmões, mas, infelizmente, eles vão se encher de novo.

– Quanto tempo vai levar?

– Talvez uma ou duas semanas, ou apenas alguns dias. Não posso dar uma previsão, a não ser avisar que sua doença está progredindo. Fiz uma ultrassonografia e o pulmão esquerdo está bem pior que o direito. Não tenho

certeza se drená-lo apenas será suficiente na próxima vez.

Assenti.

– Vou pedir a um fisioterapeuta que providencie para você um balão de oxigênio e um tubo nasal para introduzir o ar em suas narinas. Você vai precisar dele com frequência daqui para a frente.

– Está bem – concordei com voz trêmula.

– Mantenha contato comigo, Lucy. – Dr. Gladstone me olhou com expressão séria. – Quero vê-la no consultório depois de amanhã.

– Estarei lá.

Ele se virou para sair bem na hora que uma mocinha usando o jaleco branco do laboratório entrou arrastando um balão de oxigênio verde com rodinhas. Em seu crachá estava escrito DAPHNE BOYD e ela tinha um sorriso igual ao de Julia Roberts.

– Oi – cumprimentou-me.

– Oi.

– Os melhores médicos são tão sérios! – comentou com um risinho, prendendo um aparelho no meu dedo. Ela se apresentou como a fisioterapeuta e disse que iria checar meu nível de saturação, fosse lá o que isso significasse. – Estava normal ontem à noite, quando tiramos você do oxigênio. Vamos ver se continua assim. – Após um instante, Daphne assentiu, satisfeita. – Ótimo!

Então puxou uma cadeira e começou a fazer anotações em um fluxograma. Enquanto escrevia, me ensinou a usar o balão de oxigênio; suas instruções se encontravam, tintim por tintim, na folha que me entregou. Daphne anotou o número do bipe do seu departamento.

– Se tiver algum problema, pode nos ligar a qualquer hora, mesmo no meio da noite.

Aquiesci.

– Alguma pergunta? – indagou ela, enfim me fitando nos olhos.

Pigarreei.

– Você está a par do meu caso? Sabe que meus pulmões foram drenados?

– Sei.

– Quanto tempo costuma durar? Quero dizer, pela sua experiência, quanto tempo até...

Daphne ficou de pé e se inclinou sobre a grade da minha cama.

– Não muito. Pode durar alguns dias ou uma semana. Se eu fosse você, aproveitaria essa pequena trégua. Daqui para a frente, fica pior. Você sabe que seu câncer está evoluindo.

– Sei.

– Então não perca tempo – falou, com um sorriso triste.

– Obrigada por ser honesta comigo.

Daphne esticou o braço e tocou no meu pulso.

– Se precisar de mim, é só me chamar.

– Está bem – falei, torcendo para que fosse ela a encarregada de me atender quando eu voltasse.

Assim que Daphne se virou para sair, percebi que Lily havia entrado no quarto. Seus olhos brilhavam com uma compreensão triste, mas ela continuou a sorrir quando se afastou para deixar a fisioterapeuta passar.

– Oi – falei.

– Oi! Como está se sentindo hoje? – O tom de Lily era animado demais, artificial.

– Bem. De verdade. O Dr. Gladstone disse que posso ir para casa.

– Mentira! – Lily me pareceu genuinamente cética e tive que admitir que nem eu esperava ter alta tão cedo, mas não estava disposta a discutir.

Lily puxou a cadeira para perto da cama e se sentou.

– Ouvi uma parte da conversa – falou, apontando com o queixo para a porta.

– Outra médica?

– Não, ela veio me ensinar a usar o oxigênio.

– Ouvi quando ela falou que o seu câncer está evoluindo. O que eles vão fazer em relação a isso?

– Acho que vão fazer o que puderem, Lil.

Ela me fitou, com amor e tristeza nos olhos. Depois pegou minha mão e a beijou. Assim que teve certeza de que não iria chorar, perguntou:

– Então, quando você pode ir embora?

– A enfermeira falou que posso tomar um banho. Eu ia pedir que Mic viesse me buscar daqui a uma hora.

– Posso levar você. Eu ligo para ele. Vá tomar seu banho.

Lily baixou a grade da cama e me levantei com uma agilidade surpreendente.

Eu me sentia tão melhor que soltei uma gargalhada.

– Pergunte a ele se quer se encontrar conosco para almoçar.

– Você está brincando, não está? – perguntou minha irmã.

– Não. Estou faminta.

Naquele fim de semana, Ron e Lily convidaram Mickey e eu para comer espaguete. Priscilla tinha vindo de Hartford – pela terceira vez na semana – e também foi convidada. Mickey quis ir de carro porque estava frio, mas insisti em vestirmos agasalhos e irmos a pé. Foi meio ambicioso da minha parte, mas são menos de dois quarteirões, e eu não sabia por quanto tempo ainda seria capaz de ir a pé até a casa da minha irmã. Por isso insisti e Mickey cedeu.

Era dia 4 de novembro e o inverno ainda não chegara em Brinley. Um

punhado de feixes de feno e palha de milho, além de algumas abóboras esculpidas ainda permaneciam nas varandas, resquícios do Halloween. Eu perdera tudo isso. Perdera a varredura das folhas, a fogueira nos Dunleavys, o *chili* e a sidra quente. Mickey deve ter visto a mudança na minha expressão porque parou, assustado, e me perguntou qual era o problema.

– Ah, nada – resmunguei. – É só que perdi a fogueira.

– Eu também.

– Desculpe.

Mickey enlaçou meu braço no dele e acariciou minha mão. Eu me aconcheguei em seu ombro. Ele estava sendo tão legal desde que voltei do hospital!

– Que tal eu fazer uma fogueira para nós dois?

– Seria maravilhoso – respondi, apertando seu braço.

A noite estava gelada e uma brisa preguiçosa trazia consigo o frio cortante do rio. Mickey passou o braço em volta de mim e beijou minha cabeça. Tornei a olhá-lo nos olhos:

– Eu te amo, Michael Chandler.

– Eu também te amo, meu bem.

– E também amo este lugar – falei, olhando para um e outro lado dessa rua que bem podia ser um quadro de Thomas Kinkade.

Esse era todo o mundo de que eu sempre precisara – um lugar onde as crianças ainda podiam brincar na calçada e as mães se sentavam na varanda para conversar, de olho nelas. Era um lugar onde, se estivéssemos doentes, viajando ou apenas ocupados demais, nosso gramado era misteriosamente aparado e nossas calçadas, varridas. Mickey e eu já tínhamos desempenhado os dois papéis nessa relação.

Eu estava exausta e tentando disfarçar, quando chegamos à casa de Ron e Lily – uma construção em estilo rústico, mas elegante, com as janelas iluminadas por uma claridade dourada e cálida. Antes de bater à porta, Mickey me beijou e depois me envolveu em seus braços enormes. Foi maravilhoso estar ali, envolta naquele amor, e hesitei em deixar o momento passar. Mas Priss deve ter nos ouvido, porque abriu a porta, rindo.

– Cadê o carro?

– A patroa quis vir a pé, e o que a patroa quer a patroa consegue – respondeu Mickey.

– Que loucura! Está frio aí fora – disse ela, puxando-nos para dentro.

Minha irmã estava deslumbrante. Lindamente produzida, com uma calça branca e um suéter preto de caxemira que se amoldava com perfeição às suas curvas. Pegando com carinho meu rosto entre as mãos, ela prendeu meu cabelo atrás da orelha.

– Você está com uma aparência ótima, Lu. Como vai?

– Não posso me queixar.

– Ela está ótima – disse Mickey, piscando para mim.

Priscilla pousou uma das mãos em seu ombro e deu um beijo no rosto dele.

– Parece que você anda cuidando muito bem dela, Michael.

Mickey e eu trocamos um olhar de perplexidade e seguimos minha irmã até a sala de jantar, onde seu bom humor foi rapidamente explicado. O charmoso Nathan Nash estava ajudando Ron a acender a lareira.

– Mistério solucionado – murmurou Mickey.

Dei um beliscão de aviso em seu braço bem na hora que Ron lhe dava um tapinha no ombro e Nathan me envolvia num abraço de urso.

– Ei, linda. Eu soube que você passou por maus bocados.

Dispensei com um aceno seu comentário.

– Isso foi há dias. Estou muito melhor agora.

– Tem certeza? – perguntou ele, recuando para avaliar a minha gravidez em toda a sua evidente glória. – Tem certeza de que deveria estar na rua?

– Absoluta. Estou bem – menti. – De verdade. – Achei que Nathan parecia meio constrangido, e não soube ao certo se era por minha causa ou pelo fato de sua presença ali com minha irmã parecer um prenúncio de compromisso. – Como vão as crianças?

– Jess anda preocupada com você. Acho que ela soube o que aconteceu na escola.

– É, podem contar comigo para fazer uma cena. Sinto muito. – Fiquei imaginando como exatamente eu havia sido encontrada depois de desmaiar.

Senti a mão de Ron no meu ombro e me virei para beijá-lo no rosto.

– Espero que vocês estejam com fome. Lily fez espaguete suficiente para alimentar toda a vizinhança.

Ri enquanto entrava na cozinha para saber como podia ajudar. Encontrei minha irmã debruçada sobre uma tigela fumegante de macarrão.

– O que eu posso fazer? – indaguei, olhando à volta.

– Quer pegar aquele pão de alho, por favor? – pediu Lily, contorcendo-se para me dar um beijo no rosto.

Na minha opinião, ela, assim como Priscilla, estava produzida demais, com um suéter azul-escuro e saía combinando.

– Não me avisaram sobre o traje para este jantar – reclamei.

– Não, não avisaram – disse Priscilla, avaliando meu vestido de brim e minhas botas, enquanto cortava rabanetes.

Aproximei-me da bancada e cutuquei-a com o quadril.

– Entãão?

– O quê? – indagou Priss com um risinho.

– Há quanto tempo você está saindo com ele?

– Há algumas semanas. Não é nada. A gente só conversa, somos amigos.

– Acho que é assim mesmo que dever ser – disse Lily, despejando o molho carbonara numa tigela. – Só faz... O quê? Um ano, desde que Celia...

– Eu *sei* disso, Lilianne – atalhou Priscilla, rosnando.

– Só estou checando – disse Lily, sem se deixar abalar. – Acho que está tudo pronto. Só falta você acabar a salada – anunciou ela, saindo da cozinha com a enorme tigela de massa.

– Ridícula – resmungou Priscilla. – Claro que eu sei!

– Bom – falei, dando de ombros –, ao menos você está deslumbrante.

– Estou, não é mesmo? E nem precisei me esforçar muito.

Ri, enchendo uma cesta de pães.

Os homens já estavam sentados em torno de uma grande mesa de mogno, e eu parei quando a reconheci.

– Lil, essa é a mesa da loja?

– É. Não consegui vendê-la.

Ron gemeu.

– Apareceram três compradores, mas ela não me deixou vender a mesa.

Lily riu, encabulada.

– Eu adoro essa mesa. É inglesa, George III, e grande demais para esta sala, mas não me importo.

Nathan Nash passou o dedo pela madeira:

– Quanto vale?

– Uns 18 mil. Então trate de não derramar molho nela – atalhou Ron.

Nathan pareceu genuinamente surpreso e sua expressão me provocou uma gargalhada.

– Na verdade não vale tudo isso – apressou-se Lily em explicar. – Não está em perfeitas condições.

– Ufa! – disse Nathan, recuperando-se do choque inicial.

Lily pousou a massa no meio da mesa e pediu a Ron que fosse buscar o molho. Após um instante, Priscilla entrou com a salada e todos nos sentamos. Olhei em volta com uma admiração sincera quanto ao clima daquela pequena reunião. Minhas irmãs me vigiavam, mas tentavam não ser muito ostensivas. Estávamos todos juntos em torno de uma mesa com comida italiana. Não podia haver nada melhor. Ron encontrou meu olhar e pareceu ler meus pensamentos. Sorrii para mim e me passou a salada.

Foi um jantar demorado e cheio de reminiscências, como a vez em que Priscilla e Trent ficaram trancados na escola, no ensino médio, depois de um jogo de basquete, e os moradores organizaram uma busca. Minha irmã ficou da cor de um pimentão quando Mickey lhe perguntou o que os dois estavam fazendo ao serem encontrados. Teve também a vez em que Lily e Ron descobriram onde minha mãe guardara os presentes de Natal e contaram a mim e a Priss o que íamos ganhar. Sabe-se lá como, minha mãe ficou sabendo e trocou tudo.

Acabamos ganhando sapatos, pijamas e roupas íntimas.

Ri até mal conseguir respirar quando Ron contou a Mickey como pedira Lily em casamento.

– Ele invadiu a nossa casa – interveio Priscilla. – Achei que fosse um ladrão e quase atirei nele, ou teria atirado, se tivesse achado a espingarda.

Mickey estalou a língua.

– Não entendo a necessidade de uma arma, Priss. Você sempre foi suficientemente letal sem elas.

– Vou tomar como elogio, muito obrigada – zombou Priss.

– Foi essa a minha intenção – confirmou Mickey sorrindo e depois se inclinando. – Muito bem, minha vez. E aí, Nathan o que está rolando entre você e Priscilla?

O garfo com bolo de chocolate ficou repentinamente suspenso a meio caminho da boca de Priscilla, e vi seu rosto empalidecer. O meu chegou à boca sem interromper seu percurso, e Lily e eu trocamos um sorriso.

Nathan não hesitou.

– Como devo definir isso? Acho que se pode dizer que rola uma coisa muito *boa*. – Ele dirigiu seu sorriso para minha irmã envergonhada e pegou o copo. – Um brinde à minha boa amiga. E à boa amiga da minha mulher.

Só nesse momento, e apenas por um segundo, um certo constrangimento pontuou a conversa que até então era leve.

Mas Priss apenas deu de ombros.

– Eu brindo a isso. Ou melhor, um brinde a Celia.

Depois empilhamos os pratos na pia e jogamos pôquer, apostando centavos. Eu arrasei. Lily acrescentou um incentivo extra ao impor ao perdedor a tarefa de lavar a louça. Quando eliminei Mickey e Nathan com blefes brilhantes, os dois foram mandados, de cabeça baixa, para a cozinha. Terminado o jogo, porém, vendo que os dois continuavam lá, decidi ir checar.

Encontrei meu marido e Nathan conversando baixinho sobre algo sério. Logo percebi que falavam de mim. Fiquei fora de vista e ouvi Mickey dizer:

– Eu só não entendo o que aconteceu, Nathan. Quero dizer, não entendo por que ela não está passando mal, mas de uma hora para outra, do nada, vem um ataque que quase acaba com ela. Como se explica isso?

– Não sou oncologista, Mic. Trato de ossos, não de câncer – respondeu Nathan. – Ao que parece, os tumores provavelmente vêm crescendo e interferindo na capacidade respiratória.

– E não há nada a fazer para diminuir o ritmo do crescimento?

Nathan deu um suspiro.

– Ah, meu amigo, não sei. Câncer avançado no pulmão é bastante complicado. Tudo o que se pode fazer é quimioterapia agressiva e radioterapia, e Lucy não vai aceitar nem uma coisa nem outra a esta altura. Depois que o

bebê...

– Mas será que ela dura até lá, Nathan?

Ouvi o desespero na voz de Mickey, mas também ouvi um homem racional fazendo uma pergunta difícil.

– Como eu gostaria de saber responder, Mic! Você conversou com os médicos dela?

Mickey suspirou.

– Conversei. Só não gostei das respostas.

– Sinto muito.

– Não entendo como ela parece tão normal. Quero dizer, ela está cansada, mas com uma aparência boa.

– É porque não está fazendo quimioterapia. A química é um horror. Sem ela, bom, é impressionante como dá para andar por aí um bom tempo com câncer. Só que, de repente...

– É. De repente – ecoou Mickey.

A caminho de casa, perguntei a Mickey sobre o que ele e Nathan haviam conversado na cozinha.

– Priscilla.

– Sério?

– Ele insiste em dizer que são apenas bons amigos. E eu espero que seja verdade, porque gosto muito de Nathan.

Cutuquei-o com o ombro.

– Seja bonzinho.

Ele me abraçou e beijou minha testa. Depois de um instante de silêncio, ele falou:

– Como você está se sentindo?

– Muito bem. Foi uma noite ótima. Fico muito feliz por termos ido. – Como Daphne me avisara, essa era uma trégua, e eu não pretendia desperdiçá-la. – Mic?

– O quê?

– O que você acha de pintarmos o quarto do bebê amanhã?

– Ah...

– Eu só acho que deveríamos cuidar disso. Estou me sentindo bem e, além do mais, o tempo está passando. – Percebendo que aquilo soava frívolo e fatalista, embora não tivesse sido essa a minha intenção, acrescentei: – Antes que nos demos conta, ela vai estar aqui.

– É verdade – concordou Mickey sem olhar para mim.

– Mickey?

– Vamos ver, certo? Não quero falar sobre o quarto do bebê agora.

– Está bem – concordei, sem querer insistir.

Ele sabia tão bem quanto eu que todos os nossos preparativos haviam sido

triste e silenciosamente interrompidos em agosto, quando Charlotte nos fizera aquela malfadada visita. Naquela noite, depois que ela nos contou o que o Dr. Matthews descobrira, eu fechei a porta do quarto do bebê; nem eu nem Mickey havíamos entrado lá desde então. As latas de tinta estavam no meio do cômodo, sem nunca terem sido abertas. O chão de tábua corrida havia sido lixado, mas não envernizado. Passávamos pelo quarto inacabado todos os dias. Quanto tempo mais poderíamos esperar? O parto estava previsto para dali a sete semanas.

Mickey me olhou com uma expressão indecifrável, sombria e um pouco dura.

– Tem uma coisa que precisamos conversar, Lu.

– Ok

– Venho pensando nisso há algum tempo e não podemos mais evitar esse assunto.

– O que é?

– O bebê, Lu.

Desde que conversamos sobre isso, quando Mickey estava no hospital, não se passara um dia sem que eu imaginasse o fim daquela conversa. Respirei fundo e parei. Mickey fez o mesmo.

– O que tem o bebê?

– Lucy, você sabe que existe uma possibilidade... Existe uma possibilidade de que, quando ele chegar, você não esteja...

– Eu sei – emendei, mal conseguindo ouvir minha própria voz.

Mickey balançou a cabeça e eu o ouvi engolir em seco.

– Lucy, fiz tudo o que pude para me preparar para o que vem por aí, o que *pode* vir por aí, mas não tem jeito. E desta vez preciso que você me escute, Lu. *Não posso* fazer isso. Não posso criá-la sozinho.

– Não acredito nisso nem por um minuto, Mickey.

As lágrimas marejaram seus olhos, mas ele não os desviou.

– Você não está me ouvindo, Lucy. Isto é muito difícil.

– Desculpe. Continue.

– Lucy, não estou falando que é só temporário ou até que eu me habitue com a ideia. Não sou forte o bastante, ou bom o bastante, para *não* prejudicar a menina com o meu problema. Nós dois conhecemos as minhas limitações. – Ele me encarou e ambos prendemos a respiração. – Lucy, eu quero dar o bebê para adoção.

Olhei para aquele homem grande que de repente me pareceu um estranho, mal entendendo suas palavras.

– O quê?

Ele quase desmoronou e, à sombra da noite, pude ver o peso esmagador que Mickey carregava.

– Por favor, não me olhe desse jeito, Lucy. Isso não quer dizer que não a amo

nem que não a quero. – Seus olhos transbordavam sofrimento e me aproximei dele. – Lucy, você precisa acreditar que eu daria qualquer coisa para ser um homem diferente... por ela – disse Mickey com voz trêmula. – Todo dia de manhã eu me olho no espelho torcendo para ver alguém curável, capaz e forte. Droga, já até me conformei em ser alguém que esteja enfrentando um período pavoroso, mas que um dia ficará bem. Mas não é essa pessoa que eu vejo. Eu vejo o mesmo homem problemático que sempre fui.

Mickey pegou minhas mãos.

– Faz um século que você me disse que não podia me consertar, mas podia me amar como eu sou, lembra?

Assenti.

– Jamais imaginei que você estivesse sendo realmente sincera, que pudesse ficar *comigo* e amar todos os meus pedaços. Nunca saberei o que fiz para merecer essa bênção, mas por sua causa eu tive uma vida com a qual nem sonhara. Às vezes, mesmo agora, quando estou voltando para casa à noite, eu me pego não acreditando que estou de fato voltando para você. *Você*, Lucy. Que eu, Mickey Chandler, ganhei a chance de passar a vida com você.

– Mickey – exclamei, levando minhas mãos ao seu rosto. Ele as beijou.

– Mas ainda sou problemático, Lu – sussurrou meu marido. – Ainda sou doente, e minha doença vai prejudicar minha filha se eu a criar sozinho. Não posso fazer isso com ela. Não vou fazer isso.

– Ah, Mickey!

Pensei na minha conversa com Gleason. *Ele não vai saber o que pode fazer sem você até ficar sem você*, dissera o médico. E enquanto eu contemplava meu marido trêmulo, percebi como as palavras do médico haviam sido proféticas. Puxei Mickey para mim e seus braços me envolveram. Não pude imaginar deixá-lo sozinho. Qual era o plano de Deus?

Fizemos o restante do caminho em silêncio e, ao chegarmos em casa, Mickey estava tão inquieto que o fiz tomar dois comprimidos de Ambien. Conversamos até ele finalmente adormecer em meus braços, por volta das duas da manhã. Porém, muito depois de ouvi-lo roncar baixinho, eu continuava de olhos fixos no teto, digerindo suas palavras. Durante horas refleti sobre o que fazer. Faltavam-me tempo e argumentos para convencê-lo de que suas limitações não o tornavam incapaz. Mas Mickey não temia apenas a responsabilidade de criar a nossa filha, ele estava tentando protegê-la da melhor maneira que podia.

Meus olhos voltaram a se encher de lágrimas. Se eu não podia deixar nosso bebê com ele, então por quem eu estava fazendo tudo isso? Aquilo de que ele queria se afastar era a única coisa que eu tinha para lhe deixar.

Deitada ali no escuro, com a respiração suave de Mickey me acariciando o rosto, tornei a me perguntar como eu havia chegado até ali: irremediavelmente apaixonada por um homem doente, grávida de sua filha, morrendo, e agora

encarando a possibilidade de dá-la a outra pessoa, que a embalaria todas as noites.

Não era essa a resposta. Não podia ser.

Não escolhi me casar com Mickey Chandler para as coisas terminarem assim. Eu o escolhi porque ele era um guerreiro. Todos os dias lutava para ser o melhor possível, apesar da doença. Nem sempre conseguia vencer – e quando escorregava, as consequências podiam ser devastadoras –, mas ele lutava diariamente por esse homem. E, por causa disso, os dias bons superavam em muito os ruins. Sim, às vezes ele se enterrava na própria patologia. Mas o homem que existia no âmago de Mickey era bom, admirável e seria um pai maravilhoso.

Ele tinha tanto a ensinar à filha! E minha família tinha tanto a ensinar a ela! Como o destino podia ser tão cruel a ponto de não permitir que Lily fosse uma tia dedicada, que Ron lhe transmitisse sua bondade serena e Priscilla lhe ensinasse a ser obstinada? Não. Todos eles tinham um papel a cumprir. Eu só precisava rearmá-los.

Levei algum tempo para considerar os prós e os contras, e não foi essa a minha primeira escolha, mas enquanto eu refletia, vi que poderia funcionar. Aquilo podia funcionar. Era a única solução possível e, já que eu não ia conseguir ter o que queria, esse não era um plano B de todo ruim.

9 DE NOVEMBRO DE 2011

Liguei para o meu pai hoje. Não falava com ele havia algum tempo e não o víamos desde o penúltimo Natal. Não sei bem por que liguei. Eu me sinto mais confortável com recados curtos, mas ele logo viu que havia algo errado pelo som da minha voz.

– O que houve, filho?

– Ela está morrendo – desapareci.

– Espere enquanto desligo a televisão, Mic. Comece do início.

Foi o que fiz. Ele sabia da maior parte, porque Lucy vinha lhe mandando e-mails, mas eu não sabia que ela tinha enviado uma foto da ultrassonografia. Eu precisaria contar em outra ocasião que não ficaria com o bebê, pois não podia fazer isso agora, já que ele se mostrava tão animado ante a perspectiva de ter uma neta. O que realmente me fez telefonar foi a vontade de lhe perguntar como ele conseguia – como convivia com a perda da minha mãe.

Meu pai não hesitou:

– Ficamos mutilados. Mudados. Mas sobrevivemos.

Essa resposta me surpreendeu; ele sempre me parecera bastante desligado quando eu era criança.

– Você vai pensar nela todos os dias pelo resto da vida. E não vai doer sempre, só na maior parte do tempo. Não estou certo do que você está procurando, Mic, mas quando se ama uma mulher como se ela fosse o ar que respiramos, do jeito como você ama Lucy, como amei sua mãe, pode demorar uma vida inteira para nos recompormos.

Ele fez uma pausa, mas o nó na minha garganta me impediu de falar.

Meu pai engoliu em seco.

– Talvez você não soubesse que amei sua mãe tanto assim, e isso não me surpreende. Nunca fui muito bom nisso. Mas esse amor sempre existiu, Mic. Debaixo do álcool e de um coração partido. Não sou um homem forte e levei muito tempo para aceitar meu amor por uma mulher que preferiu morrer a continuar casada comigo. Mas não foi para desenterrar toda essa mágoa que você me ligou. Você conseguirá lidar com isso melhor do que eu, filho, porque vai ter lembranças melhores para puxá-lo para cima. Vai doer como o diabo, não vou mentir. Mas Lucy é uma em um milhão, e ela lhe deu muitas coisas a que se apegar. E é claro que você vai ter sua filhinha para ajudá-lo a superar.

Acordei assustada quando uma tosse seca explodiu na minha garganta. Mickey se remexeu e se virou de lado, mas não acordou. Fiquei imediatamente alerta e amedrontada. Sabia o que era isso. Eu não tinha um espasmo desde o dia em que desmaiei, mas não esquecera a sensação da chegada de um deles. Sem querer acordar Mickey, levantei da cama e desci a escada até o banheiro ao lado da lavanderia. Quando, porém, me inclinei sobre a pia pequena e olhei meu rosto pálido no espelho, nada aconteceu. Não senti gosto de sangue na boca. E a minha respiração... Estaria mais difícil que de hábito? Não, eu estava bem. Eu estava bem.

Quase me convenci de que havia tido uma coceira na garganta e nada mais. Então, o ataque chegou. Sem aviso, comecei a tossir de forma incontrolável. Tentei manter a calma, respirar sem atropelo, sem entrar em pânico. Sentei no vaso e segurei um pedaço de papel contra a boca tentando abafar o som. Fiquei aliviada quando vi que o papel quase não se sujara, salvo por uns pinguinhos de sangue. Nada muito preocupante.

Num instante, tudo passou. Tão rápido quanto viera, o ataque acabou. Umedeci um pano e o apertei contra o pescoço, respirando lenta e deliberadamente pela boca. Após alguns minutos, apaguei a luz e me dirigi à cozinha iluminada pelo luar. Enchi um copo com água da bica e me sentei para olhar pela janela. Tudo estava muito quieto, silencioso. O único som era o pulsar do meu coração em meus ouvidos. Fazia cinco dias que eu tivera alta do hospital. Com certeza a minha trégua ainda não chegara ao fim.

Na quinta-feira de manhã, Mickey me levou de carro ao consultório do Dr. Gladstone para a segunda consulta da semana. A enfermeira sorriu e nos levou até uma sala de exames. Era uma rotina rápida. Respirei enquanto Peter Gladstone auscultava meus pulmões com seu estetoscópio. Emitiu um som de aprovação e anotou alguma coisa na minha ficha. Então prendeu no meu dedo um pequeno aparato para medir o nível de saturação de oxigênio, que apareceu em um monitor portátil. Até então ele se mostrara satisfeito, mas hoje eu o vi franzir a testa.

– Seu nível está caindo, 87. Quero que você use o oxigênio o tempo todo. Como tem dormido?

– Muito bem. Meio inquieta.

– Não é de espantar. Algum ataque?

– Só um, pequeno, há umas duas noites – admiti, vendo os olhos de Mickey se arregalarem, alarmados.

– Sangue?

– Não.

– Você está indo melhor do que eu esperava, mas ouvi um pouco de chiado hoje, o que significa que o fluido está começando a se acumular.

Assenti, evitando o olhar de Mickey.

O Dr. Gladstone balançou a cabeça e suspirou.

– Eu me sentiria melhor se o parto estivesse mais perto, Lucy. Na atual situação, temos que mantê-la o mais oxigenada possível. Quando o bebê nascer, iniciaremos um tratamento agressivo.

Concordei. Eu sempre me sentia esperançosa quando Peter Gladstone falava em termos de *depois*. Ele fez uma expressão grave ao enfiar um tubo transparente e fino na tomada da parede e girar um pequeno botão. No extremo do tubo havia uma mangueira ajustável e no meio dela dois pequenos pinos. Ele prendeu a mangueira atrás das minhas duas orelhas e introduziu os pinos nas minhas narinas.

– Vejamos até onde chega esse nível em cinco minutos.

– Certo – respondi, enquanto meu nariz se enchia de ar.

Em seguida, o médico saiu da sala e Mickey o seguiu.

Ali sentada, olhei em volta. Chiado? Aparentemente essa não era uma boa notícia. Procurei com os olhos e encontrei um telefone preso à parede. Hesitei um instante apenas antes de pegá-lo e digitar algumas teclas até conseguir uma linha. Eu sabia que Harry devia ter voltado na noite anterior e sabia que Jan provavelmente lhe dissera que eu estava tentando falar com ele. Digitei o número de sua casa e Jan atendeu no segundo toque.

– Oi – falei.

– Oi, meu bem.

– Jan, o Harry está no escritório de Brinley?

– Não, querida. Ele vai estar em New Haven hoje e amanhã e depois tem uma audiência em Hartford, na sexta. O avião não deve ter pousado antes das onze ontem à noite, senão ele teria ligado. O assunto pode esperar?

– Acho que não.

– Então ligue para ele em New Haven. Ele vai arrumar uma hora para falar com você.

– Obrigada, Jan. Estou no médico, por isso não posso conversar agora.

– Você está bem?

– Estou, é só uma consulta de rotina. Ligo mais tarde.

Desliguei, tentada a telefonar para New Haven, mas ouvi a voz do Dr. Gladstone junto à porta e resolvi não arriscar. Um instante depois, ele e Mickey tornaram a entrar na sala. Mickey parecia nervoso, mas sua expressão me disse que ele não queria que eu soubesse disso. O médico voltou a prender o clipe no meu dedo e, satisfeito, me mostrou um pulso 93 em sua telinha.

– Muito bem, isso está ajudando. Quero você no oxigênio o máximo possível, Lucy. Pode dispensá-lo por períodos curtos, não mais que isso.

Assenti.

– Volte na segunda-feira para verificarmos a saturação outra vez.

– Ok

Ele anotou alguma coisa na minha ficha e depois se virou para Mickey e lhe deu um tapinha no ombro antes de sair. Mickey obviamente não queria conversar sobre aquilo, por isso voltamos para casa em silêncio até ele me perguntar por que eu não lhe contara sobre o ataque.

– Desculpe. Só aconteceu uma vez e passou quando bebi água.

Mickey se virou para mim:

– Quero saber quando acontecer de novo.

– Está bem.

Depois de um minuto durante o qual cada um de nós contemplou a paisagem por suas respectivas janelas, Mickey levou minha mão aos lábios e senti a tensão se dissipar.

Ao chegarmos em casa, Mickey desligou o motor, mas não se mexeu para abrir a porta. Virou-se para mim e perguntou se eu estava cansada.

– Um pouco – respondi.

– Por que não descansa enquanto resolvo umas coisas?

– Aonde você vai?

– Preciso dar um pulo em East Lyme para entrevistar um gerente, depois vou fazer um exame de sangue. Tenho consulta com Gleason à uma hora.

– Está bem. Vou tirar um cochilo e depois acho que vou sair para comprar um pijama.

– Ótimo. Eu ligo quando terminar. Posso comprar o nosso jantar. E talvez alugar um filme.

– Está bem. – Inclinei-me para lhe dar um beijo rápido, que acabou se tornando longo. – Eu te amo – murmurei. – A gente se vê daqui a pouco.

Desci do carro e caminhei devagar até a varanda, mas, ao me virar, Mickey continuava me olhando. Ergueu a mão como se fosse acenar, mas não ligou o motor. Nós nos encaramos um instante antes que eu abrisse a porta e entrasse em casa. Passado um longo momento, enfim ouvi o motor sendo ligado.

Eu odiava isso. Odiava o ritmo arrastado, torturante, que nossa vida adotara. Odiava o sofrimento em cada olhar, o medo em cada suspiro, o fingimento. Provavelmente foi isso que meu pai quis dizer quando falou que a morte era a parte fácil. O modo como se morre? Bom, essa já era outra história.

Eu estava cansada, era verdade, mas não o tipo de cansaço que fosse passar com sono. Além disso, relutava em desperdiçar o fôlego que me restava tentando dormir. Consultei o relógio da cozinha. New Haven ficava a apenas 35 minutos de carro e, se Harry tivesse condições de me receber, eu poderia estar de volta antes que Mickey terminasse o que tinha para fazer.

Eu não estava me sentindo bem quando saí do escritório de Harry e, na porta do

prédio, comecei a suar frio. Temi desmaiar se não me sentasse. Eu sabia que havia um café no térreo, portanto dei meia-volta e fui procurá-lo. Depois de me sentar, pedi à garçonete um copo d'água e lhe disse que estava esperando alguém, para que ela me deixasse em paz. Porém, assim que a moça se afastou, me senti tão vulnerável e assustada que quase gritei pedindo que voltasse e ficasse comigo. Sabia o que estava acontecendo e me preparei para a dor atrás das minhas costelas, mas logo me dei conta de que aquilo era diferente. Não era falta de ar. Eram os músculos se rasgando. Ardia e irradiava calor a partir do centro do meu corpo de tal forma que cheguei a me dobrar sobre a mesa. Prendi a respiração e fiquei paralisada por esse ataque.

Fiquei refém dessa dor pavorosa até que ela enfim cedeu, como um punho que soltasse alguma coisa lentamente. Quando isso aconteceu, tomei a minha água aos golinhos e usei o guardanapo para secar o suor frio do rosto. Se estivesse dirigindo, teria batido. Senti-me boba e furiosa. E ciente do que isso significava. Remexi na bolsa à procura das balas que em geral acalmavam minha garganta irritada. Inspirei devagar e expirei mais devagar ainda, e logo consegui me recompor. Mas fiquei com medo de dirigir, por isso recostei na cadeira e esperei até recuperar alguma confiança na minha capacidade de voltar para casa.

Cerca de uma hora depois, me senti tão grata por entrar em casa que quase chorei. Ao menos não havia sinal de Mickey, o que me poupava de fingir para ele. Fui direto para o quarto para me deitar, e a primeira coisa que me deu as boas-vindas foi o tanque de oxigênio, encostado à parede num canto do quarto. Parecia um míssil, velho e todo lascado, algo que a gente enfia num canhão para atirar contra o inimigo. A descrição me pareceu pertinente.

Prendi o tubo na válvula apropriada e puxei as cânulas para o meu rosto. Depois de enfiar os pinos no nariz, girei o botão para a posição recomendada e me recostei na cama. Como era bom estar em casa. Acomodada em dois travesseiros e conectada a essa invisível força vital, forcei-me a dormir, mas meu coração continuava acelerado. Depois de meia hora esperando em vão um outro ataque, arrastei-me até lá embaixo para procurar algo que fizesse, alguma distração para a minha cabeça.

Na cozinha, ensaiei com cuidado o discurso que faria para Mickey e depois assei um bolo para ele. Quando meu marido entrou trazendo frango frito, eu já tinha posto a mesa, aceso as velas e me sentia muito melhor. Ele me deu um sorrisinho estranho.

Eu o beijei e lhe perguntei por onde tinha andado o dia todo. Ele apenas sorriu.

– Você vai me contar ou é surpresa?

– Depois – respondeu Mickey, ainda sorrindo.

– Uma surpresa, hein?

– Você vai ver.

Ri também, enquanto me ocupava enchendo uma travessa com o frango e as

batatas. Depois despejei o molho em outra e enchi nossos copos com gelo. Demorei, porque estava ficando sem fôlego e não queria voltar para o oxigênio naquele momento. Quando tudo estava na mesa, apaguei a luz da cozinha e me sentei. Como era bom sentar!

Mickey me olhou um bom tempo sob a luz das velas.

– Você está linda, amor.

– Eu me vi no espelho e você mente muito mal. – Mesmo assim, inclinei-me e o beijei.

– Eu te amo, Lu.

– Eu também, Michael.

Mickey pôs um pedaço de frango na boca.

– Então, você descansou à tarde?

– Na verdade, fui falar com Harry.

– Como ele está?

– Bem. Conversamos sobre adoção.

Mickey me encarou.

– Uma adoção por três partes.

– Não sei o que é isso.

Pousei meu garfo.

– Tenho pensado nesse assunto desde a nossa conversa do outro dia. E Harry disse que não seria impossível.

Mickey se inclinou sobre a mesa.

– Estou ouvindo.

– Você, Ron e Lily compartilhariam a guarda da nossa filha.

Prendi a respiração e observei Mickey à luz das velas. Ele permaneceu calado, e estendi o braço para pegar sua mão.

– O que você acha?

– Não quero falar sobre isso, Lu.

– Eu sei, amor, mas precisamos. É *só por via das dívidas* – insisti, em tom suave. Vendo que Mickey continuava calado, fui em frente: – Assim, ela será criada aqui em Brinley, que é o que eu mais desejo. Vai conhecer o pai maravilhoso que tem e você participará tanto quanto tiver forças para aguentar. Lily e Ron estarão na linha de frente e serão pais fabulosos. Vocês três serão. Pense, Mic. É o melhor dos mundos. Não tem erro.

Observei uma série de emoções cruzarem os olhos de Mickey. A princípio pude ver que ele não gostou da ideia. A certa altura, chegou a dizer que fazia mais sentido cortar todos os laços com o bebê, o que, para mim, era inimaginável.

– Só acho que seria mais fácil assim, Lu.

Deslizei um dedo pela mão dele e, quanto mais eu falava sobre Lily e Ron como guardiões principais, enquanto ele participaria apenas quanto quisesse,

mais Mickey parecia aceitar a ideia. Quando terminei meu discurso, respirei fundo e disse:

– E então?

Mickey balançou a cabeça e não falou nada por um bom tempo. Então ficou de pé e beijou o topo da minha cabeça.

– Não consigo imaginá-los criando a minha filha – declarou, antes de sair da cozinha.

– O que você *consegue* imaginar? – perguntei, alto o suficiente para que ele ouvisse, mas Mickey havia subido para o quarto.

Soprei as velas e fiquei sentada no escuro um bom tempo. Estava dando um jeito na cozinha quando Mickey desceu. Tinha tomado banho e seu cabelo estava molhado e cheirando a xampu. Aproximou-se de mim, tirou o prato da minha mão e me envolveu num abraço.

– Só consigo imaginar como deve ter sido difícil sua conversa com Harry. Ouvir a respeito já foi muito duro.

– Eu sei.

– Não quero mais pensar nisso, Lu. Vamos fingir esta noite que esse assunto não existe. Vamos ter o nosso bebê e depois você fará o que os médicos mandarem... – disse ele, dando de ombros. – No fim, veremos que essa conversa com Harry foi à toa.

– Claro. Procurei Harry só por garantia.

Mickey assentiu.

– Quero lhe mostrar uma coisa – falou, levando-me até a sala.

Ergui os olhos para ele, que sorria. Depois de me conduzir até o sofá, meu marido puxou a banqueta e pousou meus pés nela. Então, pegou o tanque de oxigênio que eu abandonara antes do jantar e prendeu a máscara no meu rosto. Cobriu-me com uma colcha e, sentando-se ao meu lado, me entregou um presente.

– O que é isso?

– Feliz aniversário.

– Você perdeu o meu aniversário.

– Isso é só um detalhe insignificante. Abra.

Era um livro. Um livro grande e vermelho com as palavras *Mickey Ama Lucy* impressas em letras douradas, que logo viraram um borrão sob minhas lágrimas repentinas. Olhei para meu marido.

– O que você fez?

– Apenas um pouco de colagem.

Era um livro grosso que contava a nossa história. Não dava para acreditar em como parecíamos jovens quando tudo começou. Havia uma foto tirada por Lily de nós dois nos beijando no meu aniversário de 21 anos no Colby's. Ela também batera outra no dia em que me formei, quando Mickey me pediu em casamento

e enrolou uma franja da faixa em volta do meu dedo. Numa terceira, nós dois estávamos imundos, descascando o piso principal da casa, e eu aparecia usando o cinto de ferramentas de Mickey e um capacete de operário. Noutra, estamos ensopados e rodopiando no dia do casamento e ainda havia uma que mostrava Priscilla tentando salvar os canapés da tempestade. Em várias aparecemos com Lily, Ron, Jan e Harry no cruzeiro que fizemos pouco antes de eu ficar doente pela primeira vez. Numa, estamos apenas as garotas, fazendo massagem facial. Havia outra só dos nossos rapazes fabulosos, além de um belo instantâneo de Mickey me beijando sob o luar.

– Puxa, essa viagem foi incrível – exclamei, olhando para Mickey, que assentia e tentava conter as lágrimas.

Lembrei-me de que ele ficara mais de um ano sem nenhum surto. Então, tive câncer.

Mickey batera apenas uma foto minha durante o meu primeiro embate com a doença. Estou rindo, tinha perdido a maior parte do cabelo e Priscilla me arranjara a peruca mais pavorosa do mundo, uma imitação lamentável do cabelo de Farrah Fawcett. Eu emagrecera tanto que mais parecia uma prostituta de 12 anos do que uma das Panteras originais. Fiquei ridícula. Até Priss concordou.

Havia uma foto do pai de Mickey comigo nos destroços de sua casa depois da passagem do Katrina. Soubemos do furacão e pegamos o primeiro voo para lá. O pai dele chorou quando aparecemos no que restara do imóvel, mas se recusou a voltar conosco. Ele tinha um pequeno restaurante perto da Bourbon Street e não estava disposto a abandoná-lo. Tirei outra foto dele abraçando Mickey no dia em que partimos. Se a gratidão tem um rosto, certamente é o dele nesse dia. Cada foto era uma lembrança. Nosso primeiro Natal, quando a árvore tombou. O do ano seguinte, quando ela era grande demais para entrar em casa. Montes de fotografias de nós dois no barco. Uma com Mickey com folhas até as orelhas pouco antes de acenderem a fogueira. Outra em Cancun, com nossos cabelos trançados por um garotinho em troca de 5 dólares. Esse álbum foi o melhor presente que Mickey poderia ter me dado.

– Como nos divertimos – falei, acariciando a capa. E já que estávamos tão otimistas, acrescente: – Quero outro daqui a onze anos.

Mickey despenteou meu cabelo.

– Combinado.

Abri o livro e comecei tudo de novo, desde o início.

Depois disso, o fim de semana só melhorou. No sábado de manhã, eu tinha acabado de sair do banho quando Mickey me trouxe o telefone.

– Jan quer falar com você – disse ele, beijando o topo da minha cabeça.

– Oi, Jan.

– Como anda minha gravidinha?

– Nada mal – falei, meio ofegante.

– Então será que você pode dar um pulinho aqui? Preciso dar uma olhada no seu nariz.

Eu ri.

– Sei que é bobeira, mas estou acabando a capa para o seu conto de fadas e quero ter certeza de desenhar o seu nariz direito.

Depois de enfiar a calça jeans e secar meu cabelo, eu bem que podia tirar um cochilo. De repente me pareceu que a maioria das tarefas simples estava me exaurindo. Eu descansaria depois.

– Mic – gritei –, volto já. Vou um minutinho na casa da Jan.

– E o oxigênio, madame?

– São só dois minutinhos.

E era o que eu pretendia, até entrar pela porta dos fundos de Jan e encontrar a casa cheia de vizinhas, um caos de hormônios femininos. Quando finalmente consegui entrar, Jan me abraçou e disse:

– Seja bem-vinda ao seu chá de bebê, minha querida!

Fiquei boquiaberta.

– Como você demorou! – falou Lily me envolvendo em seus braços.

– O que foi que vocês aprontaram? – exclamei, registrando a cena.

A torre de folheados era de Mathilda Hines. Uma colcha de bebê estava sendo dobrada na sala e sobre a mesinha de centro havia uma pilha de presentes. Tudo era cor-de-rosa. Bolas, bandeirinhas e até as letras que formavam É UMA MENINA. Tive vontade de chorar. Ao me pegar pela mão e me levar até uma cadeira, Diane Dunleavy fez o possível para esconder a tristeza num sorriso. Muriel Piper enfiou uma almofada atrás das minhas costas e depois me beijou a bochecha. Charlotte afagou meu queixo.

– Como você está, querida?

– Pasma. Absolutamente pasma.

Um instante depois, Mickey entrou com meu oxigênio e as senhoras começaram a dar gritinhos e a mexer com ele. Meu marido abriu um grande sorriso e disse que era preciso coragem para entrar numa casa tão cheia de hormônios e perfume. Depois fez uma careta voraz para Wanda Murphy.

– Mas este é o meu tipo favorito de casa. – Então me agarrou e me beijou. – Divirta-se.

Lainy Withers providenciou um prato de petiscos para ele e mandou-o embora. Lily me trouxe suco e um bolinho, e Priss, que estava tirando fotos, entregou a câmera à Jan.

– Tira uma da gente?

– Com certeza!

Priss se sentou no braço da cadeira, Lily ficou de joelhos, inclinada, e nós três sorrimos. Eu era a garota mais sortuda do planeta por ter amigas e irmãs como essas. Lily beijou minha bochecha.

– O que eu posso trazer para você?

– Já tenho tudo, Lil. Foi você que fez isso?

– Todas nós fizemos.

– Nossa, é fantástico! – exclamei.

Olhei em volta, registrando tudo, aquele papo gostoso e o mimo, a preocupação chorosa e os abraços carinhosos. E os presentes! Eu nunca tinha visto tantas coisas tão adoráveis.

Não me restou escolha senão chorar lágrimas de felicidade pela minha filha. Ela tinha tudo que uma bebê poderia precisar e muito mais. Muriel tricotara um suéter cor-de-rosa mínimo, bordado com minúsculas pérolas, e quase a derrubei no chão ao lhe dar um abraço de agradecimento. Jan nos deu uma pilha de livros de história e, quando a abracei, não tive vontade de soltá-la.

Quando faltava apenas um presente, Lily anunciou:

– Esse é meu e da Priss.

Rasguei o embrulho e abri a caixa, que estava cheia de papel de seda. Fui desfolhando as camadas e voltei a chorar ao tirar dali de dentro a veste de batizado mais linda que eu já vira. Tinha, no mínimo, 1,20 metro de comprimento, era rendada e deslumbrante. Vinha com uma faixa para a cabeça combinando, arrematada por uma grande margarida de seda. Apertei a camisola de encontro ao peito e imaginei a sensação de abraçar minha filha vestida nela. Minhas irmãs choraram. Eu chorei. Muriel assoou o nariz. Jan e Charlotte fungavam. Olhei para esse grupo terno de mulheres e vi a generosidade de todas empilhada a meus pés. Será que algum dia elas saberiam o que significavam para mim?

– Amo todas vocês – falei, chorando. – Muito, muito obrigada!

Não foi minha intenção que isso soasse como uma despedida, mas soou.

Priss se aproximou e beijou minha cabeça. Então, felizmente, estourou a bolha de tristeza que eu criara.

– Adoríamos ser dignas de toda essa emoção, Lu, mas a verdade é que estávamos loucas por uma festa e você nos deu um pretexto excelente.

Enfim houve gargalhadas – carinhosas, mas gargalhadas mesmo assim. Eu ri, aliviada. Priscilla poupou a mim e a nós todas de olhar muito de perto para o que realmente estava acontecendo.

14 DE NOVEMBRO DE 2011

Gleason me disse que, antes que uma montanha desabe, primeiro rolam algumas pedras que dão o aviso. Se isso é verdade, então recebi meu aviso inicial anos atrás, quando Lucy me falou do câncer que assolava seus genes. Apenas cinco anos depois de nos casarmos, ela recebeu o terrível diagnóstico precursor do que está acontecendo agora. Ao menos em teoria. A única certeza que tenho é de que cada preocupação, cada temor, é mais uma pedra, até que não me reste senão admitir estar à sombra da montanha que logo me esmagará. O otimismo do Dr. Gladstone é tão infimo que soa falso. Vai acontecer, diz ele sem pestanejar – só não sabemos quando. Por isso eu me equilibro na corda bamba dessa agonia e tento me concentrar no momento. Sigo as ordens do médico para não pensar além do momento imediato, para me manter com firmeza na estreita paisagem do aqui e agora. Minha tarefa é amar minha mulher o suficiente para que ela sinta esse amor por toda a eternidade. E, acima de tudo, preciso ser forte. Haverá tempo para desmoronar... depois. Por ora, aproveito cada sorriso cansado, cada toque débil, cada beijo sóbrio e registro tudo a ferro e fogo no coração.

Desliguei o motor e lancei um olhar para a aleia que levava aos túmulos dos meus pais. Vista da curva, a distância parecia assustadora e por um instante pensei em desistir. Não estava bem. A diferença entre hoje e os dois últimos dias era gigantesca. Eu passara a noite toda tossindo e acordei de manhã como outra pessoa, sem dúvida doente. De manhã, no consultório de Charlotte, com Mickey andando de um lado para outro na sala de espera, ela me examinou e balançou a cabeça. Mas o bebê estava bem e me agarrei a isso.

Pousei a cabeça no volante e reuni forças para descer do carro. Pelo menos eu estava sozinha, sem uma plateia à qual convencer de que me sentia bem. Mickey acreditava quando eu dizia que estava melhor. Ele precisava acreditar. O mesmo valia para Lily. Esse teatro com que eu me comprometera, porém, tinha um preço. Eu estava exausta e sabia que não seria capaz de manter a encenação por muito mais tempo. Na verdade, nem queria isso.

Fazia tempo que eu não visitava o cemitério, por isso levava comigo um balde e uma tesoura de jardinagem. Cheguei a pôr também umas flanelas e um frasco de limpa-vidros, para garantir. Quando saltei do carro, pude sentir o calor do sol

de novembro sobre mim. Uma delícia, apesar do vento frio. Tirei meus apetrechos do porta-malas e segui a trilha de cascalho, arrastando atrás de mim o tanque de oxigênio. De novo fui obrigada a me lembrar, pela milésima vez, de como eu costumava considerar o ato de respirar uma coisa natural. Jamais agradeci a maravilhosa liberdade de encher o peito de ar e depois expeli-lo ao meu bel-prazer. Sem dúvida, agradecia agora, que passava o tempo todo consciente da mecânica de encher os pulmões de oxigênio. Ai, como eu ansiava por um suspiro, profundo, despreocupado e rejuvenescedor. Mas sabia que o preço seria muito alto.

A trégua estava oficialmente terminada, e não era preciso muito para sobrecarregar o meu sistema respiratório combalido. Quando isso acontecia, meu fôlego ficava preso em algum lugar entre a inspiração e a expiração. Então eu tossia, o que reduzia ainda mais a minha capacidade de respirar. Na noite anterior eu tossira tanto que rezei, sem qualquer constrangimento, para morrer. O ataque foi, de longe, o pior até o momento e me deixou totalmente depauperada e morta de medo por causa do bebê. Percebi que minha vida se resumia a evitar esses ataques. Cada pensamento e ação passaram a girar em torno de uma respiração regular e contínua. Assim, foi com muito cuidado que percorri a pequena distância que me separava dos túmulos dos meus pais. Avancei devagar, respirando minhas parcas rações de ar e tentando não pensar nisso.

Quando enfim consegui chegar ao banco de mármore sob o olmo, meu coração batia disparado, como se eu tivesse corrido uma maratona. Precisei me sentar e respirar devagar por entre os dentes para me acalmar, mas logo recuperei o controle. Olhei em volta. Eu estava sozinha, exceto pelos mortos que me cercavam, e descobri que a companhia deles era incrivelmente reconfortante. Sempre achei que fosse, mesmo quando criança. Nunca tive medo daquele lugar.

Uma vez, quando eu era pequena e não fazia muito tempo que meu pai tinha morrido, fui até ali depois da escola a fim de ler para ele – para praticar leitura em voz alta. O fim do nosso ritual matutino foi quase tão traumático para a minha vida de menina quanto perder meu pai. Por isso um dia simplesmente resolvi descer do ônibus escolar dois pontos depois e ir a pé até o cemitério. Forrei a grama em frente à lápide com meu suéter, me sentei de pernas cruzadas e comecei a ler. Devo ter perdido a noção da hora, porque nem me dei conta do carro de polícia que parou na curva ou da minha mãe e Deloy Rosenberg subindo a trilha que ia dar no túmulo. Lembro-me de ficar perplexa com a reação dos dois ao me encontrarem. O fato de me sentar ali e ler para o meu pai não me pareceu digno de tantas lágrimas e atenção. Depois da morte de minha mãe, passei a visitar o cemitério com mais frequência ainda.

Priscilla, claro, achava mórbida minha vontade de passar tanto tempo ali. Ela pediu a Charlotte que conversasse comigo sobre isso, e nossa médica me

encontrou ali numa tarde para me falar da preocupação da minha irmã. Estávamos no início do outono, num dia muito parecido com o de hoje, quando o ar está frio, mas o sol é quente.

Foi a primeira vez que Charlotte e eu percebemos que sentíamos o mesmo quanto à proximidade dos meus pais. Naquela tarde, ela recitou – de cor – o famoso soneto de John Donne “Morte, não te orgulhes”. Eu já o ouvira antes, mas nunca entendera direito o significado. *Após curto sono acorda o que jaz, e a morte já não é, morte, tu morrerás...* Há anos eu não pensava no poema, mas nessa tarde as ideias radicais de Donne contribuíram para a minha serenidade.

Obriguei-me a interromper o devaneio, me ajoelhei e comecei a arrancar a grama queimada que se acumulara no túmulo de meus pais. Tentei usar a tesoura de jardinagem para limpar a base das lápides, mas estava fraca demais para manuseá-la. De joelhos, a barriga de gravidez pendendo à frente, consegui inspirar um pouco mais de ar sem provocar uma reação. Por isso, simplesmente pousei a cabeça na pedra fria da sepultura dos meus pais e fechei os olhos.

Como estava de joelhos, me peguei rezando para ter a força necessária para superar os minutos seguintes. Embora não fosse meu costume conversar com Deus, senti o que só podia ser a Sua resposta à minha pequena prece. Ela desceu sobre mim como uma nuvem macia, algo em que confiei para me envolver durante um instante. Era lindo, estranho e tive a certeza de que essa paz fora um presente dos meus pais.

Acho que teria ficado ali de joelhos, sentindo o mármore frio o dia todo, se não ouvisse a batida da porta de um carro. Abri os olhos e vi Ron subindo rapidamente a aleia. Estava com pressa e me dei conta de que devia parecer que eu tinha caído e não conseguia me levantar.

– Lucy! O que houve?

– Nada – respondi, pegando a mão que ele me estendeu. – Eu estava só rezando um pouco.

Quando nos vimos cara a cara, ele disse:

– Você não está bem, não é, Lucy?

– Já estive melhor. – Limpei a grama grudada na minha calça e aceitei o braço de Ron. – Sente-se comigo, Ronald, e segure minha mão. Tenho algo importante para falar com você.

– Ronald, é? Deve ser muito sério – comentou ele, enquanto nos dirigíamos ao banco e nos sentávamos.

Olhei para o meu bonito cunhado, de calça jeans e suéter de gola rulê. Sentada a seu lado, pude ver o punhado de fios brancos salpicando seu cabelo castanho-claro.

– O que posso fazer por você, Lucy?

Olhei para a sepultura de meus pais, recém-polida com limpa-vidros e brilhando ao sol.

– Estou morrendo, Ron.

Ele não falou nada, mas senti um leve aperto em meu ombro.

Respirei o mais fundo que me foi possível.

– Cansei de fingir que não estou.

– Você não precisa fingir nada para mim, Lucy.

– Por isso amo tanto você, Ron. – Segurei sua mão entre as minhas. – Obrigada por me encontrar aqui. Preciso lhe pedir uma coisa.

– O que quiser – respondeu ele, sem hesitar.

– Você sabe quanto eu amo Lily – consegui dizer por fim.

Ron assentiu.

– Acho que não sabe, não. Seria impossível. Ela sempre foi tudo para mim, Ron. Tudo.

Ron concordou, os olhos brilhando de compreensão.

– Ela é uma mãe perfeita, a mãe que eu gostaria de ser se tudo isso não estivesse acontecendo.

– Eu sei.

Ficamos calados um minuto, enquanto eu tentava organizar as palavras. Desisti e falei apenas o que me veio à cabeça:

– Ron, você viu a minha vida desmoronar e voltar aos eixos. Você viu tudo o que aconteceu com Mickey. – Ele assentiu. – Você sabe que isso jamais seria fácil para ele.

– Nem imagino o que ele esteja passando.

– Você e Lily devem ter pensado sobre o meu bebê.

– Pensamos em vocês três o tempo todo – concordou Ron, com uma voz que não passava de um sussurro.

Apertei a mão dele.

– Vocês precisam saber quão importantes sempre serão na vida dela. Como Lily será importante.

– Aonde você quer chegar, Lu?

Olhei para o meu terno cunhado.

– Ron, não tenho mais tempo e Mickey acha que não consegue fazer isso sem mim.

– Fazer o quê?

– Criar nossa filha.

– Ah!

– Tenho uma coisa a pedir.

– Lucy...

– Não, escute. Nós, Mickey e eu, queremos que você e Lily a adotem. Mas é um pouco complicado.

– Lucy, do que você está falando?

– De uma coisa muito especial, Ron. Uma adoção por três partes: você, Lily e

Mickey.

– Nossa!

– É, eu sei.

– Lucy, você tem certeza de que precisamos falar disso agora?

– Não tenho tempo, Ron. E queria falar com você primeiro, porque vou precisar da sua ajuda para conversar com Lily. – Funguei. – Ensaiei essa conversa com ela uma centena de vezes e nunca consegui ir além da parte em que digo que estou morrendo. – Passei as mãos no rosto. – Não tenho ilusões, Ron, mas acho que Lily talvez ainda tenha. Ela não está pronta para ouvir que meu tempo praticamente acabou, e isso precisa ser decidido.

Ron apertou meu ombro.

– Shhh. Vamos achar uma solução.

– Precisamos achá-la agora e você é a única pessoa com quem sempre posso contar para ser realista. Por isso, ouça o que tenho a dizer. – Enxuguei meu nariz e controlei minha forte emoção.

– Está bem. Vamos ser “realistas”, está bem? Por que Mickey entregaria a própria filha, mesmo que seja para nós?

– Nem sei por onde começar. – Encarei meu cunhado durante um bom tempo, com a explicação para a ansiedade de Mickey na ponta da língua. No fim, apenas balancei a cabeça. – Ele acha que é problemático demais para ser pai dela.

Eu queria explicar melhor, mas comecei a tossir e logo estava tossindo tanto que rezei para que aquele mesmo conforto de momentos antes viesse em meu socorro. Tentando não entrar em pânico, remexi na bolsa em busca da minha garrafa de água e deixei um fiozinho escorrer pela minha garganta, que queimava. Ron não disse uma palavra, simplesmente mantendo a mão nas minhas costas – firme, constante e tranquilizador.

Inclinei-me e me obriguei a recuperar a calma enquanto ele massageava meu ombro, sem usar de frases feitas, ao que fiquei muito grata. Passado um minuto, consegui voltar a respirar.

– E então?

– Acho que não posso fazer isso, Lucy. Já me tiraram um bebê, lembra? Foi um horror.

– Claro que me lembro. Mas não é a mesma coisa. Mickey quer isso. Ele ama a filha e essa é melhor maneira que ele encontrou para demonstrar esse amor.

– Não posso acreditar, Lucy.

– Pode, sim. Você conhece Mickey.

– Conheço, mas ainda assim...

– Eu gostaria que fosse diferente, Ron, mas não existe mágica. Mickey é Mickey e por mais que eu tenha uma fé cega em sua capacidade de amá-la, ele não acredita em si mesmo. – Balancei a cabeça e lutei contra novas lágrimas. –

Ele se esforça muito, Ron. Você sabe disso. Mas, na cabeça dele, sucesso é o domínio absoluto sobre a doença. Nem sempre Mickey consegue isso. É capaz de mantê-la sob controle por longos períodos, mas, mesmo quando faz tudo certo, nem sempre consegue ficar com os pés no chão. A parte mais sadia de Mickey o convenceu de sua incapacidade para lidar com uma criança dependente dele.

Ron não disse nada, mas vi pena em seus olhos.

– Não tenha pena dele, Ron. Por favor, não você. Ele está fazendo o melhor que pode.

– Sei disso.

Ficamos calados um momento e então sussurrei:

– Eu amo tanto o Mickey. Acho que desde o primeiro minuto em que o vi. Isso pode soar engraçado porque tem havido tanta *loucura* ao longo dos anos. Mas não é disso que me lembro. As pessoas me olham como se eu fosse especial porque Mickey é o Mickey e eu o aguento há todo esse tempo. A única coisa especial em mim é o fato de ele me amar. – Virei-me e olhei para o rio. – Mas a verdade é que Mickey não é como você e eu, Ron. E não sei o que vai acontecer com ele depois que eu me for.

– Lucy...

Limpei as lágrimas do meu rosto.

– O sacrifício que ele quer fazer, a distância que ele quer abrir entre si mesmo e a filha... Isso é típico de Mickey em sua melhor forma, a mais racional. Você entende, não é?

Meu cunhado levou um bom tempo para falar:

– Entendo. Mas nenhum homem deveria ter que perder a esposa e a filha. O que isso vai fazer com ele? – Ron descansou o olhar nas lápides dos meus pais, e eu vi seu queixo tremer. – Isso não está certo, Lucy.

– Eu sei, mas ao menos assim ele vai conhecê-la. E ela vai conhecê-lo. E terá a segurança e o amor de vocês todos. – Quando ele se virou para me encarar, emendei: – Ron, eu quero que você e Lily fiquem com o meu bebê, porque sei que vocês deixarão Mickey participar. Sei que deixarão que ele faça parte da vida dela.

– Isso nem é preciso dizer. Sempre faremos o que você quiser, Lucy. Mas será que tudo isso não é meio prematuro? Que tal Lil e eu cuidarmos do bebê enquanto você se recupera? Vamos resolver até aí, já que não sabemos o que o futuro nos reserva.

– É uma ótima ideia – falei, sem querer pressioná-lo. – Mas quando o que o futuro nos reserva acontecer, vocês aceitam adotá-la?

Lágrimas e angústia encheram seus olhos.

– Aceitam?

Ele assentiu.

Não havia muito mais a dizer e eu estava cansada demais. Ron se virou e,

com carinho, puxou meu rosto para que eu o descansasse em seu peito.

– Ah, Lucy... – Ele me abraçou por um instante e, quando me acalmei, ergueu meu queixo. – Você sabe que nós a amaremos como se fosse nossa. Mas prometo que ela sempre saberá quem são seus pais.

Era tudo o que meu coração precisava ouvir. Eu sabia que minha irmã e Ron fariam dar certo. Nenhuma mulher quisera tanto ser mãe quanto Lily. Agora eu podia dar isso a ela, que amaria meu bebê por mim. E cuidaria do meu Mickey. Deixaria que ele amasse a filha e jamais se sentisse ameaçado. Acima de tudo, Lily a protegeria se algum dia fosse preciso. E se asseguraria de que minha filha soubesse quanto eu a amei.

– Você vai falar com Lily? – sussurrei. – Vai dizer a ela que é isso que eu quero?

Meu cunhado querido pigarreou, mas ainda pude ouvir o soluço que ele tentara engolir quando assentiu.

– Obrigada, Ron. Obrigada.

Não havia mais nada a dizer. Acaricieei minha barriga e o bebê respondeu chutando. Ela era forte e saudável, disse eu tinha certeza. Peguei a mão de Ron e a pousei na minha barriga. Minha filha tornou a chutar e uma lágrima rolou pelo rosto de Ron.

Mais tarde naquela noite, eu tentava permanecer acordada à espera de Mickey, que, relutantemente, tinha ido até o Partners depois que o bartender ligou da emergência do hospital onde a filha estava levando pontos na cabeça. Mickey prometeu que voltaria assim que pudesse. Já fazia duas horas que saíra e eu cochilava vendo *Conan*, quando Lily bateu à porta e entrou. Ela andara chorando como se o mundo fosse acabar. O nariz estava vermelho como um pimentão, e os olhos, tão inchados que mal se abriam. Ela se aproximou de onde eu estava sentada, com lágrimas nos olhos, e se ajoelhou diante de mim. Seu sofrimento era palpável e pude ver que ela enfim aceitara a urgência do que estava acontecendo. Passei a mão por seu cabelo curto.

– Lucy – gemeu minha irmã –, por favor, não morra.

– Está bem – murmurei em resposta.

Nós duas ficamos caladas durante algum tempo. Quando olhei em seus olhos, não consegui sequer imaginar quem eu teria sido se Lily não fosse minha irmã e quem eu viria a ser sem ela. Lily sempre foi a guardiã dos meus segredos e a depositária dos meus sonhos, desde que éramos pequenas. Supostamente deveríamos envelhecer juntas.

Lily balançou a cabeça, lutando contra mais lágrimas.

– Acho que não posso aceitar essa situação – falou, com os lábios tremendo.

– Que situação, Lil?
– Eu finalmente poder ter um filho... Mas só se perder minha irmã.
– Eu sei. Sinto muito.
– Você tem certeza de que é isso que quer?
– Não posso ter o que quero, Lil. Então, agora é com você. Será uma mãe maravilhosa. – Peguei seu queixo, aparando as lágrimas.

Ela pousou o rosto em minha mão.

– Não sei o que vou fazer sem você. Nunca soube.
– Eu estava pensando exatamente a mesma coisa.
– Lu, você se lembra de quando ficou presa naquela árvore?
– Fiquei presa numa árvore?

Lily assentiu.

– No parque. Havia um monte de gente, mas não consigo me lembrar direito da data, talvez tenha sido na Festa da Savelha. Eu tinha 7 anos, acho. Você era pequena, no meio de um monte de crianças brincando, e a perdi de vista. Assim que me dei conta, entrei em pânico. Procurei por todo lado e, quando não encontrei você, meu coração se apertou. Nem sei como, mas consegui chamar o papai, que se apavorou e começou a gritar seu nome. Logo mamãe começou a gritar também. Todo mundo se pôs a procurar você. Então, por algum motivo, olhei para cima. E lá estava você, no alto da árvore, olhando para mim, para todos nós, cá embaixo. Lembro que comecei a chorar de alívio. Você não tinha sumido e pude voltar a respirar – sussurrou ela, com voz rouca, balançando a cabeça. – Ninguém podia imaginar como tinha chegado lá em cima e foi um milagre não cair e quebrar alguma coisa. Depois de tirar você de lá, papai lhe deu uma palmada, claro, por causa do susto que você deu nele e porque não sabia onde tinha se metido. Você só olhou para ele e disse, com toda a sabedoria de uma criança de 3 anos: “Eu não sumi, vocês é que não conseguiam me ver.”

Aquiesci, lembrando vagamente.

– Nunca vou me esquecer – disse Lily. – Você não sumiu, só que a gente não conseguia vê-la. É assim que vou sobreviver a isso, Lucy: você simplesmente não vai sumir.

– Não vou sumir.

17 DE NOVEMBRO DE 2011

Agora sei a diferença entre tristeza e depressão. A depressão clínica não tem uma origem – simplesmente existe. A tristeza intratável não tem nada a ver com sinapses, química cerebral ou nutrientes essenciais; ela é fruto de algo. É o produto da injustiça e da impotência. Pode ser anestesiada, suponho, mas depois que o efeito da medicação passa, fica ali, inalterada, como um intruso que invadiu nossa casa e continua nela, manhã após manhã, ao acordarmos.

Se pudesse escolher, eu preferiria estar deprimido. Da depressão já voltei.

Priscilla veio à cidade para a reunião com Harry e me informou que vai se hospedar conosco alguns dias. Ao menos foi o que ela disse – apenas alguns dias. Faz frio demais no barco e em vez de ficar no quarto de hóspedes na casa de Lily, optou por ficar de olho em mim. Mas eu estava cansada demais para me importar. Além disso, o esquema acabou sendo uma boa distração para Mickey, que precisava muito disso.

De alguma forma, meu estado de saúde possibilitou a Priss e Mickey superarem a pouca estima que têm um pelo outro. Também contribuiu o fato de Priscilla estar bem diferente ultimamente. Mais cordata. Parte da mudança parecia obrigatória, porque eu estava doente, mas a outra parte, eu tinha certeza, tinha uma origem mais profunda. Para mim, ela estava apenas de saco cheio de arrastar toda aquela raiva por aí. Torci para que isso não mudasse quando eu lhe contasse por que lhe pedira para vir a Brinley naquela noite. Imaginei que fosse melhor explicar o motivo da reunião com Harry antes que ele chegasse, em visita oficial, com documentos para todos assinarmos. Por isso, me levantei e escovei os dentes, mas depois voltei para a cama. Tinha sido um dia duro e às duas e meia da tarde eu ainda não estava vestida. Priscilla ia ver como eu estava a cada cinco minutos e, quando entrou pela terceira vez no quarto, enfim consegui me sentar e lhe dizer que queria conversar. Agora, sentada ao pé da cama, ela esperava que eu parasse de tossir. Desnecessário dizer que não consegui lhe dar a notícia de que estava entregando meu bebê a Lily exatamente do modo como eu havia planejado.

– Lily? Você vai dar seu bebê para Lily?

– Vou.

Priss olhou para o teto.

– Não sei o que dizer.

– Diga que vai ser uma boa tia.

– Eu seria uma boa mãe, você sabe.

– Tenho certeza que sim – falei, agradecendo o fato de ter parecido sincera.

Sua expressão se anuviou e pude ver que minha irmã estava genuinamente magoada.

– Você chegou a pensar em mim? – perguntou ela.

Como não respondi, Priss se virou e me encarou. Eu não soube o que dizer. Se tivesse seguido seu conselho, meu bebê nem estaria na minha barriga. Mas eu não podia lembrar-lhe disso agora quando seus olhos estavam marejados.

– O que pesou foi Brinley – falei. – Você sabe que amo esta cidade e é aqui que quero que ela cresça.

Após alguns momentos de tensão, a mágoa de Priss se dissipou com um dar de ombros.

– Lily será uma mãe incrível – admitiu minha irmã, de má vontade.

– Com certeza. Mas não é só isso. Quero que Mickey participe muito e vocês dois não conseguiriam fazer esse esquema funcionar. Além do mais, preciso que você atue como mediadora quando for preciso. Sabe, Priss, dessa forma, ela vai ter só uma tia. Você já se deu conta de que será a única pessoa oficialmente autorizada a mimá-la? Esse é um papel muito importante.

Ela assentiu, preocupada.

– Acho que tudo isso é verdade – concordou, lançando-me um olhar duro. – Mas quero lhe perguntar uma coisa.

– Está bem.

– Quero a verdade, Lucy.

– Estou ouvindo.

– Se você soubesse como isso iria acabar, teria feito o aborto?

– Não – respondi sem hesitar. – Mesmo se tivesse feito, eu me encontraria neste mesmo estado e sem nada para deixar quando partisse. Não podia fazer isso com Mickey. E só porque não vou conhecer minha filha agora não significa que jamais a conhecerei.

– Do que você está falando?

Comecei a tossir e descartei a pergunta com um aceno de mão.

– Não me arrependo – consegui acrescentar.

Priscilla me serviu um pouco de água e, quando parei de tossir, tocou meu rosto e falou:

– Eu sabia que você diria isso. Só queria ouvir para ter certeza.

– Ouvir o quê? – perguntou Mickey, entrando no quarto.

– Acho que vou procurar algo para comermos – falou Priscilla, levantando-se rapidamente da cama.

– Os Dunleavys acabaram de deixar uma panela enorme de sopa, além de pão quentinho – disse Mickey. – Vim ver se vocês estavam com fome.

Dei uma palmadinha em sua mão.

– Vou tomar um pouco mais tarde.

Mickey beijou minha testa e, depois de um tempo, senti que ele começava a tremer. Pelo canto do olho, vi Priscilla levar a mão à boca e sair do quarto. Como eu gostaria de fazer alguma coisa para aliviar esse carrossel de emoções! Mas meu cansaço era grande demais. Mickey se deitou ao meu lado e encostou o rosto em meu pescoço.

– Eu te amo, meu bem – sussurrei, acariciando seu queixo áspero.

Acordei algumas horas mais tarde e vi Priscilla na cadeira ao lado da cama lendo meu livro do bebê. Ela me informou de que Mickey havia saído para a consulta com Gleason, o que me deixou surpresa, já que ele não tinha hora marcada.

– Ótimo – falei. – Isso deve estar ficando cansativo, ficar de olho em mim, fazer o que eu faço...

– Eu trouxe um suco de maçã para você – disse Priss, levando o copo aos meus lábios.

Estava uma delícia, e tomei vários goles antes de tornar a deitar a cabeça no travesseiro. Então pedi a minha irmã que me preparasse um banho. Eu queria esperar Mickey com uma surpresa: uma esposa fresquinha e lençóis limpos, o que era o máximo possível para mim naquele dia. Ainda faltavam quase três horas para a chegada de Harry.

Priss demorou para encontrar a temperatura perfeita, e foi deliciosa a sensação da água na minha pele sofrida. Quando deitei a cabeça na espuma, todo meu corpo pareceu se aninhar num colchão de sabão. Após um tempo, Priss bateu à porta e enfiou a cabeça pela fresta.

– Devo ficar preocupada?

– Acho que estou me saindo bem.

– O oxigênio está ligado?

– Está.

– Quer que eu esfregue suas costas?

– Seria maravilhoso – falei, com um gemido.

Priscilla despejou sabonete numa esponja e se sentou na beirada da banheira. Inclinei-me, oferecendo minhas costas a ela, e ouvi uma leve exclamação, que minha irmã tentou disfarçar com uma tossidinha.

– Desculpe, eu devia ter avisado. Não é uma visão bonita.

– Lucy, como você pode estar tão magra? – Seu tom soou alarmado.

Então eu a ouvi fungar e notei que ela estava chorando.

– Você vai esfregar minhas costas ou não?

Priscilla passou a esponja pela minha coluna de forma tão delicada que eu lhe disse que só isso não bastava.

– Esfregue, vamos! Você não vai me machucar.

– Tem certeza?

– Tenho.

Foi delicioso quando Priss enfim levou a tarefa a sério. Depois, ela jogou água nas minhas costas e na minha cabeça, soltando meu cabelo. Eu não lhe pedira que o lavasse, mas não discuti. Na verdade, quase me derreti quando seus dedos longos esfregaram suavemente meu couro cabeludo. Sua ternura e a indulgência da sua bondade me fizeram chorar, e deixei que as lágrimas corressem livremente pelo meu rosto, sem me desculpar.

Em seguida, ela enrolou uma toalha na minha cabeça e eu peguei sua mão e a beijei. Priss também estava chorando.

Mergulhei o corpo na espuma, que puxei para me cobrir, como um cobertor. Mesmo assim, minha barriga se projetava como uma ilha escorregadia. Priss deu um sorriso triste. Estava sem maquiagem e com o cabelo num coque.

– Vai dar tudo certo, Priscilla – falei baixinho.

Seus olhos tornaram a ficar marejados, mas ela não os desviou.

– Era eu que deveria estar dizendo isso. Será que você nunca se cansa de cuidar de todos nós, Lucy? Nunca sente raiva?

– O tempo todo, nos últimos dias. Tenho raiva, sobretudo, do timing desse pequeno dilema.

– Só você para chamar *isso* de pequeno dilema.

Balancei a cabeça.

– Não estou preparada, Priss.

– Nenhum de nós está, meu bem.

Após um instante de silêncio pesado, falei:

– Mamãe também não estava preparada e acho que entendo como ela se sentia. Ela não tinha *terminado*. Havia coisas importantes que queria concluir.

– Como o quê?

– Como acabar de me criar. Ver Lily e Ron se casarem. E, mais que tudo, fazer as pazes com você.

– O quê?

– Você acha que isso não era importante para ela? – indaguei. – Como as coisas ficaram entre vocês duas? Você sabe quanto ela a amava, Priscilla.

– Não sei como ela pôde. Fui tão horrível!

– É verdade – concordei, maldosa. – Mesmo assim...

Priss deu de ombros, com uma expressão infantil no rosto.

– Fiz uma coisa terrível e mamãe nunca me perdoou.

– Garanto que você está errada quanto a isso.

– Eu engravidei. – Suas palavras pairaram no ar durante alguns segundos.

– Eu sei.

– Como você soube? Ela contou?

– Não. Eu imaginei depois que fiquei mais velha. Você fez um aborto? É por isso que acha que ela nunca a perdoou?

– Não. Eu queria o bebê. Era de Trent e nós íamos nos casar. Tínhamos 17 anos e sabíamos de tudo. Mas então eu perdi o bebê. Depois disso, tudo desmoronou. Fiquei com muita raiva. De tudo e de todos. Sei que mamãe morreu me odiando.

– Como você pode ser tão inteligente e tão burra ao mesmo tempo?

Priss balançou a cabeça.

– Eu estava muito abalada, Lucy. Mas sei que foi por isso que nunca ousei me apegar a coisa alguma. Não fazia sentido. Eu acabaria perdendo.

– Do que você está falando?

– Quando era criança, nunca entendi como Deus pôde tirar a vovó de mim, de nós. Depois o papai. Depois o meu bebê. Quando mamãe adoeceu, eu já tinha aversão à ideia de Deus. – Priscilla cobriu o rosto com as mãos e, durante um instante, ficou calada. – E então descobri aquele carço, tantos anos atrás, e no mesmo período Kenny Boatwright voltou para a esposa. Simplesmente desisti.

– Ah, minha querida.

Uma única lágrima escorreu pelo queixo de minha irmã.

– Tomei tanto cuidado para não perder as coisas, que acabei sem nada – disse ela, com um suspiro. – E aqui estou, enfrentando outra perda que não posso controlar.

– Nunca tivemos controle, Priscilla. Nem a mamãe teve.

Minha irmã me olhou como se enxergasse através de mim.

– Você pode acreditar nisso e, se o clima fosse outro, eu acho que não admitiria, mas sempre me senti mal por ser tão inconveniente.

– Devia mesmo.

– E me sinto!

– Mamãe sabia disso. Ela se preocupava com você porque sabia como você é doce. A mais doce de todas nós, ela dizia.

– Dizia nada.

– Dizia, sim. Dizia que você era a sensível, e Lily, a mais generosa.

– E você era o quê?

– Não me lembro. Acho que ela me considerava forte.

Priss passou a mão sob o nariz sem dizer nada.

– Mamãe conhecia você, Priss. Provavelmente melhor do que você mesma. Ela costumava dizer que seria preciso alguém muito paciente e com muito tempo para chegar à sua essência.

– Ela nunca falou isso – rebateu Priss, baixinho e sem convicção.
– Falou, sim. E também que quem conseguisse isso seria o homem mais feliz do mundo.

Minha irmã começou a chorar.

– Não acredito que mamãe tenha dito isso sobre mim.

– Pois devia acreditar. Ela sabia todas as coisas importantes que as mães sabem. Inclusive que você eu teríamos esta conversa um dia.

– Ah, até parece.

– Sabia, sim! Quando ela já estava muito doente, um pouquinho antes de morrer, fez para mim uma lista de tudo o que iria perder. E disse: “Um dia Priss vai querer falar de mim, Lucy. Diga a ela que nunca deixei de amá-la e jamais acreditei que ela tivesse deixado de me amar.” – Tentei lançar um olhar duro para Priss a fim de enfatizar meu discurso, mas não consegui.

Priscilla descansou o queixo nos joelhos e praticamente se pôs numa posição fetal. Parecia uma garotinha, vulnerável e esperançosa.

– Ela disse isso mesmo?

– Cada palavra.

Priscilla fitou o chão e, durante muito tempo, permaneceu calada. Relembrei aqueles últimos dias terríveis em que minha mãe sentia muita dor, mas suportava a provação. Sua missão não estava terminada. Eu sabia exatamente como ela se sentira. Mesmo quando a Morte surgia para levá-la, tornando sua presença no quarto inquestionável, minha mãe descobria mais alguma coisa para me dizer, alguma bobagem que escapava do seu delírio, parecendo instruções de última hora. Nada daquilo era racional, salvo suas últimas palavras.

Eu cochilava na cadeira do papai segurando sua mão. Não sei durante quanto tempo dormi, mas acordei com o barulho da chuva e mamãe me fitava com seus olhos de sempre – não aqueles embaçados pela dor e pelos remédios. Ela parecia tão diferente que por um instante achei que estivesse sonhando. Sua aparência era a mesma de antes da doença. A paz havia apagado todas as rugas do seu rosto e, não sei como, vi que estava na hora. E ela também.

Puxou meu braço para que eu me aproximasse.

– Você é uma menina tão boa, Lucy – sussurrou. – Jamais tenha medo, meu amor, porque não há *nada* a temer.

Não entendi o que ela quis dizer e, antes que pudesse perguntar, mamãe me pediu que buscasse um pouco de gelo. Lembro que hesitei em sair do quarto porque a Morte estava lá. *Seus* olhos familiares me fizeram saber que, quando eu voltasse, minha mãe já teria partido. E eu soube que era assim que ela queria. Por isso beijei seu rosto e descí para buscar o gelo.

Comecei a tossir, e Priscilla se aproximou na mesma hora.

– Vamos tirar você dessa banheira. Já deve estar congelando.

Priss me entregou uma toalha e me ajudou a ficar de pé. Tornou a prender a

respiração ao ver meus braços e minhas pernas magricelas e a barriga desproporcional, coberta de veias azuis.

Enrolei a toalha no corpo.

– Você vai ter pesadelos agora.

– É bem provável – concordou Priscilla, num tom apenas parcialmente jocoso.

Em seguida me ajudou a vestir um pijama limpo e me sentei na grande poltrona, a do meu pai. Enquanto eu tossia numa toalha, minha irmã secou meu cabelo. Acho que jamais sentira tanta ternura da parte de Priscilla. Quando terminou com o secador, ela se sentou na beirada da cama e pegou minha mão.

– Lucy, há tanta coisa que eu deveria ter dito à mamãe. Não quero cometer o mesmo erro com você. – Seus olhos se encheram de lágrimas e levei sua mão aos lábios. – Eu amo você, Lucy.

– Sei disso, querida. Eu sempre soube.

Enquanto eu passava hidratante na minha pele ressecada, Priscilla trocou os lençóis. Prestou particular atenção aos cantos e chegou a sacudir o forro antes de tornar a estendê-lo sobre o colchão. Depois me ajudou a deitar de novo. Minha ideia era descansar só até Harry chegar.

Caí imediatamente num simulacro de sono, mas, por trás do ruído da minha respiração e do barulho do oxigênio, ouvi a campainha tocar. Lembro que Lily me beijou e tocou meu rosto. Seus olhos estavam tristes.

– Lu – disse ela com voz rouca –, você tem certeza de que é isso que quer?

– Tenho. Eu quero dá-la a *você*.

Minha irmã deixou escapar um soluço mínimo e fez o possível para apertar sua mão. Só não consegui me manter acordada.

Minha primeira lembrança depois disso é de ver todos de pé no meu quarto – Ron, Lily, Harry, Priscilla e Mickey, que se ajoelhou ao lado da cama. Tinha andado chorando de novo. Acho que os outros também. Mickey afagou meu queixo e enrolou meu cabelo sem vida entre os dedos.

– Tem certeza? – sussurrou para mim.

Eu sabia do que ele estava falando e olhei dele para minhas irmãs e depois para Ron.

– Exatamente como combinamos, certo?

Ron assentiu. Lily, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, também. Voltei-me para Mickey e levei minha mão até seu ombro.

– *Você* tem certeza?

– Tenho – murmurou meu marido.

Ele me ajudou a sentar na cama, e quando me sítuei, Harry sentou-se ao meu lado com os documentos.

– Vamos lá, garota – falou, abrindo a pasta e me entregando uma caneta que tirou do bolso.

Então, usando minha barriga como apoio, acrescentei minha assinatura aos documentos que oficializavam a adoção da minha filha.

19 DE NOVEMBRO DE 2011

Lily criou o hábito de passar aqui em casa de manhã cedo para ajudar Lucy a se preparar para o dia, pentear seu cabelo, passar creme em suas mãos, calçar suas meias. Eu poderia fazer tudo isso, mas parece muito importante para Lily ter direito a essa intimidade. Agora a observo puxar, lenta e delicadamente, um dos braços fininhos de Lucy, depois o outro, para enfiá-los nas mangas de um suéter. Quando acaba de abotoá-lo, ela se inclina para beijar a testa de minha esposa, e Lucy ergue os olhos para a irmã e tenta sorrir. Nenhuma das duas disse uma palavra, mas esse momento tem um significado imensurável.

Eu soube que havia algo especial entre as duas no dia em que Lily entrou no Colby's para marcar a festa de 21 anos de Lucy. Lembro-me de que ela era magra e loura e facilmente subestimável. Ainda é assim, mas tem uma profundidade nascida do sofrimento, que se manifesta em ternura e generosidade autênticas. Anos atrás, enquanto planejavamos a festa, ela descreveu Lucy em camadas – e admirava cada uma delas –, que iam desde jovem, tenaz e confiante até paciente e compreensiva, passando por destemida e excentricamente imperturbável. Lily usou a palavra “excentricamente” e me lembro disso com um sorriso. Sem dúvida, ela descreveria Lucy do mesmo jeito hoje, ainda que tenha sido um dia ruim.

Lucy passou mal a noite toda, com a respiração pesada e difícil. Peter Gladstone abriu espaço em sua agenda para atendê-la e por isso fui até o quarto para apressar os preparativos. Mas me senti como um intruso penetrando num santuário. Lily se sentara e Lucy repousava a cabeça em seu ombro. As duas estavam de mãos dadas e olhavam fixamente para alguma coisa a distância, com uma expressão de puro afeto e devoção estampada em seus rostos. A ligação entre as duas parecia não ter começo nem fim, e pela primeira vez desviei o foco de mim mesmo para avaliar o sofrimento de Lily. Era duro de ver e tive que me afastar.

Nevou em Brinley no dia 19 de novembro. Como num passe de mágica, a estação mudou de um outono preguiçoso e prolongado, sereno e cheio de cores, para um lençol de bruma que envolvia o mundo numa palidez fria e deprimente. Mickey e eu estávamos a caminho do hospital para uma consulta com Peter Gladstone e meu ânimo era sombrio como o dia. Para começar, eu não

conseguia me aquecer. Apesar da calefação do carro soprar em meu rosto, eu estava congelando. E não me sentia bem. Era difícil respirar e meu corpo mais parecia uma enorme ferida. Mickey afagou minha mão, despertando-me da letargia.

– Ei, tudo bem com você?

Não abri os olhos ao assentir, mentindo. Apenas tentei abafar os ruídos úmidos de sucção que escapavam do meu corpo quando eu inspirava. Mickey apertou meus dedos e fez o possível para apertar os dele, mas não tive forças. Meus pulmões estavam cheios de líquido outra vez e respirar era como tentar sugar o ar através de uma toalha encharcada. Acho que eu podia até ouvir marulhos dentro de mim, mas talvez estivesse imaginando coisas.

Que cansaço! Eu já não sabia o que era descanso, pois cada inspiração precisava ser calculada e conquistada. E eu sentia dor. Por toda parte. Ondas de dor me trituravam, ameaçando me aniquilar. Não dava para saber onde ela começava ou terminava, apenas que latejava em todo o corpo até a parte posterior das minhas pernas. Para coroar, todos os músculos necessários à inspiração pareciam rebelados, assim como aqueles necessários à expiração.

– Tenho certeza de que o Dr. Gladstone vai conseguir fazer alguma coisa para deixar você melhor, amor – disse Mickey sem convicção.

Concordei educadamente, amando-o por ser tão atencioso. O fato, porém, era que eu estava começando a ceder. Não, mais do que isso. A verdade mesmo é que eu estava perdendo o desejo de me apegar à vida. Depois do encontro com Harry para a assinatura dos documentos, foi como se eu tivesse cumprido um prazo e perdido a determinação. Uma coisa estranha. Quando todos saíram do meu quarto naquela noite, a sensação foi de que, fora dar à luz, a última tarefa que me restava havia sido riscada da lista, deixando apenas uma, a derradeira. Tudo o mais, todas as urgências que um dia demandaram atenção tinham sido concluídas ou haviam perdido a importância. Eu simplesmente não me preocupava, porque sabia que elas acabariam nas mãos capazes de outras pessoas.

Comecei a tossir assim que entramos no estacionamento do hospital e, droga, o esforço me fez urinar. Chorei ao sentir a umidade quente formar uma poça sob o meu corpo. Eu estava um desastre. Quando deu a volta para me ajudar a descer do carro, Mickey deve ter pensado melhor e mudado de ideia, porque rapidamente saiu em busca de uma cadeira de rodas. Pareceu levar uma eternidade até que ele voltasse e outra para entrarmos no prédio e subir até o consultório.

Na recepção, perguntei à assistente do Dr. Gladstone se ela teria alguma roupa para me emprestar, pois eu sofrera um acidente. Seu sorriso bondoso me afetou e atingiu um lugar dolorido demais dentro de mim para se sentir humilhado. Ela convidou Mickey a se sentar e depois me disse:

– Venha comigo, meu bem, vamos resolver isso.

Seu nome era Sadie e naquele momento achei que ela fosse a pessoa mais doce do Universo. Ela me ajudou a entrar num banheiro minúsculo, onde me encostei à parede enquanto ela remexia num armário.

– Pronto. Aqui está. Vista este uniforme de enfermagem. Eles são tão confortáveis que de vez em quando roubo um – disse ela num tom conspiratório, ajudando-me, em seguida, a tirar o casaco. – Você acha que consegue ficar sozinha aqui?

Assenti, esperando que fosse verdade, e ela saiu. Sentei-me no vaso e fiz o possível para me livrar do sapato sem precisar me abaixar. Quando o tirei, fiquei em pé e despi meu jeans de gestante, que joguei para o lado. O esforço me fez suar. Não conseguia recuperar o fôlego e senti o mundo se fechar à minha volta.

– Por favor, por favor – implorei por ar.

Tornei a me sentar, forçando-me a permanecer alerta enquanto aumentava o fluxo do oxigênio para o máximo. Um vento forte encheu minhas narinas, e respirei tão fundo quanto a coragem me permitiu. Com toda a energia que me restava, me obriguei a manter o foco, fechei os olhos e respirei. Lenta e calmamente.

Tudo que eu precisava fazer era tirar a calcinha e vestir a calça do uniforme hospitalar. Eu era capaz disso. Fiquei em pé, e a imagem no espelho me assustou. Eu estava muito pálida e encovada. *Não era eu*. Meus olhos se encheram de lágrimas quando preendi meu cabelo opaco atrás da orelha. Eu era uma casca, feia e indecente. Enquanto estava ali em pé lamentando meu reflexo horrendo, *ela* surgiu atrás de mim. Ao fitar seus olhos, perguntei-me se acaso teria invocado sua presença, ainda que mentalmente a censurasse por aparecer.

– Não está na hora – falei, com a voz entrecortada.

Seus olhos bondosos fitaram os meus e não pude desviar o olhar. Nem tinha certeza se queria isso. Meu coração sabia, assim como minha cabeça, e parte de mim estava quase grata. Só que eu precisava de um pouco mais de tempo.

– Não vou ainda – esclareci.

As lágrimas desfocaram tudo em volta e esfreguei os olhos com força. Quando tornei a olhar para o espelho, ela havia partido. Despi minha calcinha e a chutei para onde meu jeans jazia embolado, mas algo chamou minha atenção.

A princípio não consegui entender o que via. Uma calcinha vermelha?

Eu não tinha nenhuma calcinha vermelha.

Olhei fixamente para aquela cor como se ela estivesse viva, sem registrar seu significado. Enquanto eu encarava, sem piscar, o que se recusava a parecer real, senti alguma coisa me escorrer pelas pernas. Não dava para ver por causa da barriga, mas senti que o líquido empoçava a meus pés. Bem devagar, me afastei e olhei para baixo. Sangue. Sangue desenhando o contorno dos meus pés. Calcinha vermelha! Quando enfim entendi, senti o coração disparar e me dei

conta de que, a cada pulsação latejante, mais sangue quente vazava de dentro de mim. Sangue! Trinta e quatro semanas. Sangue! E a Morte no espelho! Depois de tudo isso, será que não era *a mim* que ela viera buscar?

Envolvi minha barriga com os braços de um jeito protetor e gritei com todas as forças, tentando inspirar. Mas não havia ar suficiente. Quando tentei me fazer ouvir outra vez, escorreguei de encontro à parede, as pernas bambas perdendo a capacidade de me sustentar. Comecei a ceder, a mergulhar profundamente em mim mesma, como se estivesse caindo dentro de um poço.

Vivenciei tudo isso como uma espécie de observadora aprisionada, mas procurei não ficar no caminho de toda aquela comoção. Estava ciente de que Sadie entrara no banheiro, seguida por outra enfermeira. As duas me vestiram o uniforme e pensei: *Ótimo. Cuidem dessa infeliz doente. E eu cuido da minha hóspede repentinamente ameaçada.* Cada célula, cada impulso meu, foram direcionados a garantir sua sobrevivência. Meu cérebro convocou toda a força vital que me restava e a dirigiu para a minha filha.

Curiosamente, em meio ao pânico, senti-me começar a afundar, mas me obriguei a voltar à tona. Procurei a Morte, mas não a encontrei. Pensando nela, me senti ao mesmo tempo traída e calma, mas me recusei a gastar um pingo sequer das minhas preciosas reservas para barganhar com ela. Eu não a deixaria levar minha filha! Simples assim.

De repente, Mickey entrou no cubículo e me pegou no colo como se eu fosse uma boneca de trapo, assumindo o comando.

– Para onde? Para onde devo levá-la? – trovejou, começando a hiperventilar.

Ele corria enquanto beijava minha cabeça, e o tempo todo eu balançava em seus braços, sentindo o sangue escorrer.

– Me siga! – gritou Sadie. – Não sei onde há uma maca. Devo levá-la para a emergência? – berrou a enfermeira para alguém. – Ou lá para cima? Ligue lá para cima e avise que estamos chegando – gritou outra vez.

Era óbvio que ninguém estava esperando aquilo e todas as pessoas a postos de repente se viram fora de sua zona de autoridade. Mickey me segurava – segurava a nós duas – com firmeza, e eu sabia que ele não me deixaria cair.

Devo ter submergido durante algum tempo, porque acordei – bom, não exatamente, mas me dei conta de mim mesma outra vez. Estava deitada num quarto muito claro. Tanto que dava para perceber a claridade mesmo por trás das pálpebras, que, apesar de todo o esforço, permaneciam fechadas. Ouvi um monte de gente gritando informações alarmantes, como *crise metabólica, coagulação intravascular disseminada*. A pior, contudo, foi: *Precisamos tirar o bebê agora!*

Alguém queria saber onde se enfiara o anestesista, enquanto outra pessoa gritava:

– Nós a estamos perdendo, a pressão caiu para 6 por 4.

– Virem a paciente de lado – gritou uma voz masculina, e logo senti um líquido frio penetrar nas minhas costas. Não doeu. Curiosamente, não havia dor alguma.

Mickey apertava com força a minha mão, recusando-se a sair, embora os médicos, ao que parecia, tivessem lhe pedido isso várias vezes. Sei que ele jamais me abandonaria, mas provavelmente nem imaginava como seu contínuo mantra em meu ouvido, “Aguente firme, meu bem, aguente firme”, estava me mantendo presa a este planeta. Não tinha como saber que, sem ele, eu teria sido engolida pelo caos à minha volta, desaparecendo sem deixar vestígios.

De repente, senti a mão fria de alguém em meu rosto. Logo soube que Charlotte havia chegado. Ela se inclinou e falou em meu ouvido:

– O que acha que está fazendo, mocinha?

Tive vontade de chorar, mas não consegui abrir os olhos. Ela disse a Mickey:

– Como vai a nossa garota? Você está cuidando bem dela?

– Estou fazendo o melhor que posso, doutora – respondeu meu marido, com a voz trêmula.

– Estamos prontos para a senhora, Dra. Barbee – informou alguém postado do meu outro lado.

– O que você vai fazer? – perguntou Mickey, como uma criança assustada.

– Vamos fazer o parto da sua filha.

Senti a mão forte, competente, de Charlotte apertar meu braço e tornei a ouvir sua voz junto ao meu ouvido.

– Trate de ficar comigo, mocinha – disse ela com firmeza. – Ainda não terminamos.

Então me deitaram de costas e, apesar de tentar ajudar, não sentia meu corpo. Quando me puseram na posição adequada, esperei que me mandassem empurrar, mas ninguém disse nada. Nem Charlotte.

Sempre que pode, ela faz o parto de suas pacientes. E, embora eu achasse que sua presença ali significava que ela faria o parto da minha filha, aparentemente minha médica apenas fazia parte do grupo que me atendia. Um outro médico parecia comandar o espetáculo – pedindo instrumentos, checando níveis, evitando que Mickey desmaiasse. Ele trabalhava rápido na tarefa de abrir minha barriga.

Eu queria desesperadamente ver o que estava acontecendo, porque tudo ficara muito quieto. Até Mickey parecia ter parado de respirar. Ouvi vozes, mas não consegui entender as palavras até escutar:

– Ela é muito pequena. No máximo um quilo e meio. Vamos, docinho, respire. Respire, droga!

Quando isso não aconteceu, a sala fervilhou de atividade. Ouvi barulho de sucção e uma leve tossida engasgada. Então, uma palavra estranha, *Apgar*, seguida de uma resposta, “Três no primeiro minuto”, o que, por algum motivo,

contribuiu para aumentar a tensão.

– O que está havendo? – perguntou Mickey baixinho. Então largou minha mão e repetiu a pergunta num tom mais alto. Ninguém respondeu. – Charlotte? – gritou ele, a voz histérica. – O que há de errado com o bebê? O que está havendo? Por que ela não respira?

19 DE NOVEMBRO – MAIS TARDE

Ela tinha apenas 21 anos quando a conheci e me deixou apavorado. Peguei o telefone e desisti de ligar pelo menos uma centena de vezes. Eu sonhava com ela. Ninguém jamais falara comigo daquele jeito, sem pena. Absolutamente convencida de que eu corresponderia, talvez até me desafiando.

“Se você quiser se arriscar comigo, estou bem aqui”, dissera ela. Me arriscar com ela, eu! Aquilo não podia ser sério. Eu não pretendia em absoluto encontrá-la no terraço do seu prédio aquela noite, mas fui até lá mesmo assim. Devo ter ficado sentado no carro, em frente ao prédio, mais de duas horas, dividido entre dois extremos. Eu a desejava mais do que jamais ousei desejar qualquer coisa, mas sentia um medo mortal de que ela pudesse me enxergar – a mim! – e recuar. Fiz quase todo o caminho de volta para casa antes de perceber que ia jogar fora a maior chance que talvez a vida tivesse a me oferecer. Existem muitas vozes na minha cabeça, mas uma delas enfim se impôs para me dizer que eu seria um tolo se não permitisse que ela me amasse. Ainda assim, ao chegar lá e vê-la sentada na mureta do terraço, tudo o que consegui fazer foi ficar observando. Eu já me preparava para ir embora quando ela se levantou e veio em minha direção. Havia medo em seu rosto, refletindo o que eu sentia. Havia também um brilho de esperança. Uma confiança não merecida em seus olhos. Promessas. Como ela fazia isso? Como conseguia falar à minha alma na linguagem exata para ser entendida?

Hoje à noite, enquanto minha mulher está morrendo, mais uma vez eu me espanto ao ver como cheguei perto de lhe dar as costas. Como teria sido pobre a minha vida se eu não tivesse ido até aquele terraço naquela noite. Mesmo agora, quando a estou perdendo, estremeço mais ante a ideia de quase não tê-la tido.

Coma. Ausência de reação. Definitivamente à morte. Essas palavras pairavam à minha volta nas conversas francas e lacrimosas que se desenrolavam junto a mim. Eu lutava para me mexer, para falar, para entender. Mickey acariciava meus dedos e eu podia sentir seu terror. Ah, se eu pudesse acariciar sua mão em resposta, beijar seu rosto. Com certeza eu o faria sentir-se melhor. Lutei para acordar. Com todas as minhas forças, tentei me arrancar do sono, reagir às

repetidas súplicas de Mickey:

– Lucy, meu amor, abra os olhos. Por favor, acorde. Por favor, acorde.

Eu podia ouvir minha respiração ruidosa e pesada, mas curiosamente não sentia o esforço que sabia estar fazendo para isso. Tentei falar mais uma vez, expulsar as palavras da garganta. O bebê. Por que ninguém falava do bebê? Enchi-me de um pavor repentino e de novo tentei reunir todo o meu poder paralisado e acordar. Mas não consegui abrir os olhos.

Percebi a presença *dela* no mesmo instante em que me dei conta de que todos falavam de mim. A aparição estava ali, mas um pouco afastada, por isso eu não podia vê-la com clareza. Mas a sentia. Sentia seus olhos em mim.

– O meu bebê? – falei, porém não com palavras.

Ela não respondeu e o peso do luto da minha família se abateu sobre mim.

– Você não pode levar a mim e a ela. Isso iria matá-los – argumentei. – Está na hora? – perguntei, tentando fazer meus pensamentos soarem mais alto.

– Em breve – respondeu ela.

Expulsei-a dos meus pensamentos, irritada com a impotência que ela me impusera, e concentrei minha atenção no exterior do meu corpo. Concentrei-me na mão que segurava a minha. Eu estava bem ali. Só precisava ultrapassar a barreira que me separava deles.

– Lu? – disse Mickey com voz rouca. – Meu amor? Por favor, abra os olhos.

Ouvi Peter Gladstone entrar e se dirigir a todos no quarto.

Menos a mim. Ele contou à minha família sobre o documento que eu assinara duas semanas antes, chamado “manifestação explícita da própria vontade”. Nele, eu proibia o uso de oxigenação artificial, a menos que fosse necessário para salvar a vida do bebê por nascer. Na ocasião, o Dr. Gladstone me explicara sua previsão da fase terminal da minha doença. Ele me dissera que, embora eu pudesse ser mantida viva por meios mecânicos, isso não teria qualquer impacto sobre a evolução do câncer. Insistiu que, quando fosse necessário o uso de um respirador, sua única finalidade seria prolongar o sofrimento dos que me cercavam. Eu visualizara essa cena nos mínimos detalhes. Todos que eu amava sofrendo à minha volta. Eu assinara o documento sem hesitar, rapidamente banindo a imagem de Mickey agarrado a alguém – *eu* – que jamais acordaria.

Essa notícia foi dada à minha família não de maneira cruel, mas também sem muito calor humano. Peter Gladstone sempre mantivera uma postura levemente crítica e agora não era diferente. Então ouvi Mickey começar a chorar – grandes soluços sufocados. Priscilla se enfureceu e disparou:

– Mentira!

E ouvi Lily dizer, emocionada:

– Então é isso? Não podemos fazer nada por ela? Ela não consegue respirar!

– Lucy não queria esforços heroicos – explicou o médico. – Não queria nada que simplesmente prolongasse o inevitável. Isso está claro no documento.

– Quanto tempo, Dr. Gladstone? De quanto tempo estamos falando aqui? – perguntou Ron com sua voz calma, porém trêmula.

– Eu gostaria de poder dizer. Lucy me surpreende o tempo todo e ainda pode me surpreender, mas suponho que não demore muito.

Olhei dentro daqueles olhos que eu conhecia desde criança. O espectro era lindo e familiar. Virei-me para ela, sabendo que só ela seria capaz de diminuir meu medo.

– Quando?

– Em breve – foi a sua resposta.

Pouco tempo depois, a aparição assentiu e me estendeu os braços. Senti algo em mim ceder, mas não me permiti perder o controle.

– Não posso ir embora sem me despedir – falei.

Ela concordou e de repente me senti emergir – não me ocorre outra maneira de descrever a sensação. Voltei a mim e na mesma hora me dei conta da dor e da horrível sensação de estar sufocando. Abri os olhos e vi o quarto na penumbra, salvo pela luz junto à minha cama. A cabeça de Mickey estava abaixada, quase pousada sobre as nossas mãos entrelaçadas.

– Mic? – chamei, com voz rouca.

Ele ergueu os olhos inchados de tanto chorar e se levantou depressa.

– Ei – sussurrou. Então me beijou e tocou meu rosto com a mão áspera. Havia tanto alívio em seu olhar, tanta esperança ilusória! Tornando a me beijar, falou: – Temos uma filha, Lu, uma filha linda. Você conseguiu, meu amor.

Lutei para perguntar como ela era, mas não consegui pronunciar as palavras. Tudo bem.

– Ela é uma guerreira, Lu. Igualzinha à mãe. Ainda não está respirando por conta própria, mas quase. Um médico muito bacana está cuidando dela. – Mickey se aproximou e tomou meu rosto entre as mãos. – Ela é linda, Lu. Você fez um ótimo trabalho.

– Mic... – Eu sentia um cansaço enorme, e cada respiração exigia um esforço gigantesco. – Eu te amo – murmurei. – Eu te amo muito.

– Eu também te amo, meu bem – disse ele numa voz estrangulada.

Quando olhei para meu marido, soube que o amaria para sempre. Com essa certeza, de repente entendi o que minha mãe quis dizer quando me falou que não havia nada a temer. Lutei para respirar:

– Mickey... Não tenha medo.

– Ei, chega dessa conversa – atalhou ele, tentando se mostrar no controle.

Olhei-o durante um longo momento. O cabelo grosso, lindo, estava agora em sua maior parte grisalho e precisava urgentemente de um corte. Tentei esticar o

braço e acariciá-lo, mas não tive forças. Mickey pegou minha mão e a beijou.

– Está com dor, Lu? Do que você precisa, amor?

Do que eu precisava? Do que eu ainda poderia precisar nesse momento, além de um pouco mais do que eu não poderia ter? Não consegui responder, apenas olhei dentro daqueles olhos tristes e os registrei em meu cérebro, para nunca esquecê-los. Então pedi ao meu precioso marido que buscasse um pouco de gelo para mim.

– Gelo? Claro, amor. E vou dizer à enfermeira que você acordou – falou, beijando minha testa, minha boca ressecada e me contemplando com uma carência indisfarçável nos olhos úmidos. – Não demoro – disse, antes de sair.

Fiquei sozinha.

Com um único suspiro doloroso, entreguei-me e estendi a mão para aquela que me chamava. Assim que fiz isso, a aparição linda e fantasmagórica se tornou sólida e tridimensional, e chorei ao reconhecê-la.

– É *você*.

– Sim, minha querida, sou eu.

Antes mesmo de entrar no quarto com o gelo, eu soube que ela se fora. Minha garganta se fechou e meu coração vacilou quando olhei para a minha linda esposa, que, para todos os efeitos, parecia apenas estar dormindo. Observei-a, mas não consegui entrar no quarto. Na penumbra. Quente. Duas plantas, cartões ainda fechados sobre a mesinha de cabeceira, um garrafa d'água, que, se eu tivesse me dado o trabalho de notar antes, provavelmente estava cheia de gelo. Um leito especial para os enfermos, com a cabeceira elevada para o paciente ficar quase sentado. E silêncio. Um silêncio tenebroso. Tudo estava tão estranho...

Respirei e disse a mim mesmo que Lucy estava apenas dormindo, o cabelo escuro espalhado sobre o travesseiro. Repeti esse mantra até acreditar nele. Ela repousava enquanto me aguardava com o gelo. Eu me sentaria de novo e ela abriria os olhos. Eu umedeceria sua boca seca e ela sorriria quando comesse a se sentir melhor. Ela conseguira. Agora viriam os remédios salva-vidas que ela recusara até hoje, o dia do nascimento do bebê. Estava tudo bem, falei a mim mesmo. Mas um outro eu balançou a cabeça, desprezando as mentiras que eu contava enquanto caminhava lentamente até a cama.

– Lu? Amor? Lucy?

Tentei conter o choro. Eu precisava ser forte por ela. Não queria que ela me visse choramingar. Não depois de ter acabado de superar o dia mais difícil da sua vida. Mas as lágrimas rolaram apesar da minha argumentação. Peguei sua mão e corri meu polegar pelas juntas mornas. Não havia mais estresse em seu rosto, todos os músculos relaxados, a ruga entre os olhos, que denunciava sua dor, se desmanchava. Implorei para que ela respirasse e vi seu peito ignorar minha prece.

– Ah, Deus, por favor, não!

Caí na cadeira e reassumi o corpo do homem que sabia que ela se fora. Sabia, mas mesmo assim não conseguia imaginar o que era isso.

– Lucy...

Eu não estava preparado. Não hoje, quando a vira dar à luz uma filha sem perceber a dor do parto, nem a alegria, nem a conquista. Mas jamais imaginei que ela realmente fosse embora, que a vida que havia dentro dela pudesse, de fato, se evaporar.

Eu não conseguia tirar os olhos dela, dessa mulher que detinha minha vida em seu sorriso, em seu toque. Não conseguia tirar os olhos dela. Não consegui quando Ron me abraçou. Nem quando Lily e Priscilla e, aos poucos, todos os demais entraram no quarto para chorar comigo. Eu não conseguia desviar meus olhos dela porque, se desviasse, eu tinha certeza de que ela não estaria mais ali quando eu voltasse a olhar.

No momento em que isso finalmente aconteceu, achei que meu coração fosse parar. Alguém chamara a Funerária Withers, e Earl e Chad chegaram, no

desempenho de suas funções profissionais, para levar minha esposa. Não consegui soltar sua mão. Chad precisou desvencilhar meus dedos dos dela, mas agiu com a maior delicadeza do mundo. Os dois trabalharam em silêncio, enrolando a minha Lucy num lençol, com carinho, cuidadosamente prendendo-o em volta de seus pés. Eles a puseram numa maca e Earl afagou meu rosto molhado antes de a levarem do quarto. Quando dobraram o corredor com ela, comecei a desmoronar. Foi lancinante. Olhei para a cama vazia e senti meus joelhos fraquejarem, mas Harry me amparou e, como uma criança, passei os braços em volta do seu pescoço e solucei. Jan afagou meu cabelo e, em meio às próprias lágrimas, falou:

– Vamos, meu querido. Deixe-nos levar você para casa.

Lembro-me dos dois me amparando, um de cada lado. Por um momento tudo me pareceu surreal, sobrenatural, lembrando um surto psicótico, embora eu estivesse dolorosamente são e presente. Minha mulher estava morta e eu não conseguia achar que isso fosse real. Harry não parava de dizer coisas do tipo: “Você é mais forte do que pensa, Mic. Vai conseguir superar, estamos juntos nisso.” E Jan tentava controlar as lágrimas, que, entretanto, engasgavam em sua garganta toda vez que ela dizia: “Ah, aquela menina doce, aquela menina doce. Como ela amava você, Mickey!”

No saguão do hospital, me desvencilhei do casal e lhes agradei por seu amor. Eles eram meus pais no sentido pleno do termo, mas eu precisava me afastar da tristeza deles, porque não havia em mim espaço para mais dor além da minha.

– Vou ficar bem – menti. – Vou até o Partners, contar ao Jared. E preciso ligar para o meu pai.

Reagi à preocupação coletiva comigo com um assentimento confiante que poderia ter me valido um Oscar.

– Você liga para a gente?

– Ligo – prometi.

Eles partiram numa direção e eu, noutra. De fato fui até o Partners. E Jared, meu bom amigo, chorou quando lhe dei a notícia.

– Tire o tempo que for necessário – falou. – O que você quiser, cara. Quando vai ser o enterro?

– Não sei. Assim que descobrir, aviso a você.

– Iremos todos, Mic. Vamos fechar em homenagem a Lucy.

Depois disso voltei para casa, mas, ao me aproximar, senti um aperto no peito e vi que seria incapaz de entrar ali sozinho. Por isso fui até o pier e contemplei o rio Connecticut. Eram dez e meia da noite em Nova Orleans, e havia uma grande chance de meu pai já estar dormindo. Disquei seu número, torcendo para que ele não atendesse. Quando a ligação caiu na secretária eletrônica, falei:

– Aconteceu... Esta noite. Pai, a Lucy se foi e eu... Eu tenho uma filha.

Eu ainda teria que lhe dizer que ela era mais de Ron e Lily do que minha, mas naquele momento me faltou energia para essa explicação. Apenas pedi que ele

ligasse para David, se possível, porque eu não tinha o telefone do meu irmão.

Não sei que horas eram nem quanto tempo fiquei sentado no carro antes de abrir a porta e descer. O pier estava coberto por um tapete de neve alva, macia e profunda. Atravessei, com esforço, a distância que me separava de onde o nosso barco passava o inverno. Ele estava suspenso sobre escoras, e precisei usar uma lata de lixo para subir. O deque estava escorregadio no local onde afastei a lona, expondo-o à neve, e precisei engatinhar para chegar à cabine. Fiquei surpreso por meu cérebro confuso lembrar a combinação do cadeado. Abri a porta, fechando-a ao passar e desci a escada, trôpego como um bêbado. Fiquei um bom tempo sentado no escuro, no último degrau, depois fui para a cama. Acho que dormi, mas, se o fiz, não descansei.

Podia ter se passado uma hora ou um dia quando Ron me encontrou. O pânico em seus olhos me fez imaginar que talvez outra cabeça tivesse nascido sobre o meu pescoço. Ele se desculpou várias vezes enquanto me levava para sua casa, onde me serviu, ou melhor, me deu na boca um prato de cereais, acho. Depois me botou debaixo do chuveiro e me vestiu com meu terno escuro, literalmente erguendo e baixando meus braços e minhas pernas, já que eles se recusavam a funcionar. Então me levou ao velório de Lucy. Senti todos os olhares pousarem em mim quando entramos e, ao ver minha mulher deitada em seu caixão, um homem dentro de mim gritou e chorou e tentou derrubar as paredes do meu peito. A parede, porém, era espessa e o homem não conseguiu escapar – assim como também não escaparam sua voz e suas lágrimas.

Encarei minha linda Lucy, tentando obrigá-la a acordar e ficar comigo, mas ela ainda dormia e eu simplesmente a contemplava. Eu podia passar o resto da vida a contemplá-la, mas Earl disse que precisava fechar o caixão e suas palavras não fizeram nenhum sentido para mim, até que se transformaram em ação. Foi aí que o homem dentro de mim escapou.

A única coisa de que tenho certeza quanto ao enterro de Lucy é de que fiz uma confusão enorme e não pude assisti-lo. Ron tampouco, porque precisou cuidar de mim. Gleason e Harry também. Era um dia horrível para um enterro, de todo jeito. Ventos cortantes sopravam do rio e uma neve ofuscante rodopiava por todo lado. Era como se o dia rejeitasse aquela ocasião tenebrosa.

Fui internado. Não havia opção. Eu enlouquecera de dor; queria brigar e fazer barulho. Podia ter machucado alguém, avançando como fizera contra esses homens, os mais importantes da minha vida. Graças a Deus não aconteceu nada, mas Gleason precisou torcer meu braço para evitar o pior. Ele era forte para um sujeito da sua idade.

Quando enfim me estabilizei, descobri que estava na ala psiquiátrica depois de algumas injeções de Haldol. Eu estava grogue, mas não o bastante para não ser capaz de me lembrar imediatamente de tudo. Lucy se fora. Eu não sabia quanto tempo havia que eu parasitava naquele quarto-caverna. Só sabia que Lucy estava

morta e o peso dessa certeza me imobilizava. Gleason apareceu, mas não nos falamos. Eu estava dócil sob a influência da medicação e, depois que ele saiu, dois enfermeiros corpulentos me trouxeram para um quarto normal no fim do corredor. Aqui eu durmo, ou ao menos fico deitado nesta cama, de cara para a parede. Ron apareceu várias vezes, mas, para ser sincero, não sei se foram todas no mesmo dia ou ao longo de vários dias. O tempo não tem qualquer significado aqui, e a escuridão do impenetrável céu invernal do outro lado da janela parece nunca se alterar.

Só fiz um pedido à enfermagem: o de não permitir que me visitassem. Peony garantiu que obedeceria, mas sem incluir minha família imediata. Por isso, Ron, Lily e, curiosamente, Priscilla aparecem. Lily chora quando vem. Às vezes finjo que estou dormindo para que ela me deixe em paz. Ela diz que quer escolher o nome do bebê, mas se recusa a fazer isso sem a minha participação. Tenho vergonha disso, mas não dou a mínima.

Ela veio hoje no início da noite e manteve os olhos fechados quando Lily implorou mais uma vez que eu fosse ver o bebê. Porém, ela não se deixou enganar. Apesar do tom lacrimoso em sua voz, não parou de me massacrar, falando de nomes, do médico formidável que está cuidando do bebê, do fato de a menina ainda não estar respirando por conta própria. Mas as tentativas esforçadas de Lily para me distrair do meu luto fracassaram, sobretudo por causa do seu próprio luto. Eu podia ouvi-lo em sua voz. Se abrisse os olhos, eu o veria estampado em seu rosto. Queria que ela fosse embora. Finalmente, senti sua mão em meu ombro.

– Sei que você está me ouvindo, Mickey. Vou deixar uma coisa para você ver. Foi Jan que fez, por encomenda de Lucy. – Sua voz falhou e me senti prestes a também deixar escapar um soluço, mas não me mexi. – Lucy descobriu um conto de fadas que nosso pai escreveu sobre nós quando éramos pequenas, e Jan contribuiu com seu incrível talento artístico. Acho que você vai gostar de ver. Eu não sei como ela fez, mas nos retratou exatamente como éramos quando pequenas. De todo jeito... – Ela me beijou e me observou um instante. Depois saiu.

Devia ser tarde, porque tudo estava silencioso. No corredor, ouvi Lily se despedir da enfermeira e depois a porta magnética se fechar com um estrondo. Fiquei ali deitado, deixando que a noite silenciosa me engolisse. Depois dormi até ser acordado pela minha bexiga. Sentei na cama, acendi o abajur da mesinha de cabeceira e tateei para chegar ao banheiro. Um horror genuíno me encarou no espelho. Eu estava péssimo. Era quase como se Lucy tivesse sido esculpida em minhas feições e agora que ela se fora restasse apenas um rosto pesado e flácido, uma ruína total. Mal me reconheci. De volta ao quarto, me sentei com a cabeça entre as mãos, sem saber como sobreviver a isso.

A coisa que Lily me deixara era um livro, que estava em cima da mesinha de cabeceira. Parecia uma história infantil, colorida e volumosa. Peguei-o com mãos

trêmulas. Na capa havia uma pintura vívida de três princesinhas, duas delas louras, cada uma de um lado da moreninha Lucy. Todas usavam uma coroa sobre os cabelos cacheados e eram facilmente identificáveis como as irmãs Houston. O soluço que eu havia conseguido engolir na presença de Lily explodiu então, e meu coração doeu ao ver a alegria intocada em seus rostos, a expressão travessa que Jan captara naqueles grandes olhos verdes. Abri o livro e encontrei uma dedicatória no verso da capa:

Querida Lily,

Lucy descobriu esta história escrita por seu pai e me pediu que a ilustrasse. Seu desejo era fazer uma surpresa para vocês e me esforcei muito para lhe prestar esse último favor, mas não consegui concluí-lo antes que ela morresse. Agora percebo que ele jamais foi para Lucy, mas para você e Priss. Um pequeno consolo que ela quis deixar como legado. Uma mensagem notável do pai de vocês, que as amava tanto.

Fui virando as páginas e, sob a luz suave do abajur, me perdi no mundo de um homem que adorava as filhas. As palavras viraram um borrão sob minhas lágrimas, enquanto esse homem comum, vestido como um rei, descrevia com perfeição cada uma delas. Várias vezes voltei a uma página que mostrava Lucy chupando o polegar. A imagem da minha esposa e da irmã meio anjo da guarda observadas pelo pai preocupado quase fez meu coração parar. Dava para sentir quanto esse homem, que jamais conheci, amava as filhas. Dava para sentir o tamanho de sua ansiedade por elas e saber que ele faria qualquer coisa para protegê-las. Eu era incapaz de me imaginar tão amado assim na infância. Cheguei à última página, em que um anjo segurava uma lágrima que caíra do olho do rei. A imagem do anjo era surpreendente: ela não passava de um bebê, invocado através de uma prece. O rei lhe implorou que levasse o seu amor de pai às princesas: Oh, anjo, peço que você abençoe e guarde minhas filhas. Encha-as com o meu amor e as proteja na minha ausência. Será que pode fazer isso por mim?

No cálido silêncio impessoal do meu quarto de hospital, a voz daquele anjo elevou-se da página. Será uma honra. Quando ela firmou o compromisso com o rei, quase pude ouvi-la. Seu nome era Abigail.

Abigail: a guardiã do amor.

Eram quase quatro e meia da manhã e atravessei o corredor para chegar ao telefone público. Quando Lily atendeu, parecendo grogue, porém alarmada, simplesmente falei:

– Abigail. *Quero que ela se chame Abigail.*

Sentado na beirada da cama, eu olhava pela janela quando Lily entrou.

– Você está acordado – disse ela baixinho, antes de observar, meio engasgada:

– Mickey, como você está magro.

Fechei melhor o robe para esconder o fato de não estar me alimentando.

– Oi, Lil.

Ela puxou uma cadeira e se sentou na minha frente.

– Como vai, meu querido?

Meus olhos se encheram de lágrimas e, estendendo o braço, peguei sua mão. Nenhuma palavra foi dita: ficamos ali calados alguns minutos, unidos em nosso luto.

Por fim, ela falou:

– Mickey, não sei como fazer isso.

– Nem eu, Lil.

– Estou preocupada com você. Como posso ajudar?

– Lily, seu coração está tão partido quanto o meu.

– É verdade, Mic, mas não estou me escondendo. – A voz dela falhou e vi seu esforço para conter as lágrimas. – Todos nós perdemos Lucy. Você não vai poder ficar neste quarto para sempre. Você tem uma filha.

Fechei os olhos.

– Mickey. Vamos até o berçário. Você nem viu sua filhinha ainda.

– Não posso – falei, largando sua mão e tornando a me virar para a janela.

Lily insistiu mais um pouco em que eu a acompanhasse, mas depois desistiu e saiu do quarto. Eu estava me escondendo. Sabia disso, mas não conseguia agir de outra forma. Mais cedo, Gleason me pedira que descrevesse meus sentimentos. Eu não dispunha de outra linguagem senão aquela, pesada como chumbo, que impossibilitava qualquer movimento. Lucy se fora e eu não sabia mexer meus pés sem ela.

Desejei morrer, mas nem sequer tinha forças para realizar tal desejo. Fechei os olhos e expulsei tudo isso da minha cabeça.

Acordei com dedos ossudos me cutucando insistentemente e o aroma pungente de Chanel nº 5 – Priscilla. A irmã boazinha havia fracassado em sua missão de me despertar, por isso convocaram a artilharia pesada. Virei de lado para encarar a parede, mas Priscilla continuou me cutucando.

– Não vou sair daqui até você se levantar.

Seu tom era monocórdio, sem vida, triste, de partir o coração. Mantive-me

fechado a ela durante o maior tempo possível, mas, como eu, Priscilla também era teimosa. Por fim, sentei-me na cama, encostado na parede. Provavelmente meu rosto pálido e barbado ostentava um olhar zombeteiro, porque a irmã de Lucy me deu um tapa – com vontade.

– Não se atreva a me olhar desse jeito.

Eu a teria estapeado de volta, partido sua cara, se conseguisse erguer meu braço.

– Priscilla, vá embora.

– Não vou. E não tenho nenhum outro compromisso, o que significa que posso passar o dia infernizando você.

Esperei que a raiva me inflamasse, mas até isso exigia mais forças do que eu tinha.

– O que você quer?

– Que você calce o sapato e vá até o berçário comigo.

– Não.

– Sim.

– Vá para o inferno, Priscilla.

– Mais tarde, talvez. Neste exato momento, nós dois vamos ver a sua filha.

Priscilla se sentou na cama e aproximou o rosto do meu a ponto de quase nos beijarmos.

– Agora me escute! Você não vai dar uma de maluco, Mickey. Não agora. Não quando o restante de nós não pode se dar a esse luxo! Não dou a mínima para a sua saúde mental nem para a sua dor. Todos nós perdemos Lucy. Todos nós precisamos lidar com isso. Até você! Então trate de se levantar!

Ela puxou meu braço e me surpreendi quando não ofereci resistência. Em vez disso, inclinei-me para a frente e apoiei a cabeça nas mãos, zozado ante a ruína que era minha vida. A sensação crua e latejante de perda pesava em meu peito, dificultando a respiração. Para ser franco, invejei a veemência de Priscilla, sua energia, sua capacidade de canalizar tudo para a raiva.

– Levante – repetiu ela.

Ergui os olhos para minha cunhada e nos encaramos durante um bom tempo – eu afogado em depressão, ela furiosamente indignada.

– Não consigo me mexer, Priscilla.

– Finja que o prédio está pegando fogo. Levante.

– Um incêndio seria a resposta às minhas preces.

– Ah, me poupe, Mickey.

Ela estava me provocando e tudo que eu podia fazer era ficar ali pateticamente imóvel.

– Pare já com isso, Mickey. Chega de bancar o coitadinho. – Depois, mais calma e com um traço de ternura na voz, ela acrescentou: – Ceda a vez para outra pessoa.

Foi então que vi uma dor idêntica à minha, profunda e imensurável. Só que a dela era visível e a minha estava encurralada. Priscilla percebeu que eu enxergara através da sua cortina de fumaça e desistiu do papel de cinica, soltando um suspiro pesado. Desabou na cama ao meu lado e encarou a parede. Peguei sua mão.

– Sou tão mesquinha e estou tão cansada disso – gemeu.

– Você é mesquinha.

Priscilla começou a chorar, lágrimas mudas que ela não tentou esconder enquanto encarava a parede. Eu a observei um instante, antes de olhar para a parede também.

Priscilla demorou a sair e, embora eu jamais fosse admitir para ela, fiquei feliz por isso. Era um alívio para a minha dor estar com alguém que amava Lucy tanto quanto eu. De repente, me senti tão faminto por companhia que até a de Priscilla pareceu uma bênção.

Sentei na beirada da cama durante um bom tempo depois que ela se foi, até os sons do hospital começarem a silenciar e as luzes serem reduzidas. Fiquei ali sentado enquanto os corredores atrás da minha porta se aquietavam, todos os pacientes medicados e postos na cama. Peony enfiou a cabeça pela fresta para saber como eu estava. O branco do uniforme parecia néon contra sua pele negra.

– Como vai, Michael?

Não respondi.

– Estou com seus remédios da noite e um comprimido para dormir.

– Posso tomá-los mais tarde?

– Acho que sim. Volto daqui a uma hora.

Assenti. Peony nem sempre se mostrara tão amistosa quanto agora. Em geral ela agia como um sargento capaz de impor respeito mesmo com as mãos amarradas. Mas ficara totalmente desarmada com a morte da minha esposa e não sabíamos como lidar um com o outro. Ela saiu do quarto e mais uma vez a noite caiu como um peso sobre mim. Com muito esforço me pus de pé, meu corpo mais parecendo um saco de cimento. Fiquei parado ali um minuto, porque estava meio tonto, talvez por causa dos remédios, mas talvez porque não comera nada o dia todo. Para me livrar das enfermeiras, eu jogava o conteúdo das bandejas na privada e escondia maçãs e laranjas na última gaveta da cômoda. Havia dias que não comia nada.

No banheiro, me apoiei na pia e respirei fundo algumas vezes, antes de escovar os dentes e pentear o cabelo. No espelho me vi abatido, com os olhos encovados. Precisava urgentemente fazer a barba, mas não me permitiam ter uma lâmina, e o que me restava de dignidade não me permitia ser pajeado como um bebê. Joguei água no rosto e me senti um pouco melhor. Depois sai do quarto.

No posto de enfermagem, surpreendi o turno que assumia e Peony me olhou assustada, seu relatório para a enfermeira da noite suspenso no ar.

– Tudo bem, Michael?
– Será que posso dar uma volta?
– Já é tarde. A lanchonete está fechada, com exceção das máquinas automáticas.

– Eu sei.
– Vamos dar uma olhada nas anotações do Dr. Webb. Acho que você talvez esteja sujeito a restrições. – Peony folheou meu prontuário e balançou a cabeça. – Lamento, Michael. Amanhã, talvez.

– Posso usar este telefone? – perguntei, pegando o aparelho e discando o número que sabia de cor.

– Já é tarde. Se você o acordar, terá de arcar com as consequências.

Ignorei-a enquanto ouvia Gleason atender.

– Posso dar uma voltinha se prometer não me matar?

– Somos civilizados, Mickey, cumprimentamos uns aos outros antes de pedir alguma coisa.

– Oi, Gleason. Posso dar uma voltinha?

– Preciso me preocupar com o destino desse passeio?

– Não. Estou bem.

– Você vai ao quinto andar?

– Talvez.

– Quando voltar, me ligue para contar como foi. E me deixe dar uma palavrinha com Peony.

– Obrigado – falei, botando o fone na mão estendida da enfermeira.

Peony abriu a porta de segurança e me dirigi ao elevador. Eu havia sido sincero ao falar a Gleason que não sabia se iria ao quinto andar. Mas foi para lá que me dirigi. Não sei por que senti tanto medo, mas ele estava ali, como um torno comprimindo meu peito. Saí do elevador; mas, depois disso, não me mexi. O corredor estava na penumbra e a placa à minha frente dizia: UTI NEONATAL, com uma seta apontando para a esquerda. Virei à esquerda. As cortinas das janelas do berçário estavam fechadas, mas não dei meia-volta. Havia silêncio, com exceção das vozes de duas mulheres uniformizadas conversando sobre alguma coisa no posto de enfermagem. Não me deram bola. Agucei o ouvido para detectar choro de bebê, mas nada escutei. Achei que Lily talvez estivesse atrás daquela cortina, sentada ao lado da minha filha, mas não tive coragem de verificar. Apenas fiquei ali parado, com o coração acelerado.

Não sei quanto tempo permaneci no mesmo lugar até que uma médica, ou enfermeira talvez, usando uniforme verde, saiu lá de dentro. Olhou para mim como se soubesse quem eu era e se aproximou.

– Quer entrar, Sr. Chandler?

Seu convite provocou a repentina formação de um nó em minha garganta e fez lágrimas brotarem em meus olhos. Só consegui balançar a cabeça. Afastei-me

dela, como uma criança recusando um presente por pura teimosia. Ela entrelaçou as mãos.

– Sou a Dra. Ellen Sweeny. Fomos apresentados na semana passada.

O nome me era familiar, mas não reconheci o rosto.

– Eu estava agora mesmo com a sua filha. Tem certeza de que não quer entrar e se sentar um pouquinho com ela?

– Acho que tenho – resmunguei.

– Mais tarde, talvez. Gostaria de perguntar alguma coisa?

– Como ela está?

– Ainda lutando para respirar e nós a vigiamos muito de perto. Esse é o grande problema dos prematuros. São preguiçosos. Mas hoje ela está um pouquinho melhor do que ontem. Quer que eu puxe a cortina para você vê-la?

Fiquei olhando para ela sem expressão, mas assenti, num tácito agradecimento.

– Já volto – anunciou ela, sumindo dentro da UTI.

Um instante depois, a cortina foi aberta e uma sala clara e movimentada apareceu do outro lado do vidro. A Dra. Sweeny foi até um berço e ajustou uma minúscula bolsa de soro. Depois deslocou de leve um monitor para melhorar minha visão. O bebê muito pequeno estava deitado numa espécie de berço transparente, que me lembrou um caixão de acrílico. Recuei e fitei minha filha. Ela tinha bastante cabelo negro, pelo que eu podia ver, e tantos fios presos ao peito que mais parecia uma marionete abandonada. Era o menor ser humano que eu já vira. Assustadoramente pequena – sem dúvida pequena demais para viver –, mas seus batimentos cardíacos estavam sendo mostrados numa tela acima do berço. Eram fortes e regulares, em nada parecidos com os meus.

Eu a vira apenas uma vez, pouco antes da morte da mãe, quando voltava correndo para junto de Lucy. Na ocasião, essa criaturinha parecera o produto diminuto das duas pessoas que a tinham feito. Agora era muito mais que isso. Parecia tudo o que restara de importante no mundo. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo comigo ali, em pé, inesperadamente grato e maravilhado. Minha filha tinha seis dias de vida. A mãe estava morta desde que ela nascera. Nos meus pesadelos, eu odiara esse bebê, e durante várias semanas temi que fosse sentir isso de verdade. Eu brigara com Lucy por sua insistência em poupar o bebê quando tudo que eu queria era ela. Implorara para que fizesse o aborto e agora baixei minha cabeça, envergonhado, e chorei.

Fiquei tão perdido em meu desespero que não vi Ellen Sweeny sair do berçário – não me dei conta da sua presença até senti-la tocar de leve o meu braço.

– Como posso ajudar, Sr. Chandler? – perguntou a médica, com a mais doce das vozes.

Durante um momento solucei – soluções grandes, sufocantes, que me exigiram muito esforço para refredá-los. Porém, quando controlei minha emoção, perguntei

se podia entrar e conhecer minha filha.

Depois de me mostrar onde vestir um uniforme esterilizado e lavar as mãos, a Dra. Sweeny puxou uma cadeira para junto da incubadora onde estava o bebê. Olhei para minha filha absolutamente maravilhado. Quem poderia imaginar um bebê tão pequeno, com ossos, unhas e cílios tão minúsculos? Ela parecia tão frágil, como se um simples afago fosse lhe arrancar a pele. Como se lesse meus pensamentos, a médica me disse que eu podia tocar nela. Na verdade, incentivou-me a fazer isso.

– E, já que está aqui, aproveite para conversar com ela – acrescentou, sorrindo. – Não tenha medo. Ela sabe quem você é.

Olhei para aquela médica muito jovem que havia sido tão bondosa comigo.

– Ela me conhece?

– Com certeza. É incrível, mas é verdade. Mesmo com muitos parentes queridos que os cercam, comemorando suas mínimas conquistas, eles sabem identificar os pais no meio do grupo. É inato, acho.

Ellen Sweeny se afastou sorrindo, deixando-me sozinho com a minha filha. 34 SEMANAS. PESO: 1,400kg. Uma caneta vermelha riscara a palavra MENINA, substituindo-a por ABIGAIL.

Abigail. Abby. Eu não era capaz de parar de olhá-la e não conseguia acreditar que apenas seis dias antes ela estivera dentro de Lucy. Fora o tamanho, minha filha era perfeita. Inclinei-me para estudar seus traços. Uma miniatura do nariz arrebitado da mãe, cílios longos da mesma cor do cabelo escuro. Uma boquinha minúscula. Lágrimas aparentemente infundáveis borraram a cena e eu as deixei rolar sem constrangimento. Lucy a teria amado tanto! Desde que conheci minha mulher, ela sempre quisera ser mãe. Mas depois ficou doente e eu vivia surtando, por isso concordamos que filhos não se encaixavam nessa equação. Isso, porém, não fez morrer seu desejo.

Ele só ficou mais forte a partir do momento em que ela tomou conhecimento dessa menininha. Dane-se o plano e os motivos pelos quais jamais seríamos pais. Deus ia nos dar um filho, quem éramos nós para discutir? Até depois, claro, quando Ele nos abandonou. Essa dor era como um soco no estômago. Mas ao secar os olhos, mais uma vez meu bebê me deixou sem fôlego. Observei-a dormir, seu peito magro estremecendo a cada suspiro – ou tentativa de suspiro. Eu quis tocá-la, mas tive medo. Duas vezes minha mão se aproximou, mas eu a recolhi, ansioso demais, temeroso demais. Então o unimaginável aconteceu e ela ficou muito quieta. Observei com horror seu peito imóvel. No mesmo instante, o monitor apitou. Sem pensar, estendi o braço e pousei a mão naquele peitinho frágil. Ela se assustou. Na mesma hora, uma enfermeira e a Dra. Sweeny apareceram, mas o monitor tinha voltado à atividade.

– Eu não lhe disse? – falou Ellen Sweeny. – Ela é preguiçosa. Respirar é uma tarefa difícil e ela não entende que simplesmente não dá para dar uma

descansada. – A médica sorriu para mim. – Você tem um ótimo instinto.

– O quê?

– É exatamente isso que fazemos – explicou a enfermeira, digitando uma informação no computador. – Damos uma balançadinha nela, uma espécie de chupeta na bateria.

Suspirei, convencido de que as batidas aceleradas do meu coração podiam ser vistas através da camisa. Minhas mãos estavam entrelaçadas no colo, como se eu tivesse feito alguma travessura. Eu não podia acreditar que o instinto – o instinto paterno – me levara a reagir da maneira correta.

– Você se saiu bem, papai – disse a enfermeira antes de se afastar.

A Dra. Sweeny me deu um tapinha no ombro.

– Estaremos bem ali se precisar.

– Obrigado – falei, voltando a olhar para o meu bebê.

Não dava para acreditar que ela tivesse de fato reagido ao meu toque. Meu olhar se alternava entre o monitor que registrava o nível do seu oxigênio – não muito diferente daquele que havia no quarto da mãe – e o rostinho perfeito. Acaricie a bochecha macia com as costas do dedo e o deslizei pelo bracinho esticado até chegar à mão, que não era maior do que o botão do meu paletó.

Aproximei-me dela.

– Então, Abby, quer dizer que você precisa conversar? Acha que não precisa se esforçar, hein? Bem, miudinha, trate de respirar; porque você não vai se livrar de mim. Chega dessa história de ocupar o espaço entre mim e a mamãe.

Ouvi essas palavras escorrerem dos meus lábios numa voz que mal reconheci como a minha, e não acreditei nos sentimentos que me assaltaram. Essa era a minha filha, e a única coisa que a mantinha nesse mundo eram os indivíduos vigilantes que garantiam que ela respirasse. No instante em que registrei esse fato, ela se tornou absolutamente essencial para mim, mais preciosa do que é possível imaginar. Se algum dia temi rejeitar esse bebê, eu estava errado. O pesadelo de não ser capaz de amá-la se evaporou no tempo que meu coração levou para bater uma única vez. Mas uma nova tristeza logo tomou seu lugar. Esse bebê prematuro, essa vida precoce, era totalmente dependente. E como eu era o ser humano menos confiável já criado por Deus, Ron e Lily seriam seus pais. A ideia me apunhalou. Mas esse era o plano. A decisão estava tomada. Eu não seria o pai de Abby, não tinha capacidade para tanto. E Lucy sabia disso. Eu passara semanas repetindo essa ladainha para ela. Então, por que essa dor pavorosa?

– Lucy – sussurrei. – Preciso de você. Você não pode me deixar sozinho.

De algum lugar no fundo do meu coração partido, ouvi a voz de Lucy, clara e conhecida, forte e firme:

– Você não está sozinho, querido.

Naquele momento, senti uma mãozinha mínima se fechar em volta da ponta do meu dedo e meu coração parou. Um quilo e meio de vida tênue agarrando-se a

alguém como eu. A partir daquele momento, me senti perdido – e nada, nem mesmo a ideia de perder minha esposa, jamais me amedrontara tanto.

É difícil explicar o que aconteceu comigo depois daquela primeira noite com minha filha. Sai de lá apaixonado, mas sabendo que não a merecia. Imaginar um vínculo com Abigail era uma fantasia. Nada mudara. Eu ficaria na casa na rua Chestnut, onde ela poderia me visitar, mas não morar. Ron seria seu pai, pois era mais qualificado para cuidar dela. Esses pensamentos me levaram à introspecção. Durante vários dias me recusei a ver quem quer que fosse – com exceção do bebê. Mas a noite em que a encontrei sozinha não se repetiu. Desde então Lily sempre estava com ela e eu não conseguia me convencer a entrar. Adoro Lily, mas não aguentaria vê-la com a minha filha. A aceitação viria com o tempo, por ora eu precisava de espaço. Gleason balançou a cabeça, dizendo coisas como: “Contente-se com o que você tem, Michael.”

Eu lhe disse que faria o que fiz a vida toda: me esforçaria ao máximo para seguir a medicação. Não me esconderia na negação quando estivesse instável. Eu me esforçaria ainda mais pela minha filha. A verdade, porém, é que eu sempre me esforçara muito pela mãe dela, porque queria ser o melhor possível para minha mulher. Lucy havia sido minha rede de segurança sempre que eu perdia o prumo, e em nenhuma circunstância eu pediria à minha filha que desempenhasse esse papel. Por isso Lily e Ron seriam os pais de Abby. Era o melhor que eu podia fazer por ela. Eu a amava a ponto de aceitar essa situação.

Depois de vários dias de conflito interior, a parcela racional de mim aceitou o fato e mergulhou num desespero mais profundo. Lucy se fora; o bebê estava fora do meu alcance. Fui para a cama e não saí de lá. Estava mais deprimido que nunca. Queria morrer, mas não me mataria porque minha filha acabaria sabendo o que eu tinha feito, e a vergonha fazia com que eu me agarrasse à vida.

Quando os remédios fracassaram na tarefa de me puxar para cima, Gleason me mandou para um grupo de terapia patrocinado pelo hospital e estabeleceu que meu comparecimento às sessões seria um pré-requisito para eu frequentar o berçário. Como o privilégio de ver a minha filha era tudo que me possibilitava chegar ao fim do dia, eu me obrigava a levantar da cama para ir às reuniões. Puxava uma cadeira para me sentar no círculo de gente triste, cada qual lidando com suas próprias perdas, baixava a cabeça e me recusava a participar. Mas não pude deixar de ouvir alguém mais inteligente descrever com perfeição o que eu sentia. Ela perdera os dois filhos num acidente de barco e dava para ouvir sua alma sangrar. De sua boca ouvi as coisas mais profundas: que seu luto era um

buraco sem fim e que a cada minuto de cada dia ela mergulhava mais na própria perda.

Era exatamente assim que eu me sentia. Ergui a cabeça e a observei. Talvez tivesse a idade de Lucy, mas a dor acabara com ela. Envergava seu sofrimento de forma tão ostensiva que ele chegara a lhe deformar os músculos. Sua expressão assombrada me era muito familiar: eu já a vira no espelho. Quando a sessão terminou, eu me aproximei e ela me recebeu como a alma gêmea que eu era. Nenhum de nós encontrou palavras, mas ela estendeu os braços para mim e durante alguns minutos choramos as lágrimas um do outro.

No dia seguinte, levei a Gleason a analogia que ouvira e não conseguira tirar da cabeça.

– Não há nada em que eu possa me ancorar – falei –, a não ser uma solidão sem fim. Ouço a voz de Lucy na minha cabeça e desabo. Lembro-me de determinada ocasião em que ela me tocou, riu para mim ou fez uma careta, e afundo mais ainda. É isso mesmo, um buraco sem fundo.

Gleason balançou a cabeça, os olhos cheios de compaixão.

– Mickey, meu amigo. Você tem essa sensação agora, porque está sofrendo. Mas a vida vai continuar à sua volta e, sem que você se dê conta, vai surgir um chão, no qual a sua dor vai finalmente ancorar. Ficará mais fácil, eu juro. E como Lucy planejou, você terá sua filha para ajudá-lo até que isso aconteça.

– Eu não tenho a minha filha, Gleason. Ela é de Ron e Lily.

– Porque você não quer ser pai dela.

– Eu não tenho o direito de ser pai dela! Eles são pessoas saudáveis, estáveis, boas, generosas, formidáveis. Eles a adotaram. Ponto final. Foi assim que Lucy quis.

Gleason se recostou e bateu com o lápis de leve no queixo.

– Michael, você sabe que ela só quis isso porque não teve escolha. Você se esforçou tanto para convencê-la de sua incapacidade que não lhe restou alternativa. Mas não era o que ela queria. Lucy deu a vida por essa menina para deixá-la em suas mãos. Ela lhe deixou uma filha para lhe dar uma razão para se levantar de manhã e vencer o dia. É isso que os filhos são para nós.

– Não sei o que ela achava, mas estava enganada – resmunguei.

– Será, Michael? – O tom de Gleason se alterou o bastante para me levar a imaginar se eu teria perdido alguma coisa. – Quanto ao que mais ela se enganou?

– O quê?

Gleason me encarou.

– Não consigo me lembrar de uma única ocasião em que Lucy tenha se enganado com relação a algo tão importante. Será que ela errou por amar você? Errou ao se casar com você? Estremeço só de pensar, meu amigo, em quem você seria hoje se não tivesse conhecido essa garota. Lucy amou você por opção. Casou-se com você porque não encontrou motivo para não casar. Ficou com você

porque não podia imaginar um homem melhor. Foi essa a vida que ela escolheu e, na minha opinião, se você foi bom o bastante para essa mulher incrível, é bom o bastante para a filha dela.

– Mas eu sou um desastre! – exclamei tentando engolir o nó que se formara em minha garganta. – Olhe para mim.

Gleason aproximou sua cadeira da minha.

– Sim, Mic, você tem defeitos, mas isso acontece com todos os pais do mundo. Você conhece o transtorno que tem. Sabe exatamente como manter o equilíbrio. Conhece os sinais de um surto e o que fazer para evitá-lo.

– E daí?

Gleason suspirou.

– Daí conforme-se, Mickey. Não dou muita importância ao lugar onde sua filha vai morar, mas sim ao fato de ela saber que você é o pai dela, não uma visita qualquer que só aparece quando as estrelas estão em alinhamento perfeito.

Pensei no que Gleason me dissera, mas não me convenci. Ainda assim, Abby era meu refúgio. Por mais pesada e inadministrável que fosse a minha dor, Abby era o meu anestésico. Eu não conseguia me sentar junto a seu berço sem pensar na mãe dela. Minha filha, porém, de alguma forma tornava tudo mais suportável, me proporcionava uma trégua por alguns minutos. Eu agradecia as poucas vezes que a encontrava sozinha. Não gostava da ideia de me esconder de Lily, mas também não queria dividir Abby mais do que já fazia. Por isso, em geral eu esperava que Lily fosse embora. Só que ela começou a ficar até mais tarde, tornando impossível que eu a evitasse.

Eu não contara à minha cunhada sobre a conversa que tivera com Gleason. Não fazia sentido. Nada mudara. A adoção era válida e eu não tinha dívidas quanto a sua pertinência. Lily assumira a maternidade com uma facilidade surpreendente. Preocupava-se como qualquer mãe, mimando e vigiando o bebê. Era difícil assistir: Ron não esfregava tanto na minha cara sua adoração por Abby, talvez porque visse alguma coisa em mim – um sofrimento extra que eu não conseguia esconder sob meu luto e minha depressão. Eu o flagrava me olhando enquanto eu observava Lily, o que me levava a pensar se eu estaria sendo muito óbvio.

Aconteceu numa noite em que eu estava com os dois na Unidade Neonatal de Tratamento Semi-intensivo – um lugar para bebês que haviam saído de um estado crítico, mais ainda precisavam ser constantemente monitorados. Quando cheguei, Abby estava sozinha, mas mal me sentei antes que Ron e Lily aparecessem. Dava para ver que Lily se sentia como eu – meio ciumenta quanto ao seu tempo sozinha com o bebê. Seu sorriso, porém, não sugeria que se incomodasse com a minha presença, nem o abraço meio torto que me deu. Enquanto eu a observava, pude ver a pureza do seu amor por Abby e não me senti no direito de invejá-la. Eu não faria isso. Fiquei de pé.

– Está na hora do meu remédio, já vou indo.

– Tem certeza? Você acabou de chegar.

– Volto mais tarde – falei, tocando com os lábios a testa macia de Abby.

Seus olhos estavam abertos e juro que ela olhava para mim – diretamente para a minha ruína. Demorei-me um pouco mais, o suficiente para que Lily se preocupasse.

– Tudo bem, Mic?

– Tudo. Foi só uma coisa que a Dra. Sweeny me disse.

– O quê?

– Que Abby sabe quem eu sou, sabe que sou pai dela. Isso me fez muito bem.

Então eu me virei e vi uma expressão de surpresa doida no rosto de Lily, e como sou um idiota não me ocorreu um jeito de consertar a situação.

Simplemente encarei seu desconforto durante um segundo e depois dei de ombros.

– Vejo vocês mais tarde.

– A gente se vê, amigaõ – disse Ron sem qualquer indicação de ter registrado a reação de Lily.

Minha cunhada deu um sorriso falso que não se sustentou quando ela baixou os olhos para Abby, que tornara a adormecer.

– Ei, Mic – exclamou Ron, quando me virei para sair. – Nós andamos conversando e temos uma proposta para você.

Parei.

– Queremos que vá para a nossa casa quando tiver alta. Isso faz todo sentido, você sabe. Até você estar pronto para voltar para a sua casa.

– Sério?

– Claro – insistiu Ron. – As festas vêm aí. Vamos deixar passar. Quando você estiver pronto, nós o ajudaremos a se readaptar.

Voltei para apertar a mão dele, que ignorou meu gesto, optando por me dar um grande abraço. Sua generosidade me tocou, e Lily tinha os olhos marejados quando assentiu sua aprovação.

– Sério, Lily? – repeti.

– Com certeza. Somos uma família. Queremos você conosco.

– Nem sei o que dizer. Talvez eu cobre esse convite – falei, sabendo que iria aceitar. Claro. Era lá que minha filha estaria.

Abby ficou três semanas no hospital. Eu fiquei 29 dias. Sem dúvida não era um recorde, mas não deixava de ser uma longa internação. Conforme o programado, fui para casa de Ron e Lily. No entanto, o que havia parecido uma boa ideia acabou se revelando um erro. Em poucos dias, comecei a me sentir um intruso, mesmo que eles não tenham feito nada para que eu me sentisse indesejado. Pelo contrário. Mas por algum motivo, eu me sentia um estranho – como se espionasse, com o rosto colado na janela, a nova vida do casal, sua nova família. Era totalmente óbvio quanto eles adoravam Abby, que florescia sob toda aquela atenção inabalável. Lily me tratava com o mesmo carinho de sempre. Ron mais ainda. E por causa de tanta delicadeza, era difícil definir o que estava acontecendo. Mas havia alguma coisa sob a superfície das nossas boas maneiras.

Com Lily era pior. Não que ela fosse especialmente egoísta com Abby, mas era quase como se eu precisasse arrancar o bebê de seus braços caso quisesse preencher minha carência. Ela vivia por perto, esperando para me ver deixar Abby cair de cabeça no chão. A culpa provavelmente era minha, porque, no hospital, Lily jamais tivera a chance de ver que eu sabia como segurar um recém-

nascido ou como enrolar um bebezinho para fazê-lo ter a sensação de que ainda estava no útero. Eu não dei a Lily outra opção senão supor que eu não sabia o que estava fazendo. E, para ser franco, a primeira vez que Abby se aquietou no meu colo, Lily pareceu genuinamente chocada e um pouco magoada.

Certa noite, quando a bebê estava especialmente ranzinza, depois de passar a tarde toda enjoadinha, Lily já começava a perder a paciência, mesmo que não quisesse admitir. Havia horas que uma ruga profunda lhe marcava a testa, e ela tinha gritado com Ron quando ele tentara ajudar. Por isso, mantive distância. Porém, à medida que Abby ficava mais nervosa, e Lily, mais tensa, eu me vi cada vez mais ansioso para acalantar minha filha. Ninguém diria que um minúsculo par de pulmões é capaz de enlouquecer todo mundo, mas é, sim, e foi o que aconteceu. Portanto, sem pensar, eu me levantei da mesa da cozinha e tirei o nosso bebê chorão dos braços de Lily, apertando-o contra o peito. Então levei-a até o seu quatinho, sussurrando em seu ouvido.

Como era frequente quando eu a segurava, o mundo se reduziu apenas a nós dois – minha filha e eu. Deve ter sido a minha voz, ou as batidas do meu coração em seu ouvido, mas ela se acalmou quase de imediato e eu a apertei um pouco mais, beijando sua cabeça. Sentei-me com ela na cadeira de balanço que Lily pedira que Ron trouxesse da Fantasma e a embalei até que adormecesse. Na penumbra que iluminava as paredes rosadas do quarto, simplesmente me regalei com ela, essa miniatura de Lucy.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado, mas, ao erguer os olhos, vi Lily e Ron parados à porta. Lily tinha uma expressão indecifrável e de repente me senti constrangido. Ela não falou nada, apenas tentou apagar com um sorriso a dor em seus olhos. Quando percebeu que era incapaz de esconder seus sentimentos, desistiu e se foi, deixando a cargo de Ron desculpar-se por ela.

– Ela só está cansada – disse ele, entrando no quarto.

– Sei disso.

– Cara, você tem jeito mesmo. Ela está dormindo como uma pedra.

– Bem, isso é só até eu botá-la no berço.

Ron estalou a língua.

Contemplei Abby alguns minutos, sem saber o que mais dizer.

– Lily vai ficar bem – insistiu Ron, parecendo incrivelmente cansado.

Olhei para ele.

– Você é quem sabe. Mas eu sinto muito.

– Por quê?

– Por tudo. Preciso voltar para casa para que possam seguir em frente com a vida de vocês.

– Você vai ficar aqui até estar pronto, não importa quanto demore.

Balancei a cabeça.

– Ron, você sabe que nunca estarei pronto para entrar naquela casa sozinho –

falei, olhando para o meu bebê. – Por isso, acho que vou embora neste fim de semana. No sábado.

Ron ensaiou um arremedo de riso, como se eu estivesse brincando. Mas eu não estava.

– Sábado é véspera de Natal – disse ele. – Você não pode fazer isso.

– Posso, sim. Vai ser difícil, não nego, mas tenho que ir.

– Por quê? Por que precisa ser na véspera de Natal?

– Porque Lucy adorava essa noite. Adorava de verdade – respondi, enquanto as lembranças despertavam. – Acho que foi a primeira vez que encontrei todo mundo. Estávamos começando a namorar sério e ela me convidou para a ceia de Natal. Foi quando me apaixonei pelo mundo dela. Achei superlegal que a mãe tivesse criado essa tradição na época em as meninas eram pequenas. Convidar todos os vizinhos e encher a casa. Acho que Lucy gostava mais da véspera que do dia de Natal.

Ron assentiu.

– É, sempre foi um grande acontecimento.

– Por isso acho que, se eu puder ir para casa nesse dia, passar por aquela porta nessa noite, jamais será tão difícil. Mas devo confessar – falei, olhando para Abby – que mal consigo imaginar deixá-la. Nunca pensei, Ron, nem em sonho, que me sentiria assim. Não previ. – O corpinho leve de Abby em meus braços fazia meu peito latejar. – Mas Lucy previu – falei com voz rouca. – Ela me conhecia muito bem.

Ron ficou calado e, quando ergui os olhos, vi que ele me encarava.

– Mic, você tem certeza de que se sente bem... com o modo como as coisas estão?

Ron sabia a minha resposta; ela estava refletida na compreensão triste em seus olhos.

– Claro. É o único jeito. Você e Lil são maravilhosos. Abby sempre estará segura com vocês.

O olhar de Ron era triste e insistente.

– Ela também estaria segura com você, Mickey. Você jamais machucaria ninguém. Tem que dar a si mesmo um voto de confiança.

Escorreguei o dedo de dentro da mãozinha minúscula de Abby, que relaxou.

– Com certeza eu jamais machucaria alguém de propósito.

– Mickey, conheço a sensação de perder um filho, de ter um bebê e depois perdê-lo. É um inferno. Chega a ser difícil acreditar que se vai sobreviver.

Olhei para o meu amigo, sereno ali em pé, de camiseta e calça de flanela, pronto para ir para a cama, totalmente vulnerável.

– Mas vocês sobreviveram, certo?

– Acho que sim, mas não sei se isso é sobrevivência de fato, já que ainda penso nele, imaginando como ele será agora que já tem 13 anos. Imaginando, quando o

telefone toca, que talvez seja ele perguntando se meu nome é Ronald Jerome Bates e se me lembro de ter tido um filhinho durante algum tempo. – Ron deu de ombros e fitou o chão. – Ele está por aí, Mic, e sempre me pergunto se passei por ele na rua ou fiquei perto dele numa fila. A gente nunca esquece.

Olhei para Ron, surpreso por ele carregar diariamente essa dor da qual jamais falava.

– Eu jamais desejaria isso para ninguém, Mic. Muito menos para você.

Mais tarde naquela noite ouvi Lily chorar. As paredes da casa deles são finas e, embora eu não entendesse as palavras, a emoção era inegável. Eu não saíra do quarto do bebê. Quando Ron me deu boa-noite, não consegui me mexer. Os dois não estavam brigando. Não havia gritos, apenas o choro suave de uma mulher e a voz de um homem fazendo o possível para consolá-la. Abby se remexeu nos meus braços e logo começou a chorar. Passei-a para o meu ombro e acariciei suas costas, o que só a fez ficar mais zangada. Botei-a no trocador e procurei uma fralda, mas não encontrei. Soluços aborrecidos logo se transformaram em berros enfurecidos. Eu já ia descer para fazer a mamadeira quando Lily entrou trazendo uma. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas ela sorria mesmo assim.

– Ela é um relóginho, um verdadeiro despertador.

– Desculpe por termos acordado você. Sou meio lento para tomar providências.

– Vocês não me acordaram, Mickey.

– Lil... – Estendi para ela a minha mão livre, mas Lily recuou.

– Não, Mickey. Eu estou bem.

– Lamento que isso seja tão difícil, Lily.

Ela mordeu o lábio.

– Não lamente. É só a minha adaptação.

Nós dois olhamos para Abby, o porto seguro em que ambos podíamos esconder nosso constrangimento.

– Bom – disse ela –, parece que você está com tudo sob controle aqui. Acho que vou voltar para a cama.

– Por que não dá a mamadeira a ela, Lil? Minhas costas estão doendo.

Lily sorriu para mim, as lágrimas voltando a brilhar em seus olhos. Ela me fitou por um instante, avaliando minha oferta, e depois se inclinou para beijar meu rosto.

– Obrigada, Mickey.

Acomodei Abby em seus braços e observei nosso bebê volúvel se aquietar com ela dessa vez. Lily deu de ombros:

– Parece que ela sabe manipular direitinho nós dois.

– Eu estava pensando a mesma coisa – falei, devolvendo a mamadeira a Lily.

Não dormi direito naquela noite e no dia seguinte liguei para o consultório de Gleason para marcar uma consulta. Ele não tinha horário, mas podia almoçar comigo, e nos encontramos no Crab Shack, em Woodbury. Quando me viu, ele fez o mesmo de sempre: me deu um abraço. Nada de mais, apenas o gesto de um pai para um filho que estivesse passando por um momento difícil.

– Obrigado por me encontrar – agradei.

– Você sabe que não recuso um convite para almoçar. Então, o que está havendo?

Sentei-me e passei as mãos pelo cabelo.

– Não sei. Estou apaixonado pela minha filha e não aguento morar com Ron e Lily e encarar todos os dias essa situação que deveria ficar mais fácil, mas só está ficando mais difícil.

– Dê um tempo a si mesmo, Mic.

Olhei para ele.

– Era mais fácil quando eu achava que não poderia amá-la.

– A sua filha? Você pode dizer isso com todas as letras, Mickey – falou Gleason, encarando-me.

– Minha filha – falei. Depois, porém, voltei atrás, balançando a cabeça: – Não, não. Você não vai fazer isso comigo. Ela é de Ron e Lily, e vou lhe pagar o almoço para que você me diga como volto a pôr a cabeça no lugar.

– Nesse caso, vamos, ao menos, começar sendo honestos. Você a ama.

– Sim, eu a amo.

– E Lily e Ron vão criá-la porque você a ama.

– Sim, é exatamente isso.

– Muito nobre, Mickey. E onde você entra nessa história?

– Ainda não sei.

– Você é o pai dela. Deveria saber.

Ao longo dos três dias seguintes, reuni coragem para ir embora. Eu havia sido honesto com Ron – seria na véspera de Natal ou nunca. Mas quando eu pensava bem sobre voltar para casa, tinha a impressão de que isso não aconteceria nunca. A ideia de ficar sozinho me apavorava. Isso significava não haver nada entre mim e o abismo.

Ainda assim, eu precisava sair da casa de Lily, e sem demora, porque dava para ver que a minha filha ia se tornando o chão sob meus pés. E Lily também via.

Não fazia diferença se eu estava trocando a fralda de Abby, preparando seu

banho ou acalmando uma de suas choradeiras: Lily parecia me observar o tempo todo, o que me deixava com a sensação de ser um intruso.

A gota d'água foi numa sexta-feira à noite, enquanto Lily lhe dava a mamadeira. Abby se esqueceu de respirar e, quando se lembrou, sugou o leite de forma errada e quase sufocou. O som foi terrível, mais um grasnado que uma tosse, tão horrível que fez meu coração parar. Lily entrou em pânico. Acho que chegou a gritar e, para mim, toda aquela cena pavorosa se desenrolou em câmera lenta. A mamadeira caindo da mão de Lily e quicando no chão. Abby ficando vermelha. Depois roxa. A impotente e inútil exclamação de Lily “Ai, meu Deus, ai, meu Deus”. Minhas mãos adquirindo vida própria e se estendendo para minha filha, inclinando-a com a cabeça para baixo, dando-lhe uma palmada nas costas. A tosse, o choro, o leite escorrendo pelo meu braço. A humilhação nos olhos de Lily, logo transformada em raiva.

Mais tarde, quando eu falava com a Dra. Sweeny ao telefone, levantando a possibilidade de Abby ter cólicas, o mesmo olhar endureceu a expressão de Lily. Eu não fizera mais que perguntar se uma fórmula sem ferro poderia diminuir o alvoroço do nosso bebê – algo que eu lera na Internet –, mas, pelo visto, minha atitude parecia imperdoável. Assim, deixei que Lily lidasse com o nosso bebê genioso e disse que ia dar um pulo no Partners para falar com Jared.

Nossa cidade tem quase 4 quilômetros de extensão do pier até o centro, e fiquei surpreso de constatar como era gostoso caminhar ao ar livre. Nevara a noite toda, e agora o mundo parecia engomado e limpo, todo meu, já que minhas pegadas eram as primeiras a macular a paisagem. Enquanto me encaminhava para a rua principal, me dei conta de como era gostoso passar por vizinhos que eu conhecia desde que me casara com Lucy. Imaginei todas as conversas atrás daquelas portas. Durante doze anos aquelas pessoas tinham sido minhas amigas. Eu conhecia suas histórias e elas sem dúvida conheciam as minhas. E muitas me amavam mesmo assim.

Lembrei-me daquela noite no início de novembro, quando Lu e eu voltávamos a pé do jantar na casa de Lily. Eu tinha dito à minha esposa que não queria o bebê, mas nunca falara sobre a minha decisão de sair de Brinley. Finalmente eu concluíra que Lucy poderia morrer e que, se isso acontecesse, meu plano era me afastar dali e de tudo que me fizesse lembrar dela, e me perder no que quer que fosse preciso para apressar minha própria destruição.

Então Abby chegou e tudo mudou.

Olhei em volta para essa rua tranquila margeada pelas casas cheias de gente que eu passara a amar. Minha filha cresceria ali, naquela cidadezinha, e seria amada porque a mãe fora amada. Como pude pensar que seria capaz de ir embora e deixar de fazer parte disso?

Perdido num monte de “e se”, cheguei ao centro e tive a impressão de que a Pousada Brubaker estava com pouco movimento, o que não era surpresa, dada a

proximidade do Natal. Mas se o histórico não falhasse, estaria lotada na semana seguinte. Minha intenção era falar com Jared, mas agora que estava ali, achei que não tinha muito a dizer. Eu sabia que podia reassumir meu posto no Partners quando quisesse. Droga, eu poderia entrar agora mesmo e começar a trabalhar, se tivesse vontade. Em vez disso, fiz o percurso mais longo para voltar à casa de Ron e Lily, descendo a Chestnut na direção da minha casa.

Claro que ela estava às escuras e vazia, mas era a minha casa e me conhecia. Eu bem que podia ter sido forte o bastante para entrar, mas apenas a observei, querendo que as luzes se acendessem e que Lucy abrisse a porta.

Mas é claro que nada disso aconteceu. Era uma casa vazia, em nada diferente da casa daquela manhã em que Lucy acordou tão mal que me pediu que chamasse o médico. Eu lhe servi um pouco de suco de maçã, que ela recusou. O suco continuava na bancada da cozinha. A cama estava desfeita, havia roupa na secadora, e estávamos sem leite. Como era possível que tudo continuasse exatamente igual quando o inimaginável mudara tudo?

No telhado e na entrada, a neve acumulada chegava, fácil, a uns 30 centímetros. Hesitei um segundo apenas antes de dar a volta até a porta da garagem, que jamais ficava trancada, e pegar uma pá. Contrariando a aparência – de flocos etéreos –, a neve estava bastante densa e pesada, e o exercício me fez bem. O frio era cortante, salvo pelas lágrimas quentes que eu podia sentir escorrerem pelo meu rosto. Mas foi bom o esforço físico, foi bom sentir o coração bater e o ar gelado entrar e sair do meu corpo. Depois que terminei de limpar a entrada, comecei a trabalhar na de Harry, e já estava quase na metade quando ele chegou de carro.

Jan saltou antes que Harry sequer desligasse o motor.

– Mickey, meu doce, o que você está fazendo?

Dei de ombros, escapando do seu abraço.

– Sai para dar uma volta.

Sou um adulto, mas devo confessar que ser amado por uma mulher maternal me causava a mesma sensação que deveria ter causado quando eu era criança.

– Tudo bem, pode parar isso aqui – insistiu ela. – Harry vai terminar amanhã. Agora trate de entrar, você deve estar congelado. Vamos tomar um chá ou uma sopa... Chocolate quente?

Harry havia tirado a pá da minha mão.

– Não adianta discutir, Mic. Ela vai lhe enfiar chá, sopa ou o que tiver em casa pela goela abaixo. Por isso é melhor entrar logo – disse ele, com um tapinha nas minhas costas. Àquela altura, que alternativa eu tinha?

Lá dentro, percebi como eu estava com frio. Jan pegou meu casaco e o pendurou junto à lareira, jogando depois uma manta sobre os meus ombros. Quando me sentei à mesa da cozinha e deixei que os dois me mimassem, alguma coisa em mim cedeu e comecei a chorar como um bebê. Jan correu para junto de

mim como uma boa mãe. Harry foi mais comedido e apenas ficou ali sentado, afagando a minha mão.

– Tudo bem, filho, bote para fora.

Não consigo descrever em palavras a sensação de ser aconchegado no coração desses dois. Eu não havia me dado conta de como a minha dor estava à flor da pele. Sabia apenas quanto era bom soluçar, extravasar tudo o que eu vinha represando desde que chegara à casa de Lily. Devia haver muita emoção armazenada, porque demorou bastante para que eu me acalmasse. Quando enfim consegui me recompor, disse aos dois que havia muito tempo que eu precisava fazer aquilo. Eu tinha derramado muitas lágrimas nos últimos meses, mas nunca chegara a entender a dimensão do meu despreparo para uma vida sem Lucy.

Jan e Harry me apoiaram até eu conseguir me aprumar sozinho. Depois já eram onze e dez, e tomamos sopa e comemos o pão caseiro de Jan com manteiga, mel e suco de maçãs de seu pomar. Tudo estava delicioso e fazia muito tempo que eu não tinha fome de verdade, que não sentia o gosto de coisa alguma. Mais tarde, Harry insistiu em me levar em casa de carro, mas eu lhe disse que queria mesmo caminhar.

– Então prometa que vamos vê-lo no brunch do dia de Natal – pediu Jan.

– Prometo. E não se assustem se olharem pela janela e virem as luzes da minha casa acesas. Vou voltar amanhã.

– Ah, querido, você está preparado?

– Nunca vou estar preparado, Jan, mas já é hora.

– Na véspera de Natal? Tem certeza?

– Tenho. Se eu conseguir amanhã, depois as coisas só ficarão mais fáceis.

Jan ergueu o rosto e me deu um beijo.

– Você sabe que estaremos bem aqui.

Assenti.

– Bom, ao menos vista isto – disse Harry, enfiando uma touca de esqui na minha cabeça. – Já que não quer que eu o leve de carro, pelo menos se agasalhe.

– Obrigado. Obrigado por tudo – falei, olhando para o pinheiro austriaco que ocupava metade da sala de estar, cheio de luzes coloridas piscando, dando ao ambiente um toque tipicamente natalino. Apesar de tudo o que acontecera, senti um certo consolo.

Sai de novo para o frio. Voltara a nevar e a lua cheia iluminava a noite com um brilho prateado. Pensei na minha esposa e pela primeira vez a dor da sua perda não me apunhalou. A surpresa foi tão grande que me aventurei a ir um pouco mais longe e relembrei o nosso primeiro Natal juntos. Revi a árvore completamente torta, que por nada no mundo ficava reta, e como, quando tentamos endireitá-la, a danada caiu em cima de mim. Lucy riu tanto que perdeu o fôlego, incapaz de me ajudar a me livrar do problema: um homem grande preso debaixo de uma árvore enorme. Pensei naquela noite, tantos anos antes, com riqueza de detalhes. Pensei

*tanto na gargalhada gostosa de Lucy que quase pude ouvi-la outra vez.
Soava como música.*

Arrastei-me o dia todo, inventando coisas para me manter ocupado e adiar o máximo possível minha volta para casa. Lavei minha roupa e a de Abby. Limpei o banheiro que vinha usando. Fiz a minha cama. E, sempre que podia, pegava minha filha no colo. Talvez porque eu continuasse lá ou talvez porque o Natal a estivesse afetando, Lily parecia incommumente calada. Não que estivesse fria ou indelicada, apenas murcha. Enquanto eu embalava Abby, ela se ocupou embrulhando presentes e arrumando a árvore, que passara a semana toda vazia. Eu só a vi se emocionar uma vez, quando pendurava as meias para os presentes.

Ela já havia pendurado a sua e a de Ron, e depois pegou uma terceira. Eu a observei passar a mão pela frente da meia, olhando na minha direção.

– Acho que não cheguei a lhe mostrar isto – falou, erguendo a meia para que eu a visse.

Estampado na parte da frente, via-se um bebê dormindo debaixo de uma árvore de Natal. Parecia uma pintura, mas na verdade era um bordado de pontos minúsculos – petit point ou algo do gênero. Mesmo distante, pude ver que era antiga, cheia de charme, como tudo de maravilhoso que havia na casa de Lily. Ela acariciou o arremate da meia com ternura.

– Acho que foi bordada por uma mãe enquanto vigiava seu bebê dormindo, ou talvez por uma avó, solitária e cheia de tempo livre. Provavelmente perto de uma janela, onde a claridade era boa, ou talvez junto de um abajur. De todo jeito, tenho certeza de que foi feita com muito amor. – Lily balançou a cabeça. – E como foi feita para uma menininha por alguém que a adorava, achei que seria perfeita para a nossa Abby.

– Como você sabe que é uma menina?

Lily se aproximou.

– Porque dá para ver uma pulseira neste bracinho.

Segui o dedo delicado de Lily, que apontava o que queria mostrar. Sem dúvida, no pulso semiescondido sob a árvore, podia-se ver uma minúscula correntinha de prata. Eu jamais teria notado, mas Lil estava certa.

– Quantos anos você acha que tem essa meia?

– Ah, tem data, veja. É pequena e está meio puida, mas parece 1872, ou talvez 1878. Lindamente conservada, provavelmente como um bem de família até chegar a alguém mais interessado nos 485 dólares que ofereci como lance no eBay.

– Nossa! É difícil acreditar que alguém fosse se desfazer dela.

Lily tornou a se virar para a árvore.

– O tesouro de uma pessoa é o dinheiro da entrada do carro para outra – disse Lily, pousando a meia no braço da poltrona.

Enquanto eu a observava remexer numa caixa cheia de enfeites, perguntei-me por que ela não pendurara aquela meia com as outras. Então me dei conta de que

devia ser por minha causa e me senti grato por sua delicadeza.

Quando olhei pela grande janela da sala de estar de Lily e vi que começava a anoitecer, percebi que tinha passado o dia todo à toa. Abby dormia em meus braços e puxei-a para junto de mim, beijando sua testa. Fiquei assim um bom tempo, sentindo seu cheiro. Assim que o momento passou e ergui os olhos, vi que Lily me observava. Seus olhos estavam úmidos, e garanto que os meus também, mas nenhum de nós desviou o olhar. Eu segurava todo o meu mundo nos braços e, percebendo isso, senti o desespero toldar minha expressão e não soube o que fazer.

Lily veio até mim e carinhosamente tirou Abby dos meus braços.

– Vamos deixá-la com Ron – sussurrou. – Precisamos ir visitar Lucy.

– Ah, Lil, eu...

– Está na hora, Mickey. Para nós dois.

Fomos de carro até o cemitério sem falar nada. Ninguém estava lá quando chegamos, mas obviamente o local recebera várias visitas ao longo da semana. Ramos de azevinho, flores congeladas e até árvores de natal em miniatura adornavam os túmulos. Lily estacionou no início da ladeira que levava até o túmulo de Lucy e desligou o motor. Ficamos sentados no carro alguns minutos, calados, e observamos a neve começar a cair. Por fim Lily abriu a porta.

– Venha quando quiser, Mickey – disse ela, saltando do carro.

Tirou alguns vasos pequenos de pinheirinhos que estavam no banco traseiro e fechou a porta com o quadril. Esperei apenas um instante e descí também. Fazia frio, e o vento penetrava no meu casaco enquanto eu seguia Lily ladeira acima.

Havia muito tempo que eu não ia ao cemitério e senti vergonha de estar ali agora, depois de ter perdido o enterro de Lucy. No topo da ladeira, paramos diante de um banco de mármore e contemplamos a pequena família de lápides. A dos pais de Lucy era um bloco de granito coral que, de certa forma, os reduzia àquela pedra apenas. A pequena lápide branca da avó de Lucy ficava um pouco para o lado, e fiquei espantado de ver que a de Lucy ficava ao lado dela. Acho que por eu estar incapacitado, Ron e Lily haviam cuidado de tudo em meu nome. Para minha esposa, os dois escolheram uma pedra semipolida, espelhada apenas na frente. Ajoelhei-me diante dela, sem condições de controlar a emoção. Era bonito. Passei a mão sobre a superfície lisa e acompanhei o traçado do seu nome com os dedos.

– Gostou? – perguntou Lily, ajoelhando-se ao meu lado.

– Gostei muito – respondi, emocionado.

– Acho que é perfeito. Grandioso. Como ela.

Toquei novamente o nome de Lucy.

– Eu a amava tanto, Lil.

– Sei disso.

– Sinto falta dela.

– Eu também.

Pensei na declaração firme feita por Lucy de que Deus jamais encheria seu coração de amor por mim para depois levá-lo embora. Eu queria acreditar nisso. Se o amor era mesmo tão essencial, por que Deus faria com que eu o conhecesse apenas para depois tirá-lo de mim? E se não fosse assim, será que o amor – o amor de Lucy – poderia transcender tudo que eu conhecia? Que ideia... Nesse caso, eu poderia sobreviver a qualquer coisa.

Logo depois das sete, Ron entrou na minha rua. A Chestnut era um mar de luzes, cada casa banhada em cores piscantes e enfeites natalinos. Meu coração se apertou, sabendo que eu iria entrar no vazio e na escuridão, acompanhado de um copo de suco de maçã.

Lily pareceu ler meus pensamentos.

– Você ainda pode mudar de ideia, Mic.

– Vou ficar bem, Lil – menti.

Observei uma troca de olhares entre ela e Ron que não fui capaz de interpretar. Quando minha casa surgiu diante de nós, ouvi Lily rir.

– Epa! O que é isso? – exclamei, espantado com o que via.

Minha casa brilhava com luzes brancas e por um instante achei que estávamos na rua errada. Mas era, sim, a minha casa, coberta de enfeites de Natal. Lucy sempre gostou de luzinhas brancas apenas e havia montes delas, que alguém desenterrara no nosso porão e pendurara. Pela janela, via-se uma árvore de Natal enfeitada com mais luzinhas brancas, destacando seu contorno. Uma corrente de emoções me dominou. Minha casa parecia a mesma de todos os Natais desde que eu me mudara para lá. Quase dava para imaginar a minha mulher sentada na cozinha me esperando chegar com a famosa compra de última hora que se tornara tão tradicional quanto a própria festa.

– Ah, meu Deus – exclamei numa voz trêmula que não parecia a minha.

Encontrei os olhos de Ron no retrovisor. Ele deu um risinho ao passar pelo portão e parar o carro.

– Está surpreso? – perguntou Lily, rindo. – Feliz Natal, Mickey.

– Nossa, o que vocês aprontaram?

– Só um pouquinho de espírito natalino.

Eu estava tão zozinho que precisei fazer várias tentativas antes de conseguir desfivelar a cadeirinha de Abby. Lily teve que me ajudar e arrumou com carinho o cobertor em volta da cabeça da minha filha – precisamente como eu teria feito –, para protegê-la da brisa gelada que soprava do rio.

Acho que Ron se preocupou comigo, porque me pegou pelo braço enquanto nos dirigíamos para a entrada. Mas eu estava bem. Lily pegava na mala do carro os mantimentos que comprara para mim e remexi no bolso em busca da chave.

Mas a porta foi aberta por dentro e lá estava Harry, vestindo um ridículo suéter bordado com renas – o mesmo que usava toda véspera de Natal desde que eu o conhecia. Ele escancarou a porta, revelando uma casa que transpirava Natal. Enfeites, música, um delicioso aroma de peru assado e vizinhos queridos: tudo isso me aguardava na sala.

Examinei o rosto de Harry em busca de algum sinal de que aquilo não passava de um sonho, mas ele apenas sorriu. Encarei essa reunião com um espanto absoluto e uma repentina humildade. Jan foi a primeira a beijar meu rosto, antes de me abraçar. Com minha mão livre eu a agarrei como um afogado, e quando me soltou de seu abraço, ela levou os dedos à boca e tentou conter as lágrimas.

Harry me aliviou da cadeirinha de bebê para que eu pudesse receber todo aquele acolhimento. Charlotte Barbee bateu em meu peito e me disse que eu estava com uma aparência ótima. Diana Dunleavy pegou as minhas mãos nas suas e as beijou. Earl Withers afagou meu ombro. Cada demonstração de afeto fortalecia minha capacidade de estar ali sem Lucy. Acima do alvoroço, ouvi Abby chorar e tentei voltar até onde ela estava, porque sabia que seu choro logo se transformaria numa gritaria insistente para que a alimentassem. Eu queria segurá-la no colo, mas Ron silenciosamente preparara uma mamadeira e se sentara com ela no sofá, onde foi logo ladeado por Muriel Piper e Elaine Withers. As duas pareciam nunca ter visto um bebê, e relaxei, sabendo que Abby estava muito bem assistida.

Mais uma vez, entreguei-me aos sentidos: mãos no meu rosto, palavras carinhosas em meus ouvidos, beijos nas minhas bochechas, tapinhas nas costas. Fragmentos de conversas – “Ele está com uma cara boa... Vai ficar bem... Perdeu peso, coitado... A menina é a cara de Lucy, absolutamente adorável”. Tudo era meio exagerado, mas nem por isso eu iria perder um instante que fosse daquilo.

Do outro lado da sala, vi Lily ajudar Jan a dar os últimos toques na mesa de jantar. Fiquei pasmo com o fato de, a despeito da própria frustração, ela ter ajudado a providenciar essa surpresa para mim.

A campainha tocou e, quando Harry abriu a porta, lá estavam Priscilla e Nathan. Os dois se beijavam, mas se afastaram depressa, parecendo meio constrangidos. Nathan apontou para o beiral, de onde pendia um grande tufo de visco, e Harry riu, escancarando a porta e pegando os casacos deles. Minha cunhada logo me viu e os convidados abriram caminho para ela, que foi direto até mim. Estava deslumbrante, num vestido vermelho curto e botas de salto agulha, mas quando parou à minha frente, o olhar que me lançou não fez jus à sua aparência fria.

– Mickey – sussurrou Priscilla, abraçando-me. – Feliz Natal, meu querido. Você está bem?

– Chegando lá – respondi em seu ouvido.

A porta tornou a se abrir e vi Gleason Webb entrar, envolto numa parca

enorme.

– Ora, você não é mesmo um amor por vir de tão longe comemorar com a gente? – disse Jan, beijando-o no rosto.

– Bom, isso eu não sei. Mas ouvi dizer que ia ter comida, então eu não poderia faltar – atalhou Gleason, cujo olhar encontrou o meu, fazendo com que ele se dispusesse a atravessar a sala para falar comigo.

Quando me alcançou, disse:

– Melhor que isso, impossível, Mic.

– Acho que você tem razão.

Perto da cozinha, Harrison bateu numa taça com uma colher e os convidados se calaram. Ele pigarreou, parecendo bem mais solene do que seria de esperar de um homem usando um suéter bordado com renas.

– Quero agradecer a presença de todos na ceia de Natal dos Chandlers, mas, sobretudo, quero dar as boas-vindas a Mickey. Já não era sem tempo. – Seu lábio tremeu quando ele me olhou, sério. – É bom tê-lo de volta, filho.

A sala estava em silêncio e parecia que todos prendiam a respiração, enquanto eu imaginava que um único pensamento lhes passava pela cabeça: pobre Mickey. Fiquei ali de pé, esforçando-me ao máximo para não desmoronar, mas precisei olhar para o chão antes de conseguir falar:

– O que eu faria sem meus amigos? Obrigado. Obrigado por tudo isso. E obrigado em nome de Lucy. Vocês sabem que ela adorava partilhar esta noite com vocês.

Como se houvesse ensaiado, Abby soltou um arroteo que quebrou o silêncio constrangido e dissipou a tensão. Eu mesmo ri.

– Essa é a minha garota. E aí? Vamos comer ou não? Estou faminto!

Depois disso, a festa voltou ao normal, com todos fazendo fila para se servir. Os convidados se sentavam onde havia lugar; inclusive na escada e no chão. Olhei em volta e fiquei maravilhado. Se eu vivesse mais cem anos, jamais poderia agradecer a todos como deveria.

Nem retribuir a generosidade que encerrou a noite com chave de ouro, quando Oscar Levine pegou minha mão e anunciou:

– Alguns de nós nos juntamos para fazer um presentinho de Natal para você, Mic. Que tal subir conosco para dar uma olhada?

Subi a escada atrás de Oscar e tive um leve baque ao chegar lá em cima e dar uma espiada na direção do meu quarto. Sem dúvida eu choraria ali. Mas isso podia ficar para mais tarde, quando estivesse sozinho. Não agora. Sem notar esse tropeço emocional, Oscar me levou até o velho quarto de Priscilla e acendeu a luz. Ouvi um som escapar da minha garganta, um gemido que em parte foi de tristeza e, em parte, de admiração, mas que, basicamente, traduziu meus sentimentos. Eu estava diante de um lindo quarto de bebê. Meus amigos haviam retomado o trabalho no ponto em que Lucy e eu tínhamos parado, transformando

esse quarto em algo digno de um conto de fadas. Ele estava pintado com o suave tom de cor-de-rosa escolhido por Lucy. As cortinas, almofadas e cobertas eram em tons pastel de verde e amarelo. Lucy teria amado.

Entreí e me sentei no banco recém-estofado sob a janela, contemplando o quarto. Era tão lindo que poderia estar numa revista de decoração. Claro que o dedo de Lucy podia ser visto por todo lado. Tudo tinha sido feito como ela sonhara, eu tinha certeza, mas o produto final ia além de tudo que imaginei.

– Quem fez isso?

– Todos nós – respondeu Oscar. – Treig e eu pintamos, Ron terminou o piso, Earl e Chad reformaram o banco da janela.

– E a cadeira de balanço é presente de Lucy – acrescentou Treig, com um sorriso triste. – Ela comprou comigo no verão passado. Achou que seria perfeita para você, e eu concordei.

Balancei a cabeça, sentindo um aperto no peito.

– Jan, é claro, pintou o mural, e as meninas providenciaram babados e fru-frus – interveio rapidamente Oscar na tentativa de me distrair.

O mural de Jan ocupava uma parede inteira. Numa floresta verdejante, um raio de sol brilhava sobre três meninhas de olhos verdes tomando chá junto ao tronco de uma árvore. As três se pareciam demais com as princesas do livro que Lucy deixara comigo no hospital. Ao reconhecer a imagem de minha mulher quando criança, deixei rolar as lágrimas que haviam me ameaçado a noite toda. Jan se aproximou e beijou minha testa.

– Não consegui resistir. Espero que você não se importe.

– Está maravilhoso.

O trabalho de Jan causou o mesmo efeito em Priscilla, que segurava com força a mão de Lily e chorava. Sua boca se abriu, mas ela não falou nada.

Ron entrou com Abby.

– O que achou, Mic? Bem bonito, hein?

– Bonito é pouco – respondi, pegando minha filha no colo.

Abby, totalmente desperta, olhava para o teto, tranquila e sem consciência alguma de que tudo isso era para ela. Beijeí sua cabecinha.

– Este é o seu novo quarto – sussurrei.

Ou ao menos seria o quarto em que ela dormiria quando estivesse comigo. A ideia fez meu coração se apertar.

Depois de todas as exclamações, os convidados começaram a descer para a sala, onde a sobremesa tinha sido servida. Ficamos apenas Lily, Priscilla e eu. Vistas sob essa luz, as irmãs de Lucy pareciam jovens e vulneráveis. Priscilla dava a impressão de estar paralisada e sua emoção crescia a cada segundo. Lágrimas pesadas rolavam pelo seu rosto. Aproximei-me e envolvi seus ombros com meu braço livre.

– Ei, você vai borrar a maquiagem – falei, tentando não dar a entender que

isso já tinha acontecido.

Ela chorou mais ainda, chegando a quase se engasgar, mas me fitou, sem constrangimento, com o nariz escorrendo e os olhos borrados.

– Eu entendi tudo errado, Mickey. Sou uma idiota. E sinto muito, muito mesmo.

– Sobre o quê?

– Sobre tudo. Você. Lucy. Principalmente sobre este anjinho – respondeu ela, roubando Abby de mim. – Não sei onde eu estava com a cabeça.

– Bem – comecei, engolindo em seco –, nós dois agimos assim – falei, repentinamente ciente do que eu também insistira que Lucy fizesse.

Observei Priscilla aninhar o rostinho de Abby em seu pescoço. Sua expressão era de arrependimento profundo, e entendi perfeitamente.

Priscilla foi com Abby até a parede do mural e se abaixou próximo à cena do chá, estudando cada uma das meninas. Durante todo esse tempo, Lily se mantivera afastada. Parecia fascinada, nem tanto pelo quarto, ou mesmo pelo colapso de Priscilla, mas por mim. Fazia tempo que ela me observava como se estivesse refletindo sobre algo importante.

– Tudo bem com você, Lil? – indaguei.

Ela assentiu de modo quase imperceptível e desviou a atenção para os babados do berço.

– É tudo tão lindo, não é? – comentou, com um ligeiro tremor na voz.

– Absolutamente deslumbrante – balbuciou Priscilla, desviando minha atenção de Lily. – Jan nos captou por completo. É inacreditável.

Concordei e tornei a me virar para Lily, mas ela se fora.

Tenho certeza de que meus amigos sabiam que eram bem-vindos na minha casa pelo tempo que quisessem. A noite toda. O inverno todo. Ainda assim, fui delicado quando cada um deles se despediu e se ofereceu para providenciar comida para mim no dia seguinte. Não recusei nem aceitei convite algum. Apenas lhes agradei por pensarem em mim e por me encherem de opções. Wanda Murphy pousou as duas mãos frias em meu rosto e me obrigou a abaixar para fitá-la nos olhos.

– Deus o ama, Mickey, e Deus ama essa garotinha – disse ela, dando-me um beijo no nariz.

A preocupação de Gleason me emocionou profundamente quando ele disse que manteria o celular ligado durante todo o feriado. Eu o abracei com mais força do que pretendia.

– Você vai se sair bem – garantiu-me ele. – No devido tempo. Por ora, apenas saiba que vai demorar um pouco. E me ligue se precisar.

– Pode deixar.

Ron já havia enrolado Abby na manta e a acomodado na cadeirinha de bebê. Na cabeça, ela usava uma touca que quase lhe cobria os olhos, bem abertos e – eu juro – fitando os meus. Abaixei-me para beijá-la e rezei para não desmoronar.

Todos iriam embora em cinco minutos. Eu podia esperar.

Ron pousou uma das mãos em meu ombro.

– Tudo bem com você, Mic?

Assenti, mantendo silêncio até me assegurar de que a voz sairia firme.

Finalmente respondi:

– Estou ótimo. A gente se vê amanhã.

Lily se ocupou guardando toda a parafernália de Abby na enorme bolsa que carregava para onde quer que fosse. Lily, Harry e Jan eram os últimos remanescentes. Jan fazia um relatório de todas as comidas que sobraram quando Lily passou por mim. Ela teria saído sem uma palavra se eu não a agarrasse pelo braço.

– Lil?

– O que foi? – disse ela, virando-se para mim.

Abri a boca para falar. Acho que tinha algo a dizer, mas nada me ocorreu. Então tentei um sorriso e lhe agradei por tudo. Tive a impressão de que ela estava à beira das lágrimas quando ergueu o rosto para me beijar.

– A gente se vê de manhã, Mic.

– Certo.

– Você sabe que se ficar difícil demais pode voltar lá para casa.

– Vai dar tudo certo, Lil. Obrigado assim mesmo.

Saí com eles e fiquei junto ao carro enquanto Ron prendia a cadeirinha no banco traseiro. Acenei até que passassem pelo portão.

Jan me beijou o rosto.

– Vou deixar a porta dos fundos destrancada, caso você precise do nosso sofá.

Observei Harry dar o braço à esposa e os dois atravessarem com cuidado o pátio coberto de neve. Fiquei de pé na varanda durante mais alguns minutos, vendo meus amigos partirem. Depois entrei em casa.

Tranquei a porta e me vi sozinho, ainda buscando um eco do som que apenas minutos antes enchia minha casa. Nada. Eu estava só. Enquanto absorvia minha solidão, fiquei surpreso e levemente satisfeito com a minha ausência de reação. Fui até a cozinha beber água. Mas aquela não parecia a minha cozinha. Jan e sua tropa a tinham deixado impecável – nem um alfinete fora do lugar. A mesa que mais cedo servira de apoio para a comida havia sido coberta por uma toalha xadrez e, no centro, destacava-se uma cesta de pinhas que não reconheci como nossa. As cadeiras tinham sido arrumadas com cuidado, a bancada estava imaculada e a pia reluzia.

Aquilo me incomodou. Perfeição demais. Arrumação demais. Tirei três colheres e uma faca da gaveta e as espalhei sobre a bancada. Depois peguei uma maçã na geladeira e a deixei rolar pela mesa. Ela parou na beirinha, mas, se tivesse caído, eu não a apanharia do chão. Abri a torneira e enchi um copo com água, mas não bebi, deixei em cima da pia. Ao sair, desloquei levemente uma cadeira. Ainda estava meio ansioso quando apaguei a luz. Mas não muito.

Na sala, me senti melhor, mais relaxado. A manta nas costas do sofá estava amassada e uma almofada jazia no chão. Deixei ficar. Sempre gostei desse cômodo. Era aconchegante e, na maioria das vezes que eu chegava tarde em casa, encontrava Lucy enroscada na poltrona do canto, lendo ou cochilando com um livro aberto sobre o peito. Tentei lembrar que livro ela largara no meio quando... Se eu pudesse encontrá-lo, o leria. Precisava encontrá-lo. Onde estaria?

Senti um ligeiro estremecimento antes de começar a tremer de verdade e me encostei à parede para me acalmar. No início foram apenas tremores esparsos, mas logo meu coração disparou e todo o meu corpo estremecia. Escorreguei até sentir o chão debaixo de mim e então enterrei a cabeça entre os joelhos. Eu sabia o que era pânico e não tinha certeza se essa seria uma crise, mas, fosse o que fosse, eu esperava que passasse logo. Não passou. Levou um tempo, e acho que foi bom assim. Não havia ninguém ali para me julgar; ninguém que eu precisasse proteger do meu drama. Fiquei repetindo para mim mesmo, da forma mais serena que pude: “Eu posso superar. Sei que posso.” Como ouvira de Gleason várias vezes, não existe atalho, é preciso percorrer o caminho. Por isso fiquei ali sentado, enquanto ondas de tristeza, medo e ansiedade me assaltavam.

Não sei quanto tempo se passou, mas quando enfim consegui me levantar, respirei fundo e cambaleei como um bêbado para voltar à cozinha e tomar o copo d’água que deixara sobre a pia. Também botei a maçã de volta na geladeira.

Encontrei minha mochila no closet da entrada, onde Ron a guardara, e subi a escada. O silêncio era pesado, do tipo que incomoda por ser indesejável. Quase fazia doer meus ouvidos. Olhei em volta e tentei invocar parte do barulho que enchera este corredor, esta casa. Assim que me concentrei, o silêncio

ensurdecedor felizmente se transformou num mosaico de palavras e conversas que eu me lembrava de ter tido com minha mulher. Não se atreva a sair sem me dar um beijo. Será que você pode comprar um litro de leite e uma meia-calça preta, tamanho P, quando sair do trabalho? Por favor? Vou te amar pra sempre. Você viu o meu talão de cheques? Tomou seu remédio? Não fale comigo agora, estou furiosa com você. Aluguei Um morto muito louco de novo. De novo, não! De novo, sim. Vamos assistir cem vezes, e estamos na quadragésima primeira. Eu te amo, Mic. Eu te amo, Mickey. Eu te amo, Michael.

A livre associação de lembranças me acalmou e concluí que provavelmente me autodestruiria no instante em que não conseguisse mais ouvir a voz dela na minha cabeça. Concluí também que jamais conseguiria assistir de novo a Um morto muito louco, Surpresas do coração ou A fortuna de Ned. Ou talvez assistisse a um atrás do outro pelo resto da vida.

Abri a porta do meu quarto e acendi o abajur. Ali também tudo estava impecável. As marcas de aspirador no carpete deixavam claro que alguém havia apagado todas as pegadas. As pegadas de Lucy. Dei um suspiro e entrei no banheiro. Ali tampouco havia sinal dela. Eu não sabia o que era pior: encontrar vestígios de Lucy por todo lado ou não encontrar nenhum.

Esvaziei minha mochila no chão e remexi seu conteúdo atrás dos meus sete frascos de remédio. Quando os encontrei, alinhei-os em seu lugar habitual. Os três que eu tomava de manhã levemente separados dos dois da noite, levemente separados dos que eu só usava se houvesse necessidade. Um desses era para ansiedade. Abri o frasco e despejei dois comprimidos cor de laranja na palma da mão. Mas encarei os pequenos Ativans durante tanto tempo que eles viraram um borrão. Botei-os de volta no vidro. O sujeito saudável dentro de mim, que hibernara durante algum tempo, voltara esta noite. Eu o ouvi me dizer claramente que, se comesse a tomar remédios para me sentir melhor com relação a Lucy, eu jamais pararia.

Em vez disso, tomei uma chuveirada e, debaixo da água escaldante, decidi não sair até parar de chorar. No entanto, passada meia hora, a água esfriou. Levei as mãos ao rosto. Minha cabeça latejava e ali em pé, congelando, vi minha imagem no espelho e meu coração se apertou ante aquele homem. Ele parecia não ter conserto.

Saí do boxe e enrolei uma toalha na cintura. Inspirei fundo e soltei o ar devagar. Eu podia fazer a barba, precisava fazer a barba, mas minhas mãos ainda tremiam. Passei-as de novo pelo rosto e pelo cabelo, puxando-o para trás. Apertei as pálpebras com os dedos, tornei a respirar fundo e achei que tinha feito algum progresso. Um pouquinho depois, vestindo um moletom, olhei para a cama impecavelmente feita. Estava exausto e meu coração doía, mas sabia que ainda não tinha coragem para me deitar ali.

O radiorelógio na cômoda informava que eram 10h58. Será que onze horas

era tarde demais para ligar e saber de Abby? Provavelmente. Peguei meu travesseiro e atravessei o corredor na direção do quarto dela. Também hesitei ali, contemplando, no escuro, o pequeno espaço destinado a um bebê que não estava presente. Não acendi a luz do teto, mas o abajur sobre a cômoda. Sua claridade era a mais suave possível – um sussurro de luz perfeito para checar um bebê adormecido sem acordá-lo. O quarto voltou a me deixar sem fôlego. Fui até a enorme cadeira de balanço que Lucy pretendia que fosse meu presente-surpresa. Ela havia sido envernizada para combinar com o berço e deslizei a mão por ela. Lucy. Sentei-me na cadeira e deixei-a acalmar tudo o que latejava dentro de mim. Ela estava certa. A cadeira fora feita sob medida para mim. Olhei em volta. Lucy adoraria esse quarto. Dava para imaginar sua reação se Oscar a surpreendesse com ele. Ela teria rido e beijado todos que estivessem por perto. O lugar era um pequeno paraíso. O quarto perfeito para uma bebezinha que morava a duas ruas de distância.

Onze e quinze. Lily devia estar dando a mamadeira a ela.

Fechei os olhos e recostei a cabeça, desejando ardentemente que ela parasse de doer. Eu nunca tinha dor de cabeça, salvo quando deixava de tomar a medicação de forma correta, o que não era o caso, segundo os exames que fizera dois dias antes. Eu só precisava me acomodar e dormir. Achei que seria mais fácil dormir ali do que no meu quarto, mas, no fim, preferi ficar lá embaixo, no sofá junto à lareira, mantendo as luzinhas da árvore acesas e, quem sabe, vendo um pouco de TV para me distrair.

Estava pegando um edredom no armário do corredor quando pensei ter ouvido alguém bater à porta. A princípio descartei a ideia, supondo que estaria imaginando ruídos na casa vazia. Depois, porém, escutei de novo. Desci correndo a escada para ver quem estava preocupado comigo e abri a porta. Lá estava Lily, usando casacão e um gorro de tricô vermelho. Minha reação imediata foi de alarme e custei a balbuciar:

– O que houve, Lil? A Abby...

Lily balançou a cabeça. Com uma das mãos segurava a cadeirinha de bebê e, com a outra, a enorme bolsa.

– O que você está fazendo aqui, Lil?

– Posso entrar?

– Claro. Desculpe.

Ela passou por mim, largando a bolsa no chão enquanto se dirigia para o sofá, onde pôs a cadeirinha e começou a desafivelar as tiras. Olhei para minha cunhada, cada vez mais aflito.

– Lily?

– Me dê só um minuto – disse ela.

Ela não tirou Abby da cadeirinha, mas removeu uma das mantas. Fiquei firmemente plantado do outro lado da sala, com medo de perguntar de novo o que

estava acontecendo, mas, Deus do céu, o que estaria acontecendo? Lily olhou para mim com os olhos marejados.

– Mickey, eu...

Fui até o sofá.

– Lily, o que houve? O que você está fazendo?

Ela tirou o gorro e passou a mão pelo cabelo curto.

– Sente-se.

Obedeci, lançando um olhar de esguelha para a minha filha.

– Lil, você quer tirar o casaco?

– Não, não vou demorar.

– Está bem...

Lily se virou para me olhar e pegou minhas mãos nas dela, que estavam geladas.

– Mickey... – começou, depois de respirar fundo.

– Você está me deixando assustado, Lily.

Ela balançou a cabeça e fitou o chão.

– Eu sei, eu sei – falou, respirando fundo outra vez. – Muito bem. Mickey, eu venho observando você ao longo dessas cinco semanas como se olhasse um inseto no microscópio. Observei-o e, a princípio, não tive a menor dúvida de que eu era a melhor escolha. – Soltando minha mão, Lily enxugou as lágrimas que lhe desciam pelo rosto. – Mas aí você voltou rastejando do lugar para onde havia ido. Droga. Exatamente como Lucy sabia que você voltaria. E pensei “E daí? Ele continua frágil e instável demais”. Só que isso também não era verdade. Achei que, se eu prestasse bastante atenção, encontraria um motivo, e eu só precisava de um, para você não poder ficar com sua filha. Se o achasse, eu poderia viver feliz para sempre como mãe dela.

– Lily...

– Shh. Não acabei. Tentei com afinho encontrar alguma prova cabal da sua incompetência. Sinto vergonha de mim mesma, Mickey. E sinto muito, muito mesmo. – Lily balançou a cabeça, o olhar suave e magoado. – Mas não encontrei motivo algum para você não ficar com ela, Mic. O lugar de Abby é com você. Meu coração sabe disso. E por mais que eu a queira, e eu a quero muito, é aqui que ela deve ficar.

– Lily, não estou entendendo.

– Está, sim. Você vai ser um pai maravilhoso.

– Não. Não! – exclamei, levantando-me. – Como assim?

Lily tornou a pegar minha mão e me puxou para que eu sentasse a seu lado. Com uma calma repentina na voz, ela falou:

– Eu amo essa bebê com todas as minhas forças, mas ela não é minha e, se ficasse com ela, sempre saberia que roubara você. Pior ainda, roubara minha irmã. Lucy queria assim. Ela sempre quis isso.

Meu coração batia disparado e por um instante não encontrei minha voz.

– Lily, você está errada.

– Eu daria tudo para estar errada, Mickey, mas não estou. – Ela esticou o braço para a lateral da cadeirinha e puxou dali um pedaço de papel que tinha sido rasgado ao meio. – Isto é para você – disse ela, tornando a rasgá-lo ao meio antes de entregá-lo a mim.

Era a última página do nosso longo contrato de adoção, a página que continha as assinaturas necessárias. Olhei para Lily.

– Você está falando sério.

Ela assentiu, indicando os documentos.

– Isso determinava uma propriedade, mas Abby foi sempre sua. O lugar dela é com você. Ron e eu estamos a menos de dois minutos de distância e vamos sempre, sempre, lhe dar cobertura.

– E se eu adoecer?

Lily me envolveu num abraço e achei que meu coração fosse saltar do peito.

– Mickey, estou disponível 24 horas por dia pelo resto da minha vida, e Abby vai ficar ótima sob os cuidados de nós três. Faremos esse esquema funcionar.

– Lily...

Ela se levantou e foi até onde largara a bolsa.

– Eu trouxe apenas algumas coisas dela. Tem uma dúzia de fraldas aqui, amanhã trago mais. E três mamadeiras já prontas, basta acrescentar água. Tem fórmula também. Acabei de dar uma mamadeira, por isso ela deve dormir até as duas e meia.

Lily se calou ao tirar alguma coisa da sacola e apertá-la contra o peito. Era a meia de Natal antiga que me mostrara mais cedo. Indo até a lareira, ela passou a mão por baixo da bancada, tateando em busca dos ganchinhos que o pai pregara ali quando ela era menina. Ao encontrar o que procurava, Lily pendurou a meia e recuou para admirar.

– Este é o lugar dela – falou baixinho. Então puxou um envelope do bolso do casaco. Beijou-o e o colocou dentro da meia. – Depois que você ler isto uma centena de vezes, eu gostaria que me devolvesse.

Em seguida foi até onde eu ainda estava, no sofá, e encostou os lábios na minha testa. Lágrimas encheram seus olhos, mas a angústia que eu vira ali tantas vezes nos últimos dias sumira. Ela se abaixou e tirou Abby da cadeirinha, abraçando-a por um instante. Depois beijou a cabeça da sobrinha e carinhosamente a devolveu aos meus braços.

– Ligue se precisar de mim. Mas você não vai precisar.

– Lily...

– Você vai se sair bem – disse ela, já na porta, antes de ir embora.

Fiquei estupefato. Era como se estivesse dormindo e acordasse depressa demais, desorientado e inseguro. Olhei em volta. O mesmo silêncio me saudou, só

que agora eu podia ouvir meu coração batendo. A mobília era a mesma, salvo pela bagagem de Abby e uma cadeirinha de bebê vazia, além de uma neném adormecida nos meus braços. Ela se mexeu, mas não chorou.

Isso estava errado. Não era esse o plano.

Ainda assim, apertei-a mais contra o peito e encostei meu rosto em sua cabecinha macia. Minha filha. Minha Abby. Pensei no homem que eu acabara de ver sair do chuveiro. Combalido, possivelmente sem conserto. Mas eu ainda estava de pé, não estava? Lágrimas brotaram em minha garganta e baixei a cabeça ante a impossibilidade do que me havia sido entregue.

Olhei para o bebê em meus braços. O cabelo preto cheio, aquele corpinho perfeito. A filha de Lucy. Seu presente para mim. Lembrei-me da carta que Lily havia posto na meia de Abby e fui até a lareira. Quando desdobrei as páginas, lágrimas me encheram os olhos de repente e precisei me sentar. Era a letra de Lucy.

Minha querida Lilianne,

Amo você. Deus com certeza estava cuidando de mim quando nos fez irmãs. Você é meu coração e eu sou o seu, e quero que você se lembre disso ao ler esta carta.

Meu corpo é uma ruína ambulante, mas continuo aqui e minha cabeça ainda funciona, como um lustre pendurado no teto de um prédio condenado. Quero dizer que meu tempo acabou, mas estou raciocinando claramente. Ontem à noite mesmo, Harry – o querido Harry – providenciou toda a papelada para fazer de você e Ron os pais da minha filha, e tenho 99 por cento de certeza de que é assim que as coisas devem ser.

No entanto, minha amada irmã, existe esse um por cento que preciso muito que você entenda. Há uma possibilidade remota – a mais remota das possibilidades – de que Mickey mude de ideia. Isso acontece com ele às vezes. Não é segredo que esse seria o meu maior desejo, mas a decisão não cabe a mim. Mic teima em afirmar que não é capaz de ser pai. Mas essa não passa de uma voz maliciosa que sussurra mentiras em seu ouvido. Sei disso porque essa mesma voz uma vez insistiu que ele era incapaz de ser meu marido. Bem, a voz errou naquela época e agora está errada de novo.

Lily, conheço o coração de Mickey e ele é muito bom, e minha filha já é abençoada por tê-lo como pai. Mais que isso, ela precisa dele. Precisa dele tanto quanto ele precisa dela, e toda essa necessidade é o que Deus concede a nós, seres imperfeitos. É a oportunidade diária de viver para outra pessoa e ser melhor do que fomos ontem. Preste atenção. Mickey há de provar que estou certa.

Lily, conheço aquele lugar dolorido em sua alma onde seu filho ainda vive. E

sei que o que estou lhe pedindo vai abrir de novo essa ferida. Mas, minha irmã amada, com certeza você sabe que será sempre a mãe na vida da minha filha. Você será o beijo terno em seus machucados, será o cofre que guardará seus segredos. O amor que sinto por esse anjinho brilhará em seus olhos, irmã. Sei disso, você sabe disso, e o papel de Mickey no mundo dela jamais diminuirá o seu lugar nele. Por isso, Lil, se Mickey se mostrar apto, preciso que você deixe acontecer.

Mickey é maravilhoso de um jeito que não dá nem para começar a descrever. Sim, ele é comprometido em certos aspectos, mas por causa disso outros viraram pontes para compensar. Eu juro, Lily, que Mickey jamais fará mal algum ao nosso bebê, ainda que, provavelmente, ele ache que sim. Se bem o conheço, ele está convencido disso. Mas não vai acontecer. Ele precisará, contudo, de muita ajuda, porque vai fraquejar. Não será capaz de fazer isso sem que seu mundo o sufoque. Ele vai precisar de você e de Ron, Harry e Jan, Charlotte e Priss. Não se iluda, a cidade inteira será necessária, porque Mickey vai fraquejar, é da natureza do seu transtorno. Mas sempre há de tornar a se levantar, porque essa é a natureza do homem.

Lily, somos gêmeas com quatro anos de diferença – compartilhamos uma única alma –, por isso sei que nada disso a surpreende. Você sabe o que quero e é a única que saberá se é possível. Confio no seu julgamento como sempre confiei.

Estou cansada, Lily, por isso deixarei tudo isso (uma injustiça, eu sei) em suas mãos ternas. Amo você, minha preciosa irmã. Amo o seu Ron como o irmão que ele sempre foi para mim, e sei que vocês dois serão pais fabulosos, caso os 99 por cento sejam determinantes.

Não importa qual venha a ser o seu título – mãe ou tia –, por favor, Lily, fale de mim para a minha filha. Diga a ela que mesmo quando o restante de mim falhou e o pouco que eu podia dar diminuía diariamente, meu amor por ela enchia o Universo. Diga que eu a amarei para sempre e fale para ela não ter medo. Nem da vida nem da morte. Diga que, se eu jamais tiver a chance de abraçá-la ou de beijar seu rosto, sei que farei isso um dia. Diga, Lil, que ela é meu incrível milagre. E lhe diga todos os dias quanto amei o pai dela.

Lily, adoro Mickey desde a primeira vez que o vi, mas o escolhi porque jamais conheci um homem capaz de atravessar o concreto a nado. Ele é extraordinariamente forte. Jamais permita que ele se esqueça disso. E quando ele tomar o rumo daquele lugar terrível e escuro, faça com que ele comece a nadar e não pare até atingir a outra margem, onde é quente e seguro e existe paz e luz... e a filha dele.

Michael Chandler será para sempre o meu herói. E agora você precisa deixar que ele seja o dela.

Todo o meu amor para todos os meus amores.

Lucy.

Li a carta tantas vezes que dava para ouvir a voz de Lucy saindo do papel. Meu Deus, como eu a amava. Só Deus sabe o que teria sido de mim se ela não tivesse cruzado o meu caminho no seu aniversário de 21 anos. Mas Lucy me encontrou e acreditou em mim. Ela me amou. E, com seu amor, me transformou em um homem que ela sabia ser forte o bastante para criar a nossa filha, ainda que eu mesmo ainda não soubesse disso.

Abby se remexeu em meus braços. O mais minúsculo dos anjos foi o presente inestimável de Lucy para mim. Sua fé em mim foi o outro. Contemplei minha filha, fitei seu rostinho perfeito. Ela me encarava com olhos muito parecidos com os da mãe.

– Eu te amo, pequenininha – falei com voz rouca. – E, se o amor basta, já ganhamos esta parada.

Aconcheguei-a ao pescoço, sabendo que jamais pronunciara palavras mais verdadeiras.

epílogo

Saí do Damian's, onde tinha me encontrado com Gleason para almoçar, e segui até a Cemetery Road pela calçada que margeia o centrinho de Brinley. Eu estava bastante satisfeito porque meus exames haviam mostrado que eu estava dentro da normalidade. Eu era o Cara Estável, e Gleason também se alegrou com isso. Não que ele precisasse dos exames de sangue para comprovar. Minha estabilidade datava de mais de um ano, o que basicamente coincidia com a última vez em que eu havia brincado – como diria Lucy – com a medicação. Agora eu me encontrava com Gleason duas vezes por semana, uma para fazer terapia e a outra para almoçar (ou jantar), às vezes para jogar basquete e comer um hambúrguer. Gleason estava semiaposentado, mas me disse mais de uma vez que se aposentaria da psiquiatria, não de mim. Eu lhe prometera que não o enlouqueceria e cumpri a promessa. Mas mesmo com o apoio infalível de Gleason, levei algum tempo para chegar lá.

Dizem que o primeiro ano após uma perda importante é o pior. Nada mais óbvio; as perdas são um tipo específico de insanidade, e não há como amenizá-las. Não existem atalhos e o luto só é superado se for vivenciado. A gente acorda todo dia e espera a hora de dormir para acordar no dia seguinte e fazer o mesmo. Até que um dia você aterrissa. Gleason tinha razão; o chão acabou se materializando sob meus pés. Parei de me afundar na tristeza e pisei em terra firme. Foi um ano difícil, mas consegui me manter fora do hospital, salvo durante quatro dias em novembro, quando Abby fez um ano – e a morte de Lucy também. No entanto, Abby me resgatou. Ou acho que é mais acertado dizer que o fato de ser o pai de Abby me resgatou. Exatamente como Lucy sabia que iria acontecer.

Virei a esquina e entrei em River's Peace – um nome bem adequado, com aquela brisa suave, o silêncio e o céu azul. Depois daquela véspera de Natal quando Lily me levou até ali, eu não tinha voltado durante quase dois anos. Não voltei até a morte de Muriel Piper. Depois do enterro, precisei de todas as minhas forças e da promessa de Ron de me esperar na esquina, para, finalmente, chegar sozinho à sepultura de Lucy. E foi como se ela estivesse à minha espera. Embora eu imaginasse que a dor fosse me engolir, encontrei um consolo sereno, um calor que me fez lembrar a mão dela entre as minhas. Não exatamente, claro, mas a

sensação era de que Lucy estava por perto, uma sensação boa.

Atualmente as visitas já são mais fáceis e as faço em ocasiões especiais ou toda vez que consigo inventar uma. Como hoje. No calendário pendurado na parede da minha cozinha há três anos, o dia de hoje tem um círculo azul e rosa em volta. Foi o dia em que conheci minha filha, o dia da ultrassonografia. O dia em que Lucy e eu compramos a tinta cor-de-rosa, que será sempre a cor das paredes do quarto de Abby. Quando vou ao cemitério recordando essas ocasiões, digo a mim mesmo que Lucy as está recordando também.

Subo a ladeira que leva aos túmulos e paro diante da sepultura da minha mulher. Beijo meus dedos e toco o nome inscrito na lápide.

– Oi, amor – falo sem chorar.

As rosas brancas indicam que Priscilla esteve aqui esta semana. Ela sempre deixa rosas brancas. Lily costuma trazer margaridas e, às vezes, lírios amarelos. Abby contribui com uma série de presentinhos – um macaco de pelúcia, uma chave, um desenho totalmente indecifrável que ela jura que é a mãe, o pai e Abby.

Eu trago cacos de vidro.

Ponho minha oferenda sobre a lápide onde já existem alguns cacos de visitas anteriores. Cor-de-rosa, topázio, turquesa. Os de hoje são cor de rubi, provavelmente saídos de uma velha boia de pesca. Cacos de vidro foram o símbolo do nosso casamento. Para mim, porém, representam mais ainda o nosso amor. Lucy costumava dizer que me amava tanto que, se pudesse, dançaria comigo para sempre sobre cacos de vidro.

Conto com isso.

Perdi-me nesse pensamento e não percebi quando Lily se aproximou da curva e parou o carro. Não percebi até ouvi-la abrir a porta traseira e libertar sua pequena passageira. O riso de Abby me despertou do devaneio. Minha filha é uma miniatura de 2 anos e meio da mãe, menos pelos olhos, que são meus. Ela tem uma vasta cabeleira de cachos escuros, que com grande esforço consigo desembaraçar, e um sorriso perpétuo, salvo quando a obrigo a comer ervilhas.

Hoje ela está usando um vestidinho branco e uma sandália de dedo cor-de-rosa, difícil de manter nos pés ao longo da ladeira de cascalho. Quando chega à parte plana, porém, minha filha dá uma corrida até onde estou e eu a pego no ar. Nunca me canso da sensação do seu corpinho sólido em meus braços. Lily pintou suas unhas dos pés, e Abby me explica o processo, inclusive com uma descrição da secagem que implica um pouco de contorcionismo da sua parte. Solto uma gargalhada enquanto Lily sobe a ladeira com um vaso de margaridas, que deixa sobre o túmulo.

– Parece que Priss esteve aqui.

– Tudo indica que sim – confirmo, sorrindo.

Lily sofreu muito também, mas partilhamos nosso luto e aparentemente isso nos ajudou a cuidar um do outro.

Sento-me no banco de mármore, e Abby escapole do meu colo para ir se postar ao lado da tia.

– Mamãe?

Lily confirma.

– Mamãe. – Ela se abaixa para arrancar uma margarida do vaso e prendê-la atrás da orelha de Abby. Depois, vem se sentar ao meu lado. – Como você está?

– Estou bem, Lil.

Ficamos calados um minuto, ambos observando Abby agachada, acompanhando com o dedo os contornos do nome da mãe.

– Então, como se comportou a general? – pergunto.

– Como a gostosura que ela sempre é.

– Ainda está de pé o acordo para hoje à noite?

Lily confirma:

– Pode deixá-la na Fantasma quando for trabalhar. Ela pode me ajudar a fechar a loja.

– Por volta das seis – digo, consultando o relógio. Dou um suspiro. – Venha, Abs. Vamos ao Mosely's.

– Doce?

– Se você se comportar.

Abby passa por mim saltitando para dar um beijo na tia.

– Tchau, fofinha – diz Lily. – A gente se vê mais tarde.

– Você vem, Lil?

– Ainda não – responde minha cunhada sorrindo. – Acho que vou fazer um pouquinho de companhia à minha irmã.

Durante um minuto, Lily e eu apenas nos encaramos. A perda de Lucy nos transformou em almas gêmeas.

Assinto.

– Acho que ela vai gostar.

Então ponho minha filha sentada nos meus ombros e desço a ladeira do cemitério.

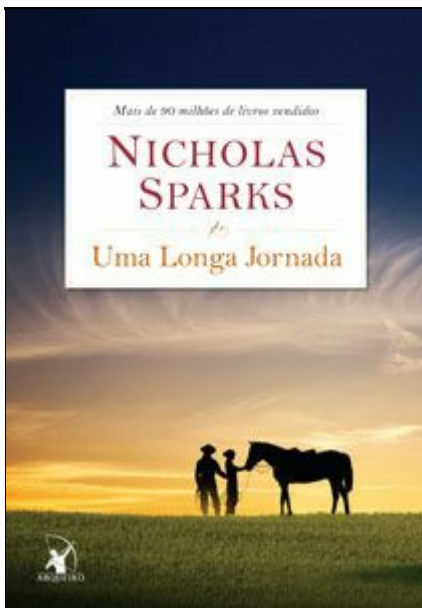
Sobre a autora

Ka Hancock é enfermeira, tem especialização em psiquiatria e longa experiência profissional com pacientes psiquiátricos e dependentes químicos. Em algum momento entre estudar, trabalhar e criar quatro filhos, conseguiu escrever seu primeiro livro. Ela mora com o marido em Salt Lake City

www.kahancock.com



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Uma longa jornada
NICHOLAS SPARKS

Aos 91 anos, com problemas de saúde e sozinho no mundo, Ira Levinson sofre um terrível acidente de carro. Enquanto luta para se manter consciente, a imagem de Ruth, sua amada esposa que morreu há nove anos, surge diante dele.

Mesmo sabendo que é impossível que ela esteja ali, Ira se agarra a isso e relembra diversos momentos de sua longa vida em comum: o dia em que se conheceram, o casamento, o amor dela pela arte, os dias sombrios da Segunda Guerra Mundial e seus efeitos sobre eles e suas famílias.

Perto dali, Sophia Danko, uma jovem estudante de história da arte, acompanha a melhor amiga a um rodeio. Lá, é assediada pelo ex-namorado e acaba sendo salva por Luke Collins, o caubói que acabou de vencer a competição.

Ele e Sophia começam a conversar e logo percebem como é fácil estarem juntos. Luke é completamente diferente dos rapazes privilegiados da faculdade. Ele não mede esforços para ajudar a mãe e salvar a fazenda da família. Aos poucos, Sophia começa a descobrir um novo mundo e percebe que Luke talvez tenha o poder de reescrever o futuro que ela havia planejado. Isso se o terrível segredo que ele guarda não puser tudo a perder.

Ira e Ruth. Luke e Sophia. Dois casais de gerações diferentes que o destino cuidará de unir, mostrando que, para além do desespero, da dificuldade e da morte, a força do amor sempre nos guia nesta longa jornada que é a vida.



O guardião
NICHOLAS SPARKS

Quarenta dias após a morte de seu marido, Julie Barenson recebe uma encomenda deixada por ele. Dentro da caixa, encontra um filhote de dinamarquês e um bilhete no qual Jim promete que sempre cuidará dela.

Quatro anos mais tarde, Julie já não pode depender apenas da companhia do

fiel Singer, o filhotinho que se tornou um cachorro enorme e estabanado.

Depois de tanto sofrimento, ela enfim está pronta para voltar a amar, mas seus primeiros encontros não são nada promissores. Até que surge Richard Franklin, um belo e sofisticado engenheiro que a trata como uma rainha.

Julie está animada como havia muito tempo não se sentia, mas, por alguma razão, não consegue compartilhar isso com Mike Harris, seu melhor amigo. Ele, por sua vez, é incapaz de esconder o ciúme que sente dela.

Quando percebe que seu desconforto diante de Mike é causado por um sentimento mais forte que amizade, Julie se vê dividida entre esses dois homens. Ela tem que tomar uma decisão. Só não pode imaginar que, em vez de lhe trazer felicidade, essa escolha colocará sua vida em perigo.

O guardião contém tudo o que os leitores esperam de um romance de Nicholas Sparks, mas desta vez ele se reinventa e acrescenta um novo ingrediente à trama: páginas e mais páginas de muito suspense.



O maior amor do mundo
SERÉ PRINCE HALVERSON

Ella Beene encontrou a felicidade há três anos, quando parou ao acaso na pequena Elbow e conheceu Joe, que cuidava sozinho dos filhos. Logo os dois estavam casados e a vida parecia perfeita.

Até que um dia Joe desobedeceu à sua própria regra – “jamais dar as costas

para o mar” – e morreu afogado enquanto tirava fotos nas rochas.

Ella sempre acreditou que Paige, a ex-mulher de Joe, simplesmente abandonara o marido e os filhos. Mas, para sua surpresa, Paige aparece no funeral querendo as crianças de volta. É quando Ella percebe que Joe não lhe contou tudo sobre seu primeiro casamento.

Trilhando caminhos diferentes, as duas mulheres se encontram na mesma encruzilhada, disputando a guarda das crianças que amam e buscando respostas para seus conflitos emocionais.

O maior amor do mundo é um mergulho no complexo universo da maternidade, com seu afeto incondicional e muitas vezes doloroso. Uma história tecida em cores vividas e um guia cativante das emoções humanas – da dor e da raiva, da vergonha e do perdão, da tristeza e da esperança que sonha se transformar em felicidade.



Quando você voltar
KRISTIN HANNAH

Como tantos casais, Michael e Jolene não resistiram às pressões do dia a dia e agora estão vendo seu relacionamento de doze anos desmoronar. Alheio à vida familiar, Michael está sempre mergulhado no trabalho, não dá atenção às duas filhas e não faz a mínima questão de apoiar a carreira militar da esposa.

Então Jolene é convocada para a guerra. Ela sabe que tem um dever a cumprir e, mesmo angustiada por se afastar de casa, deixa para o marido a missão de cuidar das meninas e segue para o Iraque.

Essa experiência mudará para sempre a vida de toda a família, de uma forma que ninguém poderia prever.

No front, Jolene depara com a dura realidade e precisa, mais do que nunca, recorrer à sua força e inteligência para se tornar uma heroína em meio ao caos. Em suas mensagens para casa, ela retrata um mundo cor-de-rosa, minimizando os horrores que vivencia com o objetivo de proteger todos do sofrimento.

Mas toda guerra tem um preço, e ela acaba se vendo protagonista de uma tragédia. Agora Michael precisa encarar seus medos mais profundos e travar uma batalha em nome da família.

110 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

DAVID
BALDACCI

Um certo verão

Como começar de novo quando o amor de sua vida se foi?



Um certo verão
DAVID BALDACCI

Jack Armstrong foi atleta e se casou com a namorada de escola. Depois serviu no Exército e, quando voltou da guerra, se dedicou a trabalhar com afinco para sustentar a família. Apaixonado pela esposa, nunca desejou mais do que ter uma vida tranquila e envelhecer ao lado dela e dos três filhos.

Porém uma doença devastadora acaba mudando tudo. Sem perspectiva de melhora, ele risca os dias no calendário, numa contagem regressiva para seu fim. Ao contrário do marido, Lizzie não perde as esperanças: enquanto lida com sondas e respiradores, faz planos para que a família passe o verão na casa em que ela cresceu, na Carolina do Sul.

Mas essa viagem acontecerá sem ela, porque Lizzie morre tragicamente na véspera de Natal. Sem poder cuidar de si mesmo, Jack é posto num asilo pelos sogros, que assumem a guarda da neta mais velha e cuidam para que cada um dos dois meninos vá para a casa de uma tia.

O que ninguém poderia esperar era que, contrariando todos os prognósticos, Jack ficasse curado e assumisse a criação dos filhos. Disposto a reconstruir a família, ele descobrirá que ser pai é diferente de ser provedor e que Mikki, Cory e Jackie precisam da presença dele no dia a dia.

Um certo verão é uma narrativa delicada e emocionante, a história de quatro vidas devastadas pela perda e salvas pelo amor.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim,
Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,
Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo;
A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e
Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



[@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

prólogo

um

dois

três

quatro

cinco

seis

sete

oito

nove

dez

onze

doze

treze

quatorze

quinze

dezesseis

dezesete

dezoito

dezenove

vinte

vinte e um

vinte e dois

vinte e três

vinte e quatro

vinte e cinco

vinte e seis

vinte e sete

vinte e oito

vinte e nove

trinta

trinta e um

trinta e dois

trinta e três

trinta e quatro

trinta e cinco

trinta e seis

epílogo

Sobre a autora

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos